

PENELOPE DOUGLAS

Autora best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*



*Sempre
fui Sua*

Quando o ódio vira amor...

UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

***Sempre
fui Sua***

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606

Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

PENELOPE DOUGLAS

*Sempre
fui Sua*

São Paulo
2015


UNIVERSO DOS LIVROS

Bully

Copyright © 2013 by Penelope Douglas.

All rights reserved. Except as permitted under the U.S. Copyright Act of 1976, no part of this publication may be reproduced, distributed, or transmitted in any form or by any means, or stored in a database or retrieval system without the prior written permission of the author.

© 2015 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Editora-chefe: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Aline Graça, Letícia Nakamura e Rodolfo Santana

Tradução: Angélica Halcsik

Preparação: Thiago Dias

Revisão: Guilherme Summa e Jonathan Busato

Arte: Francine C. Silva e Valdinei Gomes

Capa: Rebecca Barboza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

D768s

Douglas, Penelope

Sempre fui sua / Penelope Douglas; tradução de Angélica Halcsik. – São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

368 p. (Fall Away, v. 1)

ISBN: 978-85-7930-849-9

Título original: *Bully*

1. Literatura norte-americana 2. Ficção I. Título II. Halcsik, Angélica

15-0406

CDD 813.6

Para as damas...

Há, em todo verdadeiro coração de mulher, uma faísca de fogo celestial que se oculta à luz dos dias de prosperidade, mas que se acende, irradia e brilha nos momentos sombrios da adversidade.

– Washington Irving

AGRADECIMENTOS



Primeiramente, ao meu marido por toda paciência e apoio. Ele aguentou horas incontáveis e fins de semana sozinho, enquanto eu estava trancada em nosso quarto escrevendo esta história. Prometo que o investimento vai valer a pena... com o tempo.

Em seguida, ao meu amigo Bekke por... bom, tudo! Sem você, eu ficaria perdida com os programas de texto e, claro, com a escrita em geral. Não consigo imaginar o que seria deste livro sem você!

Por fim, aos meus leitores por aí que encontram uma fuga no reino dos livros. Seu tempo e *feedback* são os melhores presentes que uma autora poderia receber. Obrigada por lerem!

CAPÍTULO 1



UM ANO ATRÁS

– Não! Vire aqui! – K.C. gritou no meu ouvido direito.

Os pneus do Bronco do meu pai chiaram ao virar curta e repentinamente numa rua cheia de carros.

– Sabe, talvez você devesse estar dirigindo, como eu sugeri – falei sem pensar, apesar de nunca gostar que outra pessoa dirigisse comigo dentro do carro.

– Com você bufando de impaciência toda vez que eu parar no sinal amarelo? Não! – K.C. respondeu como se estivesse lendo minha mente.

Sorri por dentro. Minha melhor amiga me conhecia muito bem. Eu gostava de dirigir rápido. Gostava de caminhar rápido, o mais rápido que minhas pernas aguentavam, e eu dirigia o mais veloz possível. Corria e parava no vermelho. Corra e pare, essa sou eu.

Mas, ao escutar o ritmo da batida de uma música distante, perdi a vontade de correr mais. A pista estava com uma fila de carros, um atrás do outro, evidenciando a magnitude da festa para a qual estávamos indo. Minhas mãos seguravam o volante enquanto eu me apertava em uma vaga, a um quarteirão da festa.

– K.C.? Não acho que seja uma boa ideia – declarei... de novo.

– Vai dar tudo certo, você vai ver. – Ela deu um tapinha na minha perna. – Bryan convidou Liam, que me convidou, e agora estou te convidando. – Seu tom de voz calmo e inabalável não aliviou o aperto em meu peito.

Ao tirar o cinto de segurança, olhei para ela.

– Bom, apenas lembre-se: se eu não me sentir à vontade, vou embora. Você pega uma carona com o Liam.

Saímos do carro e andamos pela rua. O tumulto da festa aumentava conforme nos aproximávamos da casa.

– Você não vai a lugar algum. Você vai viajar daqui a dois dias, por isso vamos nos divertir. Não importa como. – Sua voz ameaçadora estremeceu meus nervos já instáveis.

Enquanto caminhávamos pelo estacionamento, ela seguiu atrás de mim. Acho que estava mandando mensagens para o Liam. O namorado dela chegou mais cedo, já que passou o dia todo com os amigos no lago enquanto eu e a K.C. fazíamos compras.

Copos de plástico sujavam o gramado e pessoas saíam e entravam na casa, aproveitando a agradável noite de verão. Diversos garotos que eu conhecia da escola se esbarravam pela porta da frente, seguindo uns aos outros e derramando bebidas pelo caminho.

– E aí, K.C. Como vai, Tate? – Tori Beckman estava sentada na porta da frente com uma bebida na mão, conversando com um garoto desconhecido. – Coloque as chaves na tigela – instruiu ela, voltando a prestar atenção em sua companhia.

Depois de um minuto tentando processar o que ela pediu, percebi que ela estava me fazendo entregar as chaves.

Acho que ela não ia deixar ninguém dirigir bêbado esta noite.

– Bom, não vou beber – gritei mais alto que a música.

– Talvez você mude de ideia – desafiou ela. – Se você quiser entrar, precisarei das chaves.

Irritada, coloquei a mão na bolsa e joguei as chaves na tigela. A ideia de desistir de uma das minhas relíquias me deixava completamente irritada. Não ficar com as chaves significaria que não poderia ir embora rapidamente se quisesse. Ou se precisasse. E se ela ficasse bêbada e deixasse seu posto? E se alguém pegasse minhas chaves acidentalmente? De repente me lembrei da minha

mãe, que me falava para parar de fazer suposições. *E se a Disney estiver fechada quando chegarmos lá? E se todas as lojas na cidade ficarem sem jujubas?* Mordi o lábio para conter uma risada, enquanto imaginava como ela ficaria irritada com minhas suposições infinitas.

– *Uau* – K.C. gritou na minha orelha. – Olhe aqui dentro!

As pessoas, alguns colegas de classe e outros não, se mexiam com a música, rindo e aproveitando ao máximo. Fiquei arrepiada com a visão da multidão e aquele entusiasmo. O chão ecoava a batida da música, e eu fiquei pasma ao ver tanta atividade em um só lugar. As pessoas dançavam, faziam brincadeiras bobas, pulavam, bebiam e jogavam futebol americano – isso mesmo, futebol americano – na sala de estar.

– É melhor *e/le* não estragar isso – eu disse, meu tom de voz mais forte do que o normal. Aproveitar uma festa com a minha melhor amiga antes de ir embora da cidade por um ano não é pedir muito.

Ao virar a cabeça, olhei para K.C., que piscou conscientemente para mim. Apontei para a cozinha e nós duas andamos juntas, de mãos dadas, no meio da multidão abafada.

Ao entrar naquela cozinha enorme, sonho de qualquer mãe, vi o bar improvisado no balcão central. Garrafas de bebida alcoólica cobriam o tampo de granito, além de dois litros de refrigerante, copos e um balde de gelo na pia. Respirando fundo, desisti de me manter sóbria a noite inteira. Ficar bêbada era tentador. *O que eu não faria para desencanar por pelo menos uma noite.*

K.C. e eu já tínhamos provado um pouco do estoque de álcool de nossos pais algumas vezes, e eu já tinha ido a alguns shows fora da cidade, onde festejamos um pouquinho. No entanto, não podia baixar a guarda perto de algumas pessoas que estavam ali.

– E aí, Tate! Vem aqui, garota. – Jess Cullen me puxou para um abraço antes que eu conseguisse chegar ao bar. – Vamos sentir sua falta, viu. França, né? Por um ano? – Meus ombros relaxaram ao abraçar Jess, meus músculos ficando menos tensos do que quando cheguei. Pelo menos alguém, além da K.C., estava feliz em me ver.

– Esse é o plano – assenti, suspirando. – Vou ficar em uma casa de família e já estou matriculada nas aulas. Mas voltarei para o

último ano. Você guarda um lugar pra mim na equipe?

Jess estava competindo para ser a capitã da equipe de *cross-country* neste outono, e competir era uma experiência do ensino médio que eu sentiria saudades.

– Se eu for capitã, querida, sua vaga está guardada – ela se gabou, animada e claramente bêbada. Jess sempre foi legal comigo apesar dos rumores que me seguiram ano após ano, e dos trotes constrangedores que lembravam a todos que eu era uma piada.

– Obrigada. Te vejo mais tarde? – Me aproximei lentamente da K.C.

– Claro, mas se eu não te vir, boa sorte na França – Jess gritou enquanto saía da cozinha, dançando.

Ao vê-la sair, minha expressão rapidamente mudou. O terror se arrastou pelo meu peito, descendo até a barriga.

Não, não, não...

Jared entrou na cozinha, e eu congelei. Era exatamente a pessoa que eu esperava não encontrar esta noite. Seus olhos encontraram os meus cheios de surpresa, seguida por desprazer imediato.

Sim. Conheço muito bem este olhar. A expressão de não-aguento-porra-da-sua-cara-então-suma-do-meu-planeta.

Ele rangeu os dentes, e percebi como seu queixo se levantou devagar, como se tivesse acabado de colocar sua máscara de *bully**. Eu não conseguia respirar direito.

A familiar batida acelerada em meu peito ecoou nos meus ouvidos, e um ótimo lugar para estar neste momento seria a quilômetros dali.

Será que é pedir muito ter apenas uma noite adolescente normal?

Tantas vezes na infância, sendo vizinha do Jared, eu achava que ele era o melhor. Ele era doce, generoso e amigável. E o garoto mais bonito que já tinha visto.

Seu farto cabelo castanho ainda saudava sua pele bronzeada. Seu sorriso deslumbrante – quando ele sorria – pedia atenção exclusiva. As garotas ficavam tão ocupadas secando ele nos corredores da escola que acabavam batendo nas paredes. Elas *realmente* batiam nas paredes.

Mas aquele garoto já não existia mais.

Virando-me rapidamente, vi K.C. no bar e tentei fazer um drinque para mim, apesar das minhas mãos estarem tremendo. Na verdade, me servi só de um pouco de Sprite, mas o copo vermelho faria parecer que eu estava bebendo. Agora que sabia que ele estava aqui, precisava ficar sóbria perto daquele idiota.

Ele deu a volta no bar e ficou parado bem atrás de mim. Um calor percorreu meu corpo à sua proximidade. Os músculos do seu peito se esfregavam no tecido fino da minha blusinha, e uma onda de choque propagou-se do meu peito até o estômago. *Acalme-se. Caramba, acalme-se!*

Após pegar um pouco de gelo e acrescentar ao meu drinque, inspirei e expirei lentamente, de um modo forçado. Virei para o lado para tentar sair do caminho dele, mas ele levantou o braço para pegar um copo e bloqueou minha passagem. Enquanto eu tentava me apertar para a esquerda, para perto de K.C., ele levantou o outro braço para pegar o Jack Daniels.

Uma dezena de possibilidades diferentes passou pela minha mente ao decidir o que fazer agora. E se eu desse uma cotovelada em seu estômago? E se eu jogasse a bebida em seu rosto? E se eu pegasse a mangueira da pia e...?

Ah, esquece. Nos meus sonhos, eu era muito mais corajosa. Nos meus sonhos, eu pegaria um cubo de gelo e faria coisas que Deus não gostaria que uma garota de dezesseis anos fizesse, apenas para ver se conseguia desbancar sua pose de bom moço. *E se? E se?*

Planejei ficar longe dele esta noite, e agora ele estava logo atrás de mim. Jared fazia coisas desse tipo apenas para me intimidar. Ele não era assustador, mas era cruel, queria que eu soubesse que ele estava no controle. De vez em quando, deixo o idiota fazer eu me esconder para não precisar aguentar qualquer situação embaraçosa ou ficar chateada. Curtir pelo menos uma festa era minha principal prioridade durante todo o verão, e agora aqui estou eu novamente, enlouquecendo de medo por antecipação. Por que ele simplesmente não me deixa em paz?

Ao me virar para encará-lo, percebi que os cantos de sua boca tinham se levantado. Mas o sorriso se perdeu em seus olhos

enquanto ele colocava uma considerável quantidade de uísque no copo.

– K.C.? Joga um pouco de coca aqui, por favor – Jared falou para K.C., mas seus olhos continuavam me encarando enquanto ele levantava o copo para ela.

– Hmm, tá – K.C. gaguejou, finalmente olhando para cima. Ela lhe serviu um pouco da bebida e olhou para mim, nervosa.

Como de costume, Jared nunca conversava comigo, a não ser para me ameaçar. Ele franziu as sobrancelhas escuras antes de dar um gole em seu drinque e ir embora.

Ao vê-lo sair da cozinha, sequei o suor frio que escorreu pela minha testa. Nada tinha acontecido, ele não me dirigiu uma palavra, mas meu estômago se revirou do mesmo jeito.

E agora ele sabia que eu estava aqui.

Merda.

– Não posso fazer isso, K.C. – Meu débil sussurro contrastava com a força com a qual segurava meu copo. Foi um erro vir aqui esta noite.

– Tate, não. – K.C. balançou a cabeça, provavelmente reconhecendo a rendição em meus olhos. Depois de jogar meu copo na pia e sair da cozinha, avancei pela aglomeração de pessoas enquanto K.C. vinha atrás de mim.

Peguei a tigela de vidro e comecei a procurar pelas minhas chaves.

– Tate, você não vai embora – K.C. pediu, cada palavra saindo com decepção. – Não deixe ele ganhar. Estou aqui. O Liam está aqui. Você não precisa ter medo. – Ela estava me segurando pelo braço enquanto eu continuava procurando.

– Não estou com medo dele – me defendi, sem acreditar de verdade nisso. – Só estou... cansada. Você o viu lá. Ele já estava mexendo comigo. Ele está planejando algo. Toda festa que vou, ou toda vez que relaxo na escola, acontece alguma brincadeira de mau gosto ou algo constrangedor para arruinar tudo.

Ainda procurando pelo meu chaveiro colorido com forma de DNA, relaxei a sobrancelha e ofereci um sorriso contido.

– Tudo bem. Estou bem – garanti a ela, minhas palavras escapando muito rapidamente. – Só não quero ficar pra ver o que ele preparou dessa vez. O idiota vai passar vontade esta noite.

– Tate, ele quer que você vá embora. Se você fizer isso, ele vai ganhar. Ele ou aquele idiota do Madoc podem inventar alguma coisa, mas se você ficar e não dar o braço a torcer, aí você ganha.

– Só estou cansada, K.C. Prefiro ir embora agora furiosa do que mais tarde, chorando. – Voltei minha atenção para a tigela. Toda vez que eu encostava em uma pilha de chaves, minhas mãos não me traziam nada semelhante ao meu chaveiro.

– Bom – gritei por causa da música e joguei a tigela de volta na mesa –, de qualquer jeito parece que não posso ir. Minhas chaves não estão aqui.

– Como assim? – K.C. parecia confusa.

– Elas não estão aqui! – repeti, olhando pela sala. Meu dinheiro e celular estavam na bolsa. Duas escapatórias seguras. Meu terceiro plano de fuga tinha desaparecido, e as paredes pareciam estar cedendo. Palavrões passaram pela minha mente e o cansaço me pegou antes de se transformar em raiva. Fechei as mãos. É claro, devia ter previsto que isso iria acontecer.

– Acho que alguém deve ter levado acidentalmente – sugeri ela, mas as chances de isso acontecer eram as mesmas de as pessoas irem embora desta festa tão cedo. Acidentes não acontecem comigo.

– Não, eu sei exatamente onde elas estão. – Encarei Madoc, o melhor amigo e escudeiro do Jared, do outro lado da sala, perto das portas que levavam ao quintal. Ele deu um sorriso malicioso antes de voltar a atenção para uma ruiva que o jogou contra a parede.

Quando parti em sua direção, K.C. juntou-se a mim, enquanto mandava desesperadamente alguma mensagem de seu celular, provavelmente para Liam.

– Cadê as minhas chaves? – exigi, interrompendo seu investimento na trepada da noite.

Ele desviou devagar seus olhos azuis da garota. Ele não era muito mais alto que eu, talvez alguns centímetros, então eu não sentia como se ele estivesse me rondando do jeito que o Jared fazia. Não me sentia intimidada por Madoc. Ele apenas me tirava do sério. Ele

se esforçava para me fazer parecer uma idiota, mas eu sabia que eram ordens de Jared.

– Elas já estão bem no fundo neste momento. Quer nadar um pouco, Tate? – Ele riu, mostrando seu sorriso estonteante que deixava a maioria das garotas a seus pés. Ele obviamente amava cada momento do meu apuro.

– Você é um babaca. – Minha voz continuava calma, mas meus olhos queimavam de raiva.

Saí para o quintal e dei uma espiada na piscina. O clima estava perfeito para dar um mergulho, e as pessoas estavam se divertindo na água, então andei ao redor da piscina procurando pelo prateado das minhas chaves no meio de todos os corpos.

Jared estava sentado casualmente em uma mesa com uma loira no colo. A frustração dava nós em meu estômago, mas tentei parecer normal. Sabia que cada pitada do meu desconforto lhe dava prazer.

Identificando o brilho prateado das chaves, procurei em volta por uma vara para puxá-las. Como não encontrei nada, pedi ajuda para os nadadores.

– Ei, você poderia pegar minhas chaves ali embaixo, por favor? – perguntei. O rapaz olhou para Jared, que estava sentado, observando a cena quieto, e saiu de perto de mim covardemente.

Ótimo. Sem vara, sem ajuda. Jared queria me ver molhada.

– Vamos lá, Tate. Tire a roupa e vá pegar as chaves – Madoc gritou da mesa de Jared.

– Vai se ferrar, Madoc. Você jogou elas lá embaixo, sem dúvida alguma, então por que não vai pegá-las? – Liam, o namorado de K.C., tinha se juntado a ela e estava me ajudando, como sempre fazia.

Tirei os chinelos e cheguei à borda da piscina.

– Tate, espera. Eu pego. – Liam deu um passo à frente e se ofereceu.

– Não. – Balancei a cabeça. – Mas, obrigada. – Dei-lhe um sorriso de gratidão.

Um ano inteiro, lembrei, curtindo a promessa. Iria passar um ano inteiro longe de Jared.

Mergulhei de cabeça, e a água refrescou minha pele tensa. Meu corpo imediatamente relaxou com o prazer da piscina. Nenhum som, nada de olhares voltados para mim. Curti a paz disso, o tipo de paz que sinto quando corro.

Continuei submergindo. Dois metros e meio de profundidade não eram nada, alcancei as chaves em segundos. Segurando-as fortemente, levantei a cabeça primeiro, hesitante, liberando o ar dos pulmões.

Essa foi a parte fácil.

– *Uhu!* – Um aplauso ecoou dos espectadores que não estavam, na verdade, torcendo *por* mim.

Só tinha que sair da piscina e passar pingando pela festa toda. Eles ririam e fariam piadas. Eu aguentaria alguns comentários, e depois iria para casa e me mataria de comer jujubas.

Nadando graciosamente até a borda e saindo da piscina, torci o cabelo e calcei as sandálias.

– Você está bem? – K.C. se aproximou, o vento soprando seus cabelos escuros e longos.

– Sim, claro. É só água. – Não conseguia olhar em seus olhos. Aqui estava eu novamente. As risadas. O constrangimento.

Mas a K.C. nunca me culpou.

– Vamos sair daqui. – Ela me deu o braço e Liam nos acompanhou.

– Só um minuto. – Parei e olhei para Jared, que ainda estava me encarando com olhos castanhos desafiadores.

Fui até ele (sabia que era uma má ideia), cruzei os braços e o encarei de volta.

– Vou embora daqui a dois dias e isso é o melhor que você conseguiu inventar?

Caramba, que merda estou fazendo?

Jared me lançou um sorriso hostil enquanto distribuía as cartas na mesa.

– Aproveite a França, Tatum. Estarei aqui quando voltar.

Sua ameaça me fez querer surrá-lo. Queria desafiá-lo a lidar comigo agora.

Não me agradava nem um pouco a ideia de que sua fúria ameaçadora tumultuaria meus pensamentos durante todo o ano em que eu estivesse fora do país.

– Você é um covarde. O único jeito de se sentir homem é pegando no meu pé. Mas vai ter que encher o saco em outro lugar agora. – Ao largar os braços, minhas mãos se fecharam com mais força, enquanto todos na mesa e na área testemunharam nossa troca de insultos.

– Você continua falando? – Jared bufou, e risos surgiram perto de mim. – Vá pra casa. Ninguém quer ver sua cara arrogante por aqui. – Jared quase não fez contato visual comigo enquanto continuava jogando baralho. A garota em seu colo sorria e se jogava mais nele. A sensação esmagadora em meu peito doía. *Eu o odeio.*

– Pessoal, olha só! – Madoc gritou, enquanto eu tentava segurar as lágrimas. – Os mamilos dela estão acesos. Você deve estar deixando ela excitada, Jared. – A provocação do Madoc ecoou pelo quintal e todos começaram a zoar, rindo.

Fechei os olhos de aflição ao me lembrar que estava vestindo uma blusinha branca, e que estava definitivamente úmida. Meu primeiro instinto foi cruzar os braços sobre o peito, mas aí perceberiam que tinham conseguido me abalar. Droga, eles já sabiam. Fiquei com o rosto tomado pelo embaraço.

Filho da puta.

Mais uma vez iria embora chorando. Sem dúvida alguma.

Abri os olhos, sentindo-me corada ao ver todo mundo visivelmente bem entretido com o assédio que eu tinha sofrido esta noite. Jared olhava para a mesa, as narinas abertas, ignorando-me. Seu comportamento ainda me intrigava depois de todo esse tempo. Éramos amigos, e eu ainda procurava por aquele garoto em seus olhos, em algum lugar. Mas que bem me faria ficar presa àquela lembrança que tinha dele?

– Por que ela ainda está parada aqui? – perguntou a loira sentada no colo de Jared. – Ela é retardada ou algo do tipo? Ela não entende uma insinuação?

– É, Tate. Você ouviu o Jared. Ninguém te quer aqui. – As palavras de Madoc saíram tão devagar como se eu fosse muito burra para

entendê-las.

Minha garganta fechou. Não conseguia engolir e doía para respirar. Isso tudo era demais. Algo dentro de mim estalou. Fechei a mão e dei um soco no nariz do Madoc. Ele caiu de joelhos, com as mãos no rosto, que jorrava sangue.

Lágrimas embaçaram minha visão e soluços começaram a irromper da minha garganta. Antes que eles pudessem tirar mais proveito de mim, andei o mais rápido possível até o interior da casa e saí pela porta da frente sem olhar para trás.

Entrei no carro, K.C. no banco do passageiro e Liam atrás. Nem notara que eles tinham me acompanhado. Estava morrendo de vontade de perguntar sobre a reação do Jared, mas depois percebi que não devia me importar. *Que se dane ele.*

Olhei pela janela, deixando minhas lágrimas secarem nas bochechas. Liam e K.C. ficaram sentados em silêncio, provavelmente sem saber o que fazer ou falar.

Tinha acabado de bater em Madoc. *Tinha acabado de bater em Madoc!* A audácia do meu feito era arrebatadora e deixei escapar uma risadinha amarga. Aquilo realmente aconteceu.

Dei um suspiro profundo e expirei lentamente.

– Você tá bem? – K.C. olhou para mim.

Ela sabia que eu nunca tinha feito algo assim, mas amei a sensação de medo e poder ao mesmo tempo.

Caramba, a última coisa que queria fazer agora era ir para casa. Talvez fazer uma tatuagem ou algo assim combinaria melhor com a noite.

– Na verdade, sim. – Era estranho dizer isso, mas era a verdade. Secando as lágrimas, olhei para minha amiga. – Me sinto bem.

Estiquei-me para colocar a chave na ignição, mas parei quando Liam entrou na conversa.

– É, bom, não deixe isso subir à cabeça, Tate. Uma hora você vai ter que voltar para a cidade.

É, ele tinha razão.

Em inglês, o mesmo que “valentão” ou quem pratica bullying. *Bully* é o título da edição original (EUA) de *Sempre Fui Sua*.

CAPÍTULO 2



HOJE

– Então... como se sente voltando para casa? – Meu pai e eu estávamos fazendo uma videoconferência pelo notebook que ele comprou para mim antes de eu ir para a Europa.

– Ótima, pai. Estou pronta. – Conte com os dedos. – Tem comida, dinheiro, nenhum adulto por perto e você ainda tem cerveja na geladeira lá embaixo. Acho que vai rolar uma feeeesta – provoqueei. Mas meu pai conseguia reagir na mesma moeda.

– Bom, também tenho algumas camisinhas no banheiro. Pode usá-las, se precisar.

– Pai! – explodi, os olhos bem abertos, chocada. Pais não deveriam usar a palavra “camisinha”, pelo menos não perto das filhas. – Isso... passou... dos limites. Tô falando sério! – comecei a rir.

Ele é o pai que todas minhas amigas gostariam de ter. Ele tinha apenas algumas regras simples: respeite os mais velhos, cuide de seu corpo, termine o que começou e resolva seus problemas. Se eu tiro boas notas, demonstro estar no caminho certo e sigo essas quatro regras, ele confia em mim. Se eu perder sua confiança, perco minha liberdade. Meu pai é militar. Simples assim.

– Então, quais os planos para esta semana? – perguntou papai, passando a mão pelo cabelo loiro, meio grisalho. Meu cabelo tem a mesma cor que o dele, mas graças a Deus não tenho as mesmas sardas. Seus olhos azuis que já foram vibrantes, agora são vagos e cheios de cansaço, e sua camisa e gravata estavam amassadas. Ele trabalha muito.

Sentei de pernas cruzadas na cama *queen size*, sentindo-me grata por estar novamente no meu quarto.

– Bom, ainda falta uma semana até a volta às aulas, então tenho uma reunião com a orientadora educacional na próxima quarta-feira para discutir meu horário. Espero que as aulas que fiz a mais no ano passado deem uma forcinha na inscrição para Columbia. Ela vai me ajudar com isso. Também tenho que comprar umas coisas e depois colocar o papo em dia com a K.C., é claro.

Além disso, queria começar a procurar um carro, mas ele pediu para esperá-lo voltar no Natal. Não que eu não soubesse o que estava fazendo. Mas percebi que ele queria dividir essa experiência comigo, então eu não seria estraga-prazeres.

– Queria que você estivesse em casa para me ajudar nas pesquisas para a Feira de Ciências – mudei de assunto. – Acho que devíamos ter feito isso quando te visitei no verão.

Meu pai se aposentou do serviço militar depois que minha mãe morreu, há oito anos, e trabalha para uma empresa em Chicago, a uma hora daqui, que constrói aeronaves e as vende no mundo todo. Atualmente, ele está em uma viagem prolongada na Alemanha, dando treinamentos de mecânica. Depois que meu ano em Paris terminou, fiquei com ele em Berlim para passar o verão. Minha mãe ficaria feliz em saber que viajei e que planejo continuar fazendo isso assim que o ensino médio terminar. Sinto tanto a falta dela, mais ainda nestes últimos anos.

Naquele momento, as portas francesas do meu quarto se abriram totalmente com uma lufada de vento repentina e gelada.

– Espera aí, pai. – Pulei da cama e corri até as portas para dar uma olhada lá fora.

Uma onda de vento constante batia em meus braços e pernas descobertos. Inclinei-me sobre o gradil e vi um punhado de folhas se

agitando com a rajada e latas de lixo rolando. O cheiro de lavanda era carregado até as portas, vindo das árvores que decoravam nossa rua, a alameda Fall Away.

Uma tempestade se aproximava, e a eletricidade já preenchia o ar. Minha pele ficou arrepiada, não de frio, mas da sensação de uma tempestade iminente. Adoro chuvas de verão.

– Ei, pai – interrompi-o enquanto ele falava com alguém no fundo –, preciso desligar. Acho que uma tempestade está chegando, tenho que ver se todas as janelas estão fechadas. Te ligo amanhã? – Esfreguei os braços para acalmar o arrepio.

– Claro, querida. Também tenho que correr aqui. Lembre-se que a pistola está na mesa da entrada. Me ligue se precisar de algo. Te amo.

– Também te amo, pai. Até amanhã – falei alto.

Após fechar o notebook, coloquei meu casaco preto do Seether e abri as portas do quarto novamente. Analisando a árvore lá fora, instintivamente minha mente evocou memórias das diversas ocasiões em que me sentei nela para aproveitar a chuva. Dividi a maioria daqueles momentos com Jared... quando ainda éramos amigos.

Olhando rapidamente para cima, percebi que sua janela estava fechada, não havia nenhuma luz vindo daquela casa que ficava a menos de dez metros. Com a árvore atuando como uma espécie de ponte entre as janelas de nossos quartos, sempre pareceu que as casas estavam, de certo modo, conectadas.

Durante o ano em que estive fora, lutei contra a vontade de perguntar para a K.C. sobre ele. Mesmo depois de tudo que ele fez, uma parte de mim ainda sentia falta daquele garoto que costumava ser meu primeiro pensamento ao acordar de manhã, e minha companhia constante quando criança. Mas aquele Jared já não existia mais. Em seu lugar surgira um idiota, rude e detestável que não tinha consideração alguma por mim.

Fechei e tranquei as portas francesas, e puxei as cortinas pretas transparentes. Alguns minutos depois, o céu se fechou com um estrondo e a chuva começou.



Mais tarde naquela noite acordei sem conseguir ignorar o trovão e o barulho da árvore batendo na casa, então acendi a luz à cabeceira e rastejei até a porta para dar uma olhada na tempestade. Consegui ver faróis avançando perigosamente pela rua. Virei a cabeça para o lado o máximo possível e consegui ver um Mustang Boss 302 preto entrando rapidamente na garagem do Jared.

A traseira do carro deslizou antes de sumir da minha vista dentro da garagem. Era um modelo novo, com uma faixa grossa e vermelha decorando toda a extensão do carro. Nunca o tinha visto antes. Pelo que eu sabia, Jared tinha uma moto e um Mustang GT, então aquele carro podia ser de qualquer um.

Será que eu tinha um vizinho novo?

Não sabia como me sentir diante dessa possibilidade.

Por outro lado, aquele carro era exatamente como Jared gosta.

Depois de mais ou menos um minuto, uma luz fraca se projetou no chão do meu quarto, vindo do quarto de Jared. Pude visualizar uma figura escura se mexendo atrás da persiana. Meus dedos começaram a formigar.

Ao tentar focar novamente naquele cenário fantástico de vento e cortinas de chuva, meu coração começou a pular com o som das persianas de Jared se levantando e com o bloco de água caindo do céu entre as duas casas. Apertei os olhos e vi Jared levantar a janela e se inclinar para fora na tempestade.

Droga.

Como eu, ele parecia observar o espetáculo. Mal conseguia ver seu rosto atrás da densa folhagem da árvore, mas percebi que ele me notou. Seus braços ficaram tensos ao se apoiar no peitoril da janela, e sua cabeça estava curvada na minha direção, sem se mexer. Quase podia imaginar aqueles olhos castanho-escuros me fuzilando.

Ele não acenou ou me cumprimentou. Por que faria isso? É claro que minha ausência não abrandaria seu coração. Eu costumava sentir terror e apreensão quando esse cara estava por perto, mas, agora... sentia uma estranha mistura de nervosismo e expectativa.

Lentamente me afastei para fechar e trancar as portas. A última coisa que queria era vacilar, deixando escapar as emoções que ferviam sob minha aparência tranquila. Durante o tempo em que estive fora pensei em Jared – mas não fiquei me torturando, imaginava que o tempo e a distância o deixariam mais tranquilo.

Talvez aquela previsão fosse esperançosa demais.

E talvez eu não estivesse tão incomodada com as merdas dele como antes.

CAPÍTULO 3



– E aí, já encontrou com ele? – K.C. perguntou, apoiada no batente das minhas portas duplas, olhando em direção à casa do Jared. Não precisei nem perguntar a quem ela estava se referindo.

– Não... bem, sim. Um pouco. Vi um cara com jeito de mandão entrando com tudo na garagem dele ontem, tarde da noite. Será que era ele? – Não queria contar para a K.C. que o vi na janela. Queria adiar mais algum tempo até ficar cara a cara com ele, por isso estava tentando manter a calma adquirida durante o ano em que ficara longe.

Continuei tirando as roupas que estavam na mala, separando o que precisava ser pendurado do que precisava ser lavado.

– Sim. Ele vendeu o GT logo depois que você foi embora e comprou esse. Parece que está ficando famoso por correr no Loop.

Segurei o cabide com mais força ao ouvi-la dizer isso. Fui tomada pela decepção ao perceber que as coisas tinham mudado durante o ano em que estive na França. Quando éramos mais novos, Jared e eu sonhávamos em montar um carro para o Loop.

– É um carro poderoso. – Odiava ter que admitir isso.

Jared costumava trabalhar com meu pai – e comigo – na nossa garagem, arrumando o velho Chevy Nova dele. Nós éramos alunos atentos que apreciavam a maestria necessária para conseguir deixar um carro em excelente condição.

– Enfim – continuei –, espero que ele esteja com a cabeça muito ocupada com a corrida e o emprego para me encher o saco este ano. – Andei pelo quarto colocando as coisas no lugar, mas meu cérebro pulsava de aborrecimento.

K.C. se afastou da porta e se jogou de barriga na cama.

– Bom, de qualquer modo, não vejo a hora de ver a expressão no rosto dele quando te encontrar. – Ela apoiou a cabeça na mão, me dando um sorriso de provocação.

– Por quê? – murmurei ao caminhar até o criado-mudo para zerar meu relógio.

– Porque você está linda. Não sei o que aconteceu entre vocês dois, mas ele não vai conseguir te ignorar. Não tem fofoca ou trote que vai conseguir afastar os garotos, e o Jared provavelmente vai se arrepender de ter te tratado tão mal. – K.C. levantou as sobrancelhas.

Não sei o que ela quis dizer com “você está linda”. Pelo que sabia, estava o mesmo de sempre. Continuava com 1,74 m, cabelo loiro até o meio das costas e olhos azul-escuros. Os treinos na academia me davam náuseas, mas continuei correndo para ficar em forma para o *cross-country*. A única diferença era a cor da minha pele. Após viajar no verão e pegar muito sol, estava bronzeada. Só que isso iria desaparecer rapidamente e eu voltaria a ser pálida.

– Ah, ele nunca teve problema algum em me ignorar. Queria que fosse diferente. – Respirei profundamente e sorri. – Tive um ano tão bom. Conheci ótimas pessoas e vi lugares lindos. Tudo isso me deu uma boa perspectiva. Tenho um plano, e não vou deixar o Jared entrar no meu caminho.

Sentei na cama e suspirei.

K.C. pegou na minha mão.

– Não se preocupe, amiga. Essa merda tem que chegar ao fim, em algum momento. Afinal, vamos nos formar daqui a nove meses.

– Do que está falando?

– Estou falando sobre as preliminares entre você e o Jared – K.C. soltou, séria, e pulou da cama para ir até o meu armário. – Isso não pode durar pra sempre – disse ela.

Preliminares?

– Como assim? – *Preliminares* era uma palavra de cunho sexual e meu estômago se revirou ao pensar em “Jared” e “sexo” na mesma frase.

– Senhorita Brandt, não me diga que isso nunca passou pela sua cabeça. – K.C. espiou para fora do armário, fazendo um sotaque do sul ao franzir as sobrancelhas e colocar a mão sobre o coração. Ela segurava um dos meus vestidos na frente de seu corpo, olhando-se no espelho pendurado atrás da porta do armário.

Preliminares? A palavra povoou minha mente enquanto eu tentava entender o que K.C. queria dizer com aquilo, até que finalmente compreendi.

– Você define a implicância dele comigo como preliminares? – quase gritei para ela. – Sei. Foram preliminares quando ele contou pra escola toda no primeiro ano que eu tinha síndrome do intestino irritável, e todo mundo começou a imitar barulhos de pum quando eu andava pelo corredor. – Meu tom sarcástico não conseguiu disfarçar minha raiva. Como ela pôde pensar em tudo isso como preliminares? – E, claro, foi completamente erótico o modo como ele encomendou uma pomada contra candidíase na farmácia e mandou entregar durante a aula de matemática no segundo ano. Mas ele realmente me deixou excitada, pronta para ficar de quatro pra ele, quando colocou folhetos para tratamento de verrugas genitais no meu armário, por mais ultrajante que seja contrair uma DST sem nunca ter feito sexo!

Toda a indignação que eu deixara de lado durante este ano retornava agora com um instinto de vingança. Não havia perdoado ou esquecido nada do que acontecera.

Piscando longa e pesadamente, lembrei-me das férias lá na França. *Queijo Port Salut, pão francês, bombons...* Ri ao perceber que não foi da França que realmente gostei, mas sim da comida.

K.C. estava me encarando, os olhos bem abertos.

– Ah, não, Tate. Não acho que ele está a fim de preliminares *sexuais*. Eu realmente acho que ele te odeia. O que estou querendo dizer é: será que não chegou a hora de você se vingar? De entrar no jogo? Se ele te empurrar, empurre-o também. – Tentei assimilar o que ela dizia, mas ela continuou. – Tate, os homens não maltratam

mulheres bonitas sem razão. Na verdade, a maior parte dos adolescentes usam toda a energia que têm com o único objetivo de transar. Eles não querem diminuir suas opções, então raramente ficam putos com garotas... a não ser em caso de traição, é claro – refletiu ela.

Eu sabia que K.C. tinha uma certa razão. Jared agia daquele jeito por *alguma* razão. Eu já tinha quebrado a cabeça milhares de vezes tentando entender. Ele era frio com quase todo mundo, mas comigo ele era completamente cruel.

Por que só comigo?

Levantei e continuei pendurando minhas roupas, os cachecóis apoiados no meu ombro.

– Bom, eu não traí o Jared. Já te disse mil vezes, nós fomos amigos durante muitos anos, aí, antes do primeiro ano, ele viajou por algumas semanas durante o verão. Quando voltou estava diferente. Ele não queria mais saber de mim.

– Bom, você não vai entender nada até entrar na luta. Como aconteceu antes de você ir pra França. Você reagiu naquela noite, é isso que precisa continuar fazendo – K.C. aconselhou, como se eu não tivesse pensado nisso ano passado. Minha raiva sumiu na noite da festa da Tori Beckman, mas eu não ganharia nada me rebaixando ao nível de Jared.

– Olha – falei com uma voz mais baixa para parecer calma. *Nem a pau eu ia continuar sendo arrastada para o drama com esse cara, droga.* – Vamos ter um ano maravilhoso. Espero que o Jared tenha me esquecido. Se esqueceu, então nós dois poderemos nos ignorar em paz até a formatura. Se não, aí farei o que achar melhor. Tenho coisas mais importantes pra pensar agora. Ele e o idiota do Madoc podem me cutucar e me alfinetar o quanto quiserem. Já cansei de ficar dando atenção a eles. Eles não vão acabar com meu último ano. – Parei para olhá-la.

K.C. parecia pensativa.

– Tudo bem – disse ela, complacente.

– Tudo bem?

– Sim, eu disse tudo bem.

Ela parou de discutir. Meus ombros relaxaram. Ela queria que eu fosse o Davi para o Golias de Jared, e eu apenas queria me concentrar em entrar para Columbia e ganhar a Feira de Ciências na primavera.

– Tudo bem – respondi e rapidamente mudei de assunto. – Então, meu pai não vai voltar pra casa nos próximos três meses. O que posso aprontar? Você acha que eu devia desencanar do horário de voltar pra casa enquanto ele está longe? – Continuei organizando as roupas.

– Ainda não consigo acreditar que seu pai vai te deixar sozinha por três meses.

– Ele sabe que é ridículo tentar me fazer ficar com minha avó, começar numa escola nova e depois voltar pra cá quando ele vier para o Natal. É meu último ano. É importante e ele entende. – Minha avó sempre fica comigo quando meu pai está viajando, mas a irmã dela não está bem e precisa de ajuda constante. Então, estou sozinha desta vez.

– É, mas sua avó mora a umas duas horas daqui, então tenho certeza que ela vai dar um jeito de dar uma passada aqui de vez em quando – mencionou K.C. – Será que poderíamos arriscar dar uma festa?

Ela sabia que eu era muito insegura, então falou com um tom de voz cauteloso. Meus pais me ensinaram a ter opinião própria, e também a ter bom senso. K.C. muitas vezes ficou decepcionada com minha falta de irresponsabilidade.

– Assim você não estaria descumprindo o horário de voltar pra casa! Porque já estaria... em... casa – explicou ela, rapidamente.

Meu peito se apertou ao pensar em uma festa não autorizada, mas tinha de admitir que eu gostaria de fazer algo assim qualquer dia.

– Acho que dar uma festa enquanto os pais estão fora de casa é tipo um ritual de passagem para os adolescentes – reconheci, mas engoli em seco ao lembrar que tinha apenas pai. Apesar de minha mãe ter falecido há tanto tempo, ainda doía todo santo dia. Olhei para a nossa foto no criado-mudo, a última tirada em família. Estávamos em um jogo do White Sox, e meus pais beijavam minhas

bochechas, cada um de um lado, e eu estava fazendo bico igual a um peixe.

K.C. me deu um tapinha nas costas.

– Vamos devagar com você. Podemos começar a flexibilizar as regras antes de quebrá-las. O que acha de trazer um menino pra casa antes de ter uma multidão enorme aqui? – Ela pegou uma blusinha preta de seda que comprei em Paris e a levantou.

– Até parece. Acho até que meu pai julgaria mais ameaçador um cara aqui do que uma casa cheia de adolescentes festeiros. Mas eu quebro, sim, as regras às vezes, tá? Sou culpada por dirigir rápido e por atravessar a rua fora da faixa e... – Minha voz foi ficando mais baixa conforme meus lábios abriam um sorriso. K.C. e eu podíamos ser aventureiras, mas nunca me interessei em perder a confiança do meu pai. Normalmente, sempre cumpro as regras. Respeito muito meu pai.

– Sim, tudo bem, Madre Teresa – murmurou K.C. desdenhosa, quando começou a dar uma passada de olho nas fotos que eu havia tirado ano passado. – Então, agora você fala francês fluentemente?

– Sei algumas palavras que podem ser úteis pra você – falei, demonstrando indiferença. Ela pegou um travesseiro na minha cama e jogou em mim sem parar de olhar as fotos em sua mão. Após três anos de uma fiel amizade, conseguíamos trocar insultos inofensivos tão facilmente quanto trocávamos de roupa.

Ao caminhar até o banheiro da minha suíte, falei alto:

– Então, você pode ficar pra jantar? Podemos fazer pizza.

– Na verdade, hoje tenho que ir pra casa – gritou ela de volta. – O Liam vai jantar lá. Minha mãe está ficando um pouco preocupada com nosso “relacionamento” e quer conhecê-lo melhor – ela usou aspas de duplo sentido para definir o relacionamento.

Liam e K.C. namoravam há dois anos e faziam sexo há algum tempo. A mãe dela com certeza desconfiava que o “relacionamento” deles progredira.

– Nossa, a Sargento Carter está em cima de vocês? – grunhi enquanto arrastava minha mala vazia para debaixo da cama. Eu chamava a mãe da K.C. de “Sargento Carter” por causa de seu cuidado maternal autoritário. K.C. tinha pouca privacidade e

costumava ter que contar tudo. No entanto, isso fez com que ela quisesse guardar ainda mais seus segredos.

– Tenho certeza que sim. Ela encontrou minha camisola e ficou doida. – K.C. levantou e pegou a bolsa da cama.

– Adoraria te ver escapar dessa. – Apaguei a luz do quarto e desci com ela.

– Se meus pais fossem iguais ao seu pai, talvez eu não ficasse tão nervosa em contar as coisas para eles – murmurou K.C.

Tenho certeza que não contaria para o meu pai sobre a minha primeira vez, independentemente de quando isso fosse acontecer.

– Bom, podemos fazer algo amanhã ou quando quiser. Mas tem que ser antes de as aulas começarem.

– Amanhã, com certeza. – Ela me deu um abraço forte. – Preciso tomar um banho antes do jantar. Até mais! – E foi embora correndo.

– Até.

CAPÍTULO 4



– Cacete! – gritei alto para o teto do quarto, agora iluminado pela chegada de outra pessoa para a festa.

Caí num *déjà vu* quando ouvi música e vozes rugindo na casa ao lado. Tive o prazer de esquecer as festas estrondosas de Jared. Vibrações constantes de motores acelerando e garotas gritando – de prazer, esperava – preencheram o ar durante as duas últimas horas, e a festa ainda estava bem animada. Meus músculos ficavam tensos a cada barulho.

Olhei novamente para o relógio no criado-mudo, disposta a parar de fazer seus ponteiros moverem-se a cada minuto. Já passava da meia-noite e tinha que acordar dali a cinco horas para me encontrar com o clube de corrida para o treino semanal. *Tinha que acordar*, pensei, e isso só seria possível se eu conseguisse dormir, primeiramente.

E isso não aconteceria se uma intervenção não fosse feita.

Será que não chegou a hora de você se vingar? As palavras de K.C. ficaram murmurando na minha cabeça.

De modo algum Jared diminuiria a música se eu pedisse, mas a diplomata em mim achou que valia a pena arriscar. A “antiga Tate” teria ficado aqui a noite toda deitada, acordada, intimidada demais por seu *bully* para pedir que ele abaixasse o som. Agora, o desgaste e o cansaço tinham mandado minha paciência para o espaço.

Era bem provável que não, mas talvez Jared tivesse deixado de ser um babaca e superado qualquer tipo de problema que tinha comigo. Não fazia mal algum ter esperanças.

A noite estava fria, então hesitei em sair da cama quentinha. Atirando as cobertas antes de amarelar, calcei meu All-Star preto e cobri minha camisola branca com meu casaco também preto. Meu cabelo estava bagunçado, eu estava sem maquiagem e usando meu short de dormir favorito, com listras azuis e brancas. Eu podia ter ficado com uma aparência melhor e deveria ter colocado roupas mais discretas, mas não me importava com nada. Estava muito cansada, então apenas desci as escadas e saí pela porta da frente com toda a minha glória desgrenhada.

Não sei se foi a cálida noite de agosto ou os meus nervos, mas tive que arregaçar as mangas para me acalmar conforme deixava meu jardim e entrava no dele. Havia diversas pessoas no gramado da frente, mas eu não reconhecia nenhuma delas, e os batimentos do meu coração diminuíram um pouco ao perceber que haveria poucos conhecidos aqui. Sabia que a lista de amigos de Jared incluía pessoas de outras escolas, faculdades e até mesmo adultos com histórico questionável. Neste momento, estavam todos tão bêbados que passei despercebida.

Dentro da casa, a farra seguia ensurdecidora e detestável. As pessoas dançavam na sala de jantar, ou melhor, algumas garotas com pinta de periguete estavam se esfregando, enquanto outras, sentadas ou em pé, dispersavam-se pelo andar de baixo, conversando, bebendo e fumando. Meu nariz se retraiu com aquele revoltante antro de libertinagem adolescente e o fedor... mas, tinha que admitir, todos pareciam estar se divertindo e pareciam *normais*.

Era oficial: eu era uma estranha no ninho.

Chevelle começou a tocar nos alto-falantes, o que dava a impressão de ter uma caixa de som localizada em cada canto. "Hats Off to The Bull" pode ter feito minha vinda valer a pena.

Ao entrar na cozinha à procura de Jared, parei repentinamente. Enquanto muitas pessoas estavam paradas ao redor do barril de cerveja, os drinks mais complicados situados em cima do balcão, fui pega de surpresa com a visão de Madoc sentado na mesa da

cozinha fazendo jogos com bebida. Ele estava com outros garotos e umas meninas. Era tarde demais para dar meia-volta.

– O que você está fazendo aqui, porra?

Ele pulou da cadeira e veio até mim. Sua expressão era uma máscara. Apenas para se mostrar. Sabia que Madoc apreciava qualquer drama que pudesse apimentar a noite dele.

E eu era um drama.

Decidi ser petulante.

– Bom, não estou procurando você. – Dando um sorrisinho, continuei analisando o lugar, sem mostrar interesse. – Cadê o Jared?

– Ele já arranjou uma garota para esta noite. Também, duvido que ele se interessaria por você – ele me provocou feio com essa última frase.

Não eram poucas as meninas que queriam a atenção de Madoc, mas eu não estava entre elas. Ele era bonito, tinha olhos azul-claros e cabelo loiro. Tinha um corpo definido, e suas roupas acabavam favorecendo sua boa forma. No entanto, duvidava que ele ficava com a mesma garota por mais de uma noite.

Virei-me para sair e continuar minha busca, mas ele me pegou pelo cotovelo.

– Na verdade, adoro um desafio, e você está realmente linda de pijama. Se está procurando emoção, posso cuidar de você.

Meu estômago revirou e meu corpo ficou tenso. Ele estava brincando? Será que não tinha nenhum orgulho? Durante o primeiro e segundo anos, ele e Jared fizeram da minha vida um inferno. Sentia-me sufocada em todos os lugares aonde ia. Até em casa. Agora ele quer me levar lá pra cima? Agora eu era boa o bastante para isso?

– Ei, cara, o Jared disse que ela é proibida – Sam Parker, um dos maiores comparsas de Jared, entrou na conversa lá da mesa.

Os olhos de Madoc mediram meu corpo todo, parando nas minhas pernas.

– O Jared está lá em cima comendo a Piper. Ele está interessado em outra coisa no momento.

Minha boca ficou seca. Imagens indesejáveis do garoto com quem eu costumava dividir uma barraca no quintal começaram a passar

pela minha mente. Jared estava lá em cima, na cama, pegando alguma garota. Bufando, virei-me para ir embora. Só precisava sair dali.

Madoc me puxou para perto dele e colocou os braços em volta de mim. Registrei vagamente Sam levantar de seu assento e deixar o local. Meu corpo se contorceu e meus músculos ficaram tensos, mas deixei de lado qualquer tensão que pudesse transparecer naquele momento. Queria me encontrar com Jared e esperava que Sam tivesse ido resolver isso. Eu queria poder sair daqui sem causar um grande alvoroço.

Mas é melhor que o Sam volte logo, porque o nariz do Madoc está quase encostando na minha nuca.

– Você não aprende mesmo, né? – Encarei bem de frente. Um pouco distante, alguns garotos jogavam sinuca, mas não estavam prestando atenção na gente. Claramente, o jogo era mais importante para eles do que uma garota sendo assediada.

– Ah, meu nariz? Já melhorou, obrigado. Aliás, acho que te devo uma por causa daquilo. – Suas palavras saíram abafadas conforme seus lábios deslizavam pelo meu pescoço. Meus ombros se mexiam de um lado para o outro enquanto eu tentava escapar dele.

– Você cheira bem – sussurrou ele. – Continue lutando contra mim, Tate. Isso me deixa excitado. – Sua respiração foi acompanhada pela língua dele saindo em disparada e lambendo meu ouvido antes de mordê-lo.

Filho da puta!

Minha pulsação ficou acelerada, mas não porque eu estava com medo, mas sim de raiva. Um fogo explodiu em meus braços e pernas.

Entre no jogo. Não me lembro se fui eu ou a K.C. quem disse isso, e também não importava.

Vamos ver como ele gosta de ser tratado. Coloquei minha mão para trás, entre nossos corpos, e agarrei as bolas de Madoc. Apertei de um jeito que consegui a atenção dele, mas sem machucá-lo... ainda. Madoc não me soltou, mas ficou imóvel.

– Deixa. Eu. Ir. Embora – falei com determinação. Curiosos estavam começando a perceber a cena, mas ainda não haviam se

metido, pareciam entretidos. Ninguém se mexeu para me ajudar.

Pressionei um pouco mais e ele, finalmente, me soltou. Rapidamente me afastei antes de me virar para vê-lo, tentando me acalmar. Só sairia dali quando Jared abaixasse a porcaria da música.

Madoc arqueou uma sobrancelha.

– Você deve ser virgem ainda, né? – Ele me pegou desprevenida.

– Vários caras estavam morrendo de vontade de te comer, mas eu e o Jared cuidamos disso.

Será que não chegou a hora de você se vingar? A voz de K.C. me encorajou.

– Que merda você quis dizer com isso? – Colocando meu casaco de volta no lugar, eu o enfrentei, meu corpo um muro.

– Que porra rola entre você e o Jared? Tipo assim, quando conheci ele no primeiro ano, ele me convenceu a sabotar todos os seus encontros, pensei que ele sentisse algo por você. Como se estivesse com ciúmes ou algo assim. Mas, depois de um tempo, ficou bem claro que ele não te perseguia... por nenhuma razão aparente. O que você fez pra ele? – Madoc olhou para mim de forma acusatória, jogando a cabeça para o lado.

Fechei a mão como se fosse dar um soco.

– Não fiz nada pra ele.

Nosso confronto estava começando a chamar a atenção. Minha voz alta começou a forçar as pessoas a saírem de perto. Rodeei o outro lado da mesa de sinuca para ficar um pouco distante.

– Pense – provocou Madoc com um sorrisinho petulante. – Você é linda e, falando por mim, eu teria te comido com todas as forças. Muitos caras fariam isso se não fosse pelo Jared.

Minhas pernas enrijeceram. A ideia desse idiota pensar que poderia fazer sexo comigo alcançou um novo nível de escrotice.

– O que quer dizer com “se não fosse pelo Jared”? – Cada pelo dos meus braços ficou arrepiado e minha respiração ficou mais pesada.

– É simples. Toda vez que ficávamos sabendo que alguém estava interessado em você ou que te chamava para sair, nós fazíamos de tudo para garantir que isso terminasse tão rápido quanto começou. Ficamos bem insatisfeitos com isso nos primeiros meses. O Todd

Branch te chamou para aquela fogueira no primeiro ano, mas aí disseram pra ele que você estava fazendo tratamento contra piolho e ele nunca mais te ligou. Você nunca se perguntou como ele ficou sabendo disso?

Nos últimos anos, aquela fofoca em particular foi uma das que menos me machucaram, mas, naquela época, foi devastadora. Eu tinha acabado de entrar na escola, estava tentando fazer amigos e aí percebi que todos riam pelas minhas costas.

– Naquele ano, Daniel Stewart te convidou para ir ao baile do Halloween também, mas ele nunca te buscou porque ouviu dizer que você perdeu a virgindade para Stevie Stoddard. – Madoc quase não conseguiu terminar a última palavra porque começou a gargalhar.

Comecei a fazer caretas incontroláveis conforme um calor subia pelo meu pescoço. Stevie Stoddard era um garoto muito gentil, mas sofria de acne e comia suas melecas. Toda escola tinha um Stevie Stoddard.

Madoc continuou:

– É, no começo a gente ficava muito ocupado. Muitos garotos queriam pegar você, mas no segundo ano nossos boatos começaram a ficar mais sofisticados. As pessoas tinham meio que entendido que você era uma lepra social. As coisas começaram a ficar mais fáceis para o Jared e para mim... finalmente.

E as coisas ficaram mais difíceis para mim.

Era impossível me movimentar. No que eu estava pensando? É claro, Jared fora responsável por *tudo*.

Sabia que ele estava por trás de algumas brincadeiras e de algumas festas para as quais não fora convidada, mas não imaginava que ele tinha sido responsável também pelos boatos. Nunca soube por que Daniel Stewart furou comigo, e nunca tinha ouvido o boato sobre o Stevie Stoddard. O que mais eu não tinha percebido? Ele fazia brincadeiras comigo, inventava algumas mentiras e foi um idiota assumido para toda a escola, mas nunca suspeitei de que ele tinha tanta vontade de me fazer infeliz. Será que tinha ficado louco de raiva sem razão?

Pense.

– O que ela está fazendo aqui? – Arrancada da minha contemplação interna, vi Jared se escorando na entrada, entre a sala de sinuca e a escada. Ele estava com os braços em cima da cabeça, com as mãos apoiadas nos dois lados do batente.

Recuperei o fôlego. Vê-lo cara a cara me fez esquecer de tudo. De Madoc, de suas revelações... Merda! Sobre o que a gente estava conversando mesmo? Não conseguia me lembrar.

Mesmo indignada com Jared, não conseguia deixar de reparar como os músculos do seu peito liso se esticavam em seus braços. Meu corpo reagiu involuntariamente enquanto um calor começou a tomar forma no meu ventre e subiu até o pescoço. Fiquei na França por um ano, e vê-lo novamente tão próximo fez com que o meu estômago desse um mortal duplo de costas.

Seu cabelo e olhos castanho-escuros pareciam fazer sua pele brilhar. As sobrancelhas bem retas acentuavam sua presença ameaçadora. Olhar para ele deveria ser um jogo. Quem conseguisse parar de olhá-lo primeiro ganhava.

Ele ficou em pé seminu, usando apenas uma calça preta com uma corrente de carteira pendurada no bolso. Sua pele estava bronzeada e seu cabelo, bagunçado de uma forma ousada. Suas tatuagens saltavam aos olhos, uma no antebraço e outra na lateral do torso. Era possível ver sua cueca boxer azul e branca quadriculada acima da calça, que estava meio larga por causa do cinto desafivelado ao redor da cintura.

Desafivelado. Fechei os olhos.

Lágrimas estavam enterradas atrás das minhas pálpebras e a magnitude de suas ações veio com tudo. Ver esta pessoa que me odiava o bastante para me machucar dia após dia fazia meu coração doer.

Ele não vai acabar com meu último ano, jurei a mim mesma. Ao tentar segurar as lágrimas, minha respiração ficou vagarosa. Minha mãe diria: *Sobreviver é a melhor vingança.*

Por baixo de um braço, vi Sam dando uma olhadela, com uma expressão cômica semelhante à do Dobby agachando-se atrás do Lúcio Malfoy. Por baixo do outro braço, uma morena sensual – que acreditava ser a tal da Piper – se espremia igual a um gato que

acabou de comer um canário. Reconheci-a vagamente da escola. Ela usava um vestido vermelho coladinho, aberto na altura do pescoço, com sapatos de salto alto pretos e assustadores. Mesmo com os seis centímetros adicionados à sua altura, ela ainda batia no queixo do Jared. Ela era bonita em... bem, todos os quesitos, acho.

Jared, por outro lado, parecia pronto para comer um bebê vivo com aquela expressão carrancuda. Sem fazer contato visual comigo, ele deixou bem claro que estava conversando com Madoc e não se dirigia a mim.

Intrometi-me antes de Madoc abrir a boca.

– *Ela* queria dar uma palavrinha contigo.

Cruzei os braços sobre o peito e fixei meu olhar, tentando parecer mais forte do que era. Jared fez o mesmo e, enquanto seus lábios não se moviam, seus olhos estavam entretidos.

– Fale logo. Tenho convidados – ordenou ele.

Ele entrou devagar na sala e se posicionou do outro lado da mesa de sinuca. Madoc e Sam entenderam a deixa e correram de volta à cozinha. Consegui notar Madoc de relance, batendo na cabeça do Sam.

O controle que eu estava desesperadamente tentando manter ameaçava se romper. Depois da epifania causada pela confissão de Madoc, comecei a odiar Jared mais do que nunca. Era difícil olhar para ele.

– Eu. Tenho. Convidados – repetiu Jared, me encarando, irritado.

– Eu sei, estou vendo. – Espiei em volta dele até a entrada onde a morena estava parada. – Você pode voltar a recepcioná-los em um minuto.

Jared ficou com uma expressão um pouco menos carrancuda. A morena finalmente entendeu a insinuação, andou até Jared, cujos olhos não paravam de me encarar, e beijou ele na bochecha.

– Me liga – sussurrou ela.

Seu olhar permaneceu voltado para mim enquanto continuava ignorando-a. Depois de hesitar por alguns momentos, ela andou pela sala, girou nos calcanhares e partiu. Não é à toa que os caras agem como idiotas. Garotas desse tipo deixam eles fazerem isso.

Ao me recompor, levantei a cabeça.

– Tenho que acordar daqui a cinco horas para um compromisso em Weston. Estou pedindo educadamente para você abaixar a música. – *Por favor, não seja um babaca, por favor não seja um babaca.*

– Não.

Tanta oração para nada.

– Jared – pausei, mesmo sabendo que fosse perder –, vim aqui amigavelmente. Já passa da meia-noite. Estou te pedindo gentilmente. – Estava tentando manter a calma no meu tom de voz.

– Já passa da meia-noite em uma *sexta-feira*. – Ele manteve os braços cruzados sobre o peito, parecendo entediado.

– Você está sendo insensato. Se eu quisesse acabar com a música, eu poderia chamar a polícia reclamando do barulho ou poderia ligar para a sua mãe. Estou vindo até aqui porque te respeito. – Olhei pela sala vazia. – Ué, cadê a sua mãe? Não a vi desde que voltei.

– Ela não fica mais aqui por muito tempo, e não vai vir no meio da noite só para acabar com a minha festa.

– Não estou pedindo para você “acabar com a festa”. Estou te pedindo para diminuir o som – expliquei, como se ainda achasse que havia alguma chance de Jared ceder.

– Vá dormir na casa da K.C. aos fins de semana. – Ele começou a dar voltas na mesa de sinuca e jogar as bolas dentro das caçapas.

– Já passa da meia-noite! Não vou incomodá-la a essa hora da noite.

– Você está me incomodando a essa hora da noite.

– Você é tão imbecil – o sussurro escapou dos meus lábios antes que eu conseguisse detê-lo.

– Cuidado, Tatum. – Ele parou e me encarou. – Você ficou fora durante um tempo, então vou te deixar sair dessa e te lembrar que minha boa vontade não vai muito longe com você.

– Ah, por favor. Não aja como se a minha presença fosse um incômodo tão grande. Eu te aguentei muito mais do que devia com o passar dos anos. O que você poderia fazer comigo que ainda não fez? – Novamente cruzei os braços sobre o peito e tentei parecer confiante.

Meu antigo nervosismo vinha da minha incapacidade de lidar com ele. Ele era esperto e pegava as coisas no ar, e eu sempre perdia quando discutíamos. Mas não tinha medo dele.

– Gosto das minhas festas, Tatum. – Ele deu de ombros. – Gosto de ser entretido. Se você acabar com a minha festa, então terá que me entreter. – Seus olhos semicerrados e a voz rouca provavelmente deveriam ser sensuais, mas acabaram saindo ameaçadores.

– E que tarefa nojenta, se puder me dizer, gostaria que eu fizesse?
– Generosamente acenei pelo ar como se estivesse falando com um Duque ou um Lorde. Talvez o idiota quisesse que seu banheiro fosse limpo ou que suas meias fossem dobradas. De qualquer modo, ele só conseguiria meu dedo do meio apontado bem na sua cara.

Perambulando até mim, Jared pegou na ponta do meu casaco e disse:

– Tire isto e dance no meu colo.

Meus olhos se arregalaram.

– Como é? – soltei um sussurro rouco. Ele estava tão perto de mim que meu corpo vibrou com tanta energia. Ele mantinha a cabeça na mesma altura que eu, mas seus olhos escuros estavam direcionados para baixo, com um olhar penetrante. Eu estava bastante consciente de seu corpo, de sua pele nua, e então imagens de uma dança em seu colo começaram a fluir. Ah, caramba. *Odeio ele, odeio ele*, lembrei a mim mesma.

Jared notou o emblema do Seether no lado esquerdo do meu casaco.

– Vou colocar *Remedy*. Ainda é a sua música favorita? Você dança rapidinho pra mim e depois acabo com a festa. – Ele levantou o canto da boca, mas a frieza continuava em seus olhos. Ele queria me humilhar novamente. O monstro precisava ser alimentado.

Será que não chegou a hora de você se vingar?

Se eu aceitasse a proposta, Jared daria um jeito de descumprir o acordo e me faria passar vergonha. Se eu não aceitasse a proposta, entraríamos em um impasse. Em ambos os casos, Jared estava ciente de que não precisava abrir mão de nada. O idiota percebeu de que eu estava muito perturbada para conseguir pensar em uma terceira opção.

Será que não chegou a hora de você se vingar?

No curto espaço de tempo que demorou para eu tomar minha decisão, dei uma última analisada nele. Que vergonha. Jared era muito lindo e, em um passado distante, havia sido um bom garoto. Se as coisas tivessem sido diferentes, eu poderia ser dele. Teve uma vez que pensei que era dele. Mas não sacrificaria meu orgulho por ele. Nunca. Mais.

Minhas pernas começaram a tremer, mas me recusava a abandonar minha determinação.

Dei um passo pra trás e gritei dentro da sala de estar.

– Polícia! – As pessoas que estavam dançando começaram a olhar em volta, confusas.

– Polícia! Saiam todos daqui! Os policiais estão entrando pela porta dos fundos! Corram! – Fiquei surpresa pelo tamanho da responsabilidade que ficaria nas minhas costas ao levar essa mentira adiante, mas tudo funcionou. Caramba, funcionou!

Um tumulto se sucedeu, e a aglomeração de pessoas reagiu com pânico imediato. Os festeiros, pelo menos os menores de idade, começaram a se espalhar por todos os cantos e pareciam também avisar as pessoas que estavam do lado de fora. O restante pegou a maconha e as garrafas antes de sair correndo. Eles estavam muito bêbados para verificar a área adequadamente e realmente procurar pelos policiais. Então, apenas correram.

Virando-me para olhar Jared, percebi que ele não reagiu. Ele não tinha se mexido. Enquanto todos saíam da casa dele gritando e rangendo motores, Jared apenas ficou me encarando com uma mistura de raiva e surpresa.

Aproximando-se de mim devagar, o grande sorriso que se abriu em seu rosto forçou meu estômago a dar uma pirueta. Soltando um suspiro falso de pena, ele declarou:

– Vou te fazer chorar logo logo. – Seu tom de voz era calmo e decisivo. Eu acreditava em cada palavra.

Respirando demoradamente, meus olhos se estreitaram para ele.

– Você já me fez chorar diversas vezes. – Levantei o dedo do meio para ele devagar e perguntei: – Sabe o que é isso? – Com o dedo do

meio, afaguei o canto do olho. – Sou eu, esfregando a última lágrima que você vai conseguir tirar de mim.

CAPÍTULO 5



Os dias seguintes foram agitados por conta da preparação para o começo das aulas. Por mais que eu tentasse me convencer de que o silêncio de Jared fosse um bom sinal, era apenas uma questão de tempo antes que a sua máscara caísse.

Minha atitude na festa foi negligente, mas às vezes as piores ideias caem como as melhores. Mesmo agora, após uma semana, minha pulsação acelerava e eu não conseguia parar de sorrir ao pensar em como peguei ele. A consciência que adquiri enquanto vivia fora fez com que as coisas que antes eram ameaçadoras se tornassem mais triviais. Um nervosismo ainda surgia em meu peito ao pensar em Jared, mas não sentia mais uma forte necessidade de evitá-lo a qualquer custo.

– Então, *você* está na boca do povo hoje! – Não era uma pergunta. K.C. pulou ao meu lado enquanto eu guardava os livros. Ela segurou a parte superior da porta do armário enquanto espiava em volta.

– Não sei do que *você* está falando. – Soltei um breve suspiro, sem olhar para ela. Era o primeiro dia do meu retorno à escola, nosso primeiro dia do último ano. Minha manhã foi preenchida por aulas de Física, Cálculo e Educação Física. Peguei outro caderno para o Francês, minha última aula antes do almoço.

– Então você não percebeu todos te observando hoje? Em uma escola de quase duas mil pessoas, acho que você conseguiu notar que quase todo mundo estava falando sobre você – disse ela, dando uma risadinha.

– Sentei no pudim de chocolate de novo? Ou talvez um novo boato esteja rolando, que passei o último ano escondendo uma gravidez e acabei dando o bebê para adoção. – Bati a porta do armário e fui em direção à aula de Francês, sabendo que ela viria atrás de mim. Não queria saber o que as pessoas diziam, porque não me importava com as merdas que eles estavam inventando agora, e também porque não era nada de novo. A França foi uma folga tranquila, mas Shelburne Falls continuava igual ao que sempre foi. Graças a Jared, minha passagem pelo ensino médio tinha sido uma longa sucessão de boatos, trotes, lágrimas e decepção. Queria que este ano fosse melhor, mas também não estava alimentando esperanças.

– Não chegou nem perto. E, na verdade, estão falando algo bom. Muito bom.

– Ah, é? – respondi distraidamente, esperando que ela notasse o tom de desinteresse e calasse a boca.

– Parece que o ano que você passou na Europa te transformou de übernerd para überdescolada! – transmitiu K.C. sarcasticamente, já que ela sabia que eu nunca tinha sido übernerd. Tampouco já fui considerada überdescolada. Minha identidade padrão sempre foi “por fora de tudo”, apenas porque a lei de Jared Trent me considerou inferior ao padrão aceitável na maioria dos círculos sociais.

Subi as escadas, apressada, até chegar no terceiro andar para a aula, desviando de outros alunos que corriam para chegar no próximo destino.

– Tate, você me ouviu? – K.C. andava rápido atrás de mim, tentando me alcançar. – Estou falando sério, olhe ao seu redor! Você pode parar por dois segundos pelo menos? – sussurrou ela, estridente, um olhar de súplica quando a olhei.

– Que foi? – A urgência que ela tinha em me passar as últimas fofocas era impressionante, mas tudo o que eu queria era entrar na

escola sem usar minha capa da invisibilidade. – Qual é o problema? E daí? As pessoas estão me achando legal hoje. *Hoje!* O que elas vão pensar amanhã depois que o Jared fizer a cabeça delas? – Não contei a ela sobre a festa de Jared e sobre o que fiz. Se ela soubesse, não estaria sendo tão otimista quanto às minhas possibilidades.

– Sabe, ele não ficou tão mal depois que você foi embora. Talvez a gente esteja preocupada sem nenhuma razão. O que quero dizer é...

– K.C. foi cortada.

– Olá, Tate. – Ben Jamison passou por K.C. e veio atrás de mim. – Deixa eu abrir a porta para você.

Saí da frente, dando-lhe espaço para abrir a porta. Sem ter outra escolha a não ser terminar nossa conversa, fechei a boca e acenei para uma K.C. de boca aberta.

– Que bom que você voltou – sussurrou Ben enquanto entrávamos na sala, primeiro eu, depois ele. Arregalei os olhos e tive que reprimir uma risada nervosa. Ben Jamison conversando comigo era muito surreal.

Ele era um astro das equipes de futebol americano e basquete e um dos caras mais bonitos da escola. Estudamos juntos nas aulas de Francês I e II, mas ele nunca conversou comigo.

– Obrigada – murmurei, ainda olhando para baixo. Isso estava fora da minha zona de conforto. Sentei discretamente numa carteira na frente.

Que bom que você voltou? Como se ele se importasse comigo antes? Isso provavelmente era alguma das pegadinhas de Jared. Fiz uma anotação mental para pedir desculpas a K.C. por ter tentando me avisar sobre a atenção incomum. Garotos bonitos conversando comigo é igual a esquisito.

A Madame Lyon, a nova professora *francesa* de francês, começou a dar uma longa palestra logo de cara. Sabendo que Ben estava sentado atrás de mim, tentei me concentrar na matéria, mas, mesmo examinando o lindo corte do cabelo encaracolado da Madame, não conseguia tirar da cabeça os olhares que me secavam por trás. Com a visão periférica, notei diversos alunos na sala

olhando em minha direção. Mudei de posição no assento. *Qual era o problema deles?*

Ao lembrar do que a K.C. disse quando voltei, não acreditei que tudo parecia diferente. Afinal, no meu ano fora não fiz grandes transformações ou viagens de compras. Minha pele estava um pouco mais bronzeada, minhas roupas eram novas, mas meu estilo não havia mudado.

Estava usando um jeans *skinny* enfiado em botas pretas, de canos longos sem saltos, e uma leve camiseta branca com decote *boat neck*, longa o bastante para cobrir minha bunda. Adorava meu estilo e, independentemente do que pensavam sobre ele, continuava usando-o.

Após uma aula angustiantemente longa de cinquenta minutos, cheia de sorrisos vindos de pessoas inesperadas, peguei o celular na minha bolsa mensageiro preta.

Te encontro lá fora pra almoçar?

Enviei para K.C.

Tá ventando mto!

Ela respondeu. *Sempre por causa do cabelo.*

Blz. Estou indo agora, me procure.

Assim que pus os pés na fila da cantina, fiquei toda arrepiada. Peguei uma bandeja e fechei os olhos. *Ele* estava ali em algum lugar. Não precisava me virar ou escutar sua voz. Talvez fosse o clima do lugar, o modo como as pessoas se moviam, ou a polaridade de sua presença em relação mim. Tudo que sabia é que ele estava, com certeza, aqui.

No ensino fundamental, brincávamos com ímãs, que se atraem quando você os vira para os polos opostos, mas se repelem quando os vira para os polos iguais. Jared era um lado de imã, nunca virado

para acomodar ninguém. Ele era o que era. As outras pessoas que estavam lá eram ou atraídas ou afastadas por ele, e o fluxo de um lugar refletia isso. Houve uma época em que eu e Jared éramos inseparáveis, como os polos opostos de dois ímãs.

Meus pulmões doíam por segurar a respiração sem perceber, então exalei. Depois de pegar uma salada com molho Ranch e uma garrafa d'água, entreguei meu cartão para o caixa passar no leitor e achei um lugar perto das janelas. A movimentação do local era uma boa distração para não cruzar com seus olhos. Alguns alunos acenavam ao passar e me davam as "boas-vindas". Meus ombros finalmente relaxaram depois da rodada de cumprimentos.

Jess Cullen acenou para mim a algumas mesas distante, e eu me lembrei do treino desta tarde.

Kd você?

K.C. mandou uma mensagem.

Perto das janelas da frente.

Estou na fila agora!

OK.

Respondi. Ao girar no meu lugar, consegui vê-la na fila. Dei um tímido aceno para sinalizar minha localização e rapidamente me virei, antes de ceder à tentação de procurar por *ele* no refeitório.

Depois de tirar a tampa da minha garrafa d'água, dei um longo gole, apreciando a sensação de alívio. Parecia que meu coração estava batendo aceleradíssimo na última hora. *Hidratar, hidratar, hidratar.*

No entanto, meu relaxamento foi interrompido pela voz de Madoc Caruthers.

– Ei, querida. – Madoc colocou a mão na mesa ao meu lado e se inclinou na minha orelha. Conforme eu fui colocando a tampa na minha garrafa, meus ombros iam caindo levemente. *De novo não! O cretino não aprendeu a lição?* Fiquei olhando para a frente, tentando ignorá-lo.

– Tate? – Ele estava tentando me provocar para notar sua presença. Mas minha versão não agressiva ainda não estava fazendo contato visual.

– Tate? Sei que pode me ouvir. Na verdade, sei que cada parte de você está *bem* ciente da minha presença neste momento. – Madoc correu os nós dos dedos da mão esquerda pelo meu braço. Respirei fundo e meu corpo se retraiu ao seu toque.

– Hmmm, você está arrepiada. Viu? – ele brincou comigo.

Arrepiada? Se eu não estivesse tão cansada disso, teria rido.

– Sim, você realmente faz minha pele arrepiar. Mas você já sabia disso, certo? – Meu desdém não podia ter sido mais pronunciado.

– Eu realmente senti sua falta ano passado e queria muito pedir uma trégua. Na verdade, por que não nos esquecemos de tudo e saímos no fim de semana?

Ele só pode estar sonhando, se acha...

A mão dele deslizou pelas minhas costas e rapidamente desceu até minha bunda. Respirei fundo novamente.

Filho da puta! Ele realmente pegou na minha bunda? Sem a minha permissão? Na frente de todos? *Ah, não.*

Então, ele apertou.

Depois disso, tudo aconteceu muito rápido, com uma mistura de reação e adrenalina. Saí pulando do meu lugar como se as minhas pernas tivessem molas. Os músculos das minhas coxas ficaram firmes por causa da tensão e fechei os punhos.

Ao ver Madoc, que se levantou para ficar cara a cara comigo, puxei ele pelos ombros e desferi um golpe na sua virilha com o meu joelho. Um golpe forte. O impacto deve ter sido muito grande, porque ele gritou e caiu de joelhos, gemendo, enquanto segurava os testículos.

Já tinha sido muito maltratada por Madoc. Não conseguiria reagir tranquilamente outra vez de maneira alguma. Quebrar o nariz dele

no final do ano passado claramente não foi minha última carta na manga. Era apenas o começo de uma nova estratégia.

Com o coração batendo forte e um calor se apoderando dos meus braços, não parei para pensar aonde isso me levaria amanhã ou na próxima semana. Só queria que ele parasse.

Jared vinha me ameaçando há anos, mas nunca tinha passado *daquela* limite. Ele nunca tinha me tocado ou me feito sentir fisicamente violentada. Madoc sempre passava dos limites, e eu ficava me questionando que porra de problema ele tinha! Se o que Sam tinha dito era verdade, sobre eu ser “proibida”, então por que Madoc me enchia tanto o saco? E bem na frente de Jared?

– Não me toque e não fale comigo. – Parei sobre ele, sorrindo desdenhosamente. Os olhos de Madoc estavam fechados e ele respirava fortemente. – Você realmente achou que eu sairia com você? Sei o que as garotas falam e, ao contrário do que diz o ditado, os melhores perfumes *não* estão nos menores frascos. – Todo mundo começou a gargalhar e mostrei o dedo do meio para os espectadores. Vi K.C. segurando a bandeja com uma cara de “ai, meu Deus”.

– Mas, de qualquer jeito, obrigada pela proposta, Madoc – cantarolei com uma doçura simulada. Peguei a bandeja, passei no meio do oceano de observadores e joguei a comida fora. A única coisa que importava era escapar daquele refeitório antes que eu desmoronasse. Tudo em mim começou a ficar fraco e a formigar, e fiquei com medo de que minhas pernas não resistissem. O que acabei de fazer?

Mas, antes de chegar à porta, resolvi jogar tudo pro alto. *Ah, que se dane, ultimamente venho desenvolvendo tendências suicidas mesmo. Vou levá-lo comigo.* Virei-me e imediatamente troquei olhares com a única pessoa que fazia meu sangue ferver mais do que Madoc.

Toda a atenção de Jared estava voltada para mim, e o mundo na minha visão periférica parou enquanto nos encarávamos.

Ele estava usando jeans escuros rasgados e uma camiseta preta. Não tinha nenhuma joia, nenhum relógio, apenas suas tatuagens como acessório. Seus lábios estavam entreabertos, sem estar

sorrindo. Aqueles olhos, no entanto, pareciam desafiadores e muito interessados. Parecia que ele estava me medindo.

Droga. Merda.

Encostado na cadeira, ele estava com um braço na parte de trás do assento e o outro relaxado na mesa. Ele estava me encarando, e um calor indesejado percorreu meu rosto.

Houve uma época em que tive toda sua atenção, e eu amava isso. Por mais que eu quisesse que ele me deixasse em paz, também gostava de como ele parecia surpreso naquele momento. Gostava de como ele estava me olhando agora.

E depois lembrei que o odiava.

CAPÍTULO 6



O resto do dia se desdobrou em uma sucessão de momentos surreais. Tinha que constantemente dizer a mim mesma que estava em um sonho e que este não era realmente o primeiro dia de aula. Recebi muitos elogios por causa da minha briga no almoço, então senti que essa não podia ser mesmo a minha vida.

Depois que minha raiva passou, me dei conta de que eu tinha batido em outro aluno em território escolar. Podia me meter em encrenca – muita encrenca – por causa disso. Cada anúncio ou batida na porta da sala de aula fazia com que as minhas mãos tremessem.

Mandei uma mensagem para K.C. depois que saí do refeitório e me desculpei por abandoná-la. Como fiquei escondida na biblioteca durante o restante do almoço, tive tempo para tentar entender que diabos estava acontecendo comigo. Por que eu apenas não saí de perto do Madoc? Foi divertido chutá-lo no saco? Sim. Mas ultimamente estava perdendo o controle e talvez estivesse levando o conselho de vingança de K.C. muito ao pé da letra.

– Oi, Jackie Chan! – Maci Feldman, uma colega da aula de Política do último ano, sentou-se ao meu lado. Ela imediatamente colocou a mão dentro da bolsa, pegou um gloss rosa cheio de purpurina e passou nos lábios, me olhando feliz.

– Jackie Chan? – Arqueando as sobrancelhas, tirei um caderno novo da bolsa.

– Esse é um de seus novos apelidos. Os outros são Supermina e Esmaga-bolas. Gosto de Jackie Chan. – Ela pressionou os lábios e jogou o gloss dentro da bolsa.

– Gosto de Supermina – murmurei, enquanto o Senhor Brimeyer entregava o programa junto a um questionário.

Maci sussurrou:

– Sabe, muitas garotas gostaram daquela cena lá no refeitório. O Madoc dormiu com metade da turma do último ano, sem falar das novatas, então ele mereceu o que recebeu.

Sem saber o que responder, apenas concordei. Não estava acostumada a ter pessoas me apoiando. Minhas reações aos comportamentos grotescos de Jared e Madoc podem ter mudado, mas minha meta de continuar com a cabeça focada na escola continuava a mesma. O primeiro dia de aula já estava repleto de comoção. Se eu tivesse mantido minha cabeça baixa, teria conseguido passar a maior parte do tempo despercebida. Mas era quase como se eu não tivesse mais vontade de ficar em silêncio e minhas ações indicassem que eu procurava mais confusão. *O que estava fazendo? E por que não estava parando?*



Depois da escola, me atualizei com Madame Lyon e, com isso, consegui esquecer os eventos do dia por alguns momentos. Ela agora queria que eu falasse o tempo todo em francês e me irritava o fato de que o alemão que aprendera durante o verão me confundia. Eu ficava dizendo coisas como “*Ich bin bien*” ao invés de “*Je suis très bien*” e “*Danke*” ao invés de “*Merci*”. Mas rimos disso e não demorou muito até eu conseguir me acostumar de novo.

A treinadora Robinson queria que a gente chegasse na arquibancada às três horas, então corri para me trocar para o treino de *cross-country*. Depois de um ano longe, minha vaga na equipe não existia mais, e eu tinha o intuito de consegui-la de volta.

– Você já foi castigada pelo que aconteceu no almoço? – Jess Cullen, nossa atual capitã, me questionou enquanto íamos para o vestiário depois do treino.

– Ainda não. Mas tenho certeza de que amanhã serei. Espero que o diretor seja bonzinho comigo. Nunca me meti em confusão antes – respondi, com esperança.

– Não, perguntei pensando no Madoc. Não precisa se preocupar com o diretor. O Jared cuidou disso. – Ela olhou para mim enquanto passávamos pelo corredor em direção aos nossos armários.

Congelei.

– Como assim?

Ela abriu a porta do armário e parou para sorrir para mim.

– O Sr. Sweeney chegou logo depois que você saiu do refeitório, perguntando o que tinha acontecido. Jared foi até ele e falou que o Madoc tinha escorregado e caído em uma mesa ou em uma cadeira... ou em alguma coisa do tipo – riu Jess.

Não consegui me controlar também. Era muito ridículo.

– Escorregou e caiu em uma mesa? E o Sr. Sweeney acreditou nele?

– Bom, provavelmente não, mas todo mundo o acobertou, então o Sr. Sweeney não pode falar muita coisa sobre isso. – Ela começou a balançar a cabeça, sem acreditar. – E quando o Madoc finalmente se recuperou, ele também concordou com a história.

Não, não, não. Eles não me salvaram!

Desmoronando, sentei no banco do meio do corredor e coloquei a cabeça nas mãos.

– O que foi? Isso é bom. – Ela se sentou ao meu lado e começou a tirar os sapatos e as meias.

– Não, acho que eu preferia estar ferrada com o diretor do que ter uma dívida com esses idiotas. – Eles não teriam dado cobertura para mim se não quisessem me castigar.

– Mas você não vai se inscrever para a Columbia? Acho que eles não se interessam por mentes científicas, jovens e brilhantes que curtem agredir garotos. Eu acho que qualquer coisa é provavelmente melhor do que esse episódio no seu histórico.

Ela levantou depois que acabou de se despir, e seguiu até o chuveiro com a toalha. Fiquei ali por mais alguns minutos, pensando no que ela disse. Ela estava certa. Muita coisa podia acontecer comigo se eu continuasse no caminho certo. Minhas notas eram ótimas, era fluente em francês, já tinha bagagem de um ano no exterior e um monte de atividades extracurriculares dignas de nota. Podia aguentar qualquer truque que Jared estivesse escondendo por baixo da manga.

Meu primeiro dia na Shelburne Falls High School foi mais tumultuado do que eu gostaria, mas fui vista de um modo positivo. Acho que vou conseguir sair no último ano com algumas boas recordações, como o meu retorno e o baile de formatura.

Peguei a toalha e fui até os chuveiros.

A água quente caía pelas minhas costas e me relaxava com uma sensação de conforto e de estar curtindo algo completamente prazeroso, depois do treino que nos foi passado. Acabei ficando debaixo da pressão revigorante do chuveiro um pouco mais do que as outras meninas. Meus músculos estavam exaustos.

Depois de sair enrolada na toalha, juntei-me às outras meninas no vestiário, que já estavam indo secar o cabelo, quase prontas.

– Saíam. Tatum fica.

Levantei a cabeça ao escutar a voz masculina e uma respiração ofegante. Vi Jared... que estava dentro do vestiário *feminino*! Agarrei a toalha, que ainda estava enrolada no meu corpo, e a apertei ainda mais, freneticamente procurando pela treinadora.

Um frio percorreu meu corpo. Ele me encarava enquanto conversava com as outras meninas e fiquei enojada ao perceber como todas saíram correndo, deixando-me sozinha com um garoto que não tinha nenhum direito de estar ali.

– Está de brincadeira com a minha cara?! – lancei para ele, enquanto eu me afastava de seus passos, que se aproximavam de mim.

– Tatum – ele não usava meu apelido *Tate* desde que éramos crianças. – Queria ter certeza de que teria sua atenção. Tenho? – Ele parecia tranquilo, seus lindos olhos me encaravam, me fazendo sentir como se não houvesse mais ninguém no mundo além de nós.

– Fale logo o que quer. Estou nua e prestes a berrar. Isso já foi muito longe, mesmo pra você! – Parei de me afastar, mas a frustração ficava evidente à medida que minha voz aumentava e minha respiração acelerava. Ponto para Jared. Ele tinha me surpreendido e agora eu estava completamente vulnerável. Sem fuga... sem roupas.

Segurei firmemente a toalha na altura dos meus seios com uma mão e me abracei com a outra. Todas minhas partes íntimas estavam cobertas, mas a toalha levantava logo abaixo do meu bumbum, deixando minhas pernas expostas. Jared estreitou o olhar para mim antes que seus olhos começassem a descer... e descer ainda mais. Minha cabeça girava e meu rosto corava conforme ele continuava me admirando. Suas táticas de intimidação eram excelentes.

Nenhum sorriso acompanhou sua violação. Ele não me olhou com desejo como Madoc. Seu olhar perambulante relutava, como se fosse involuntário. Seu peito arquejava levemente e sua respiração estava mais pesada. Meu corpo estava formigando e fiquei puta por outra sensação se manifestar entre minhas pernas.

Depois de alguns minutos, seu olhar encontrou o meu. Os cantos de sua boca se levantaram.

– Você sabotou minha festa na semana passada. E agrediu meu amigo. Duas vezes. Você está realmente tentando impor seu espaço nesta escola, Tatum?

– Já passou da hora, não acha? – Surpreendentemente, não pisquei.

– Acho o oposto – disse ele, apoiando o ombro no armário e cruzando os braços. – Já arranjei passatempos melhores do que ficar te zoando, pode acreditar. Foi um ano pacífico sem a sua cara convencida, uma cara de quem se acha muito superior a todas as outras pessoas nestes corredores.

Seu tom provocativo não era nada diferente, mas o que ele disse me doeu e eu acabei rangendo os dentes.

Zombei dele, fingindo preocupação.

– O grande Jared fodão está se sentindo ameaçado? – *Caramba, o que estou fazendo?* Tenho uma desculpa. Ele estava me

confrontando. Eu devia estar tentando dialogar. Por que eu não tentei conversar com ele?

Em um instante, ele saiu de perto dos armários e invadiu meu espaço. Ao andar de encontro a mim, ele colocou as mãos nas portas dos armários em ambos os lados da minha cabeça e me encarou. De repente, me esqueci de respirar.

– Não me toque. – Era para ter sido um grito, mas saiu apenas um sussurro. Mesmo olhando para o chão, podia sentir o calor de seu olhar me atacando enquanto ele pairava. Cada nervo do meu corpo estava em alerta com sua aproximação, e cada pelinho no meu corpo estava em pé.

Jared mexeu a cabeça de um lado para o outro tentando conseguir minha atenção, seus lábios a poucos centímetros do meu rosto.

– Se um dia eu encostar as mãos em você – disse, com uma voz baixa e rouca –, você vai querer. – Ele aproximou ainda mais os lábios. O calor de sua respiração cobriu meu rosto. – O que acha? Você quer?

Olhei em seus olhos e o cheirei. Ia dizer algo, mas esqueci completamente quando sua fragrância invadiu meu nariz. Adorava quando os homens usavam perfume, mas Jared não usava nada. Bom. Maravilhoso. O idiota tinha um cheiro natural de sabonete. Gostoso, delicioso, almiscarado.

Merda, Tate! Toma jeito.

Seus olhos semicerrados vacilaram enquanto eu mantinha o contato visual.

– Estou entediada – finalmente disse. – Você vai me dizer logo o que quer ou vai ficar enrolando?

– Sabe de uma coisa? – olhou ele, curioso. – Sabe essa nova atitude que está tomando depois que voltou? Me surpreendeu. Você costumava ser um alvo bem fácil. Você só corria ou chorava. Agora está com um instinto de luta. Estava determinado a te deixar em paz este ano. Mas agora... – Ele diminuiu o tom de voz.

– O que vai fazer? Colocar o pé no meu caminho para que eu tropece e caia na sala de aula? Vai jogar suco de laranja na minha camiseta? Vai espalhar boatos sobre mim para que eu não consiga

sair com nenhum garoto? Ou talvez você vá aprimorar o seu jogo fazendo bullying virtual. – Isso não era uma piada e imediatamente me arrependi de ter lhe dado a ideia. – Você realmente acha que isso tudo ainda me incomoda? Você não me assusta mais.

Eu devia parar de falar. Por que não conseguia parar de falar?

Ele me analisou enquanto eu tentava controlar meu temperamento. Por que ele sempre parecia tão calmo, tão indiferente? Ele nunca gritava ou perdia a paciência. Ele estava com o humor sob controle, enquanto meu sangue fervia a ponto de eu sentir que poderia ter outro *round* com Madoc.

Meus olhos ficaram na mesma altura de sua boca conforme ele se inclinou lentamente. Um de seus braços se esticava sobre minha cabeça, relaxando nos armários para trazer seu rosto a um centímetro do meu. Um sorriso sensual apareceu em seus lábios e eu estava tendo dificuldades para desviar o olhar de sua boca.

– Você acha que é forte o bastante para me confrontar? – Seu sussurro calmo e devagar acariciou meu rosto. Se não fosse por suas palavras desafiadoras, seu tom de voz poderia ter me acalmado... ou algo assim.

Eu devia ter me afastado, mas queria parecer confiante mantendo minha posição. Podia dar o troco na mesma moeda. Pelo menos achava que poderia.

– Tá valendo. – Meu olhar encontrou o dele e o difícil desafio foi lançado.

– Tatum Brandt! – Abalada pelo transe estranho que Jared criara, olhei para cima e vi a treinadora e metade da equipe no final da fileira nos encarando.

– Treinadora! – Sei que devia dizer algo, mas nenhuma palavra saiu. O horror se instalou em minha mente e me fez de refém, enquanto eu tentava procurar por uma explicação. Jared estava inclinado sobre mim, falando intimamente. Não tinha como parecer algo bom. Algumas meninas pegaram o celular, e me encolhi ao escutar o som de fotos sendo tiradas. *Não!*

Droga!

– Vocês podem fazer isso em outro lugar – a treinadora falou comigo, mas depois olhou para Jared. – Senhor Trent? Saia! – ela

disse entredentes, e as garotas ao seu redor ficaram em pé rindo por trás das mãos. Ninguém desgrudou os olhos.

Jared me atacou com um sorriso de satisfação antes de sair do vestiário, piscando para algumas garotas que babavam na saída.

Voltando à realidade, meus olhos se ampliaram. Ele tinha planejado isso!

– Treinadora... – comecei e apertei a toalha mais forte.

– Meninas – interrompeu a treinadora –, vão para casa. Nos vemos na quarta-feira. Tate? Te vejo na minha sala antes de ir embora. Vista-se.

– Sim, senhora. – Minha pulsação martelava dentro dos ouvidos. Nunca estive em apuros, pelo menos não na escola. Vesti-me rapidamente, preendi meu cabelo em um coque e saí voando em direção à sala da treinadora. Apenas alguns minutos tinham se passado, mas presumi que aquelas fotos já estariam na internet. Sequei o suor da testa e engoli a bile que estava subindo pela garganta.

Jared tinha jogado baixo – muito baixo – dessa vez. Voltei para a cidade preparada para outro ano de irritações e humilhações, mas meus ossos tremeram ao pensar no tom de nossa discussão. Antes eram somente boatos, mas agora havia testemunhas e evidências do nosso encontro.

Amanhã, metade da escola teria alguma versão para o que estava acontecendo naquelas fotos. Se eu tivesse sorte, diriam que eu tinha me jogado para cima dele. Se eu não tivesse sorte, o boato seria mais sórdido.

Jess estava saindo da sala da treinadora quando eu ia naquela direção.

– Ei. – Ela me parou. – Falei com a treinadora. Ela sabe que o Jared armou uma cilada para você lá... que ele não foi convidado. Desculpa ter te abandonado lá.

– Obrigada. – Um alívio me inundou. Pelo menos minha barra estava limpa com a treinadora.

– Não tem problema. Apenas não diga para ninguém, por favor, que eu te defendi. Se ficarem sabendo que eu meti o Jared numa confusão, não vai terminar nada bem – explicou Jess.

– Você tem medo dele? – Jared tinha muito poder naquela escola.

– Não. – Ela balançou a cabeça. – O Jared é legal. Quando provocado ele se torna um idiota, mas nunca foi uma preocupação minha. Honestamente, parece que você é a única pessoa que ele quer destruir, falando metaforicamente, é claro. – Os olhos estreitados de Jess me fizeram pensar que ela estava imaginando algo.

– É, bem. Que sorte a minha.

– O Jared é importante aqui, então não quero que fiquem no meu pé por ter dedurado ele. – Suas sobrancelhas se levantaram enquanto esperava minha compreensão.

Concordei, pensando que diabos Jared tinha feito para merecer a lealdade de alguém.

CAPÍTULO 7



Os murmurinhos diminuíram nos dias seguintes.

Algumas pessoas ficaram sabendo que Jared e eu estávamos no vestiário, transando. Outras acreditavam que eu o tinha convidado, tentando seduzi-lo. Algumas pensavam que ele tinha entrado para me ameaçar depois do que houve com Madoc. Não importava em qual história as pessoas acreditavam, eu estava recebendo mais olhares e escutando mais sussurros pelas costas.

– Ei, Tate. Você apenas transa no vestiário ou também faz sexo oral? – gritou Hannah Forrest, a abelha-rainha das meninas malvadas, pelas minhas costas a caminho da aula de Cálculo. Suas lacaias riram junto.

Virei-me para encará-las e levei a mão ao coração.

– E roubar todo o seu negócio? – Aproveitei para curtir as expressões chocadas antes de dar meia-volta e seguir em frente.

Conforme desaparecia ao me virar, o barulho dos xingamentos dela e de sua equipe trouxeram um sorriso ao meu rosto. Já tinha sido chamada de vaca antes, mas não me ofendia tanto quanto ser chamada de vagabunda. Ser uma vaca podia ser uma técnica de sobrevivência. Elas são respeitadas. Não havia honra quando as pessoas achavam que você era uma vagabunda.

Acho que Jared não recebeu uma punição muito severa por ter entrado no vestiário feminino, já que estava na escola todos os dias.

Ele não me olhou ou me notou, apesar de estarmos na mesma turma. Fui dispensada das aulas de Informática à tarde, pois terminei a grade do último ano lá na França, por isso fui transferida para Cultura em Filmes e Literatura sem saber que ele estava na mesma sala. As matérias eletivas deviam ser aulas prazerosas, cheias de filmes e livros.

– Tate, você tem uma caneta sobrando pra me emprestar? – perguntou Ben Jamison assim que nos sentamos em nossos lugares. Ele, graças a Deus, continuou amigável e respeitoso na aula de Francês, apesar das fofocas recentes, e fiquei aliviada por ter uma distração de Jared nesta classe.

– Hmm... – Coloquei a mão dentro da bolsa, procurando. – Acho que sim. Aqui está. – Ben me presenteou com um sorriso radiante que destacava seu cabelo louro-escuro e seus olhos verdes. Nossos dedos se tocaram e eu me afastei rapidamente, deixando a caneta cair antes de ele conseguir pegá-la.

Não sei porque me afastei, mas senti em minha nuca os olhos de Jared me medindo.

– Não, deixa comigo. – Ele me interrompeu quando eu ia me abaixar para pegá-la. – Não esquece de me pedir de volta no fim da aula.

– Pode ficar com ela. – Acenei no ar. – Estou com um bom estoque. Uso mais lápis, mesmo. Preciso para as minhas aulas de Ciências e Matemática. Principalmente comigo... muita coisa pra apagar. – Estava tentando agir com humildade, mas acabei soltando uma diarreia verbal em vez disso.

– Ah, é verdade. Esqueci que você se liga nessas coisas. – Ele provavelmente não esqueceu. Com certeza, não estava entendendo nada. Minhas narinas dilataram ao me lembrar de todo o dano que Jared já tinha causado. Ele era o responsável pela falta de interesse dos outros meninos em mim.

– Estou tentando entrar na Columbia, no cursinho preparatório para Medicina. E você? – perguntei. Esperava não ter soado arrogante, mas não me sentia insegura com Ben. A família dele tinha um jornal e seu avô era juiz. Ele, provavelmente, também se candidataria para as escolas mais prestigiadas.

– Estou tentando alguns lugares. Mas não vou seguir para a área de Matemática ou Ciências. Vou fazer Administração.

– Bom, espero que você goste um pouco de matemática. Administração está ligada a economia, sabia? – apontei. Seus olhos se ampliaram e percebi que ele não sabia.

– Ah, é. – Ele parecia confuso, mas se recuperou rapidamente. – Com certeza. Se não for muita coisa. – Ele sorriu, nervoso, enquanto eu registrava um risinho vindo por trás de mim.

– Então... – tentei mudar de assunto. – Você está no comitê do Baile de Retorno, certo?

– Sim. Você vai? – Ben parecia empolgado.

– Ainda estou vendo. Você contratou uma banda ou será um DJ? – *Banda. Banda. Banda.*

– Uma banda seria demais, mas eles costumam tocar só um tipo de música, então fica difícil conseguir agradar todo mundo. Teremos um DJ. Acho que foi o que todos decidiram. Ele vai manter a festa agitada misturando pop, country... – Ele deu um sorriso, diminuindo o tom de voz, enquanto eu lutava para continuar com uma expressão feliz.

– Ah... pop e country? Não tem como errar. – Murchei por dentro ao perceber outro risinho pelas costas, só que dessa vez mais alto. Sem vontade alguma de deixar passar despercebido como da última vez, observei novamente Jared, que estava olhando para baixo, mexendo no celular. Mas vi seus lábios se levantarem e sabia que sua diversão foi provocada pela minha conversa com Ben.

Idiota.

Jared sabia que eu odiava country e não tinha muita paciência com pop. Igual a ele.

– Então você gosta de pop e country? – Voltei minha atenção para Ben. *Por favor, diga que não. Por favor, diga que não.*

– Gosto mais de country.

Eita, pior ainda.

Matemática e Ciências? Negativo. Gostos musicais? Negativo. Ok, último esforço desesperado para encontrar algo em comum com o cara que sentaria ao meu lado durante duas aulas neste semestre. A professora chegaria em breve.

– Sabe, fiquei sabendo que vamos assistir *O sexto sentido* neste semestre. Já assistiu? – Meu telefone tocou notificando uma mensagem, mas eu o silencieei e joguei dentro da bolsa.

– Ah, claro que sim. Mas já faz um tempão. Não entendi. Não sou muito fã desses filmes que misturam suspense e terror. Gosto de comédias. Quem sabe a professora nos deixe assistir *Borat*. – Ele arqueou as sobrancelhas como provocação.

– Ei, Jamison? – Jared falou de repente atrás de nós, com um tom excessivamente educado. – Se você gosta do Bruce Willis, uma boa dica é *Corpo fechado*. Você devia assistir... sabe, se quiser mudar sua opinião sobre filmes de suspense.

Minha carteira passou a ter a vista mais interessante. Não quis me virar para dar de cara com Jared. Fiquei sem palavras ao perceber que ele se lembrou do meu gosto por filmes.

Ben se virou na carteira e respondeu:

– Claro, vou tentar me lembrar disso. Obrigado. – Ele se virou novamente e abriu um sorriso para mim.

Jared era muito cara de pau. Queria que eu soubesse que ele lembrava que o Bruce Willis era meu ator favorito. Assistimos a *Duro de matar* um dia quando meu pai não estava em casa, já que ele não me deixava ver por causa dos palavrões. Jared sabia muita coisa sobre mim, e isso me magoava. Ele não tinha direito algum de usar isso contra mim.

– Ok, turma – a Sra. Penley falou alto, segurando uma pilha de papéis. – Além da apostila que vou distribuir, Trevor vai lhes dar o modelo de uma bússola. Escrevam o nome de vocês na parte de cima, mas deixem as áreas ao redor do Norte, Leste, Sul e Oeste em branco.

Pegamos os papéis e deixamos a lista da Sra. Penley de lado para seguir as instruções da bússola. Começar a aula com uma atividade me deixou aliviada. A angustiante pressão do olhar que sentia por cima da minha nuca me distraía, para dizer o mínimo.

– Muito bem. – A Professora Penley bateu palmas. – As apostilas que dei para vocês contêm listas de filmes com monólogos importantes. Como já havíamos começado a debater sobre monólogos e a importância deles na aula de Filmes e Literatura,

quero que comecem a fazer uma pesquisa sobre alguns desses. Na aula de amanhã, vamos conversar sobre o primeiro projeto que farão para apresentar um monólogo à turma.

Apresentação individual. Droga! Recitar um monólogo. Droga, droga!

– Além disso – continuou a Sra. Penley –, vocês terão que formar duplas com pessoas diferentes em diversos debates este ano. E vão descobrir com quem farão a dupla com base nesta bússola. Terão cinco minutos para circular pela sala de aula à procura de parceiros para seu Norte, Sul, Leste e Oeste. Quem for escolhido para preencher o seu Norte, por exemplo, também colocará você como o Norte dele, e assim por diante. É meio infantil, mas vai ajudar a misturar um pouco a turma.

De vez em quando era legal fazer trabalho em grupo, mas eu preferia trabalhar sozinha. Torcia constantemente o nariz ao pensar no comando “Formem duplas!” este ano. Palavras horríveis.

– Comecem! – gritou a professora. O chiado de carteiras se arrastando no chão preencheu a sala. Ao pegar meu papel e lápis, comecei a procurar por alguém que ainda não estivesse com um par. Eu via ao redor os outros anotando rapidamente os nomes, enquanto eu ainda não tinha nem começado.

Ben sorriu e acenou para mim, então fui até ele e trocamos nomes no Leste. Observando os locais em branco nos papéis dos outros alunos, pude garantir Oeste e Sul com outras duas meninas.

Preciso de um Norte, cantei mentalmente enquanto procurava por outro parceiro. Quase todos correram para seus lugares quando os cinco minutos finais se aproximavam. Olhei para Jared, que acho que nem ousou sair de seu lugar. Provavelmente, todos correram até ele.

Esta era a parte do colégio que eu odiava. A sensação de vazio na barriga me lembrou de todos os momentos constrangedores, antes da França, em que fui deixada de lado. O primário tinha sido fácil. Tinha amigos e nunca me senti sozinha nessas situações. O ensino médio me deixou menos confiante e mais introvertida.

Ainda faltava um parceiro para mim e, mais uma vez, eu seria a aluna sem par. Cansada dessa sensação, depois de ter sido acolhida

na França durante um ano, resolvi tomar uma atitude.

– Sra. Penley, estou sem um Norte. Tem algum problema se eu fizer a três com outras duas pessoas?

Risos desdenhosos soaram pela sala, e ouvi alguns alunos sussurrando baixinho. Sabia que tinha caído numa armadilha.

– Ei, Tate. Eu faço a três com você. Minha bússola sempre aponta para o Norte. – Nate Dietrich deu um soquinho em seu parceiro enquanto os outros riam de novo.

Surpreendendo a mim mesma, revidei:

– Obrigada, mas acho que sua mão direita vai ficar com ciúmes. – A classe toda começou a gritar *olé* e a vaiar.

Foi muito fácil. Usando alguns gracejos infantis hoje, consegui ganhar novamente algum tipo de respeito dos meus colegas de classe. Quem adivinharia? Um orgulho bateu em mim e tive que refreá-lo com um sorriso.

– Alguém precisa de um Norte? – A Sra. Penley interrompeu os comentários antes que Nate pudesse revidar com outra coisa.

O restante da classe estava sentado, o que significava que já tinham conseguido seus parceiros. Continuei prestando atenção na Sra. Penley, esperando que ela me dissesse para encontrar um grupo para fazer a três.

– Ela pode ser meu Norte. – A formidável voz de Jared me atingiu por trás, fazendo com que os pelos das minhas costas se arrepiassem.

A professora olhou com expectativa para mim. Isso não podia estar acontecendo. Por que ele não levantou a bunda da carteira e procurou por outro Norte como todo mundo?

– Bom, Tate. Vá em frente, então – a Sra. Penley me encorajou.

Ao me virar, voltei ao meu lugar praticamente bufando, sem poupar o meu Norte de uma olhada, e entalhei JARED na minha folha... e acho que, acidentalmente, na minha carteira também.

CAPÍTULO 8



– E aí, quando você volta pra casa? – Já tinha acabado meu dever de Cálculo e o livro de Política estava no meu colo enquanto eu conversava com meu pai por vídeo.

– Estarei em casa até o dia 22, com certeza.

Ainda seriam mais de três meses longe. A volta do meu pai seria agradável. Os dias eram solitários sem ele ao meu lado para contar as novidades, e depois que minha mãe faleceu devido a um câncer, nossa casa ficou ainda mais vazia sem ele por perto. K.C. e eu passáramos um tempo juntas, mas ela tinha namorado. Eu estava fazendo mais amigos na escola, apesar das últimas providências que Jared tomara para acabar com a minha reputação, mas decidi ficar em casa neste fim de semana e me concentrar no planejamento da Feira de Ciências. Ainda tinha que decidir o tema da minha pesquisa.

– Não vejo a hora. Preciso de um cozinheiro decente aqui – reclamei, levantando minha tigela quente de sopa de tomate. Por mais leve que a janta fosse, o calor abrandava meu corpo. Meus membros ainda estavam se ajustando aos treinos de *cross-country*.

– Essa não é sua janta, né?

– É – falei com um tom de voz do tipo “dã”.

– E cadê os legumes, grãos e laticínios?

Xi, lá vamos nós.

– Os tomates na sopa são os legumes, também coloquei leite na sopa e vou fazer um queijo grelhado para acompanhar, se isso te deixa feliz. – Meu ar brincalhão dizia para meu pai “viu, sou mais esperta do que pareço”.

– Na verdade, tomates são frutas – ele respondeu de uma forma maçante, me tirando do pedestal.

Rindo, abaixei a tigela e peguei um lápis para continuar meu esboço de uma redação para a qual fomos designados sobre Henry Kissinger.

– Não se preocupe, pai. Estou comendo bem. Fiquei com vontade de sopa esta noite.

– Tudo bem, vou me controlar. Fico preocupado. Você herdou meus hábitos alimentares. Sua mãe ficaria enlouquecida se visse as coisas que deixo você comer. – Ele franziu o cenho. Eu sabia que ele ainda sentia falta da mamãe como se tudo tivesse acontecido ontem. Nós dois nos sentíamos assim.

Depois de um instante, ele continuou:

– Você já pagou todas as contas de agosto, certo? E ainda tem bastante dinheiro na conta, né?

– Não gastei toda a minha poupança em uma semana. Está tudo sob controle. – Ele fazia isso toda vez que conversávamos. Eu tinha acesso completo ao seguro de vida que minha mãe me deixou, e ele sempre me perguntava se ainda tinha sobrado dinheiro. Ele agia como se eu fosse gastar toda minha poupança da faculdade sem ele saber, e era muito esperto. Talvez ele se sentisse um bom pai fazendo isso, mesmo estando tão longe.

Meu telefone vibrou com uma mensagem de texto, então peguei-o no criado-mudo.

Chego em 5 min.

– Hã... pai? Esqueci que a K.C. está vindo pra cá. Posso te dispensar?

– É claro, mas vou sair amanhã e ficarei fora por mais ou menos um dia. Vou pegar o trem para Nuremberg para visitar alguns lugares. Quero conversar contigo de manhã antes de sair, e saber

tudo sobre o projeto que você está preparando para a Feira de Ciências.

Oh, merda. Não tinha preparado nada, ainda, porque sequer decidi o que fazer.

– Tudo bem, pai – murmurei, deixando para falar sobre isso no dia seguinte. – Me liga às sete?

– Conversamos amanhã, querida. Tchau. – E então ele sumiu.

Ao fechar o notebook e jogar o livro na cama, fui até as portas francesas e as abri por completo. A semana de aulas tinha acabado há três horas, mas o sol ainda reluzia radiante na vizinhança. As folhas da árvore do quintal voavam com a brisa sutil e algumas nuvens pequenas borrifavam o céu.

Ao me virar, tirei as roupas da escola e vesti uma bermuda de pijama xadrez, com uma camiseta branca e cinza de manga raglã. Soltei um suspiro excessivamente dramático. *É claro que eu estaria de pijama às seis da tarde de uma noite de sexta-feira.*

Escutei a campainha tocar lá embaixo e corri para abrir a porta.

– Oi! – respirou K.C., entrando em casa com os braços cheios de coisas. *Que merda é essa?* Íamos apenas fazer o meu cabelo, não uma transformação.

Meus olhos lacrimejaram ao sentir o perfume dela.

– Que perfume é esse que você está usando?

– Ah, é novo. Chama-se Secret. Gostou?

– Amei. – *Não empreste para mim.*

– Vamos pro seu quarto. Quero estar perto do banheiro enquanto fazemos isso.

K.C. insistiu em vir pra cá para fazer um tratamento capilar com mel que ela leu na *Women's Day*. Ela falou que ele recupera o cabelo que ficou quebradiço pelo sol – que, de acordo com ela, é um perigo, depois de todas as visitas a locais abertos que fiz no verão e dos treinos de *cross-country*.

Tudo bem, eu não me importava, na verdade. Achava que meu cabelo estava bom, mas queria conversar com ela depois dessa primeira semana agitada.

– Posso colocar a cadeira perto da janela? Está entrando uma brisa gostosa. – O mel faria uma sujeira, mas o chão do quarto era

de madeira, então a limpeza seria fácil.

– Sim, claro. Apenas solte seu cabelo e penteie. – Ela me deu uma escova e fiquei em frente à janela, curtindo a noite serena.

– Vou aplicar um pouco de azeite de oliva para afiná-lo e gema de ovo, por causa das proteínas.

– Você é quem manda – aceitei.

Enquanto ela misturava os ingredientes e me trazia uma toalha para proteger minhas roupas, vi Jared tirando o carro da garagem. Meu estômago deu um nó e percebi que meus dentes estavam tão cerrados que pareciam colados.

Sua camiseta preta subiu um pouco quando ele saiu do carro e vestiu o capuz. Ele pegou uma toalha do bolso traseiro de seu jeans e usou-a para soltar alguma coisa por baixo do capuz.

– Está gostando da vista? – A voz de K.C. me fez piscar quando ela apareceu ao meu lado. Olhei rapidamente para o chão.

– Não enche – murmurei.

– Não tem problema. Para um babaca, até que ele é bonito. – Ela começou a molhar meu cabelo com uma garrafa d'água, enquanto passava os dedos nos fios molhados.

– Mas ele continua sendo um babaca – tentei mudar de assunto. – Então, estão muito ruins? As fofocas na escola? – Tinha ficado longe do Facebook, Twitter e do blog secreto da equipe de torcida. Ver fotos minhas enrolada em uma toalha, fotos que todos na cidade provavelmente já tinham visto, só me daria mais vontade de pegar um avião de volta para a França... ou de matar alguém.

K.C. deu de ombros.

– Já estão esquecendo. Ainda falam sobre essa ou aquela história, mas já perdeu os holofotes. Eu te disse, não tem brincadeira ou boato que afaste os garotos este ano. E com esse tratamento capilar, você ficará absolutamente fabulosa. – Não estava vendo seu rosto, mas tinha certeza que ela estava rindo da minha cara... *Absolutamente fabulosa* era um programa inglês que a gente costumava assistir no Comedy Central há alguns anos.

Pensei em dizer para K.C. as coisas que Madoc me contou na festa de Jared, sobre sabotar meus encontros e sobre os boatos. Mas o drama que me acompanhara durante todos os anos era embaraçoso.

Não queria ser aquela amiga que estava sempre em apuros, então tentei agir como se isso não me incomodasse tanto.

Quando ela começou a esfregar a mistura no meu cabelo, meus olhos saíram em disparada para Jared, que agora estava tirando a camisa pela cabeça. Seus braços maravilhosamente torneados me deixaram envergonhada quando ele se virou e vi seu torso esculpido. Minha boca ficou seca e arrepios começaram a irradiar como agulhas por todo o meu corpo.

Era a brisa. Com certeza era a brisa.

– Ah, você consegue ver isso todo dia?

Revirei os olhos.

– Não, eu *tenho* que ver isso todo dia. De qual lado você está mesmo? – Meu lamento era para ser uma piada, mas não tinha certeza se saiu desse jeito.

– O cara não precisa falar comigo para eu olhar. Estou apreciando de longe.

– Você tem o Liam, lembra? – Incomodava-me o fato de ela ficar babando por Jared, mesmo que fosse de brincadeira. Ele era lindo, mas não precisava ficar enfatizando isso como se fosse algo superimportante. Ele tinha um caráter de merda. – E você e o Liam, como estão? – Não tinha cruzado com ele, exceto de passagem, desde que voltara para a escola.

– Ah, estamos bem. Ele preparou o Camaro para o Loop, e tem ido bastante lá ultimamente. Fui uma vez, mas é chato ficar ao lado dele enquanto ele fica a noite toda falando sobre carros. Ele ainda nem corre. Parece que tem uma lista de espera e, mesmo assim, você ainda continua atrás dos carros testados, que têm esse direito, porque são o que o público quer ver.

Odiava perguntar isso, mas acabei falando de qualquer jeito.

– Como o Babaca está se saindo lá? – *Por que eu precisava saber disso?*

– Jared? Ele é um dos que não precisam esperar. Ele pode correr quando quiser. De acordo com o Liam, ele costuma estar lá nas noites de sexta ou sábado, mas nunca nas duas.

– Você está passando tempo suficiente com o Liam? – Percebi uma mudança de tom e comportamento quando mencionei ele.

Ela deu de ombros.

– Me sinto mal porque devia me interessar pelos hobbies dele, né? É que se ele não vai correr, me sinto como um papel de parede do lado dele. Não conheço muita gente e não entendo nada de carros.

– Quem sabe se você fosse só de vez em quando? Apoiá-lo uma vez ou outra? – sugeri, conforme o peso da minha cabeça aumentava pela quantidade de mel que ela aplicara.

– Não sei. – K.C. passou por mim até a janela e deu uma espiada.

– Estou achando que devia vir mais vezes pra sua casa.

Dei um chute leve na perna dela.

– Hmm... – Ela devorou Jared com os olhos enquanto voltava para o meu cabelo. – Odeio dizer isso, mas fico pensando em como seria tê-lo.

– K.C., para! Você é minha amiga – adverti.

– Desculpa, tá? É que ele não foi tão ruim assim quando você estava fora. De verdade. Não foi o capeta que costumava ser antes de você partir.

– Como assim?

– Sei lá. Nem sei se teve algo a ver com você. Ele pareceu ficar mal-humorado por um tempo, mas depois melhorou. É que pude conhecê-lo com outros olhos. Antes sempre o via do modo como ele te tratava, que era horrível. – Ela se apressou em acrescentar: – Mas depois que você viajou, ele parecia diferente. Mais humano.

A ideia do Jared atual como humano era incompreensível para mim. Ele era determinado, confiante e severo. Esse era o seu único lado que eu tinha visto desde os catorze anos. Não o via feliz há anos, e, com certeza, achava que ele ficaria contente em ter se livrado de mim por um ano.

Mas por que ficou mal-humorado *depois* que fui embora? Não faz sentido.

Estaria tendo problemas para se divertir sem seu brinquedinho favorito?

Que dó, tadinho.

CAPÍTULO 9



– Droga! – soltei um gemido gutural no meio da escuridão da noite, enquanto olhava para o teto iluminado pelos faróis do carro do vizinho.

Já passava de uma da manhã e o barulho estridente da festa ao lado não diminuía. O travesseiro que coloquei sobre as minhas orelhas para abafar os sons não estava ajudando. Mandar um SMS para K.C., para ela mandar outro para Liam e ele, por sua vez, mandar um para Jared também não ajudou. Ligar para a polícia e fazer uma denúncia uma hora atrás tampouco ajudou.

Quando não era o som alto ou o constante entra e sai de carros turbinados, com seus imprestáveis escapamentos, eram os gritos ou risadas vindas do quintal de Jared. Gosto de música alta, mas uma festa no meio da noite, que deixava a vizinhança toda acordada, tinha que chegar ao fim.

Joguei as cobertas para longe, saí da cama batendo pé e fiquei perto das portas francesas. Toda a casa dele estava iluminada e vibrava com barulho e agitação. Algumas pessoas estavam tropeçando pelo quintal da frente, que estava cheio de copos de bebidas, e outras estavam reunidas no quintal dos fundos, fumando ou curtindo o ofurô.

Ele é tão imbecil! Estava com as mãos no quadril, segurando-o mais forte do que de costume. Que tipo de pessoa não tem um

pingo de respeito pelos outros? Já sei: o cuzão egoísta que mora ao lado. Ia conversar com meu pai por vídeo daqui a seis horas e não ficaria acordada a noite toda porque eles queriam ficar bêbados e chapados.

Foda-se. Calcei meu All-Star roxo e moletom preto e desci as escadas.

Abri a porta da cozinha que dava para a garagem e fui até a bancada de trabalho do meu pai, ainda organizada como havíamos deixado. Peguei o grande alicate torquês da gaveta de ferramentas e o escondi dentro da minha manga direita. Com a mão livre, abri a outra gaveta e peguei um cadeado dos três extras que estavam lá. Coloquei-o dentro do bolso da frente do meu moletom e saí.

Dobrei a esquina da minha casa e andei até os fundos, meu coração acelerando a cada passo dado. Quando achei o buraco que tinha feito na cerca há alguns anos, afastei as plantas que tinham crescido e atravessei. Depois, virei à direita e continuei andando, consegui escutar os festeiros no quintal dos fundos, do outro lado da sebe. Estava a menos de dois metros deles, mas não tinha como me verem.

O quintal dos fundos, como o meu, era rodeado por cercas de madeira nas laterais e altas sebes na parte de trás. Quando cheguei até o outro lado da casa dele, enfiei a mão entre a densa folhagem. Tentei afastar os ramos ao máximo, mas os brotos, que pareciam agulhas, continuavam arranhando e pinicando minhas pernas quando eu me mexia.

A festa estava pegando fogo e havia muita gente aqui. Tinha que ser rápida no que estava prestes a fazer.

Olhando de relance em todas as direções para garantir que cheguei despercebida, corri pela lateral da casa de Jared, até chegar no disjuntor. Passara muito tempo nesta casa quando pequena e, por isso, conseguia enxergar o disjuntor até no escuro. Deslizei o grande alicate da minha manga fina e, usando toda a força que tinha, parti o cabo do cadeado que estava protegendo o painel. Assim que coloquei o cadeado velho dentro do bolso, abri o painel e comecei a desligar os interruptores.

Tentei não prestar atenção no que acontecia dentro da casa, a súbita interrupção da música e da luz, além de vários “que porra está acontecendo?” vindo de diversos lugares. Terminei de desligar os interruptores, tirei o cadeado novo do moletom e coloquei no painel fechado.

Jared não era burro. Assim que percebesse que as outras casas não ficaram sem luz, viria até aqui para checar o disjuntor. Então, caí fora dali. Bem rápido.

Correndo com pernas moles como gelatina e deslizando por baixo da cerca, comecei a ofegar instantaneamente. Uma gota de suor escorregou pelas minhas costas e percebi que queria rir, gritar e vomitar, tudo ao mesmo tempo. Não estava certa de qual lei tinha descumprido, mas sabia que me meteria em encrenca se alguém descobrisse. Minhas pernas latejavam com um calor líquido, deixando meus joelhos frágeis.

A ansiedade de ser pega fez com que meus músculos ficassem tensos desde a minha saída do arbusto até entrar na garagem. Não consegui conter um sorriso de orelha a orelha. Fiquei com medo de ser pega, mas a sensação de ter dado um chute metafórico na bunda dele fez com que eu desse pulinhos de alegria.

E depois disso tudo, não estava mais cansada. *Putá merda, que demais.*

Fugindo à regra, tranquei todas as portas e subi correndo as escadas, dois degraus de cada vez. Fechei a porta do quarto e, com as luzes ainda apagadas, fui até as portas francesas e dei uma espiada lá fora, esperançosa por ver a festa se dispersar. Analisei o quintal da frente e o dos fundos e, felizmente, vi algumas pessoas caminhando até seus carros. Fiz uma careta ao pensar que, talvez, colocar pessoas bêbadas para saírem dirigindo seus carros não tivesse sido uma boa ideia.

Vi um número crescente de pessoas indo até seus carros, e algumas saírem andando pelas ruas até suas casas. Quebrar o cadeado ou chamar um eletricista seriam as únicas saídas de Jared para fazer a luz voltar.

Enquanto eu observava tudo, desde a frente até os fundos, meus olhos rapidamente se direcionaram para a única luz que eu

realmente via. Jared estava na janela de seu quarto segurando uma lanterna e apoiado nos dois lados do batente da janela.

E ele estava me encarando.

Merda!

Minha pulsação acelerou de novo e um calor passou queimando pelo meu corpo. Minhas cortinas pretas transparentes estavam fechadas, mas tinha certeza que ele conseguia me ver. Ele estava com a cabeça virada na minha direção e parado... imóvel.

Tirei o moletom e me joguei na cama. Decidi que negaria qualquer acusação se ele viesse até aqui. *Ou talvez eu não devesse*, pensei. Mas ele também não poderia fazer nada. Talvez eu quisesse que ele soubesse.

Fiquei deitada por uns dois minutos, resistindo à tentação de investigar o que estava acontecendo lá fora. No entanto, não era muito difícil de perceber que a festa estava acabando, já que o som dos motores partindo preenchiam a vizinhança. Uma excitação surgiu por todo o meu corpo, proporcionando-me uma energia que me fez querer pular da cama e começar a dançar.

Sou demais. Sou demais. Cantei para mim mesma.

Mas congelei no meio da música, e quase engasguei com minha própria respiração, ao escutar o som de uma porta batendo bem forte dentro de casa.

Dentro da minha casa!

CAPÍTULO 10



– O quê... – Minhas pernas tremiam muito forte. Eram vibrações ou tremedeira minha?

Saí das cobertas, peguei meu bastão de beisebol debaixo da cama e corri para fora do quarto. Não tinha intenção nenhuma de descer, embora a estúpida tenha deixado a arma lá embaixo. Só precisava dar uma espiada para ver se realmente tinha escutado alguém entrar em casa.

Meu corpo instantaneamente reagiu ao ver Jared entrar sem camisa pelo *hall* e subir as escadas correndo. Ele estava muito puto e parecia querer matar alguém pela maneira como subiu as escadas com tudo, pulando dois degraus de cada vez. Saí em disparada até o quarto, deixando escapar um uivo baixinho enquanto tentava correr até as portas para escapar. Não imaginava qual era o plano de Jared ou se eu devia estar com medo, mas estava. Ele tinha acabado de invadir minha casa e aquilo me assustou pra caramba.

– Ah, não, não faça isso! – Jared explodiu na porta do meu quarto e a maçaneta bateu contra a parede, provavelmente amassando-a.

Não tinha como chegar até as portas a tempo. Virei-me para encará-lo, empunhando o bastão. Jared arrancou-o das minhas mãos antes mesmo de eu balançá-lo.

– Sai daqui! Tá louco? – Comecei a me esquivar dele, tentando alcançar a porta do meu quarto, mas ele barrou a minha passagem.

Vendo seu olhar, fiquei surpresa por ele ainda não estar me estrangulando. Tinha certeza de que ia começar a sair lava pelo nariz dele.

– Você cortou a luz na minha casa. – Suas narinas se abriam enquanto ele me media bem de perto.

– Prove. – Um sapateado começou dentro do meu peito. Não, acho que parecia mais com *pasodoble*.

Ele jogou a cabeça para o lado, dobrando os lábios perigosamente.

– Como você entrou aqui? Vou chamar a polícia! – *De novo*, pensei. Não que tenham me ajudado quando liguei para reclamar do barulho. Será que eles apareceriam se eu fosse assassinada?

– Tenho a chave. – Cada palavra era dita vagarosamente e com tom ameaçador.

– Como você tem a chave da *minha* casa? – Se ele tinha uma chave, não sei se poderia chamar a polícia.

– Você e seu pai ficaram o verão todo na Europa – disse ele, sorrindo. – Quem você acha que pegou as cartas?

Jared recebeu nossas cartas? Quase quis rir. A ironia advinda do fato de ele fazer algo tão comum fez com que meu coração desacelerasse um pouco.

– Seu pai confia em mim – continuou Jared. – Ele não devia.

Pressionei minha mandíbula. Meu pai e minha avó não sabiam muito bem como estava a minha amizade com Jared. Se eles soubessem a que ponto ele chegou, teriam conversado com a mãe dele. Mas eu não era de reclamar, não queria ser resgatada. O fato de Jared ser legal com meu pai mas um monstro comigo me machucava.

– Saia – gritei entredentes.

Ele avançou na minha direção até que fui forçada a encostar nas portas francesas.

– Você é uma vaca intrometida, Tatum. Mantenha o rabo do seu lado da cerca.

– Manter o bairro todo acordado costuma deixar as pessoas irritadas – cuspi de volta.

Cruzei os braços sobre o peito enquanto Jared se escorava na parede com ambas as mãos posicionadas dos lados da minha cabeça. Não sei se foi pela adrenalina ou pela proximidade dele, mas meus nervos estavam à flor da pele. Algo tinha que acontecer.

Olhei para todos os lados, menos em seus olhos. A tatuagem de lampião aceso em seu braço era toda preta e cinza. Gostaria de saber o que significava. Ele estava com o abdômen contraído por causa da tensão – eu pelo menos achava que ele normalmente não podia ser assim tão rígido. A outra tatuagem na lateral do torso era em letra manuscrita e impossível de ler com essa iluminação. Sua pele parecia macia e...

Perdi o fôlego e tentei ignorar a sensação de formigamento dentro de mim. *É melhor apenas olhá-lo nos olhos.* Há um bom tempo não ficávamos tão próximos, mas desde que voltei temos ficado bastante face a face.

Acho que Jared percebeu a mesma coisa, porque seu olhar endureceu e sua respiração ficou acelerada. Ele percorreu o olhar do meu pescoço até a minha camisola, e minha pele queimava em cada lugar que ele olhava.

Concentrando-se novamente e reassumindo sua expressão, ele inspirou fortemente.

– Você é a única que está reclamando. Então por que não cala a boca e me deixa em paz? – Afastando-se da parede, ele se virou para ir embora.

– Deixe a chave – gritei, acostumando-me com essa nova ousadia.

– Sabe de uma coisa. – Ele riu, após respirar, e se virou. – Te subestimei. Você ainda não chorou, né?

– Por causa do boato que você inventou semana passada? De jeito nenhum. – Minha voz estava no mesmo tom, mas um sorriso convencido ameaçava aparecer. Estava me deliciando com nosso confronto e com a percepção de que as coisas entre nós estavam finalmente “chegando a algum lugar”, como K.C. disse. Olhe para nós agora. Jared e eu não ficávamos sozinhos em meu quarto há mais de três anos. Isso era um progresso. É claro, ele não foi convidado, mas isso era apenas um detalhe.

– Fala sério, como se eu tivesse que recorrer a isso. Foram as suas colegas do *cross-country*. E as fotos delas – acrescentou ele. – As pessoas tiraram suas próprias conclusões. – Ele soltou um suspiro e aproximou-se de mim novamente. – Mas estou te deixando entediada. Acho que tenho que melhorar meu jogo. – Ele estava com olhos maliciosos e meus pés se contraíram com vontade de chutá-lo.

Por que ele fazia isso?

– O que eu fiz pra você? – A pergunta que me assombrava há anos acabou saindo com uma voz rouca.

– Não sei por que você acha que já fez algo. Você era pegajosa, e cansei de ficar te aguentando, só isso.

– Isso não é verdade. Eu não era pegajosa. – Estava ficando sem defesa. Eu lembrava muito bem da nossa história, e suas palavras me deixaram com uma enorme vontade de bater nele! Como ele se esqueceu? Quando éramos crianças, a gente passava cada minuto fora da escola juntos. Éramos melhores amigos. Ele me abraçava quando eu chorava por causa da minha mãe e aprendemos a nadar juntos no Lago Geneva. – Você ficava na minha casa tanto quanto eu ficava na sua. Éramos amigos.

– Isso, continua sonhando. – Ele apagou toda a nossa história e amizade, e jogou isso em mim como um tapa na cara.

– Eu te odeio! – gritei para ele com força. Uma dor se instalou dentro de mim.

– Que bom! – gritou ele para mim, me ameaçando. – Até que enfim. Porque faz muito tempo que não aguento mais olhar para você! – Ele bateu a palma da mão na parede perto da minha cabeça, me fazendo pular.

Encolhendo-me, gritei para mim mesma. *O que aconteceu com a gente?* Ele tinha me assustado, mas continuei firme, acreditando que ele não fosse me machucar, pelo menos não fisicamente. Eu sabia disso, certo?

Meu cérebro me mandava correr, sair de perto dele. Ainda bem que nenhuma lágrima caiu, mas a dor que sentia pelas suas palavras fez minha respiração se tornar quase um vômito seco.

Já amei Jared, mas agora sabia, sem dúvida alguma, que o “meu Jared” não existia mais.

Dei um longo suspiro, olhei em seus olhos. Ele parecia procurar pelos meus, provavelmente por lágrimas. *Foda-se ele.*

Olhando de relance, percebi luzes piscando lá fora e me virei para olhar pela janela. Um sorriso pequeno e insolente apareceu no canto da minha boca.

– Ah, olhe. É a polícia. Por que será que eles estão aqui? – Não tinha como Jared não ter entendido minha insinuação sobre a presença dos policiais e de quem os chamou. Acho que eles finalmente vieram atender a minha reclamação de barulho. Ao virar a cabeça para olhá-lo, deleitei-me com sua fúria. Pela expressão em sua cara, era como se alguém tivesse acabado de fazer xixi em seu carro.

Ele levantou o queixo e relaxou a sobrancelha.

– Pode ter certeza que até semana que vem você vai chorar. – Seu sussurro vingativo ressoou pelo quarto.

– Deixe a chave – gritei, enquanto ele saía.

CAPÍTULO 11



No domingo à tarde eu estava deitada, me bronzeando no quintal dos fundos quando K.C. chegou e se estatelou numa cadeira na mesa do terraço.

– Liam está me traindo – revelou ela, chorando. Ela segurava a cabeça enquanto fungava o nariz.

– O quê? – um grito pulou da minha garganta e eu levantei a cabeça. Tomei impulso com um abdominal e fui me sentar perto dela.

– Eu o vi ontem à noite abraçado com outra menina. Parece que ele tem ficado com nós duas ao mesmo tempo. Dá para acreditar? – Ela secou as lágrimas, mas outras mais caíram. Parecia que ela ainda não tinha penteado seu longo cabelo escuro. K.C. sempre se vestia para chamar a atenção e nunca saía de casa sem ter arrumado o cabelo e passado maquiagem. Manchas vermelhas cobriam seu rosto, então percebi que ela estava chorando há um tempo. Provavelmente a noite toda.

– O que você viu exatamente? – perguntei, fazendo movimentos circulares em suas costas.

– Bem – disse ela, secando as lágrimas e recuperando o fôlego –, fui pro Loop e ele estava lá. Jared disse que ele ia correr ontem à noite, então apareci pra fazer uma surpresa...

– Espera, o quê? O Jared? – confusa, interrompi-a. – Como assim? Você conversou com ele? – Não via Jared há dois dias. Ele e K.C. quase nem eram amigos. *Que diabos estava acontecendo?*

– Sim... não – ela respondeu vagamente. – Acabei encontrando ele ontem no trabalho. Eu estava no cinema, e ele foi lá assistir um filme. Ele mencionou que ontem à noite o Liam tinha conseguido uma vaga na corrida e que adoraria me dar uma carona para fazer uma surpresa pra ele.

Caramba! Como ela conseguia ser tão ingênua?

– Você não achou isso um pouco conveniente demais?

– Tate, como assim? – Ela parecia confusa. Tirou um lenço da bolsa e começou a assoar o nariz. Rapidamente me senti mal por ter tirado Liam do foco da conversa para colocar Jared no lugar. Mas não podia deixar passar.

– Jared, agindo como o cavalheiro que é, te ofereceu uma carona para você *fazer uma surpresa* para o seu namorado, o qual você convenientemente descobriu que está te traindo. K.C., Jared sabia o que o Liam estava aprontando. – Tenho certeza de que os homens têm tipo um código que diz que não devem meter seus amigos em apuros com as namoradas. Então, por que Jared faria isso?

Parecendo intrigada e confusa, K.C. jogou o lenço na mesa.

– Tudo bem, mas isso não muda o fato de que o Liam foi infiel. Tipo assim, honestamente, o Jared parecia tão chocado quanto eu. Ele foi muito gentil comigo.

É claro que foi. Jared fez com que Liam e K.C. terminassem, o que era algo bom, mas suas ações não foram motivadas por bondade do coração. Ele definitivamente não estava protegendo K.C. Mas qual era seu objetivo?

– Certo – ofereci –, mas como você pode ter certeza que o Liam te traía regularmente? Você conversou com ele?

– Sim – ela quase sussurrou. – Saí do carro do Jared. Ele tinha me levado, já que só rola entrar se você tiver sido convidada, então demos umas voltas para procurar pelo Liam. Eu o vi encostado no carro com uma garota supersexy que estava usando umas roupas de vadia. Eles estavam se beijando e ele passava a mão nela. Não podia ser outra coisa. – Seu queixo começou a oscilar e seus olhos

se encheram de lágrimas de novo, então enfiei a mão na bolsa dela para pegar mais lenços.

Ela continuou:

– Apareci lá e aquela garota jogou na minha cara que eles estavam ficando há meses! Meses! Que nojo. Perdi minha virgindade com aquele cara, e agora tenho que ir ao médico pra checar se não tenho nenhuma DST. – Ela continuou chorando, segurei sua mão enquanto ela se acabava.

Liam sempre me respeitou muito, mas fiquei triste por K.C. Que idiota! Todos nós saíamos juntos durante anos, e havia apenas algumas pessoas nesta cidade que eu podia chamar de amigo. Agora ele tinha se tornado mais uma pessoa em quem eu não podia confiar. Estava de saco cheio das pessoas, mas K.C. não estava, e eu odiava vê-la magoada. Ela foi pega totalmente de surpresa.

Porém, eu podia afirmar duas coisas com segurança: Jared provavelmente sabia que Liam estava traindo há um tempo, mas não interferiu até agora e o término de K.C. com Liam cumpriu seu objetivo de tentar me antagonizar.

– Bom, odeio ter que te fazer uma pergunta boba, mas como foi a corrida? O Liam ganhou? – *Ele provavelmente não correu. Outra parte do plano de Jared para levá-la até o Loop.*

– Ficamos lá por um tempo, mas quem correu foi o Jared, não o Liam.

É lógico.

– Como assim? Seria legal você ver o cuzão chegando em último lugar. – Tentei soar como se estivesse apenas tentando melhorar seu humor, mas o que realmente queria era informação.

– Ah, acabou que ele nem ia correr na noite passada. O Jared entendeu errado. – Ela fez um sinal com a mão para esquecermos.

Total. Armação.

– Mas o Jared falou que vai garantir que o Liam esteja na lista da próxima semana e que ganhará dele por mim. – K.C. soltou uma risadinha, como se isso fosse fazê-la se sentir melhor.

– Você vai ficar bem? – Demora um tempo para se recuperar do fim de um relacionamento de dois anos quando se tem dezessete.

– Tenho certeza que... com o tempo. Jared foi muito atencioso e me trouxe pra casa mais cedo. Acho que ele se sentiu mal por eu ter passado por aquilo. Sério, Tate, mesmo se ele soubesse, ele acabou me fazendo um favor. – Encostada na cadeira, ela puxou outro lenço.

K.C. ficou mais um tempo em casa. Ficamos deitadas sob o sol, tentando nos animar. Ela obviamente precisava aceitar o fato de que perdeu a virgindade e dois anos com aquele canalha, e a minha primeira semana na escola tinha sido péssima.

Ainda não conseguia acreditar que Liam traiu K.C. Se tinha um caso de romance colegial que durou, este seria o de Liam com K.C. Então, por que estava preocupada com o papel de Jared nisso tudo? Estava na cara que K.C. realmente acreditava na honestidade dele, mas eu sabia que ele estava planejando algo. Será que ela daria ouvidos a mim se eu tentasse afastá-la dele?

Depois que K.C. foi embora, voltei para o terraço para limpá-lo e regar as plantas. Adornada com meu biquíni vermelho pequeno que comprei na Europa, mas que só tive coragem de usar dentro de casa, peguei a mangueira e aumentei o volume no dock do meu iPod. “Chalk Outline” começou a tocar bem alto e passei a borrifar as flores e os arbustos.

Meus quadris e ombros balançavam enquanto a minha mente se perdia na música.

Algumas árvores frutíferas decoravam o nosso pequeno terraço dos fundos junto com arbustos e diversas plantas e flores. O chão de pedras e o cheiro das rosas tornavam nosso oásis um grande refúgio. Quando o clima está agradável, meu pai e eu fazemos quase todas as refeições aqui fora e eu costumo ler na rede. Fazer lição de casa não rolava, porque os pássaros, o vento ou cachorros latindo criam uma distração esporádica.

Falando em cachorros...

Latidos de empolgação começaram a soar em cima da música, capturando minha atenção. Estavam próximos, *próximos* como se viessem do vizinho.

Madman!

Eu e Jared encontramos esse Boston Terrier maluco quando tínhamos doze anos. Meu pai nunca estava em casa e minha avó tinha alergia a ele, então Jared o levou para sua casa. O cachorro era doido, mas muito adorável. Demos o nome de Madman. Juro que, de propósito, ele esperava os carros se aproximarem para tentar atravessar a rua. Entrar em briga com cachorros maiores era batata, e ele adorava pular de alturas extraordinárias quando estava empolgado... o que acontecia com frequência.

Fechei a água e andei até a cerca que separava o meu quintal dos fundos da casa de Jared. Apertando os olhos no buraco entre os painéis de madeira, senti como se brilhasse por dentro. Ao ver Madman novamente, meu coração encheu-se de afeto.

Ele fazia aquela coisa que todo cachorro faz de "pular enquanto late" e estava correndo pelo quintal enquanto pulava pra cima e pra baixo. Apesar de ele tecnicamente ser o cachorro de Jared agora, no meu coração este mocinho ainda era metade meu.

Achei um buraco para olhar – ok, xeretar. Jared entrou no meu campo de visão e me encolhi ao lembrar de nosso último encontro. Ele começou a jogar pedacinhos de carne para o Madman pegar. O cão engolia tudo e balançava o rabo, esperando ansiosamente por outro pedaço. O bichinho parecia risonho e bem cuidado.

Jared se ajoelhou e ofereceu o último pedaço de carne que estava na mão. Madman se aproximou e lambeu sua mão depois de engolir o agrado. Jared riu e fechou os olhos quando Madman ficou em pé para lamber seu rosto. Jared abriu um sorriso, e percebi que fazia muito tempo desde a última vez que o vi feliz de verdade. Seu sorriso deixava um vazio em meu estômago, mas não conseguia parar de olhar.

Enquanto meu coração ficava apertado ao testemunhar essa cena rara de Jared realmente parecendo um ser humano, meus olhos seguiram até suas costas nuas e as cicatrizes desbotadas que marcavam sua pele. Engraçado que eu não as tinha notado na noite em que ele esteve sem camisa dentro do meu quarto, talvez porque estava meio escuro.

Havia vermelhões sem um padrão específico espalhados, mais ou menos uns cinco, cobrindo suas costas musculosas, senão macias. Ele não tinha isso quando éramos crianças. Tentei me lembrar se já tínhamos falado sobre algum machucado dele. Mas não me recordei de nada.

Naquele momento, os violoncelos pesados do Apocalyptica começaram a vibrar pelos meus alto-falantes e Madman virou a cabeça na minha direção. Congelei por um instante antes de decidir me afastar. Ele começou a latir de novo e o som de suas unhas arranhando a cerca fizeram meu coração bater mais rápido. Madman adorava esse tipo de música que misturava violoncelo com heavy metal, escutou isso por anos. Era como se ele lembrasse.

Tirei a mangueira do chão e deixei ela cair de novo quando escutei os painéis da cerca se mexerem. Ao me virar, dei risada vendo o Madman pular por uma das tábuas soltas e vir com tudo para cima de mim.

– Oi, amigão! – Ajoelhei-me e peguei-o no colo enquanto ele se contorcia, empolgado. Sua respiração ofegante aqueceu meu rosto, e a baba era bem nojenta. Mas ele estava feliz em me ver e sorri aliviada. Ele não tinha se esquecido de mim.

Parei ao escutar o som da voz de Jared.

– Ah, só podia ser a desmancha-prazeres atrapalhando a vizinhança toda com *seu* barulho.

Explodi de raiva. Ele não tinha nada contra a minha música, apenas contra mim.

Olhei para cima e vi o olhar sarcástico de Jared. Ele inclinou a sobrancelha para parecer irritado, mas sabia que não ia conversar comigo sem tirar algum proveito disso. Ele se pendurou no topo da cerca, com o corpo em cima de alguma coisa que o deixava mais alto.

Filho da puta. Por que sempre demorava um ou dois segundos para eu lembrar a razão de odiá-lo?

Seu cabelo lustroso castanho estava bagunçado.

Eu amava isso.

Seus olhos cor de chocolate brilhavam com confiança e maldade.

Eu amava isso.

Seus braços e peito torneados me faziam pensar como devia ser sua pele.

Eu amava isso.

Ele me fazia esquecer quão ruim ele era.

Eu odiava isso.

Após piscar, foquei novamente em Madman e afaguei seu pelo preto e branco com movimentos longos e suaves.

– A lei municipal contra barulho só começa a valer depois das dez da noite – esclareci e olhei para o meu relógio invisível. – Viu? Ainda tem muito tempo.

Madman começou a mastigar meus dedos e balancei a cabeça, sem conseguir acreditar em como podíamos apenas continuar de onde tínhamos parado depois de tanto tempo. Desde a briga com Jared, não o pressionei para ver o cachorro. O único contato que o Madman teve comigo nos últimos anos era por acaso, como o de hoje. Mas eu ainda não tinha encontrado com ele desde que voltara e, mesmo após um ano, ele reagia a mim como se tivéssemos nos visto ontem.

Jared continuava do outro lado da cerca, nos observando em silêncio. Não sabia o que ele estava pensando, mas metade de mim tentava entender a razão de ele ainda não ter tirado o cachorro de mim. Parecia quase *legal* da parte dele deixar a gente se ver.

Não consegui deixar de abrir um grande sorriso. *Que diabos estava acontecendo?* O cachorro parecia tão feliz em me ver que me comovi em uma risada silenciosa. Nunca tive outro animal de estimação e, depois de ficar sozinha nestas últimas semanas, acho que estava precisando de um amorzinho. Se a atenção de um cachorro podia me deixar desse jeito, não conseguia imaginar como ficaria feliz quando meu pai voltasse para casa.

– Venha, Madman – Jared gritou, tirando-me da minha pequena utopia. – O horário de visita acabou. – Ele assobiou e arrastou a tábua para Madman poder atravessar a cerca.

– Escutou? – engasguei, com os lábios tremendo. – Volte para sua cela, garotinho. – Deixei o cachorro lambeu meu rosto e depois bati nas suas costas antes de gentilmente empurrá-lo para longe. Jared assobiou novamente e Madman entrou correndo pela cerca.

– Jared, está aí fora? – uma mulher gritou. Jared se virou ao escutar a voz, mas não acenou ou respondeu.

– Tate, é você, querida? – Katherine, a mãe de Jared, subiu em cima de onde ele estava para ver pela cerca.

– Oi, Sra. Trent – acenei vagarosamente. – Bom te ver. – Ela estava bem bonita, com o cabelo castanho na altura do ombro e uma blusa estilosa. Muito melhor do que a última vez que a vi. Deve ter parado de beber no último ano.

Enquanto crescia, costumava vê-la com rabos-de-cavalo bagunçados porque ela sempre estava muito bêbada para se preocupar em tomar um banho, e sua pele tinha sempre uma aparência debilitada pela falta de uma alimentação saudável.

– Digo o mesmo. – Seus olhos cintilantes estavam cheios de uma doçura sincera. – E é muito bom ver vocês dois conversando novamente.

É claro que ela nem imaginava que a gente ainda não se suportava. Parece que eu e Jared tínhamos isso em comum. Sempre mantínhamos nossos pais longe de nossos problemas.

– Por que não vem ficar um pouco aqui? Adoraria conversar e saber como você passou seu ano fora.

– Fala sério, agora não. – O rosto de Jared distorceu-se com o desgosto, para minha felicidade.

– Adoraria isso, Sra. Trent. Só vou colocar uma roupa. – Jared me encarou, ao notar que eu estava apenas de biquíni. Ele ficou me olhando por um tempo, mas não tanto, deixando-me envergonhada.

– Beleza – Jared suspirou e olhou para o outro lado. – Vou sair mesmo. – Com isso, ele pulou de onde estava e desapareceu dentro da casa. Antes de chegar ao meu quarto para me trocar, escutei o barulho do carro dele e os pneus cantando.

CAPÍTULO 12



– Por que ainda não te vi nessas duas semanas que estive em casa? – perguntei para Katherine depois de coversarmos sobre a minha viagem e sobre os meus planos para o último ano na escola.

Ela se serviu de mais café.

– Bom, conheci uma pessoa há alguns meses e acabei ficando muito tempo com ele.

Arqueei as sobrancelhas, surpresa, e ela deve ter percebido. Ela balançou a cabeça e me deu um sorriso de arrependimento.

– Acho que isso não é bom – sugeriu ela. – Deixar o Jared sozinho por muito tempo. Entre meu trabalho, a escola, o trabalho dele e todas as coisas em que ele está envolvido, a gente acaba não se encontrando muito. Acho que ele está mais feliz sozinho e bem...

Suas explicações excessivas e a incapacidade de concluir seu pensamento mostravam o quanto ela estava decepcionada com sua relação com o filho mais do que qualquer outra coisa.

E por que ele estava tão ocupado a ponto de ser desnecessário que ela ficasse em casa?

– O que você quer dizer com “todas as coisas em que ele está envolvido”? – perguntei.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Bom, ele trabalha na oficina alguns dias da semana, tem as corridas e também as outras obrigações. Ele quase nunca fica em

casa e quando está, só passa dormindo. Mas fico de olho nele. Quando comprei celulares novos para nós dois no Natal passado, instalei um aplicativo de GPS no celular dele, então sempre sei onde ele está.

Certo, não há nada de estranho nisso.

– Quais outras obrigações? – perguntei.

– Ah – disse ela com um sorriso nervoso –, quando você foi viajar no ano passado, as coisas ficaram meio tensas por aqui. Jared nunca estava em casa. Às vezes ele nem voltava pra cá. Meu... problema com a bebida... acabou piorando por causa do estresse que passei com o comportamento do Jared. – Ela pausou e encolheu os ombros. – Ou talvez o comportamento dele tenha piorado por causa da minha bebida. Sei lá. Mas acabei indo para uma clínica de reabilitação por quase um mês e me desintoxiquei.

Desde que mudei para esta rua, há oito anos, a mãe de Jared sempre teve problemas de alcoolismo. Na maior parte do tempo, ela conseguia fazer tudo, ia trabalhar e cuidava de Jared. Depois que visitou o pai nas férias de verão, há três anos, ele mudou, então sua mãe acabou se afundando cada vez mais na bebida como forma de fuga.

– Ele acabou se metendo em confusões, mas depois tomou jeito. Mas precisávamos tomar algumas medidas, nós dois.

Continuei escutando e, infelizmente, estava gostando de poder espiar a vida do Jared um pouco. Ela ainda não tinha explicado as “outras obrigações”, mas eu não continuaria bisbilhotando.

– Enfim, há alguns meses comecei a sair com uma pessoa, e tenho ficado na casa dele nos finais de semana, lá em Chicago. O Jared está com muita coisa na cabeça, e sinto que ele não precisa mais tanto de mim. Fico aqui quase todas as noites durante a semana, mas ele sabe ficar longe de encrenca aos finais de semana.

É, ao invés de levar sua libertinagem para outro lugar, ele preferiu trazer para casa.

Algumas pessoas podem achar que a explicação dela é lógica, já que Jared é quase um adulto, mas meu julgamento era diferente. Por mais que eu gostasse da Sra. Trent, achava que ela tinha muita culpa pela infelicidade de Jared enquanto crescia.

Não conhecia a história inteira, mas sabia o bastante para entender que o pai de Jared não era um bom homem. Ele saiu de casa quando Jared tinha dois anos, antes mesmo de eu morar no bairro. Katherine cuidou do filho praticamente sozinha, mas seu problema com a bebida tinha começado durante o casamento. Quando Jared tinha catorze anos, o pai dele ligou perguntando se o filho podia passar o verão com ele. Jared concordou muito feliz e foi embora por oito semanas. Só que, depois da visita, ele voltou frio e cruel. O problema da sua mãe acabou piorando e ele ficou completamente sozinho.

Lá no fundo, sempre soube que o problema de Jared comigo estava relacionado àquele verão. A verdade era que eu sentia um pouco de raiva da Katherine. E, apesar de nunca ter conhecido o pai de Jared, eu também tinha raiva dele. Eu assumiria minha responsabilidade caso tivesse machucado Jared, mas não tinha ideia do que fizera para merecer seu ódio. Por outro lado, seus pais claramente o tinham abandonado.

Estava morrendo de vontade de perguntar a ela sobre as cicatrizes, mas sabia que não me contaria.

Ao invés disso, perguntei:

– Ele tem visto o pai?

Ela olhou para mim e, de repente, senti como se tivesse invadido um território totalmente secreto.

– Não – foi tudo o que respondeu.



No primeiro período do dia seguinte, eu estava sentada fazendo anotações sobre aproximações lineares quando recebi uma mensagem de K.C. Deslizei escondido a tela para abrir a mensagem, e acabei nem prestando mais atenção na matéria de Cálculo.

Jared me mandou uma mensagem ontem à noite.

Não acreditei. Antes de conseguir responder, ela me enviou outra mensagem:

Ele queria ter certeza de que eu estava bem. Viu? Ele não é tão mau.

O que será que ele queria com ela? K.C. era bonita. Não tinha dúvida disso. Ela também era minha melhor amiga, e isso tinha algum valor para ele. .

Escrevi para ela:

Ele está aprontando alguma coisa!

Talvez sim, talvez não.

Foi a resposta dela.

Não tive mais notícias de K.C. até a hora do almoço. Enquanto as aulas de Física, Educação Física e Francês passavam rapidamente, eu lutava contra a vontade de mandar outra mensagem para ela.

– Oi – ela me cumprimentou quando nos encontramos na fila para almoçar.

– Olá. Então, conta tudo.

– Bom, como disse, ele me mandou um SMS perguntando como eu estava e acabamos trocando mensagens depois disso. Só achei legal ele ter me procurado para saber como eu estava.

Ela achava ele legal? Saímos da fila depois de pagar e fomos para o lado de fora, enquanto eu tentava entender como K.C. deixou de concordar comigo – que ele era um idiota – para achá-lo “legal”.

– E aí? – Estava me esforçando para fingir que não me importava.

– Sobre o que vocês conversaram depois disso?

– Ah, nada em especial... Além de ele ter me contado que *você* acabou com a luz da casa dele?! – Ela deu uma gargalhada, mas pude ver que não estava tão feliz quanto achei que fosse ficar. Talvez ela estivesse brava por eu não ter contado a ela.

– Hmm, pois é. – Estava lutando para encontrar as palavras. Jared reclamou de mim para ela? – A festa do idiota estava fazendo muito barulho, então acabei com tudo. – Limpei a garganta. Falando em voz alta, isso não soava tão legal.

Sentamos numa mesa de piquenique e começamos a comer. Ela ficou quieta, mas pude vê-la me observando enquanto mastigava.

– Que foi? – perguntei, irritada. – Você falou para eu entrar no jogo, lembra?

– Você pelo menos pediu para ele diminuir o som antes?

– Não – saiu mais como uma pergunta estridente. – Bom, sim. Em outra ocasião eu pedi. – Parecia que eu estava em um julgamento.

– E o que aconteceu? – ela se deteve, garrafa d’água na mão.

– Bem, ele não cooperou. Então... fingi pânico e comecei a gritar “polícia”. As pessoas meio que foram embora depois disso. – Joguei a cabeça para trás e tomei um gole d’água para não olhar diretamente em seus olhos. Ainda estava orgulhosa por aquela noite, mas K.C. não achou nenhuma graça nisso.

Ao invés disso, ela revirou os olhos.

– Tate, quando disse para entrar no jogo, quis dizer...

– Você quis dizer para entrar no jogo *dele*! – falei sem pensar. – Você não me disse para acabar gentilmente com ele. Está defendendo ele? – O que acabou de acontecer? Parecia que eu estava no *Além da Imaginação* e o corpo de K.C. tinha sido tomado por forças alienígenas.

– Só estou falando que o Jared conversou contigo. – A voz dela parecia tranquila, o oposto da minha. – Só isso. Quem está parecendo a valentona agora é você. Acabou com duas festas do seu vizinho, quebrou o nariz do amigo dele e deu um chute no saco desse mesmo amigo.

Que ótimo! Mas que maravilha! Ele está saindo dessa como vítima?

– Ele não te contou a história toda – falei rapidamente. – Ele invadiu o vestiário feminino enquanto eu estava me vestindo.

K.C. franziu as sobrancelhas, parecendo confusa.

– Mas ele apenas conversou contigo, certo? Ele te tocou? – Felizmente, ela enfim demonstrou que se preocupava comigo. Estava

quase arrancando a cabeça dela fora.

– Bom, ele não me atacou, é claro – defendi-me. Por um instante, pensei em contá-la que ele invadiu minha casa, mas isso apenas a levaria a fazer mais perguntas para Jared que seriam respondidas... do jeito *dele*.

– Ele tem problemas – admitiu K.C. –, mas eu te disse, tem algo acontecendo entre vocês dois e você ainda não conseguiu lidar com isso. Tenho certeza que ele não é um cara tão ruim, apesar de tudo.

O suor começou a pingar na minha sobrancelha e respirei profundamente.

– K.C., o Jared só traz problemas. Você sabe disso. Sério, ele é um idiota, e não quero que você comece a inventar desculpas para o que ele faz. Ele não vale a pena.

Ela deu de ombros, provavelmente porque não queria discutir, mas com certeza não queria desistir. A conversa chegou ao fim e, pela primeira vez, queria estraçalhar minha melhor amiga. Minha única amiga, praticamente.

– Você conversou com o Liam depois da noite de sábado? – mudei de assunto, antes de arrancar um pedaço do meu sanduíche de frango.

– Não, e não tô nem aí – ela falou, olhando concentrada para o celular.

– A-ham – murmurei, sem estar convencida. Liam e K.C. ficaram juntos mais do que qualquer outro casal que eu conhecia. Demorou para acreditar que K.C. não se importava nem um pouco com a traição dele e com a perda. Se eu fosse ela, provavelmente não conseguiria perdoá-lo, mas isso não significa que não estaria magoada.

– Oi, Tate. Como está? – Ben Jamison apareceu no banco ao lado do meu, lindo como sempre. Não tínhamos nada em comum, mas ele era bonito e me fazia rir.

– Oi. Estou bem, e você? – ultimamente estava conversando bastante com o Ben. Ele parecia não estar sabendo sobre o boato com Jared no vestiário.

– Estou bem... – Ele falou o “bem” como se estivesse nervoso e pensando no que dizer em seguida. – Tem um restaurante

mexicano, o Los Aztecas, que abriu quando você estava fora, e estava aqui pensando... será que você aceitaria minhas desculpas, por ter sido um idiota e não te chamar para sair bem antes, jantando comigo esta semana? – Ele arqueou as sobrancelhas e esperou.

Uma risada surpresa saiu da minha garganta. Bom, curti sua honestidade.

– Hmm, bem... – procurei o que dizer. – Como vou saber que você não vai se comportar como um idiota no nosso encontro? – desafiei. K.C. estava rindo ao meu lado.

Os olhos de Ben sorriam e ele estava mordendo o lábio inferior, com cara de quem estava pensando em algo. Ele arrancou uma folha do caderno e começou a escrever alguma coisa. Depois de quase um minuto, entregou-me a folha e saiu andando. Dando apenas uma olhada de relance e me lançando um sorriso de campeão, ele virou e desapareceu no refeitório.

– O que está escrito? – K.C. espiou o bilhete na minha mão antes de dar uma mordida em seu *wrap* de frango.

Ao abrir, imediatamente sorri. Ele tinha escrito um contrato.

A quem possa interessar,

Prometo levar Tatum Brandt para jantar. Ela é bonita, esperta e adorável. Caso ela aceite, posso me considerar um sortudo.

Se eu agir como um idiota, então serei um babaca, idiota e sem cérebro. Todos que lerem este bilhete têm minha permissão para me atacar como acharem necessário.

O super-herói mais atraente, engraçado e rico da escola,

Ben Jamison.

Dei o bilhete para K.C. e observei-a tentando não cuspir a comida enquanto ria. Quase três segundos depois, recebi uma mensagem:

Te busco às 7 hj à noite?

Ele não estava me dando muito tempo para pensar, não é mesmo? Eu estava com o carro do meu pai desde que voltara, então disse

que o encontraria lá. Achei melhor ter a opção de ir embora quando quisesse. Ele enviou logo em seguida:

Ótimo!

Não conseguia parar de sorrir e K.C. estava me olhando, curiosa.

– Então? – perguntou ela de boca cheia.

– Ele vai me levar para jantar hoje à noite. – Apesar de estar empolgada por ir a um encontro de verdade, meu tom de voz soava indiferente. Ben parecia ser um cara legal, mas percebi que meu coração não batia mais rápido quando ele se aproximava. Isso não deveria acontecer? – Vou encontrar com ele às sete.

Tinha saído com uns caras quando estudei lá fora, mas nenhum deles se tornou mais que um amigo. Eu e o Ben gostávamos de coisas diferentes, só que eu não estava com uma fila de caras atrás de mim ultimamente. Não via problema algum em sair com ele uma vez, vai que ele me surpreende.

– Que demais. Me ligue hoje à noite depois que chegar em casa. Quero saber de todos os detalhes.

K.C. provavelmente sabia que eu ainda estava um pouco apreensiva com toda a atenção que estava recebendo. Depois de tanto tempo sem confiar em ninguém e de ser ignorada por todos que não estavam no meu grupinho, era um pouco difícil aceitar que um dos caras mais bonitos da escola tinha me chamado para sair.

Paranoica!, me repreendi.

Depois do último boato, parecia que as coisas tinham se acalmado um pouco. Parece que o Sr. Fitzpatrick, o professor de Teatro, tinha sido flagrado em um encontro com uma aluna do último ano, a Chelsea Berger, então eu já não era mais novidade... por enquanto.



O jantar começou com o Ben esclarecendo as coisas, por assim dizer.

– Nunca acreditei naquelas besteiras sobre você, Tate. Vou jogar a real, eu era um dos primeiros a rir, mas depois de um tempo, tudo

que eu precisava fazer era olhar para você ou ver sua atitude na sala de aula para saber que algo não fazia sentido. – Ele tomou um gole do refrigerante e acrescentou: – Além disso, você parece ser limpa demais pra ter piolhos.

Balancei a cabeça e ri daqueles boatos idiotas.

– Bom, então você seria um dos poucos que me veem de forma diferente. Mas seja sincero. Foi a minha foto de toalha que te conquistou, né?

Ben quase engasgou com a batata enquanto ria. Esquecer toda a merda dos últimos anos parecia a melhor coisa neste momento. Jared era um drama. K.C. era um drama. Queria que fosse fácil com o Ben. Só queria me divertir esta noite.

Comemos *enchiladas* e ele brincou, dizendo que, se alguém inventasse um restaurante que servisse comida mexicana e sushi ao mesmo tempo, ele nunca mais comeria em outro lugar. Mesmo não sendo fã de sushi, ri daquela ideia hilária.

– E por que você me chamou para sair? – Mergulhei umas das últimas batatas da nossa refeição no molho e dei uma mordida.

– Sinceramente? Faz tempo que eu queria. Mas nunca tive coragem. Você está na minha lista de desejos.

Não sabia se isso era um elogio ou um insulto.

– Como assim? – Este encontro talvez acabasse logo, logo.

– Sabe aquelas listas com “coisas que você realmente precisa fazer antes de morrer”? Precisava te conhecer melhor. Sempre me interessei por você. Aí você voltou da Europa e te vi no primeiro dia de aula. Não conseguia parar de pensar em você.

Apertei os olhos ao escutá-lo. Tinha andado de cabeça baixa a maior parte do ensino médio, sem saber que Ben tinha uma queda por mim. Não podia deixar de pensar em como a minha vida escolar teria sido diferente se Jared nunca tivesse me atacado.

– Então você ficou intimidado por causa dos boatos durante todos esses anos? Que covarde – repreendi ele de forma sarcástica. Fiquei surpresa por fazer comentários cruéis com tanta facilidade. Não estava nervosa perto dele e meus ombros relaxaram. Bem lá no fundo, também achava que isso indicaria que não me importava com a opinião dele.

Ele se inclinou, seus lábios esboçando um sorriso.

– Bom, espero que eu esteja remediando isso esta noite.

– Por enquanto tudo bem.

Saímos do restaurante e, enquanto andávamos pelo centro, rimos, conversando sobre nossos planos para a faculdade. Ao voltarmos aos nossos carros, respirei fundo quando ele se aproximou para me beijar. Surpreendentemente, seus lábios eram suaves e gentis, e sua ternura me fez desejar inclinar-me para ele. Coloquei as mãos em seu peito enquanto ele me abraçava, e ele não tentou colocar a língua com força na minha boca. Foi algo seguro... e confortável.

Com certeza não era para ser assim.

Não senti nenhuma daquelas emoções que K.C. mencionou que você sente quando está perto de um cara atraente. Com certeza não foi o tipo de empolgação que li nos livros sobre garotas do ensino médio e anjos caídos. E não foi aquele tipo de calor vibrante que sinto quando estou perto... *não, não!*

Interrompi de imediato minha linha de pensamento. *Não era atração*, disse a mim mesma. Era apenas adrenalina vindo à tona por causa do conflito. A reação do meu corpo a *ele* não era algo que eu podia controlar.

– Posso te ligar? – sussurrou ele.

– Claro – concordei, com um pouco de vergonha porque a minha mente estava preocupada com outro garoto.

Queria passar um tempo com Ben de novo. Talvez aquela faísca não tenha acendido esta noite, mas eu estava estressada e ele merecia outra chance. Vai ver que eu apenas precisava de tempo.

Ben me esperou entrar no carro antes de partir com o dele. Peguei meu celular e imediatamente mandei uma mensagem para K.C., contando todos os detalhes do meu encontro. Mesmo duvidando um pouco da minha atração, me diverti e estava empolgada em dividir as novidades com ela.

Posso ir aí?

Vc se divertiu?

Ela perguntou.

Sim, mas queria falar... pessoalmente.

Não estou com vontade de contar tudo via mensagem de texto.

Ele te tratou bem?

Sim! Foi demais. Não se preocupe. Só estou um pouco empolgada e queria conversar.

Minha impaciência quase me fez ligar o carro e seguir até a casa dela sem ter uma resposta.

Tenho que trabalhar até mais tarde. Te vejo amanhã antes da aula?

Meus ombros caíram levemente em reação à sua resposta. Estava perto do serviço dela, mas não ia lá importuná-la. Respondi:

Sim, não tem problema. Boa noite.

Boa noite! Fico feliz que tenha se divertido.

Logo em seguida escutei o ruído de uma moto que passou correndo ao lado do meu carro e deu meia-volta. Ela parou do outro lado da rua, a quase cinquenta metros, na frente do Spotlight Cinemas, onde K.C. trabalhava. Meus dedos formigaram ao ver

Jared, e tudo parou. Ele deixou o motor ligado enquanto mantinha-se sentado, segurando a moto em pé, uma perna de cada lado. Ele tirou o celular do casaco preto e parecia estar enviando uma mensagem... e esperando.

Menos de um minuto depois, K.C. saiu do cinema e foi correndo até ele. Ela se inclinou e tocou o braço dele.

Porra, filho de uma...

Não estava conseguindo respirar. *Que merda era aquela que eu estava vendo agora?*

Observei-a sorrir para ele. Ele sorriu de volta, mas não a tocou. Ela parecia muito íntima dele. Ele tirou o capacete e ofereceu para ela, dizendo apenas algumas palavras. Ela não estava recebendo aqueles sorrisos maliciosos ou aquelas expressões ameaçadoras que eu ganhava. Ela passou os dedos em seu cabelo com gel antes de aceitar o capacete e colocá-lo em sua própria cabeça. Ele apertou as tiras para ela, antes de ela subir na moto atrás dele e colocar os braços ao redor de sua barriga.

Rapidamente me agachei em meu banco quando eles passaram correndo por mim. Os dois conheciam o carro do meu pai, mas torci para que não tivessem reparado. De qualquer modo, eles com certeza não iam parar e dizer "olá".

Era como se houvesse agulhas sob a minha pele e sinos tocando dentro dos meus ouvidos. Minha garganta doeu quando tentei segurar as lágrimas.

Ele conseguiu ganhar a K.C.

K.C. mentiu pra mim sobre trabalhar até mais tarde.

Ela estava com os braços em volta dele.

Não sei com qual dos dois eu estava mais puta.

CAPÍTULO 13



Depois de ficar sentada no meu carro por mais tempo do que queria, já estava calma o bastante para dirigir.

Durante o tempo que levei para chegar em casa e ir até a minha varanda da frente, tive várias versões de conversas internas com K.C. e monólogos direcionados a Jared, inclusive todos os meus xingamentos favoritos. Quanto mais conversava comigo mesma, mais ficava nervosa. Gritar, chorar, pisar no plástico bolha: todas pareciam boas opções neste momento.

O que ela estava pensando? Mesmo se Jared a tivesse bajulado, será que valia a pena machucar sua melhor amiga?

Agora eu queria saber qual seria a jogada de Jared. Ele estava tentando virar minha amiga contra mim. K.C. sabia muito bem o que Jared tinha aprontado comigo, mas ele conseguiu fazer sua cabeça. Ele fez com que ela descobrisse que o namorado a estava traindo e depois entrou na história para consertar os estragos. Por qual outro motivo ela poderia ter sido tão fraca?

Ela precisava saber que Jared a estava usando. Mas como eu contaria para ela?

Mantendo-me ocupada para não fazer besteira, terminei minha lição de cálculo, acabei de ler o texto pedido na aula de Política e joguei fora os alimentos que venceram da geladeira e dos armários.

Depois de me exaurir com as tarefas a ponto de não conseguir mais conversar comigo mesma, subi para tomar um banho.

Quase uma hora depois de eu sair da banheira, o barulho da moto de Jared soou pela nossa rua. Levantei da cama para espiar pela janela. Ao perceber que o relógio marcava meia-noite, calculei que fazia três horas desde que o vira com K.C.

Porra, três horas! O que eles estavam fazendo?

Ele chegou em casa sozinho. Pelo menos uma boa notícia.

Enquanto ele estacionava na garagem, notei os faróis de outro veículo parando bruscamente em frente à casa de Jared. Ele pulou da moto e tirou o capacete, mas continuou segurando-o. Correu até o meio-fio para se encontrar com as pessoas que estavam dentro do carro. O motorista e o passageiro já tinham saído do veículo e foram para cima dele como se estivessem querendo briga.

O que estava acontecendo?

Jared se sobressaía entre eles, não apenas pela altura, mas também pela constituição física. Ele já era alto aos catorze anos, agora devia ter ultrapassado 1,80 m de altura. Julgando pela expressão em seus rostos, esses caras não eram amigos.

Abri as portas para conseguir enxergar melhor. Jared balançava o capacete no espaço que havia entre eles, e os outros garotos estavam gritando e tentando chegar mais perto dele. Escutei as palavras "foda-se" e "pare com isso!". Eles continuaram discutindo, bem alto e de forma importuna.

De repente, ficou difícil recuperar o fôlego. A discussão deles parecia estar perdendo o controle. *Será que eu devia ligar para a polícia?*

Apesar de estarem cada vez mais invadindo a propriedade dele, Jared não recuava. Porém, ele tinha pouca chance de ganhar. *Merda, Jared. Sai logo daí.*

Um dos homens o empurrou e eu me encolhi. Jared reagiu batendo no rosto do cara e empurrando-o com o corpo até que o garoto foi forçado a recuar.

Naquele momento, o GTO de Madoc avançou correndo pela rua e parou cantando os pneus. Assim que os estranhos o viram sair do

carro e correr em sua direção, começaram a dar vários socos em Jared. Ele acabou soltando o capacete, que bateu com tudo no chão.

Jared concentrou o ataque em um dos caras, e eles caíram no chão como em uma luta de MMA. Cada garoto rolou no gramado, dando socos e se batendo.

Peguei meu telefone na cama e saí correndo do quarto até lá embaixo. Abri a gaveta na mesa da entrada e peguei a Glock-17 que meu pai mandou deixar guardada lá enquanto eu estivesse sozinha em casa.

Agarrei a maçaneta. *Chamo a polícia ou vou lá fora?* Isso iria terminar antes da polícia chegar aqui. *Foda-se.*

Abri a porta e fui até a varanda. A confusão se espalhou no gramado da frente de Jared, com ele e Madoc sentados em cima de seus oponentes, socando-os até não poderem mais. Meu coração martelou ao ver a cena, mas não conseguia parar de olhar. Quando percebi que Jared estava ganhando, aquela sensação de urgência, que me fez correr para fora de casa, diminuiu.

Hipnotizada com a luta que estava acontecendo na minha frente, pisquei ao ouvir o grito revoltado de Jared. Seu oponente, um garoto mais velho, cheio de tatuagens, puxou uma faca e cortou seu braço. Desci correndo as escadas, com a arma na mão, bem na hora em que vi Jared pegar o capacete e acertar na cabeça o menino, que se contorceu e caiu no chão, gemendo, sangue jorrando pela testa. A faca ficou ao seu lado, na grama. Jared se levantou e ficou olhando o cara, que estava quase inconsciente.

Madoc deu mais um soco no estômago de seu oponente e, carregando-o no colo, jogou o cara no chão perto do Honda.

Jared deixou seu adversário sangrando e quase sem conseguir se mexer no chão, enquanto ele pressionava o bíceps esquerdo. A manga do moletom preto estava ensopada de sangue e brilhava onde ele tinha se machucado. Meus olhos preocupados se voltaram para a mão do braço cortado. Uma torrente vermelha vertia da ponta de seus dedos. Tive um breve impulso de ir até lá ajudá-lo, mas resisti. A gentileza apenas se voltaria contra mim. Madoc e ele precisavam ir ao pronto-socorro, mas como era uma noite de semana, a mãe de Jared devia estar em casa.

Caminhando até o Honda, Jared levantou o capacete e bateu com força contra o para-brisa, produzindo um ensurdecedor barulho de vidro quebrado. Ele repetiu a ação, amassando o para-brisa diversas vezes até ele se estilhaçar e se tornar inutilizável.

Ao seguir em direção à casa, Jared parou perto do homem que estava no chão.

– Você não é mais bem-vindo no Loop – falou ele com voz baixa e cansada. Seu tom dava uma calma sinistra aos ouvidos.

Eu não podia fazer outra coisa a não ser permanecer lá, paralisada e ao mesmo tempo chocada com a cena que acabara de presenciar.

Quando Madoc se curvou para pegar o segundo garoto, ele acabou me vendo.

– Jared – avisou ele. Jared, ao seguir seu olhar, virou os olhos para mim.

Percebi tarde demais que estava em pé, parada, segurando uma arma... ao ar livre... com roupas de baixo. Minha camiseta do Three Days Grace e minha bermuda vermelha masculina me cobriam, mas estavam justas. Estava descalça e meu cabelo estava solto nas costas. A arma estava pendurada na minha mão direita, bem segura e firme, com a trava acionada. *Será que a trava estava acionada? Sim, a trava estava acionada... eu acho.*

Madoc estava com o nariz sangrando, provavelmente devia ter quebrado de novo, mas ele sorriu para mim.

Jared parecia... perigoso. Ele me estudou, seus olhos escuros e sobrancelhas grossas fizeram eu me sentir mais exposta do que já estava. Ele fechou as mãos e olhou meu corpo cautelosamente, e depois a arma que eu segurava. Consegui sentir a energia que vinha dele em ondas quentes.

Droga, eu sou uma idiota! Eu realmente quis ajudá-lo?

Franzi a sobrancelha e fechei os lábios, tentando parecer irritada. Ele era um idiota por trazer toda essa confusão para a nossa rua! Virando-me, subi rapidamente os degraus da varanda e bati a porta depois que entrei.

Levei a arma para o quarto naquela noite, mas não sabia do que exatamente estava me protegendo. Uma porcaria de arma não ia manter aqueles olhos castanhos fora dos meus sonhos.

CAPÍTULO 14



O barulho de bolhas estourando tocou cedo no meu computador na manhã seguinte, notificando-me que estava recebendo uma ligação.

– Oi, pai – falei meio sonolenta, depois de ter aceitado a ligação.

– Bom dia, batatinha. Acho que te acordei. Dormindo até mais tarde hoje? – Ele parecia preocupado.

Ao olhar para o relógio do notebook, vi que marcava seis e meia.

– Droga! – Tirando as cobertas, corri até o closet. – Pai, posso falar com você depois de chegar em casa à noite? Tenho que estar no laboratório daqui a trinta minutos.

Terças e quintas eram os melhores dias para o Dr. Porter, meu mentor e professor de Química do segundo ano, então decidi ir ao laboratório sempre naquelas manhãs para ter algum tempo extra que fosse útil para trabalhar na minha pesquisa para a Feira de Ciências.

– Sim, é claro, mas será muito tarde para mim... ou cedo, na verdade. Escute, só queria te avisar que a vovó está indo aí esta noite.

Coloquei a cabeça para fora da porta do closet e suprimi um gemido.

– Pai, você acha que não pode confiar em mim? Estou bem sozinha. – Quase parecia que eu estava mentindo. Tudo que

aconteceu na noite passada, a K.C. e depois a luta me acertaram em cheio e eu queria apenas socar alguma coisa.

– Confio plenamente em você... mas sua avó não. – Ele riu. – Ela está preocupada por você estar sozinha, então disse que ia passar uns dias aí, provavelmente uma semana, para dar uma mãozinha. Apesar de tudo, você ainda é menor de idade, e ela assiste àqueles noticiários sensacionalistas o tempo todo. Ela fica preocupada.

Meu pai e minha avó odiavam a ideia de eu praticamente morar sozinha durante três meses, mas meu desejo de continuar estudando na mesma escola no último ano acabou vencendo.

Coloquei um jeans skinny, vesti uma camiseta violeta de manga comprida e saí do closet.

– Tudo bem, se isso fizer ela se sentir mais tranquila. Mas como pode ver, estou me saindo bem – suspirei.

– Nem sei quais são as leis a respeito disso, na verdade. Você não está se metendo em confusão, né? – Ele me investigou enquanto eu colocava uma sapatilha de balé preta. Meu pai costumava ser bem tranquilo, mas me educar lá da Alemanha o estava deixando com os nervos à flor da pele. Esta era a sétima vez que tínhamos conversado durante as últimas duas semanas. Com a diferença de horários, isso era um fato extraordinário.

– É claro que não – quase engasguei ao dizer isso. Se correr para fora de casa com a intenção de possivelmente atirar em alguns bandidos significa “não se meter em confusão”... – E farei dezoito daqui a algumas semanas. Quase sou maior de idade.

– Eu sei – meu pai expirou, cansado. – Tudo bem, vou te deixar ir. Mas esteja em casa na hora do jantar por causa da sua avó hoje à noite.

– Sim, senhor. Te ligo amanhã de manhã. Pode ser?

– Falo com você amanhã então. Tenha um ótimo dia, batatinha. – Ele então desligou.



As barras de cereais e o suco que peguei antes de sair de casa conseguiram me deixar sem fome durante o trabalho no laboratório,

mas quando o primeiro sinal tocou, a fome me atacou. Além do fato de K.C. não ter dado as caras ou mandado alguma mensagem de manhã, saí correndo nervosa pelo corredor em direção à cantina para dar uma passada na máquina de salgadinhos antes da aula.

Minha concentração estava dividida em cinco direções diferentes nesta manhã. Esqueci-me de ir até a loja de ferramentas para comprar suprimentos ontem à noite, então a pesquisa que eu queria ter feito esta manhã acabou não dando muito certo. Depois de ter quebrado um béquer e quase ter queimado minha mão com o bico de Bunsen, arrumei a bagunça e saí do laboratório antes que acabasse me matando.

Meu maxilar estava doendo de tanto ranger os dentes nesta manhã. Imagens das pernas de K.C. segurando o quadril de Jared na moto não paravam de me atazanar. Suposições do que poderia ter acontecido ontem à noite se aquela faca tivesse cortado o pescoço ou a barriga de Jared, ao invés de seu braço, passavam na minha mente.

Parei repentinamente ao dobrar a esquina.

O que é isso? O QUE É ISSO?!

K.C. estava encostada na parede amarela do lado das portas do refeitório, enquanto Jared inclinava-se para ela. O braço dele estava posicionado na parede, por cima da cabeça dela, e a cabeça dele estava caída, levando os lábios a poucos centímetros dos dela. A blusinha branca que ela estava vestindo se levantou, mostrando um pouco de pele enquanto o polegar de Jared acariciava-a gentilmente, ao mesmo tempo que segurava seu quadril.

Ele disse algo em seus lábios e o peito de K.C. subiu e desceu, com respirações profundas.

Não.

Meu coração estava martelando e um calor começou a percorrer meu corpo. Observei-o, por fim, beijar levemente os lábios dela. Ele puxou o corpo dela devagar para si, e ela colocou os braços ao redor do pescoço de Jared. Uma náusea começou a subir à minha garganta e meus olhos queimavam. Parecia que K.C. estava num restaurante, saboreando todas as sobremesas de uma só vez.

Que vaca!

Calma... o quê? Eu devia estar brava com ele, mais do que com a K.C., ou pelo menos na mesma proporção. Jared a perseguiu e eu tinha certeza que ele fez isso para me ferir. Por que eu a queria longe dele ao invés do contrário?

A sorte deles é que quase todos os alunos já tinham entrado na sala de aula. Caso contrário, eles estariam dando um belo show. Eu era a única plateia deles.

Ao olhá-los novamente, os lábios de Jared ainda estavam devorando-a. Ele mordia a sua boca antes de descer até o pescoço, conseguindo arrancar dela um gemido de prazer. K.C. estava de olhos fechados e mordia o lábio inferior, mostrando que estava nas mãos dele. Parecia que ele beijava bem, e eu não conseguia mais respirar de tanta dor no peito. Encolhi-me ao ver o modo delicado com que ele escondia seus lábios atrás da orelha dela.

Ah, caramba.

O segundo sinal tocou. Tínhamos um minuto para chegar até a sala de aula. K.C. pulou e riu com a interrupção. Jared sorriu maliciosamente antes de passar o dedo na ponta do nariz dela. Quando ela se virou para correr até a sala, ele deu um leve tapa em seu bumbum.

Dobrei correndo a esquina. Se Jared não a seguisse, viria nesta direção. Eu com certeza não queria que ele soubesse que vi aquela cena. Minha raiva alimentava sua fome, não queria ficar nervosa perto dele.

– E aí, cara. – Escutei a voz de Madoc, enquanto ele estava entrando pelo refeitório. – Foi a K.C. que saiu correndo? Você ainda não comeu ela?

Jared deu uma risadinha e o barulho de seus passos se aproximava.

– Quem disse que ainda não?

Não conseguia acreditar.

– Ah, porque você nunca é visto com uma garota depois que conseguiu trepar com ela. Acho que você deve esquecer os nomes delas antes mesmo de tirar a camisinha.

Jared parou na frente das escadas, do outro lado da entrada escura onde eu me escondia. Ele franziu as sobrancelhas, surpreso.

– E você? – ele perguntou na defensiva, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans. Sua camiseta branca e sua blusa preta estavam largas no torso.

– Sim, sim. Eu lembro – Madoc virou os olhos, que estavam machucados por conta da noite passada. Apesar de não estar com curativo no nariz, ele tinha um corte. – Só estou querendo dizer que *você* nunca fez tanto esforço para conseguir levar uma garota pra cama.

– Não tenho pressa. Acho que vou querer curtir um pouco com ela. – Jared deu de ombros e começou a descer as escadas, mas parou e se virou para olhar Madoc, como se fosse dizer algo antes de ser interrompido.

– Tate vai ficar puta – a voz de Madoc parecia alegre, quis fugir dali ao escutar meu nome.

– O objetivo é esse – Jared afirmou categoricamente.

– Ah... então esse é o plano – assentiu Madoc, finalmente entendendo o jogo.

Fiquei com a garganta apertada e a boca seca. Ele sabia que K.C. era minha melhor amiga, praticamente minha única amiga, e perdê-la me deixaria muito mal. O aperto se espalhou até meu maxilar e balancei a cabeça, com repulsa. Ele me odiava tanto assim?

– Obrigado por ter me dado uma mão ontem à noite – Jared levantou o queixo para Madoc antes de se virar para as escadas.

Madoc falou:

– Essa coisa, com a Tate... – Jared parou e se virou de novo. Madoc continuou: – Por que fazemos isso? Sei que já perguntei isso antes, mas *você* não me conta porra nenhuma. Não entendo.

Os olhos de Jared se estreitaram.

– Acho que *você* passa dos limites. *Você* enche o saco dela sem eu pedir, então por que se importa?

Madoc soltou uma risada nervosa.

– Não se trata de mim. Nunca quis aquela garota como inimiga. Ela saiu ontem à noite como se estivesse pronta para nos ajudar. Ela é gostosa, atlética, durona e sabe usar uma arma. Como posso odiá-la?

Jared desceu a escada e parou no degrau acima de Madoc. Ele franziu o cenho com raiva ao encarar o amigo.

– Fique longe dela.

Madoc levantou as mãos.

– Cara, não se preocupe comigo. Ela quebrou meu nariz e me deu um chute no saco. Ela está fora de cogitação. Mas, se você não quer ela, por que ninguém pode ter uma chance?

Jared parou como se estivesse procurando por palavras. Depois, soltou um suspiro frustrado.

– Não vou mais ficar no caminho dela. Se ela quiser sair e foder com todos os caras da escola, ela que se divirta. Já cansei.

– Que bom, porque estão dizendo por aí que ela saiu com o Ben Jamison ontem à noite. – Madoc falou com uma voz que soava um pouco satisfeita em contar as novidades. A expressão carrancuda de Jared, acompanhada de sua aparência sombria, o tornava ameaçador.

– Tudo bem – disse ele, com o maxilar tenso. – Não estou nem aí. Todos podem pegá-la.

Fiquei sem ar.

Ele terminou de subir as escadas e desapareceu. Madoc encarou Jared mais um pouco antes de continuar andando pelo corredor e também desaparecer.

A sensação de ser apunhalada pela garganta se transformou em lágrimas que estavam querendo sair. Corri para o banheiro feminino mais próximo e me tranquei em um lavabo. Bati as costas na parede e escorreguei até encostar no chão. Abraçando meus joelhos, não aguentei e chorei. Meu ataque de nervos foi silencioso, minha tristeza se extirpava de dentro das minhas entranhas e não da minha garganta. A pior parte era não saber se estava brava, triste, desesperada ou infeliz. O lamento profundo saiu do meu corpo silenciosamente, mas as lágrimas caíam pelas minhas bochechas como um rio.

Jared se satisfazia com o meu sofrimento como se fosse um néctar. Ele me atirou aos lobos diversas vezes, divertindo-se às custas da infelicidade que me causava. Jared, meu amigo, tinha sumido para sempre, deixando um monstro frio em seu lugar.

Suas últimas palavras também me irritaram. Ele estava me deixando livre, *permitindo* que eu namorasse. *Cara de pau!* Em meu doentio e distorcido vínculo com o garoto que costumava ser meu amigo, ainda consegui sentir um certo alívio pela atenção que ele dedicava a mim. Mesmo sendo uma atenção perversa, pelo menos ele sabia da minha existência de algum modo. Talvez, por ele continuar se incomodando por cruzar comigo, ainda levasse consigo algo de mim. *Mas ele tinha cansado*, como ele mesmo disse.

Enquanto estava em pé, me lembrei que Jared prometera que ia me fazer chorar esta semana. Ele conseguiu o que queria, e ainda era terça-feira. Depois que sequei as lágrimas, tive que admitir que o filho da mãe era esperto.



– Desculpe por não te atender hoje de manhã – K.C. lamentou enquanto deslizava a perna sobre o banco da mesa de piquenique. Ela também estava atrasada para o almoço. – Então, me conta tudo sobre ontem à noite! – Ela parecia falsa, como se estivesse forçando empolgação. Estava com a cabeça em outro lugar.

Ontem à noite, pensei. A primeira imagem que surgiu foi ela e Jared na moto dele, e depois o beijo esta manhã. A segunda coisa que me veio à mente foi a luta que testemunhei. A figura superassustadora que Jared apresentou ontem à noite socando seu oponente era a razão pela qual pessoas nesta escola abaixavam a cabeça para ele. Umas queriam pertencer ao seu círculo de amigos, enquanto outras mantinham uma distância respeitosa. Algumas pessoas queriam ser reconhecidas por ele, outras consideravam-se sortudas por passarem despercebidas.

– Ontem à noite? Por que não me conta primeiro? – Olhei de relance para ela enquanto bebia minha água. Considerei agir como se não soubesse de nada, mas ela e Jared não assumiriam controle das minhas emoções. Isso precisava ser esclarecido.

– Como assim? – K.C. estava com os olhos bem abertos.

Te peguei.

– Então você vai mentir para mim? Eu te vi. Eu te vi com ele na moto ontem à noite e hoje de manhã de novo no refeitório. – Apertei os lábios e joguei meu guardanapo amassado na mesa.

– Tate, é por isso que não te disse...

– Me disse o quê? Que você está ficando com o cara que me magoa? Que vocês dois estão rindo de mim pelas costas? – Minha voz estalava, mas fiquei feliz por não ter começado a gritar.

– Você está viajando.

Sabia que ela não queria me magoar, mas simplesmente não conseguia escutar isso. Não tinha desculpa. O calor da raiva emudeceu meu bom senso. Eu estava nervosa pra caralho, e queria que ela se sentisse tão mal quanto eu.

É disso que são feitos os valentões, pensei. Mas era bom botar tudo para fora, e eu não queria parar.

Deixei escapar uma risadinha rancorosa:

– Sabe, acho que devo agradecer ao Jared por ter me salvado de todo esse drama ao longo dos anos. Amigos que não posso confiar e garotos que iriam apenas me encher o saco. O que você está fazendo com ele?

Ela ignorou minha pergunta.

– Jared te salvou do quê? O que quer dizer com isso?

Putá merda. Será que ela ao menos se importava? Eu devia ir embora, mas não fui.

– Madoc me contou sobre como eles estragaram todos os meus possíveis encontros durante o primeiro e o segundo ano. Eles começaram *todos* os boatos e arruinaram toda esperança que eu tinha de fazer amigos ou conseguir um namorado.

– Agora você está acreditando no que o Madoc diz? – lançou ela, com um tom de acusação.

– Parece o melhor a se fazer, né? Madoc não iria mentir sobre seu melhor amigo. E ele não teria me dito se achasse que o Jared ficaria bravo. Acho que os dois têm muito orgulho do que fizeram.

Jared iria se refestelar a partir do momento que eu começasse uma briga com a minha melhor amiga, por causa do meu ódio por ele ou pelo envolvimento deles. O inchaço doloroso na minha garganta ficou maior. Queria ficar mais tranquila e resolver tudo,

mas não conseguia encontrar uma razão para não ir embora. Ela tinha me traído, mas também sempre ficava ao meu lado. Não podia dar as costas para ela no primeiro problema que tivéssemos.

– K.C. – continuei depois de respirar um pouco –, não estou de acordo com isso. Se você vai namorar o Jared... – Acho que não devia me preocupar em esbarrar com Jared na casa da K.C. ou tentar sair em um encontro de casais. Se ele se desse bem, perderia minha amiga de qualquer jeito. Eu deveria dizer que ele estava usando-a, mas isso só a deixaria mais furiosa. – Não confio nele e isso não vai mudar.

K.C. me olhou dentro dos olhos.

– E somos amigas. Isso não vai mudar nunca.

Ainda muito brava, soltei a respiração que estava segurando.

– Você acha que vale a pena? – perguntei. – Sair com ele sabendo que o odeio? – Por que isso era tão importante? Será que ela realmente gostava dele?

Ela ofereceu um sorriso contido, o olhar para baixo.

– Ele merece tudo o que você sente a respeito dele, mas carregar esse ódio dentro de você te trouxe algo de bom?

Irritada, balancei a cabeça. Acredite, se eu pudesse ter me livrado disso, eu teria.

Última tentativa de conseguir fazê-la usar a cabeça.

– Você sabe que o Jared é um grande jogador, certo? Ele já conseguiu pegar muitas garotas nesta e também em outras escolas.

– Sim, *mãe*, conheço o histórico dele. Sabia que não sou um alvo fácil?

– Não, mas o Jared é bom atirador. – Fui impassível.

Olhamos uma para a outra e rimos. A tensão em meu peito aliviou quando percebi que nossa amizade estava segura... pelo menos por hoje.

– Venha jantar em casa. Precisamos fazer uma noite só de mulheres – pediu K.C., enquanto descascava uma laranja.

– Não posso. – Estava exausta e, para ser sincera, não queria fingir que estava tudo bem. – Minha avó vai lá pra casa hoje. Ia te convidar para aparecer lá, mas tenho certeza que ela vai querer saber todas as novidades. Faz um ano desde a última vez que a vi.

– É, claro. – Naquele instante, ela recebeu uma mensagem. Ao lê-la, abriu um sorriso de orelha a orelha como se estivesse curtindo uma piada interna.

Ao perceber que eu a observava, ela me deu um sorriso de desculpas e continuou comendo. Olhei para as janelas do refeitório e vi Jared lá dentro sentado confortavelmente em sua mesa, com o celular na mão. Ele deu um sorriso para mim e percebi que estava nos observando.

E sequei uma lágrima falsa com meu dedo do meio. De novo.

CAPÍTULO 15



No começo da tarde não conseguia parar de soltar bocejos a cada cinco minutos. Depois de cair na realidade, o laboratório, o incidente entre Jared, K.C. e Madoc, a sessão de choro no banheiro e a conversa de coração aberto no almoço, meu corpo precisava se desligar um pouco. Faltava somente mais uma aula e então poderia ir para casa e dormir. Se eu tivesse sorte, na aula assistiríamos a um filme. Mas quando lembrei que Jared assistia a essa aula comigo, uma nova tensão flamejou meus músculos do ombro e pescoço.

Depois que sentei, Nate Dietrich veio até a minha carteira e se abaixou.

– Oi, Tate, o que acha de sairmos neste fim de semana?

Não consegui controlar uma risada por dentro. Este cara passou por mim no corredor na semana passada e segurou o saco na minha direção.

– Não, obrigada, Nate.

Ele tinha cabelos cacheados castanhos e olhos castanhos e era até bonito, mas muito burro para aguentar. Quando ele não estava contando alguma piada imatura, ele *era* a piada imatura.

– Ah, fala sério. Dá uma chance pra mim – ele falava com um tom de voz longo e monótono que parecia estar conversando com uma recém-nascida.

– Não estou a fim. – Fiz contato visual com ele de propósito, como se estivesse dando um aviso com os olhos. O fato de eu saber tomar conta de mim agora não era mais segredo. Ele devia tomar cuidado. Abri o caderno e comecei a olhar as minhas anotações esperando que ele se tocasse de que a conversa tinha chegado ao fim.

– Não te entendo. – *Não. Como disse, é muito burro.* – Você deu para o Trent no vestiário na semana passada, depois você saiu com o Jamison e provavelmente deve ter dado pra ele também. – Ele se abaixou ainda mais e passou a mão no meu braço.

Cada nervo do meu corpo se eletrificou. Queria bater a cabeça desse cara no meu joelho tão forte que faria surgir um fluxo de sangue suficiente para concorrer com as Cataratas do Niágara.

– Sai daqui – disse com determinação, ainda tentando ler minhas anotações. – Não vou pedir de novo. – Não conseguia nem olhar para ele, de tão rude que foi. A ideia que todo mundo tinha de que sou algum tipo de lixo vulgar fez com que as paredes se desmoronassem em cima de mim. Por mais que tentasse agir como se isso fosse normal (e eu estivesse acostumada) tudo ainda parecia uma merda. Eu me importava com o que os outros pensavam sobre mim.

– Jared está certo. Você não vale a pena – sussurrou Nate com um rosnado.

– Sente-se, Nate – uma voz grave e mandona nos assustou.

Ao olhar para cima, vi Jared logo atrás de Nate, dando-lhe um olhar mortífero. Meu coração acelerou ao perceber que, pelo menos uma vez, Jared não estava me olhando com raiva.

Como de costume, Jared quis mostrar que podia comandar um exército sozinho.

Nate se virou lentamente.

– Ei, cara, não leve a mal. Se você ainda estiver com ela... – Nate deu de ombros, afastando-se de Jared.

– Nunca mais fale com ela novamente. – A voz de Jared estava inalterada, mas seus olhos eram ameaçadores.

Que merda é essa?

– Vá. – Jared mexeu o queixo e Nate saiu como se tivesse sido dispensado.

Dei um suspiro amargo. Como ele ousa tentar solucionar um problema que ele mesmo criou! Todos, alguma vez no ensino médio, pensaram que eu fosse uma vagabunda por causa dele. Não era isso que ele queria? Ele não queria que eu fosse assediada e me sentisse desconfortável com seu bullying ? Cansada de ser atormentada por seus joguinhos, segurei a vontade nos meus punhos, que já estavam se contraindo para atingi-lo. Foi então que percebi que queria machucar Jared. Queria realmente machucá-lo.

Te odeio.

Minhas emoções se transformaram em uma palidez relaxada.

– Não me faça favores – disse, encontrando seus olhos. A satisfação de machucá-lo uma vez seria ótima pra caramba. – Você é um bosta miserável, Jared. Mas acho que eu também seria miserável, caso meus pais me odiassem. Seu pai te deixou e sua mãe te evita. Mas ninguém pode culpá-los, né?

Jared recuou e imediatamente me senti trêmula por dentro. O que estava fazendo? Essa não era eu! Fui tomada por uma revolta repentina. *O que acabei de falar para ele?* Esperava me sentir satisfeita, mas isso não chegou a acontecer.

Ele continuou em silêncio e seus olhos me fitaram com ira e desespero insinuados. Não tinha como desfazer o que foi dito. Apesar de ele esconder as emoções, eu conseguia enxergar seu medo.

É disso que são feitos os valentões.

Tinha acabado de fazê-lo se sentir mal-amado e indesejado de propósito. Disse que ele estava sozinho. Mesmo depois de tudo o que ele aprontou comigo, nunca me senti abandonada ou isolada. Sempre tive alguém que me amava, alguém com quem eu podia contar.

– Ok, turma. – A Sra. Penley entrou pela porta, me assustando. Jared não disse nada e seguiu até sua carteira. – Peguem as bússolas e procurem seu Leste. Quando eu disser “comecem”, peguem os materiais e sentem-se próximos à pessoa indicada para a discussão do dia. Podem colocar as carteiras ao lado ou de frente. Comecem.

Tentei afastar as lágrimas que haviam surgido, quase não tive tempo para recuperar o fôlego antes de meu Leste vir até mim.

– Olá, gatinha. – Olhei para cima e vi Ben, já ao meu lado, procurando por uma carteira vazia.

Hoje não. Coloquei o cabelo atrás da orelha e inspirei. Ben e eu não tínhamos conversado desde o encontro de ontem à noite, e até este momento não tinha percebido isso. – Oi, Ben. – *Aguente por mais uma hora*, cantarolei para mim. Precisava da minha música, minha cama e, com certeza, da minha avó.

– Estou bem. Agora. – Ele abriu um sorriso radiante e não consegui deixar de esboçar uma risada. Ele era um garoto feliz, era fácil ficar ao seu lado. Daria esse prazer a ele.

– Certo, turma, como vocês fizeram com o Sul na aula passada, apresente-se para o seu Leste – a Sra. Penley instruiu a turma. Todo mundo reclamou, como na outra aula, porque já nos conhecíamos muito bem.

– Eu sei, eu sei. – A professora acenou com as mãos para todos fecharem a boca. – Esse é um bom jeito de treinar para todas aquelas entrevistas que farão para entrar na faculdade. Além de se apresentarem, quero que dessa vez vocês dividam uma lembrança favorita para se conhecerem melhor. Vão em frente.

A Sra. Penley começou a andar pela sala que já estava tomada pelo zum-zum-zum das pessoas que conversavam. Olhei para Ben e bufamos, como se essa fosse a última coisa que gostaríamos de estar fazendo.

– Oi. – Ele esticou a mão, que eu aceitei revirando os olhos. – Meu nome é Benjamin Jamison. Minha lembrança favorita foi ter feito meu primeiro *touchdown* no ensino médio. Saber que eu era do melhor time e ver o público tão intenso, a sensação foi incrível.

Era difícil não simpatizar com uma lembrança dessas. Com todos os espectadores torcendo por ele, aposto que sentiu o coração saindo pela boca.

– Oi, meu nome é Tatum Brandt. – Acenei, me sentindo como se estivesse numa reunião dos Alcoólicos Anônimos em quealaria “Sou alcoólatra”. – Minha lembrança favorita foi quando... – Meus olhos imediatamente seguiram até Jared e depois para minha mesa. Essa

memória em particular era inestimável para mim, mas demorou para eu assumir isso. Talvez eu devesse apenas mentir, mas por que teria que esconder? – Ah, acho que não vai ser nada tão importante como a sua, mas... uma vez fiz um piquenique em um cemitério.

Ben arregalou os olhos.

– Sério? – Olhou para mim, cheio de curiosidade. – E como foi?

– Legal. – Engoli em seco. – Minha mãe faleceu quando eu tinha dez anos, e fiquei com medo de visitá-la no cemitério. Eu realmente tinha medo. Durante dois anos, recusei ir até lá. Odiava saber que ela estava embaixo do chão. Aí, tinha um amigo meu... daquela época, ele um dia preparou um almoço para nós e me levou ao cemitério. Fiquei muito brava quando descobri para onde ele estava me levando, mas ele me disse que eu devia estar feliz porque minha mãe estava lá. Ele disse que era o lugar mais bonito e tranquilo da cidade. Foi muito compreensivo e paciente. Nos sentamos perto do túmulo da minha mãe e comemos nosso almoço, escutando música no rádio que ele trouxe. Ele conseguiu me fazer rir em um instante. Ficamos lá por um tempo, mesmo depois que começou a chover. Agora esse cemitério é um dos meus locais favoritos. Por causa dele. – Meu rosto doía, foi quando percebi que fiquei sorrindo durante a história toda.

Por pior que Jared tivesse se tornado, e eu tivesse me transformado agora, ainda apreciava essa lembrança. Sorria toda vez que pensava no que ele tinha feito por mim naquele dia. Ele conseguiu trazer um pouco da minha mãe de volta.

– Uau. Minha história do *touchdown* soou meio superficial depois disso. – Ben parecia realmente interessado no que eu tinha contado para ele.

– Gosto da sua história do *touchdown*. Gostaria de ter tido mais *touchdowns*, se pudesse.

– Mas e aí, você e esse garoto ainda são amigos? – perguntou Ben.

Olhei para Jared no outro lado da sala, encontrei seu olhar, e o pelo na minha nuca se arrepiou. Seu olhar frio passou por Ben e depois voltou para mim. Não houve nenhum sinal de emoção que sugerisse humanidade.

– Não, somos praticamente estranhos agora.



Seguindo até o meu carro depois da aula, notei o ex-namorado da K.C. encostado nele.

– Liam? – perguntei, momentaneamente curiosa para saber por que ele estava me esperando, porém me sentindo mais irritada, porque tudo que queria era ir para casa.

– Oi, Tate. Como está? – Ele estava com as mãos nos bolsos e olhava para mim e para o chão.

– Estou indo. Como posso te ajudar? – perguntei abruptamente. Sempre questionava como a pessoa estava quando ela fazia o mesmo, mas estava chateada com Liam. Ele podia apodrecer no quinto dos infernos.

Ele sorriu, nervoso.

– Hmm, escuta. Me sinto muito mal pelo que aconteceu comigo e a K.C. Tentei ligar e passei na casa dela, mas ela não quer me ver.

Isso era novidade para mim. Quando perguntei à K.C. se tinha notícias de Liam, ela me disse simplesmente que “não”. Minha amiga não estava sendo sincera como sempre foi.

– E...? – Abri a porta do Bronco do meu pai e joguei a bolsa lá dentro.

– Tate, preciso vê-la. – Ele estava com os olhos vermelhos e inquietos. – Estraguei tudo. Eu sei disso.

– Essa é a sua desculpa? – Eu não tinha nada a ver com isso, mas gostava de Liam. Pelo menos gostava antes de ele ter traído minha melhor amiga. Queria entender. – Por que você traiu?

Passando as mãos no cabelo preto, ele voltou a se encostar no carro.

– Porque eu tive a oportunidade. Porque eu acabei me deixando levar lá no Loop. Sempre tive muitas meninas em volta de mim, e deixei que isso subisse à minha cabeça. K.C. só foi algumas vezes comigo, e nunca mostrou nenhum interesse.

Minha cabeça doía ao pensar no que dizer para ele. Não podia fazer isso agora.

– Liam, preciso ir pra casa. Vou falar para a K.C. que você quer conversar com ela, mas não vou ficar do seu lado nisso. Se você merecer, ela irá te perdoar.

Pessoalmente, não sei se perdoaria se fosse ela.

– Me desculpe. Não quis te meter nisso.

– Sim, você quis – brinquei, relutante. No fundo do meu coração, não acreditava que Liam era um garoto ruim. Mas ele fez merda, e não sei se valia a pena perdoá-lo. Sorte minha por não precisar tomar essa decisão.

– É, eu sei. Me desculpe. Você era minha última esperança. Cuide-se e... só pra você saber, mil desculpas por esta bagunça. – Ele se afastou e andou até seu Camaro.

Soltando um suspiro, entrei no carro e dirigi, antes da novela do dia se transformar em *E o vento levou*.

CAPÍTULO 16



– Hmmm... o que se passa, uva-passa? – gritei ao abrir a porta da frente. Meu corpo estava implorando pela minha cama, mas decidi fazer uma cara de feliz para a minha avó. Estava com saudades dela.

E eu, de forma egoísta, precisava que ela me lembrasse de que eu era uma boa pessoa. Depois do que disse para o Jared hoje, não queria nem me olhar no espelho.

Podia sentir o cheiro de sua chegada da rua. O rico aroma de molho e carne dançava nas minhas narinas, envolvendo-me em um cobertor quente antes mesmo de eu ter fechado a porta da frente.

– Oi, moranguinho! – Minha avó parecia ter vindo da cozinha até o corredor de entrada dançando, me levando em seus braços. No ano em que fiquei fora, senti falta de seus abraços superperfumados. O laquê de seu cabelo misturado à loção e ao perfume que ela usava, além do couro dos cintos e sapatos, criavam este aroma de lar na minha mente. Depois que a mamãe morreu, precisei muito da minha avó.

– Ah, tinha me esquecido de “moranguinho”. O papai ainda me chama de “batatinha”. Por que vocês, Brandts, ficam dando apelidos de comida no diminutivo para mim? – provoquei-a, sabendo que eram nomes carinhosos.

– Ah, não. Não negue a uma velhinha o prazer de inventar apelidos carinhosos. – Ela deu um beijo na minha bochecha que fez

um estalo.

– Vó, você é mais jovem de coração do que eu. – Joguei a bolsa perto da parede e cruzei os braços no peito. – A única coisa velha em você é a sua música. – Franzi a sobancelha.

– Os Beatles são eternos. Diferente daquela “gritaria” que você chama de música. – Revirei os olhos e ela segurou meu braço, levando-me até a cozinha.

Minha avó é um produto da geração dos anos 1950: autoritária, cada fio de cabelo no lugar certo, mas ela também floresceu durante a juventude na rebeldia da década de 1960. O desejo de estar ativa em seu ambiente e conhecer o mundo fez com que ela viajasse bastante quando era uma jovem adulta. Quando ela descobriu que eu ia passar um ano na França, ficou muito empolgada. *Experiência é a melhor professora*. Seu ditado me acompanhava aonde quer que eu fosse.

Quando ela estava na casa dos sessenta anos, parecia muito mais jovem. Tinha cabelo castanho-claro um pouco grisalho, e costumava usá-lo solto nos ombros. Uma alimentação saudável e exercícios a mantinham em forma, feliz e vigorosa. Ela era eclética. Já a tinha visto usar terninho e camisetas dos Rolling Stones.

– Então me conta, como está a escola? – Ela pegou uma alface e começou a enxaguá-la na pia.

– Está bem. – Minha cama não estava muito longe agora e meu corpo estava muito letárgico até mesmo para se entreter com a ideia de contar a verdade para ela.

Mas seus olhos vieram na minha direção e ela fechou a torneira.

– O que está acontecendo? – ela respirava pelo nariz. Isso nunca era bom. Essa mulher me conhecia muito bem.

– Nada. Eu disse que está tudo bem. – *Por favor, deixe pra lá.*

Ela estreitou os olhos.

– Quando você está feliz, você me conta sobre tudo: lição de casa, Feira de Ciências, França, *cross-country*...

– Estou muito bem – interrompi, passando a mão na testa. – É que hoje foi um dia difícil, só isso. Acordei tarde e comecei o dia com o pé esquerdo. Que horas você chegou?

Ela levantou uma sobrancelha perfeitamente arrancada após a minha mudança de assunto, mas deixou pra lá.

– Acho que lá pro meio-dia. Achei melhor chegar um pouco mais cedo para limpar tudo e começar a lavar as roupas... – Suas palavras foram sumindo enquanto ela fazia um gesto no ar com a mão. – Mas parece que você já cuidou de tudo.

– Bom, aprendi com a melhor. Não que eu não esteja feliz com a sua presença, mas a senhora realmente não precisa se preocupar. Tudo está indo bem.

– Que bom. – Franzindo a sobrancelha um pouco, continuou ela: – Na verdade, isso é ótimo. Saber que você vai embora para Nova York no ano que vem me preocupa um pouco, mas te ver cuidando de si mesma e da casa ajuda. Acho que você não precisa tanto de mim ou do seu pai.

– Disso eu já não sei. Cozinho muito mal, então ter você por aqui vai fazer com que eu coma melhor! – Eu ri quando ela balançou a folha alface na minha direção e algumas gotas d'água voaram em meu rosto.

– Ei! – Peguei uma folha de papel-toalha do balcão e passei no rosto.

Sentindo-me um pouco mais leve, pulei da cadeira para ajudar com o jantar. Minha avó preparou salada, macarrão e cogumelos salteados. Fiz o meu pão de alho de dar água na boca, que era basicamente a única coisa que eu realmente sabia cozinhar no fogão. O restante da minha dieta costumava incluir qualquer coisa que desse para cozinhar no micro-ondas. Ela arrumou a mesa no quintal dos fundos e coloquei uma música de fundo, que ambas gostavam.

– Então, acha que vou entrar na Columbia? – perguntei enquanto nos servíamos.

– Tenho um pressentimento sobre essas coisas.

– É, você também teve um pressentimento que meu primeiro beijo seria épico. Nós duas sabemos como ele foi de verdade – brinquei com ela, muito contente naquele momento. A comida parecia suculenta, e a brisa leve trouxe vida às árvores e o cheiro das rosas para a nossa mesa.

Ela começou a rir, quase engasgando ao dar um gole em seu vinho.

– Sabe – minha avó levantou um dedo –, em minha defesa, não sabia que seu primeiro beijo seria com alguém que você mal conhecia. Pensava que seria com aquele garoto que morava na casa ao lado.

Jared.

Minha animação ruiu à lembrança dele. Memórias distantes de sonhos, agora antigos, que um dia tive com Jared dançavam na minha cabeça. Tantas vezes quis beijá-lo quando era menor.

– Não é porque andávamos juntos quando éramos mais novos que havia esse envolvimento. Éramos apenas amigos – murmurei, minha sobrancelha agora ficando enrugada de irritação. A conversa estava agradável até tocar no nome dele.

– Não, mas havia outras coisas também. – A expressão pensativa da minha avó me fez querer mudar de assunto novamente. – Havia alguns sinais que pesquei. O modo como vocês dois ficavam sempre de cabeças juntas, o modo como ele te olhava quando você não estava reparando... e o modo como ele vinha dormir aqui escondido.

Ela falou a última parte devagar, seus olhos sábios zombando da minha expressão de espanto. *Ah, merda!*

– Você não achou que eu não soubesse disso, né? – perguntou ela.

É claro que eu não tinha ideia que a minha avó sabia disso! Bem lá no começo da nossa amizade, me lembro que Jared subia na árvore entre nossos quartos e entrava de fininho pelas portas francesas. Não foram muitas vezes, apenas quando a sua mãe estava bebendo e ele precisava fugir. Como sempre tive uma cama *queen size*, ficávamos muito confortáveis, cada um no seu espaço, apesar de sua mão sempre dar um jeito de encontrar a minha durante a noite.

– Bom, você não precisa mais se preocupar com isso. Não somos próximos. – Enrolando um pouco de macarrão no garfo, enchi a boca com a esperança de que esse assunto chegasse ao fim.

– Como ele tem te tratado desde que você voltou?

Com a boca ainda cheia, revirei os olhos e balancei a cabeça para indicar que as coisas ainda não estavam boas e que eu não me importava com isso.

– Você conversou com ele alguma vez, como sugeri? – perguntou ela, antes de começar a comer sua salada.

– Vó, nem me dou ao trabalho de tentar. Fomos amigos, agora não somos mais. Meu coração não está se despedaçando por causa disso – menti.

– Tate, sei que machuca. Ele tem sido um idiota com você.

– Sério, não estou nem aí. Mesmo se machucasse, com certeza não demonstraria isso. Ele me fez coisas horríveis, e se minhas lágrimas são o que ele precisa para ficar bem, então ele pode sofrer. Ele não merece a minha atenção.

Minha avó colocou o garfo na mesa, sem tocar na salada que ainda mergulhava no molho do macarrão.

– Tatum, sua mãe que falava assim.

Meus olhos saíram em disparada para ela, chocados com seu tom de irritação.

– Querida, eu amava a sua mãe. Todos nós amávamos. E sei que ela queria o melhor pra você quando tentava te ensinar a ser forte, já que ela sabia que não estaria por perto para te orientar nos dias difíceis. Mas, querida, ser vulnerável nem sempre é uma fraqueza. Às vezes, deixar a outra pessoa se abrir pode ser uma decisão consciente.

Apesar do que a minha avó estar dizendo parecer sensato, pensar em me aproximar de Jared para uma conversa franca me embrulhava o estômago. Me sentia horrível pelo que tinha dito hoje, mas isso não apagava da memória todas as sacanagens que ele tinha feito comigo. Ir atrás dele o faria dar gargalhadas. Essa era uma imagem que me dava nojo.

– Não quero saber o que se passa na cabeça do Jared. Não importa o que ele tenha lá no fundo, isso não é uma justificativa para ele tratar as pessoas desse jeito. Não me importo. – Seus olhos castanhos vieram à minha mente.

– Sim, você se importa – minha avó declarou. – Sei como a morte da sua mãe te afetou. Sei que quer ser médica para poder ajudar as

peessoas que sofrem como ela sofreu quando estava com câncer. Sei que levou a sério os conselhos dela e acha que tudo vai melhorar assim que entrar na faculdade. Mas os defeitos do Jared não são os únicos que estão te machucando.

Joguei o garfo no prato e sequei a camada de suor na sobrelha. Como isso se tornou minha culpa?

– Não, pode parar. Estou cansada de ouvir todo mundo defendendo-o. *Ele* se afastou de mim. – Encostei bufando na cadeira e cruzei os braços sobre o peito.

– E você o deixou, Tate.

– O que eu devia fazer, caramba?! Ele não queria falar comigo. Eu tentei.

Cama. Sono. Fuga.

– Calma. Não estou falando que você não foi uma boa amiga. É claro que foi. Foram os problemas dele que começaram isso. Mas é fácil dizer que você tentou e *então* se afastar. É fácil dizer que não pode forçar a ajudar alguém que não quer ser ajudado e *então* se afastar. Você acha que está sendo nobre e forte virando as costas ou esperando até o fim das aulas. Mas esse peso que você não está colocando pra fora está te enfraquecendo. Às vezes, o melhor remédio é ser vulnerável, botar tudo pra fora e fazê-lo ver como ele tem te machucado. Aí sim, você poderá dizer que tentou.

Fechei os olhos e coloquei as mãos na testa mais uma vez. Tinha tantas coisas na cabeça: a Feira de Ciências, o *cross-country* e a K.C. Por que estava perdendo meu tempo tendo esta conversa?

Enfurecida, mexi a mão no ar e soltei-a no colo.

– Por que você se importa? Você ameaçou conversar com a mãe dele quando isso tudo começou.

Pelo que sabia, minha avó nunca gostou muito de Jared. Apesar de ela sempre me encorajar a conversar com ele, ela sempre teve nojo de seu comportamento. Tinha parado de contar a ela e ao meu pai cada detalhe do tratamento repugnante que ele me dispensava, porque não queria que isso fosse resolvido a menos que fosse por iniciativa de Jared. Quando acontecesse, imaginei que ele fosse me procurar. Mas ele nunca veio.

– Porque você nunca mais foi a mesma. E porque quando você for para a faculdade, quero que seu coração esteja livre.

Livre. Como era mesmo se sentir assim?

– Já esqueci. Estou livre. – Não estava entendendo o que ela queria de mim.

– Agir de maneira indiferente não é esquecer – ela me alfinetou com seu olhar desafiador.

Meu corpo desmoronou. Depois disso perdi todo o meu arsenal.

Sentindo-me física e mentalmente esgotada, fiquei muito feliz quando ela me deixou ir para a cama sem pedir ajuda com a limpeza. Depois que entrei no quarto, tirei a roupa e entrei no chuveiro quente e tranquilo. Este esconderijo pulsante era o único lugar para onde eu podia fugir sem sair de casa. Podia ficar pensando, calada, o quanto eu quisesse; ninguém era o mais sábio ou me incomodava.

Eram apenas seis da tarde, e eu ainda tinha que ler alguns capítulos de *O apanhador no campo de centeio* para o dia seguinte e resolver alguns exercícios de Física, mas não tinha como lutar contra a sonolência. Programei o alarme para as quatro da manhã – o que me daria bastante tempo para levantar e fazer a lição – e fui até as portas francesas para fechar as cortinas.

Percebi que o vento começou a ficar mais forte e o céu, ofuscado por nuvens cinzentas. As árvores da vizinhança ainda tinham um verde vibrante e um raio, que de repente iluminou o céu, fez com que um breve sorriso de agradecimento surgisse em meu rosto. Saber que uma tempestade estava a caminho me tranquilizava, então deixei as portas abertas.



Acordei assustada com o som de uma forte batida, então me sentei na cama tentando entender o que estava acontecendo. Esfreguei os olhos para tentar acordar, e dei uma bocejada. Olhando pelo quarto, percebi que as portas ainda estavam abertas e que estava chovendo lá fora. Olhei para o relógio e vi que tinha dormido durante umas seis horas.

Após sair das cobertas, fui até o gradil das portas e admirei o espetáculo de trovões e raios no céu da meia-noite. *Acho que foi isso o que me acordou.* O ar frio me deixou arrepiada e gotas de chuva caíram sobre a minha pele. Ainda bem que não estava caindo um pé-d'água, senão meu chão teria sido inundado.

Examinei a árvore próxima às portas, levando em consideração que a chuva que escorria da folhagem da copa era leve. Com o coração batendo acelerado no peito, apoiei-me na sanca em volta da porta, coloquei o pé no gradil e subi. Segurei-me num dos galhos que estavam em cima da minha cabeça e toquei meu pé noutro galho, me esticando no gradil. Uma excitação causada pelo medo aqueceu meus músculos e me lembrou de que já fui muito mais corajosa quando criança. Avancei devagar até os galhos ficarem mais grossos e depois cambaleei até alcançar o tronco.

Ao sentar em meu velho cantinho, o som familiar das gotas de chuva tamborilando nas folhas me fez sentir-me em casa. Com as costas apoiadas no tronco e as pernas relaxando no galho grosso de onde vim, fiquei celebrando como era fácil reivindicar este meu lado simples. Não vinha aqui fazia anos.

De relance, vi uma luz na casa de Jared, provavelmente da varanda frontal, se acender. Alguns segundos depois, uma garota chegou correndo pela entrada com um moletom preto sobre a cabeça. Não consegui ver seu rosto, mas soube quem era assim que vi o carro para o qual ela estava se dirigindo.

K.C.

Na casa de Jared.

À meia-noite.

Não havia sinal dele, e a luz da varanda se apagou assim que ela entrou no carro dela. A pulsação incontrollável em meu peito começou, então fechei os olhos por alguns minutos tentando retomar a paz que estava curtindo há um minuto.

– Ficar sentada em uma árvore no meio de uma tempestade? Você é tipo um gênio. – A voz grave quase me assustou e me fez cair da árvore com o susto. Meus olhos abriram com tudo e me virei para ver Jared se inclinando na janela dele. Pelo menos ele estava

vestido. Isso me fez me sentir melhor depois de ter visto K.C. sair da casa dele.

– Gosto de acreditar nisso – murmurei, virando-me novamente para a tempestade. Minha raiva por Jared tinha diminuído. Consideravelmente. Depois das coisas terríveis que havia dito para ele hoje, agora só me sentia envergonhada e constrangida.

– Árvore? Relâmpagos? Te lembra alguma coisa?

Sabia que era perigoso. É por isso que era tão divertido.

– Você nunca se importou com isso antes – comentei, mantendo os olhos focados na rua cintilante que brilhava sob as luzes.

– Com o quê? Com você sentada em uma árvore no meio de uma tempestade?

– Não, se eu vou me machucar. – A vontade de olhar para ele era muito forte. Queria tanto ver seus olhos que parecia que uma mão invisível estava forçando meu rosto a se virar em sua direção. Queria que ele me visse. Queria que ele nos visse.

Por alguns segundos, não houve resposta alguma, mas sabia que ele continuava lá. Meu corpo reagiu com a presença dele e pude sentir que ele me encarava.

– Tatum? – A voz dele parecia suave e gentil, e instantaneamente senti um calor se apoderar de mim. Mas então ele falou de novo: – Não me importo se você esteja viva ou morta.

Todo o ar fugiu do meu corpo e sentei no galho da árvore me sentindo completamente derrotada.

Não dá mais. Não podia mais fazer isso. Não tinha como viver desse jeito. Era tudo um jogo para ele, mas meu coração não aguentava mais continuar jogando. Não sou forte. Não sou uma valentona. Não sou feliz. Eu sabia o que precisava fazer.

Vou te esquecer.

– Jared? – eu disse, ainda olhando para a rua molhada por causa da chuva. – Me desculpe pelo que disse hoje.

Olhei em sua direção, mas ele já tinha ido embora.

CAPÍTULO 17



– Ei, recebeu minha mensagem? – Ben descansou a mão no meu ombro ao chegar mais perto para me ver.

– Sim. – Lembrava-me vagamente de algumas coisas meigas que ele tinha me dito sobre não ver a hora de me ver novamente. – Mas só muito tarde. Fui dormir cedo.

Consegui finalmente voltar a dormir ontem à noite perto das duas da manhã, e acordei às quatro com o estômago embrulhado. Depois da maneira repugnante como me comportei ontem na aula, e da forma como me desviei dos meus objetivos, decidi parar de agir como a garota durona. O jogo dele era muito pesado e eu estava me tornando alguém que não gostava.

Precisava conversar com K.C., mas não tinha muita certeza de como lidar com ela. Ainda ficava nervosa ao pensar nos dois saindo juntos, mas uma coisa que ela me disse fazia sentido: essa raiva não estava me levando a lugar algum, e eu queria seguir em frente, e não sabia se conseguiria sem guardar rancor.

– Então, quer sair no final de semana? Vai ter uma reunião em volta da fogueira lá na casa do Tyler Hitchen, na noite de sexta-feira depois da corrida.

– Adoraria, mas estou atolada neste momento. Tenho que ver como será minha semana. – Fechei a porta do armário e comecei a andar devagar.

– Posso te ajudar com algo? – Ben franziu as sobrancelhas, preocupado. Foi meigo e me fez sorrir.

– Bom, você não pode correr para mim ou fazer minhas lições de Matemática ou Ciências ou fazer minhas provas, então você é bem inútil.

– É, é, eu sou. Pelo visto você falou com a minha mãe. – Seus olhos brilhavam entusiasmados, e ele sorria com provocação. – Tente ficar livre. Será legal.

Hannah, a Vaca, passou por nós com sua turma, e elas olharam para Ben como se estivessem se insinuando para ele. Seus comportamentos grotescos eram tão evidentes. Jogar o cabelo e morder o lábio inferior? Sério? Quem faz isso? Ela apontou para mim fazendo um “L” de *loser*, e mostrei o dedo do meio para ela por trás das costas de Ben enquanto elas passavam.

Acho que devia me sentir privilegiada por ter um cara como Ben querendo sair comigo. Hannah e provavelmente quase todas as outras meninas da escola adorariam que ele as notasse. Ele era atencioso e se comportava como um cavalheiro. Gostava de passar tempo com ele. Só que estava demorando um pouco mais do que eu pensava para sentir alguma atração.

– Beleza – respondi. – Vou tentar.

Ele pegou a minha bolsa e foi comigo até a sala de Física.

– Te vejo no almoço? – Ele olhou para mim esperançoso.

– Claro que sim. Vou sentar lá fora hoje. – Ele era bem-vindo. Talvez eu precisasse de um apaziguador entre K.C. e eu, caso perdesse a paciência de novo.

– Te vejo lá – ele falou baixinho e carinhosamente. Ao chegarmos na sala, ele devolveu a minha bolsa e se afastou, desaparecendo pelo corredor.

Queria estar mais a fim do Ben. Talvez, eu só precisasse conhecê-lo melhor.

A prova surpresa de Física me fez entrar em pânico. O bom é que isso me ajudaria a parar de pensar na minha vida pessoal. Tinha lido tudo e completado os exercícios meio atordoada de manhã cedo, mas ainda me sentia despreparada.

A corrida que fizemos em seguida, na aula de Educação Física, liberou a energia da manhã. Apesar de a treinadora estar testando nosso tempo de corrida por quilômetro, que completei em exatos seis minutos, ela me deixou continuar correndo. A queimação em meus músculos chamou a frustração e a dor pelas palavras que Jared dissera ontem à noite, que ficaram flutuando na minha cabeça a manhã inteira.

Não me importo se você esteja viva ou morta. Meus calcanhares enterram-se na terra enquanto eu me imaginava escavando seu túmulo.

– Oi, pessoal. – K.C. chegou por trás da mesa de piquenique do lado externo, onde eu e Ben estávamos sentados almoçando.

– Oi – disse com a boca cheia de salada de massa, sem conseguir olhar para ela.

– Como está, Ben? Pronto para o jogo na sexta-feira?

– Não estou tão preocupado com o jogo como estou com a corrida mais tarde. Estou apostando uma graninha no Garoto Maravilha. – Ele apontou o dedo na direção do refeitório, provavelmente se referindo a Jared.

– Ah, ele é uma aposta certa. – Ela sorriu e acenou com a mão. – Também estarei na corrida. Vai levar a Tate? – Ela olhou na minha direção.

– Acho que ela não vai curtir a corrida, mas estou tentando levá-la para a reunião em volta da fogueira depois.

K.C. estreitou seus olhos para mim enquanto misturava um refresco em pó dentro da água.

– Tate entende muito de carros. Acho que ela ia amar – disse ela.

– Gente, estou sentada bem aqui. Falem comigo, seus bestas – falei sarcasticamente para os dois, já que pareciam pais conversando sobre o que fazer com o filho deles.

Ben ajeitou meu cabelo atrás da orelha e me afastei um pouco em reação a esse gesto íntimo.

– Desculpa, Tate. Como eu estava dizendo, você ama carros. Sabia disso, Ben?

– Não sabia. Então ela tem que vir comigo. – Ele sorriu, colocando um salgadinho na boca, e me senti espremida como recheio de

biscoito. Eles estavam me pressionando.

No passado, todas as vezes que estivemos em um ambiente social, Jared fez algo para arruinar. Então, por que me incomodaria agora?

Olhando para K.C., engatei a primeira marcha para um confronto verbal.

– Você espera que eu vá até o Loop e torça para o Jared?

– Não, mas adoraria que você fosse comigo já que não conheço ninguém. Você pode ver a corrida, dar uma olhada nos carros e me explicar a diferença entre bateria e motor. Nunca entendi isso. Se você tem uma bateria, então por que precisa de um motor?

Ben e eu caímos na risada. Ela estava fingindo ser lesada para conseguir que eu concordasse. Eu queria ir, mas sabia que K.C. ficaria babando por Jared. Se eu quisesse passar um tempo com ela, então teria que ficar perto dele. Não podia ficar ao lado de Ben, pateticamente, a noite toda.

– Falei para o Ben que ia ver como seriam as coisas durante a semana. Tenho muita coisa pra fazer.

Apesar de já ter feito toda a lição de casa, queria adiantar algumas leituras e ir até a biblioteca para pesquisar alguns tópicos para a Feira de Ciências, a fim de tomar uma decisão final. Sem falar que, no sábado de manhã, tinha que estar na escola às sete para pegar o ônibus da competição de *cross-country* em Farley. Não era como eu estivesse tentando evitar Jared.

– E sei o que isso significa. – K.C. pegou o celular e começou a mexer nele, claramente nervosa.

Ela está brava comigo? Foda-se.

– K.C.! – Meu humor ficou do mesmo tom negro do meu esmalte.

– Falei que ia tentar. Caramba.

– Só estou dizendo que – ela não parava de olhar o celular – acho que se não fosse pelo Jared, você iria. Você tem que tentar, Tate. Ele me disse que não teria problema algum se você for.

Fiquei corada de vergonha, então olhei para Ben. Nunca lavei minha roupa suja na frente de outras pessoas.

– Ah, *e/e* não teria problema algum comigo lá? Já que agora tenho a permissão do idiota, então acho que devo agradecer de joelhos.

– Bom, o Jared não é o dono da corrida, ele não decide quem entra ou sai. Posso convidar quem eu quiser – Ben garantiu ao se levantar. – Preciso tomar um Gatorade. Vocês querem algo? – perguntou ele, provavelmente tentando achar uma saída, enquanto eu e K.C. discutíamos.

– Aceito água. – Coloquei a mão no bolso para pegar o dinheiro.

– Não, não. Eu tenho. – Ele andou até o refeitório. Acompanhei-o com os olhos e apreciei como ele ficava bem naquele *jeans*. Bom, pelo menos isso.

A voz de K.C. interrompeu meu transe.

– Se o Jared é um idiota, isso faz de mim o que, já que estou saindo com ele? – ela falou, tranquila, mas podia notar por seu olhar direto e lábios apertados que ela estava fervendo de raiva por dentro.

Jared era um idiota. Não era uma suposição, mas sim um fato comprovado. Minha frustração por ela passar um tempo com aquele babaca começou a escapar de mim. Tentei conter minha raiva antes que ela fugisse do controle, mas aquela porcaria continuava fluindo.

– Me diz você. Ele é um imbecil. Você sabe disso, e eu sei disso. – *O que estava fazendo?* – Mas o que você não percebe é que ele está te usando. Ele está te usando para me atingir. Ele se importa com você tanto quanto o Liam se importava quando te traiu.

Merda! Passei dos limites.

Fiquei desolada. O olhar em seu rosto tirou o ar do meu peito. Tinha magoado-a e esperava que ela se acalmasse e entendesse o que eu estava dizendo. Mas seu olhar me deixou apenas com dúvidas.

Depois de alguns momentos de hesitação, ela começou a juntar as coisas e pegou sua bandeja.

– Sabe, Jared pediu para eu me sentar com ele hoje, e agora quero muito mais a companhia dele do que a sua – ela falou antes de sair. E eu a deixei ir, porque entendia sua decepção. Neste momento, nem eu gostava de mim mesma.



Por mais que eu tentasse manter uma conversa com Ben quando ele voltou, minha mente estava muito focada em reconstituir a discussão com K.C. Meu pai sempre me disse que eu podia falar o que quisesse contanto que dissesse de um jeito amigável.

Putá que pariu, por que fui cuspir aquelas palavras como se tivesse cinco anos de idade?

Podia ter resolvido isso de outra maneira. Sabe o que dizem sobre os planos mais bem articulados? Minhas emoções fugiram do controle, e ela provavelmente tinha ido chorar no ombro de Jared. Aposto que ele estava adorando isso tudo.

Já estava bocejando de cansaço quando me arrastei pelas aulas de Inglês Avançado e Política, e não tinha energia alguma para treinar ou sair para jantar com a minha avó, como ela havia planejado.

– Sentem-se, todos! – gritou a Sra. Penley em meio ao barulho de carteiras sendo arrastadas e risos. Tínhamos acabado de terminar nossa discussão sobre os capítulos escolhidos de *O apanhador no campo de centeio* e estávamos colocando nossas carteiras na posição certa. A turma ficou empolgada com o livro. Metade deles, eu acho, estava feliz por não ser uma história rural como achavam, e todo mundo gostou da ideia de um adolescente rebelde que fumava muitos cigarros.

O debate foi uma merda para mim. Fomos obrigados a colocar nossas carteiras em círculo, para que pudéssemos fazer contato visual com quem estivesse falando. Jared ficou me lançando sorrisos maliciosos, sem dúvida já informado de seu progresso na Operação Destruir a Tate e a K.C.

Uma sensação intensa que se movia pelos meus braços e pernas me fez querer gritar com todas as forças até que ele magicamente desaparecesse.

Não me importo se você esteja viva ou morta.

Odiava admitir que me importava se *ele* estava vivo ou morto. Atormentava-me diariamente pensar que ele não me queria por perto.

Mas esse peso que você não está colocando pra fora está te enfraquecendo. Minha avó estava certa. Não estava melhor agora do

que antes de ter decidido me vingar.

– Turma – instruiu a Sra. Penley na frente da sala de aula –, antes de vocês copiarem os exercícios da lição de casa, quero conversar sobre seus monólogos. Lembrem-se, eles devem ser entregues daqui a duas semanas. Vou deixar uma folha pendurada lá fora para vocês escolherem o dia que querem apresentá-los. Seus monólogos podem discutir os itens da lista que entreguei ou vocês podem escolher outro tema com a minha aprovação. Bom, não estou pedindo por atuações dignas de um Oscar – ela garantiu –, então não precisam se assustar. Afinal, isso não é teatro. Apenas apresentem o monólogo e entreguem a redação, utilizando a rubrica que lhes dei, explicando como o monólogo reforça o tema do livro ou do filme. – A Sra. Penley parou de falar enquanto todos começaram a pegar os cadernos e copiar a lição da lousa.

Agir com indiferença não significa ter esquecido.

Será que não chegou a hora de você se vingar?

Quero que seu coração esteja livre.

Um cansaço espremeu meu coração. Virei, olhando para Jared. Ele levantou os olhos do caderno e me fitou.

Queria sair pelo corredor e ter a certeza de que não haveria mais dor alguma quando virasse a esquina. Queria que ele parasse. E, admito, gostaria de conhecê-lo novamente.

Mas esse peso que você não está colocando para fora está te enfraquecendo.

Antes que conseguisse me controlar, me virei e estiquei a mão no ar. Um aperto se revirou em meu estômago ao sentir como se tivesse entrado no sonho de outra pessoa.

– Sra. Penley?

– Sim, Tate? – A Sra. Penley estava parada na mesa dela, fazendo alguma anotação.

– Temos mais cinco minutos de aula ainda. Posso apresentar meu monólogo agora? – Senti olhos e ouvidos se virando na minha direção, a sala toda começou a prestar atenção em mim.

– Hmm, bem, não tinha planejado dar notas a ninguém ainda. Você já está com sua redação pronta? – A Sra. Penley enfiou a caneta que segurava no coque apertado.

– Não, vou entregá-la até o prazo, mas adoraria apresentá-lo agora. Por favor.

Observei-a ficar pensativa porque provavelmente estava preocupada se eu tinha me preparado, mas olhei implorando para ela com a esperança de que ela percebesse o quanto queria acabar logo com isso.

– Tudo bem – suspirou ela –, se você tem certeza que está pronta. – Ela me chamou para ir até a frente, enquanto andava até o lado para se encostar na parede.

Levantei da carteira e fui até a frente da sala, sentindo os olhares queimando nas minhas costas. Ao me virar para ver todos, meu coração batia como uma britadeira no peito. Fiz uma varredura com os olhos pela sala antes de começar. Se eu não olhasse para ele, conseguiria fazer isso.

– Gosto de tempestades – comecei. – Trovões, chuvas torrenciais, poças, sapatos molhados. Quando as nuvens começam a aparecer, fico risonha com a espera dela.

Apenas continue, Tate. Tentei fingir que estava conversando com meu pai ou com a minha avó. *Mantenha a naturalidade.*

– Tudo fica mais bonito na chuva. Não sei por quê. – Dei de ombros. – Mas é como se fosse a oportunidade perfeita. Costumava me sentir uma super-heroína quando guiava minha bicicleta nas ruas perigosamente escorregadias, ou como uma atleta olímpica que estava passando por provas difíceis para conseguir alcançar a linha de chegada.

Abri um sorriso ao me lembrar de tudo. Lembrar de mim e de Jared.

– Nos dias ensolarados, quando era mais jovem, adorava acordar com aquela sensação gostosa. Você me deixava louca te esperando, igual a uma tempestade sinfônica. Você era um temporal no sol, um trovão em um céu entediante e sem nuvens. Lembro que eu tomava café da manhã o mais rápido possível para que pudesse voltar e bater na sua porta. Brincávamos o dia todo, eu ia para casa apenas para comer e dormir. Brincávamos de esconde-esconde, você me empurrava no balanço, ou a gente subia em árvores. Ser sua parceira me dava uma sensação de lar novamente.

Exalei, finalmente relaxando, e meus olhos flutuaram até os dele. Eu o vi me olhando, respirando forte, quase como se estivesse congelado. *Fique comigo, Jared.*

– Sabe – meus olhos continuaram nos dele –, quando eu tinha dez anos minha mãe morreu. Ela tinha câncer, e eu a perdi antes de conhecê-la. Meu mundo desabou e eu estava assustada. Foi você quem fez com que tudo ficasse bem novamente. Com você, me tornei corajosa e livre. É como se aquela parte que morreu com a minha mãe tivesse voltado ao te conhecer, e eu deixei de sofrer. Nada mais doía se eu soubesse que tinha você.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e a turma se inclinava para me ouvir.

– Aí teve um dia, do nada, que te perdi também. A dor voltou e me senti mal quando vi você me odiar. Minha tempestade desapareceu, e você se tornou cruel. Sem explicação alguma. Você apenas tinha deixado de existir. E meu coração foi despedaçado. Sentia sua falta. Sentia falta da minha mãe. – Minha voz ficou rouca e não sequei a lágrima que havia caído. – Pior do que te perder foram suas agressões. Sua atitude e palavras me faziam odiar vir para a escola. Elas me deixavam desconfortável até mesmo na minha própria casa. – Engoli em seco, e o nó em meu peito diminuiu. – Tudo ainda dói, mas sei que não é minha culpa. Tem muitas palavras que eu poderia usar para te descrever, mas a única que inclui triste, horrível e lamentável é “covarde”. Daqui a um ano terei partido e você não será nada mais do que um fracassado que só foi famoso durante o ensino médio. – Continuava olhando para Jared e minha voz adquiriu força novamente. A dor em meu rosto por tentar conter as lágrimas diminuiu. – Você era meu temporal, as nuvens carregadas, minha árvore no aguaceiro. Amava tudo aquilo e te amava. Mas agora? Você é uma merda de seca. Achava que todos os idiotas dirigissem carros alemães, mas parece que os babacas de Mustang também sabem deixar cicatrizes.

Ao olhar em volta da sala, percebi que todos estavam parados e quietos. Uma menina se acabava de chorar. Terminei de secar uma lágrima que caía nas minhas bochechas e sorri.

– E gostaria de agradecer à Academia...

Todos riram, saindo do transe em que estavam depois da minha história séria e triste, e começaram a bater palmas e a ovacionar. Coloquei a cabeça para trás e olhei para o teto antes de dar uma reverência dramática e sarcástica, o que fez com que meus colegas rissem ainda mais. Os aplausos ensurdecedores tiraram a minha atenção das pernas trêmulas.

Foi assim. Jared podia me pressionar, me machucar, conseguir o que quisesse, mas mostrar a ele que me machucou, só que não acabou comigo, foi como venci. Uma euforia se instalou em meu estômago ao mesmo tempo que sentia ondas de contentamento me banhando.

Livre.

– Esse monólogo foi baseado em quê? Sra. Penley, ela fez as pessoas chorarem! Quem vai conseguir se sair melhor depois disso? E temos permissão para xingar? – reclamou de brincadeira uma das garotas da minha bússola.

– Tenho certeza de que você se sairá muito bem. E, Tate, foi maravilhoso. Você realmente conseguiu estabelecer um parâmetro. Mas não me lembro desse tema na lista, então tenho certeza de que tudo estará na redação, certo?

Confirmei, voltando para o meu lugar, pensando que lidaria com isso mais tarde. O sinal tocou e todos começaram a seguir até a porta, prontos para encerrarem o dia.

– Bom trabalho, Tate!

– Uau!

Algumas pessoas que nunca conversaram comigo me deram tapinhas nas costas e me elogiaram. Jared saiu voando da sala, como o estopim de uma dinamite. Só que, desta vez, eu estava livre da explosão. Eu o deixei ir, sem nem precisar me esforçar para *fingir* que não me importava.

Abrira meu coração e agora só dependia dele.

– Tate – Ben veio até a minha carteira, enquanto eu pegava a bolsa –, foi demais. Tem certeza que quer perder seu tempo estudando medicina e não fazer teatro ou algo assim? – Ele tirou a bolsa do meu ombro e pendurou no dele.

Segui até a porta com ele logo atrás de mim.

– Você está bem? Estava chorando. – Ele parecia realmente preocupado.

Virei para olhá-lo e esbocei um sorriso sem fazer força no rosto.

– Estou ótima. E adoraria ir na corrida contigo neste fim de semana.

Ele parecia surpreso com a minha mudança de assunto, mas seus olhos brilharam ao pegar na minha mão.

– Ok! Mas... você sabe que tem que vestir uma saia bem curta, né? É tipo o uniforme das garotas – provocou ele, e pude perceber que estava flertando.

– Bom, sou rebelde, não sabia disso?

Empurramos a porta, de mãos dadas. Vi Jared com a testa encostada na parede.

– Até mais, Jared – gritou Ben enquanto passávamos por ele, sem noção do que acabara de acontecer entre Jared e eu na sala de aula.

Ele se virou, porém, não respondeu. Percebi que seus olhos estavam vermelhos. Ele estava com as mãos enfiadas no bolso da frente de seu casaco preto e respirava como se tivesse acabado de correr por um quilômetro. Fora isso, não manifestava emoção alguma. Ele não parecia chateado ou feliz. Nada.

O que se passava em sua cabeça?

Será que um dia eu descobriria?

CAPÍTULO 18



– Tate!

Pega de surpresa, me virei e dei de cara com a minha avó me esperando.

Ooops. Fiquei pensando há quanto tempo ela já estava parada ali. Fui até o dock do iPod e desliguei “Miss Murder” do AFI.

– Desculpa. Estava apenas dançando um pouco – sorri, encabulada. Depois de um treino onde consegui ficar por mais de uma hora correndo, voltei para casa com energia de sobra. Um peso tinha saído de cima de mim e eu senti vontade de comemorar.

Decidi deixar minha lição de casa de lado, já que não tinha nada para esta semana, e fazer um buraco no meu tapete com alguns passos de dança horrendos.

– Você esqueceu seu celular lá embaixo. K.C. ligou. – Ela jogou o celular e eu peguei. – E já são quase sete. Está pronta para o jantar? – Minha avó acenou com a mão em direção à porta.

– Com certeza. – Peguei meu cardigã e o All-Star preto. Eu tinha trocado de roupa, colocado uma calça jeans e uma camiseta depois que chegara em casa, para ficar limpa após o treino. Desde o episódio em que Jared invadiu o vestiário, optei por tomar banho em casa.

– Desço em um minuto. Quero ligar para a K.C.

Minha avó concordou e saiu.

Pensar em pedir desculpas a K.C. fazia meu estômago embrulhar. Ela estava saindo com um cara que me tratava muito mal, e me magoava ela fingir que não via nada. Mas também percebi que ela e Jared estavam usando um ao outro. No fim, mais cedo ou mais tarde, o caso deles chegaria ao fim. Contanto que ela não se unisse a ele para me tratar como merda, decidi que não o deixaria conseguir o que queria.

– Oi – cumprimentei K.C., tímida, quando ela atendeu.

– Oi. – A voz dela parecia rude.

Respirei profundamente e dei um longo suspiro.

– Então, espero que eu possa me beneficiar de um cartão de saída condicional da prisão. Mil desculpas pelo que disse hoje.

Ela ficou quieta por alguns instantes. Do outro lado da linha, eu andava de um lado para o outro pelo quarto, nervosa.

– Você agiu como uma idiota – murmurou ela.

Eu quase ri. Bom, pelo menos ela estava falando comigo.

– Eu sei. Ele não tem mais nada a ver comigo. Se é ele quem você quer, então vou crescer e superar isso.

– Desculpas aceitas. – Conseguia escutar um sorriso em sua voz.

– Legal. Te vejo amanhã. Vou sair para jantar com a minha avó. – Ouvi a mãe dela chamando-a também.

– Divirta-se. E eu te amo, Tate – disse ela, gentilmente.

– Eu também te amo. Até mais.

Depois que desligamos, já me sentia melhor. Ainda bem que fizemos isso. Agora, se tivesse sorte, teria que aguentar apenas alguns encontros básicos com Jared. Mas se eu realmente não tivesse sorte, ele faria com que todas as minhas saídas com K.C. se tornassem encontros a três.

Eu ainda sentia uma pequena vontade de bater na minha amiga. Mas, pelo menos, resolvi esquecer a minha mágoa por Jared. Se ela queria se recuperar com ele, isso era da conta dela. Cansei de ficar criando problemas onde não existia e, para não me estressar tanto, resolvi cuidar da minha vida. Ela sabia como eu me sentia e eu sabia que ela não trairia minha confiança. Era tudo o que eu precisava.

Desci as escadas praticamente dançando, sentindo como se o hipopótamo que estava sentado em meu peito tivesse finalmente

decidido seguir em frente.

– Caramba, você parece estar de bom humor. – Os olhos da minha avó seguiram meus movimentos. – A escola foi legal hoje?

– Sim, na verdade, foi ótima. – Deixar Jared saber o quanto ele havia me machucado fez com que a frustração sumisse. Não me sentia mais enterrada pelas suas ações e por minha luta para manter uma fachada.

– Que bom. Está a fim do quê? Pelo seu jeans, acho que podemos esquecer do O’Shea. – Seu tom murcho mostrava decepção. O’Shea era seu restaurante favorito na nossa cidade pouco diversificada.

– O que acha do Mario’s? – perguntei, enquanto me sentava para amarrar os tênis. Adorava a massa deles com manjeriço e azeite. O casal de velhinhos que gerenciava o restaurante era gentil e convidativo, e meus pais tiveram o primeiro encontro deles lá.

– Claro. Boa ideia. – Ela pegou a bolsa, e roubei suas chaves. Eu sempre tinha que dirigir, a não ser que a situação não permitisse. Se não conduzisse o veículo, demoraria décadas para chegar a qualquer lugar. Por sorte, os adultos da minha vida eram indulgentes.

Enquanto ela parou na frente do espelho para arrumar o cabelo e abotoar seu casaco, coloquei os braços dentro do cardigã e passei a tira da minha bolsa pela cabeça.

– Vó? Enquanto estivermos fora, você se importa se eu der umas voltas em alguns estacionamentos para ver uns carros depois da janta? – Fazia semanas que não pensava em encontrar um carro, mas a ideia saiu da minha boca como se tivesse estado na ponta da minha língua o dia todo.

Não podia fingir que precisava do carro para passear. Afinal, tinha o Bronco do meu pai. O controle que reivindicara hoje me trouxe a sensação que eu tinha trocado de pele. Tudo parecia delicioso, possível e me entusiasmava. Conseguir um carro só meu era como outra dose de controle, diretamente na veia.

Minha avó me fitou pelo espelho com seus olhos azuis.

– Seu pai sabe que você quer comprar um carro?

– Sabe, mas só vou dar uma olhada agora.

– Querida, você não vai querer um carro em Nova York – declarou ela, virando-se para abrir a porta.

– Tem algum problema se a gente só der uma olhada? Porque ainda vou querer ter um carro para quando vier passar as férias – seguiu-a.

Trancando a porta da casa, ela concordou:

– Claro, não vejo problema algum em *olhar*.



Depois de um programa supernecessário e uma conversa aberta com a minha avó, voltei para casa mais calma do que estive há semanas.

Sentei-me na cama e fiquei lendo um dos suspenses de Chelsea Cain quando ouvi um ganido vindo lá de fora.

Minhas portas francesas abriram com um estalo, então consegui escutar a chuva. A garoa leve que começou quando eu e minha avó chegamos em casa virou uma tempestade, e estava caindo aos borbotões agora. Empurrando uma das portas para abri-la, me inclinei para fora e escutei.

O latido era constante, angustiado... e próximo.

Madman.

Dando uma espiada no quintal de Jared, não consegui ver nenhuma iluminação ou sinal do cachorrinho. A casa toda parecia quieta e escura. Já passava das nove, então ele e sua mãe deviam ter passado a noite fora.

Coloquei meus tênis e desci as escadas, aproveitando para verificar se a luz do quarto da minha avó estava apagada. Quando cheguei na porta da frente, acendi a luz da varanda e fui até lá fora.

Merda! Estava chovendo.

Como consegui me esquecer disso nos três segundos que levei para descer as escadas? Ainda bem que a varanda era coberta. Encolhendo-me, andei até a ponta mais próxima da casa de Jared e dei outra olhada. Coloquei a mão na boca em assombro ao ver Madman gemendo e raspando a porta da frente. Ele estava muito molhado e pude notar que tremia. Por sorte, ele tinha uma partezinha coberta que o protegia do aguaceiro estrondoso.

Sem pensar duas vezes, mergulhei na chuva e atravessei nossos quintais correndo até chegar aos pequenos degraus da entrada. Estava vestida apenas do short de dormir e uma regata, então, igual ao Madman, estava agora tremendo por causa da chuva fria que pingava nas minhas pernas e braços nus.

– Ei, amigão. Como conseguiu vir aqui fora? – Abaixei para passar a mão em sua cabeça e ele lambeu minha mão, todo feliz. – Cadê o Jared, hã?

Meu corpo se arrepiou, o que fez meus ombros se contraírem.

A última coisa que queria era bater na porta da casa do idiota, mas não sei o que aconteceria comigo se eu levasse o Madman comigo para casa. Provavelmente, Jared me acusaria de tentar roubar o cachorro *dele*.

Madman tinha sido um efeito colateral na minha briga com o Jared. Por mais que eu amasse o cachorro, achava que seria melhor se ele ficasse com Jared. Algumas coisas tinham ficado assim depois que ele voltou daquele verão que passou longe. Um de nossos passeios preferidos era um viveiro para peixes no Parque Eagle Point. Quando Jared e eu deixamos de ser amigos, ele parou de ir lá.

Fiquei com o viveiro. Ele ficou com o cão.

– Jared? Sra. Trent? – chamei, tocando a campainha. A chuva martelava o chão, dando uma sensação de que a rua estava alagando. O vento uivante forçava a chuva a cair de lado, o que deixou meu tênis e panturrilhas ensopados, mesmo por baixo da cobertura.

Duvidava que alguém conseguiria me escutar gritando nesta confusão, então bati na porta e toquei a campainha mais duas vezes. A casa continuava escura e silenciosa.

– Bom, Madman. Acho que você vai pra casa comigo. – O cão uivou de novo, claramente infeliz por estar do lado de fora.

Antes de ir embora, coloquei a mão na maçaneta e girei. Para minha surpresa, a porta abriu.

Não está trancada? Que estranho.

Madman entrou com tudo, empurrando e abrindo a porta inteira como se fugisse de um incêndio. O barulho de suas unhas nos pisos

de madeira ecoou pelo corredor. Ele foi até a cozinha, provavelmente até seu pote de comida.

Dei um passo hesitante até a entrada.

– Olá?

A casa estava praticamente escura, exceto pelas luzes da rua que lançavam um brilho fraco através das janelas.

– Sra. Trent? Jared? – Olhei em volta e senti um frio atingir meus braços.

Tem algo errado.

A casa estava quase morta. Não havia relógios fazendo tique-taque, nem zumbido de um aquário. Eu nem mesmo sabia se eles tinham um aquário, mas uma casa ocupada produzia algum tipo de barulho, até no meio da noite.

Madman latiu, então fui até a cozinha, mas parei quando ouvi um estalo por baixo do meu sapato. Ao dar uma olhada mais de perto, depois que meus olhos tinham acabado de se ajustar ao escuro, percebi um vidro quebrado ou... talvez fosse cerâmica, no chão. Dei uma sondada na área e notei mais desordem, que não tinha percebido quando entrei.

Havia cadeiras de ponta-cabeça, um abajur quebrado e as almofadas do sofá estavam jogadas na sala de estar. Até as fotos do Jared em quadros pendurados na parede nas escadas estavam despedaçadas e pendendo pelas pontas.

Jared?! Meu coração martelava pelas orelhas. O que havia acontecido aqui?

Madman continuou latindo, só que desta vez mais forte. Corri pelo corredor até a cozinha. O cachorro estava sentado, olhando pela porta dos fundos que estava aberta, gemendo e balançando o rabo.

Ao olhar pela porta, pude ver Jared sentado no degrau mais alto que levava até os fundos. Soltei um suspiro.

Ele estava de costas para mim e ensopado. Tinha água escorrendo pelas costas, e seu cabelo estava grudado na cabeça.

– Jared? – gritei, subindo até o batente.

Ele virou a cabeça o bastante para me ver pelo canto do olho, que estava quase completamente coberto pelo cabelo molhado. Sem ter

me reconhecido, virou-se novamente e levou uma garrafa de uísque aos lábios.

Jack Daniels. Puro.

Meu primeiro pensamento foi ir embora. Ele estava seguro. O cachorro estava seguro. O que quer que ele estivesse fazendo não era da minha conta.

Mas meus pés não se mexiam. A casa tinha sido vandalizada e Jared estava bebendo, sozinho.

– Jared? – Pisei lá fora, grata por ter uma cobertura na porta de fora também. – O cachorro estava latindo lá fora. Toquei a campainha. Você não escutou? – Achei que precisasse explicar a minha presença dentro da casa dele.

Como ele não respondeu, desci as escadas para olhá-lo. A chuva caía em meu rosto, ensopando meu cabelo e minhas roupas. Meus músculos ficaram tensos pedindo urgentemente para eu voltar lá para dentro, mas, por alguma razão, fiquei parada.

Jared estava com a cabeça levantada, mas com os olhos baixos. Seus braços estavam relaxados nos joelhos e ele balançava a garrafa quase vazia de um lado para o outro, com os dedos da sua mão esquerda.

– Jared? Pode me responder? – gritei. – A casa está destruída.

Não é da minha conta. Deixa quieto.

Jared lambeu os lábios e as gotas de chuva em seu rosto pareciam lágrimas. Eu o observei levantar os olhos com preguiça e piscar as gotas de água para longe.

– O cachorro fugiu – murmurou ele, com desinteresse. Ele estava com a voz calma.

Chocada com a resposta enigmática, quase ri.

– Então você resolveu fazer birra? Sua mãe sabe que você fez isso com a sua casa?

Ele franziu a sobrancelha ao me encarar com um olhar sem vida.

– O que você tem a ver com isso? Não sou nada, né? Um perdedor? Meus pais me odeiam. Não foi isso o que me disse?

Por um momento, fechei os olhos, pois me senti culpada novamente.

– Jared, eu nunca devia ter dito aquelas coisas. Não importa o que você...

– Não peça desculpas – ele me interrompeu. Ele balançou ao se levantar e adotou seu tom sádico de sempre. – Você fica patética se rebaixando.

Idiota!

– Não estou me rebaixando! – resmunguei, ao segui-lo para dentro da casa. – Eu apenas assumo as merdas que faço.

Fiquei dentro da entrada enquanto ele colocava a garrafa na mesa da cozinha e pegava um pano de prato no balcão. Indo até Madman, que estava encolhido embaixo de uma cadeira, ele enrolou o pano no cachorro e começou a secá-lo devagar. Ele continuou me ignorando, mas eu não podia ir embora sem dizer o que eu tinha que dizer.

– Me desculpe se te magoei, isso não acontecerá novamente. – Pronto, falei. Não precisava mais ficar aqui.

Mas não parei por aí. Olhei para a garrafa de Jack que ainda não estava vazia e fiquei preocupada. A mãe dele era uma alcoólatra em reabilitação e uísque puro podia ser perigoso se fosse ingerido em grandes quantidades. Pelo jeito que a casa estava, ele não estava muito consciente.

Tirei a garrafa da mesa, fui até a pia e comecei a despejar o conteúdo dentro do ralo.

– E também não vou deixar você se machucar.

– Filha da puta! – Jared pulou nas minhas costas. Nervosa, balancei a garrafa ao ouvi-lo vindo rapidamente atrás de mim.

Jared agarrou o recipiente, que ainda estava a alguns goles de ficar vazio, mas me virei para observá-lo, parada.

– Isso não é da sua conta. Vá embora – rosnou ele. Senti sua respiração em meu rosto, com cheiro de uísque e chuva, e seus olhos selvagens fizeram meus braços enfraquecerem. Quase soltei a garrafa, surpreendida pela força que ele usou para tirá-la de mim. Quando ele a puxou de mim, meu corpo todo reagiu.

Bom, isso é novidade.

O Jared ao qual tinha me acostumado andava sempre tranquilo e controlado, mas este Jared estava desesperado e inconsequente. Eu

devia estar assustada, mas, por alguma razão, estava inebriada com o enfrentamento.

Queria este confronto com Jared. Ansiava por isso.

Esforçamos-nos para respirar enquanto tentávamos tirar a garrafa um do outro, mas nenhum dos dois desistia. Ele flexionou os braços fazendo força e senti a garrafa começar a escorregar dos meus dedos. Sabia que ia perder.

– Para! – gritei. Será que a porra da garrafa era tão importante?!

Controle-se, idiota! Ele tinha obviamente perdido o controle, por isso precisava fazê-lo voltar à realidade.

Soltei a garrafa e dei um tapa em seu rosto. A cabeça dele foi pro lado com o impacto, e minha mão ardeu. Eu nunca tinha batido em Jared. Nem quando éramos crianças e brincávamos por aqui.

Chocado e furioso, ele largou a garrafa no chão, deixando-a pra lá, e virou seus olhos cruéis para mim. Arquejei quando ele me tirou do chão segurando a minha cintura e me encostou na ponta dura da pia. Antes que conseguisse perceber, ele prendeu meus pulsos nas costas e se posicionou entre as minhas pernas. Ele me puxou contra si, com força, e fiquei presa. Meu peito subiu e desceu rapidamente, desesperado por ar.

Ah, caramba.

– Me solta! – gritei.

Meu corpo estava espremido entre seus braços atrás de mim e seu tórax na minha frente. Ele me apertava forte para me manter imobilizada, mas não o bastante para me machucar. Tentei me contorcer e sacudir, mas ele apenas me puxou para mais perto e me apertou ainda mais forte.

– Jared, me solta – tentei fazer minha voz soar enérgica, mas com a luta minha força diminuiu.

Seus olhos encontraram os meus, nossos rostos estavam a menos de um centímetro de distância um do outro. Vários momentos passaram na minha cabeça enquanto ele me segurava, tentando me encarar.

Mas nada funcionou.

Quando o meu olhar encontrou o dele, ficou impossível conseguir desviar a atenção. Seus olhos pareciam a capa de um livro –

fornecia umas dicas, mas não contava a história inteira. E eu queria saber a história. Se eu vasculhasse em seus olhos tempo o bastante, talvez o que eu estivesse ansiando desapareceria.

Droga!

Mesmo com o bafo de bebida, ele tinha um cheiro incrível. Como um tipo de colônia. Minhas coxas estavam frias onde ele esfregava a calça molhada, mas minhas outras partes estavam pegando fogo. Um calor se derramava pelos poros do meu pescoço e uma gota de suor estava parada entre meus seios, onde o meu peito tocava o dele. Uma tontura passou pela minha cabeça em função da pressão que ele aplicou entre as minhas pernas.

Nossa respiração estava sincronizada e ele não estava mais com cara de raiva.

Ele falou, abalado, quase triste:

– Você acabou comigo hoje.

Presumi que ele estava se referindo ao monólogo.

– Que bom – destratei-o.

Ele me pressionou novamente.

– Você queria me machucar? Você se divertiu fazendo isso? Foi bom, né?

Ele estava falando sobre mim ou sobre ele?

Tentei manter a mesma expressão, mas meu corpo estava formigando por toda parte. Seu cheiro estava me preenchendo conforme ele se inclinava. Nossos corpos estavam se derretendo juntos, nossos lábios estavam tão próximos. Quando senti ele ficar duro entre as minhas pernas, fechei os olhos bem forte, já que estava com medo de ter parado de lutar.

Dando uma forte respiração, abri os olhos e o encarei audaciosamente, sentindo minha pulsação vibrando pelas orelhas.

Ele não significa nada para mim. Nada.

– Não, não me diverti com isso – respondi, calma. – Não senti nada. *Você* não significa nada para mim.

Ele se encolheu.

– Não diga isso.

O calor de sua boca flutuava ao meu redor enquanto eu me inclinava.

– Nada – repeti, quase como um sussurro. – Agora, me deixa...

Sua boca colidiu com a minha, suprimindo meu protesto.

Seus lábios me devoraram, forte e rapidamente, como se eu estivesse sendo comida viva. Sua língua penetrou na minha boca e eu deixei, precisando senti-lo por completo. A sensação pulsante em meu âmago ficou mais acelerada e coloquei minhas pernas ao redor de sua cintura antes de fechar os olhos, saboreando a liberação.

Tentei pensar, mas não consegui. Não queria. Todos os anos em que ficamos separados preencheram este único momento.

Ele soltou meus braços, enfiou uma mão rudemente no meu cabelo e pegou meu bumbum com a outra. Puxando meu quadril para mais perto do dele, atacou minha boca como se estivesse morrendo de fome. Ele chupou meu lábio inferior e depois se focou na minha mandíbula e no meu pescoço, dando beijos quentes e descontrolados. Um friozinho na barriga domou meus sentidos e gemi de prazer.

E retribuí o beijo.

Ah, caramba! Estava beijando-o também!

– Jared – arquejei. Ele tinha que parar. *Nós* tínhamos que parar. Mas me esqueci da razão.

Estava perdida.

Prendi minhas pernas ao redor da cintura dele e puxei seu cabelo molhado, segurando-o em mim, enquanto ele chupava meu pescoço. Sua mão esquerda desceu até minha coxa, e trouxe seus lábios para cima até os meus novamente, precisando de mais. Uma pressão se construía enquanto ele apertava nossos abdômens. Ele gemia, eu não queria que parasse. Nunca.

Quando ele curvou a cabeça para mordiscar por baixo da minha orelha, imagens dele com K.C. no dia anterior no corredor começaram a passar pela minha mente.

Foi isso o que ela sentiu.

Tudo veio como uma inundação. Meus olhos se abriram rapidamente quando comecei a cair na real.

Ele me machucou.

Ele me odiava.

– Jared, pare. – Era para ter saído uma voz mais forte, mas parecia apenas desesperada. Ignorando-me, ele beijava e mordida levemente meu ombro, ao mesmo tempo em que sua mão se mexia por baixo da minha camisa.

– Jared! Eu disse *pare!* – Coloquei as mãos em seu peito e o empurrei. Ele deu uns passos para trás tropeçando, respirando fortemente e me olhando como um animal.

Passamos do limite.

Pulando da prateleira da pia, saí praticamente correndo para fora da cozinha e da casa. Parecia que estava saindo vapor da minha pele quando a chuva fria golpeou meus braços e minhas pernas do lado de fora. Meu coração estava quase saindo pela boca enquanto caminhava até a varanda da frente.

O que você está fazendo?!, gritei para mim.

Senti uma dor oca se formar na minha barriga. Um vazio horrível preencheu meus braços onde ele tinha acabado de estar. Eu deixei ele me beijar. E me sentir.

E eu fiz o mesmo com ele.

Tentei recuperar o fôlego. Como deixei isso acontecer? É como se eu nunca estivesse no controle! Eu sabia que o que estávamos fazendo era loucura, mas senti-lo me fez esquecer de tudo. Mesmo agora, meu corpo ainda desejava o dele e eu odiava isso. A vergonha queimava minha pele onde ele havia me tocado.

Jared sempre calculava suas jogadas. Ele planejou isso? Era um golpe mais baixo do que jamais imaginei que ele chegaria. Ele provavelmente estava lá dentro rindo de mim agora, sabendo que conseguiu tirar meu orgulho.

Mil perguntas passavam pela minha cabeça, mas tentei esquecer-las. *Não.* Tinha certeza de uma coisa: não podia confiar em Jared. Ele mal tinha começado a compensar as coisas, e eu já estava com náuseas por causa da humilhação.

Isso não aconteceria novamente.

CAPÍTULO 19



No dia seguinte, corri de uma aula para a outra. Estava com o coração na boca, pois sabia que a qualquer momento podia encontrar Jared, então mantive o olhar para a frente. Literalmente.

Durante toda a aula de Francês, foi quase impossível não me lembrar do que aconteceu ontem à noite. Suas mãos, seus lábios, seus...

Não. Não vou ficar pensando nisso.

Tinha gostado. Pelo menos isso podia assumir. Será que ele me beijou por outra razão a não ser para provar que podia? E por que eu deixei?!

Decidi considerar isso como a cartada de um bêbado da parte dele, e da minha, um descontrole emocional.

Ao seguir para o almoço, rapidamente joguei todas as minhas coisas no armário e dei a volta correndo até o refeitório, tentando manter meus olhos longe de qualquer distração.

– *Hunf.* – O ar fugiu dos meus pulmões e eu fui direto ao chão.

Quê...?

Caí no chão gelado e me contraí por causa da dor na bunda. Tentei afastar a perturbação do meu equilíbrio.

Olhando para cima, respirei profundamente e senti uma palpitação quente na barriga ao ver Jared me rondando.

Merda. Topei bem com ele. E aqui estava eu, tentando evitá-lo como se fosse uma praga. Que bosta de planejamento.

Não conseguia parar de pensar em como a presença dele me tirava a tranquilidade. Eu olhava estupidamente, sem conseguir desviar o olhar, e notei como sua camiseta estava incrivelmente pendurada embaixo de sua cintura estreita, e quão sexy seu cabelo preto e volumoso estava hoje.

Ao me ver de bunda no chão, ele deveria ter me dado um sorriso convencido ou feito uma cara de escárnio. Fiquei corada de vergonha ao perceber como devo ter parecido idiota.

Mas não recebi nada dele. Pelo menos nada ruim.

Ele me estendeu a mão e eu o encarei com os olhos bem arregalados, tentando entender que merda ele estava fazendo.

Ele estava... me ajudando a levantar?

Ele ergueu sua mão suave com seus dedos grandes para mim e fiquei feliz com o gesto.

Uau. Talvez o beijo não tenha sido tão ruim. Talvez agora ele tenha começado a se comportar.

E depois ele olhou para mim como se estivesse irritado por estar esperando.

Olhei para ele com uma expressão carrancuda por causa de sua velha atitude arrogante.

Ah, não. Não preciso de nenhum favor seu, companheiro!

Levantei do chão me empurrando com força, limpei minha calça jeans e dei a volta por ele.

Enquanto meu corpo reagia a ele de maneira definitivamente positiva, meu cérebro praticava uma política de tolerância zero... a partir de agora.



Ben e eu nos encontramos na sexta-feira à noite depois do jogo. Queria continuar nosso relacionamento, mesmo que eu tenha passado uma boa parte dos dois últimos dias tentando não pensar em outra pessoa. Jared não tinha nada comigo. Não havia razão alguma para cancelar um encontro com um quase-namorado só

porque beijei outro menino, mesmo que tenha me sentido um pouco culpada.

Ben era fácil. E eu precisava de facilidade. Merecia isso. Apenas precisava controlar meu corpo.

Porra de hormônios.

– Então, estou há um tempo querendo te perguntar uma coisa. – Ben parecia feliz, mas tímido, enquanto terminávamos nossa pizza.

– Deixa eu pensar. – Coloquei o dedo indicador nos lábios. – Sim, faço as minhas próprias correrias e não, não costumo comer tanto. – Brinquei e dei um gole na coca.

– Não, não é bem isso. – Ele gesticulou com o dedo para mim e tirou o cartão de crédito para a garçonete quando ela apareceu.

– Estou escutando.

– Você mencionou no monólogo que a sua personagem era amiga de um garoto. Eles eram próximos, e depois ele se virou contra ela. Você disse que ele dirigia um Mustang?

Assenti, imaginando aonde ele queria chegar.

– Jared Trent dirige um Boss 302. Um Mustang Boss 302 – apontou ele.

Comecei a suar, mas concordei novamente. Eu sabia o que ele estava querendo dizer, mas não lhe daria nenhuma resposta, se era isso o que ele esperava. Já era ruim o bastante eu ter beijado Jared pelas costas de K.C., mas eu e Jared só nos beijamos uma vez. E seria só isso. Não iria explicar para Ben algo que nem eu mesmo entendia.

– E...? – Ele colocou os cotovelos na mesa e cruzou os braços, apoiando-se.

– E qual era a sua pergunta? – Tinha esperanças de que ser evasiva ficaria meigo e então ele desistiria de seus questionamentos.

Olhando para o lado e depois de volta para mim, ele riu por dentro.

– Percebi que ele estava te dando atenção exclusiva durante aquele monólogo. Você e o Jared Trent foram amigos? – Seus grandes olhos verdes estavam interessados.

– Como assim? – Fazer-me de difícil estava sendo fácil. Podia fazer isso a noite toda.

Parecia que ele estava tentando fingir um sorriso, mas continuou forçando.

– O monólogo era sobre ele?

Virei a cabeça para ele.

– Pensei que os monólogos tinham que ser baseados em um livro ou em um filme...

– Em qual filme ou livro você baseou o seu? – exigiu ele.

Sua insistência fez meu estômago tremer com uma risada reprimida.

– Tudo estará na minha redação – sussurrei no momento em que a garçonete trouxe o cartão de Ben e o recibo. – Mas... o Jared não significa nada pra mim, para sua informação.

Seus lábios se curvaram no canto da boca, parecendo que estava satisfeito com o que eu disse. Ele pegou a minha mão e me acompanhou até o carro dele. Infelizmente, ele estava dirigindo, então abriu a porta para eu entrar.

– Você nunca foi ao Loop, certo?

– Nunca – apertei o cinto de segurança e cobri minhas coxas o máximo possível com a saia preta listrada. As três fivelas sobre a coxa direita refletiram a luz das ruas brilhando pela janela.

– Bom, você vai amar. E eles vão te amar. – Seu olhar caiu sobre o meu peito antes de ele rapidamente desviar o olhar. De repente, desejei estar usando uma camiseta. Felizmente, minha regata branca estava levemente menos reveladora, sob a minha jaqueta militar curta e cinza, mas ainda assim me sentia exposta. A necessidade de me cobrir me irritou. Queria estar bonita para Ben esta noite, não queria?

Ou talvez não fosse no Ben que eu estivesse pensando enquanto me vestia.

– Eles vão *me* amar? Por quê? – perguntei.

– Porque você parece doce. – Ele mexeu a cabeça e ligou o motor.

As palavras de K.C. surgiram para me assombrar. *Bom, de qualquer modo, não vejo a hora de ver a expressão no rosto dele quando te encontrar.*

Fechei as mãos e mordi o lábio inferior para conter um sorriso.

Isso mesmo, mordi meu lábio inferior. *Droga.*



O Loop se localizava na fazenda do Sr. Benson, fora dos limites da cidade. Seu filho, Dirk, que se formara há duas décadas, começou um cenário de corrida semanal ao redor do lago no terreno. Com o tempo, Dirk assumiu o controle da fazenda e continuou permitindo que as corridas acontecessem na propriedade, mesmo que ele raramente fosse lá. Contanto que ele recebesse a taxa cobrada para passar pelo portão, todo mundo podia fazer apostas e se divertir sem nenhuma intromissão.

Viajamos pela longa estrada de terra que levava à fazenda. Normalmente, a fazenda estaria bem escura nesta hora da noite, mas com o trânsito que acontecia na pista, estava iluminada como um cruzeiro de sábado à noite.

– Vou parar aqui. Você não se importa de andar um pouco, né? – perguntou Ben. Carros alinhavam as laterais da estrada e, como estávamos chegando no meio da corrida, estava difícil de achar uma vaga.

– Aqui está bom. – Estava dedilhando o ar com ansiedade. Pulei para fora de seu Escalade, sentindo-me imediatamente agradecida pelo All-Star que tinha calçado. Não ficava muito estiloso com a saia, mas não sou o tipo de garota que curte saltos. A estrada de terra possuía declives e poças, além de cascalhos pequenos.

– Aqui, pegue a minha mão. – Ben esticou a mão quando deu a volta pela frente do carro para me encontrar. Ele me deteve e apontou para o carro. – Quer deixar a bolsa lá dentro?

– Não, talvez precise do celular. Tá tudo ok. – Coloquei o dedo atrás da alça da bolsa, que guardava duas das minhas três relíquias.

– Vamos – disse e comecei a andar a passos rápidos.

Na nossa frente, a pista se dividia para a esquerda e para a direita. Logo na frente havia um lago. O cheiro de escapamento já preenchia minhas narinas, e não consegui evitar caminhar animadamente. Meus olhos vorazes varreram a cena e vi faróis de carros estacionados nas laterais, virados para dentro, iluminando a pista.

Felizmente para a família de Dirk, o lago nem mesmo tinha vista para a casa principal. Na maior parte do tempo, as pessoas entravam e saíam sem perturbar a família. Como a maioria dos atuais policiais da cidade se formara quase na mesma época em que Dirk, o Loop era visto como um tesouro local ao invés de um incômodo. Além disso, a corrida era tão ilegal quanto a permissão para usar o terreno, então qualquer um que se machucasse não podia jogar a culpa nos Benson sem assumir uma parcela da culpa também. Era tudo muito conveniente e organizado.

Conforme seguíamos para o Loop, Ben me guiou para a direita em direção ao que parecia ser a linha de partida. Já havia dois carros estacionados, um ao lado do outro, e as pessoas chegavam no local como moléculas altamente conjugadas. Um dos carros era o GTO 2006 de Madoc e o outro era um modelo recente de Camaro.

Liam.

– Tate!

Virei-me para ver onde o povo gritava e percebi que K.C. vinha correndo na minha direção. Ela se jogou em mim numa tentativa de me abraçar e acabei tropeçando ao tentar manter o equilíbrio.

– Calma! – Pulei. – Não faz tanto tempo desde a última vez que nos vimos, faz? – Rindo por causa de seu amor obviamente induzido pela bebida, nos ajeitei.

Tínhamos feito as pazes, mas agora me sentia desconfortável por causa do beijo com Jared e o relacionamento deles ainda me incomodava. Tinha intenção em manter minha promessa de tomar conta da minha vida, mas havia agora uma distância entre nós que não existia, e não tinha certeza se voltaríamos a ser como antes. Talvez eu a estivesse olhando de um modo diferente ou talvez conversar não estivesse sendo tão fácil, mas sabia que algo havia mudado.

Ben levantou o dedo e articulou com a boca “um minuto” antes de sair para conversar com um menino da nossa sala.

– Aquele é o Camaro do Liam? – Virei a cabeça em direção à linha de partida onde o obstinado automóvel vermelho estava parado. A simetria de seu veículo se encaixava em qualquer multidão ou em qualquer estrada. Era difícil não respeitar um Camaro. E os pneus

eram tão grandes que parecia que conseguiriam manter o carro boiando.

– É – disse ela, torcendo o nariz com nojo.

– Ele vai correr contra o Madoc? – O que Madoc estava prestes a fazer seria considerado uma tragédia shakespeariana. Apesar de nunca ter visto Madoc correr, já tinha ouvido alguns rumores. Ele não era desleal, mas era inconsequente e causava um puta de um medo no adversário.

– Parece que sim – respondeu ela.

– Pensei que o Jared fosse se vingar por você. – Coloquei minha mão no peito e não mostrei nenhuma surpresa.

– Ah, não enche – disse K.C. com uma irritação falsa, dando um gole na cerveja. – Esse era o plano, na verdade, mas o Roman voltou da faculdade para passar o fim de semana e queria competir com o Jared. Então você sabe... – ela diminuiu o tom de voz.

Acho que o melhor tinha que competir com o melhor.

Comecei a ficar inquieta após a menção a Derek Roman. Ele era um idiota a nível mundial e tratava todos igualmente mal. Como merda. Você podia ser um homem, uma mulher, uma criança. Jovem, velho, rico ou pobre. Roman se comportava como se todos estivessem em um nível inferior a ele e não se importava com ética. Ele era desprezível.

– Cadê o Jared? – De repente fiquei perturbada ao pensar nele competindo com Roman, e comecei a procurar na multidão pelo seu cabelo castanho.

– Está lá com o Madoc, dando um sermão. – K.C. engoliu a cerveja, e pelo modo como mexia os pés, parecia inquieta.

– Tenho certeza que o Madoc não fará nada idiota. Ele não vai querer ferrar o próprio carro. Liam ficará bem – garanti.

– Não tô nem aí. – Ela olhou para qualquer outra direção, longe de mim.

Sim, claro.

Assustada pelo barulho estrondoso de um motor, virei em direção à linha de partida e fiquei na ponta do pé para conseguir dar uma espiada por alguma frestinha da multidão. Jared estava conversando encostado na porta de Madoc. O cabelo dele caía em seus olhos e

um sorriso sincero se abriu em seus lábios. O modo como seu rosto se levantou com um sorriso radiante...

Ah, alguém estava batendo tambores de aço na minha barriga.

Odiava-me por ser tão sentimental. Era inaceitável me sentir afetada por Jared, entre todas as pessoas. Estava com Ben, que também era muito bonito, disse a mim mesma.

– Oi. – Ben subiu novamente e colocou um braço em volta de mim. A proximidade do seu corpo me aquecia e ele cheirava a colônia.

Quase implorei por uma palpitação ou um frio na barriga, mas não senti nada. Tê-lo perto de mim ou me observando não causava nada em mim como devia.

Droga.

– Oi – respondi. – Será que a gente devia ir para outro lugar com uma vista melhor?

– Você está realmente curtindo isso, né? – Ben me mediu com uma expressão divertida brincando em seu rosto.

– Carros? Garotas gostosas? Claro. – Olhei para ele com uma cara de “é óbvio”.

– Venham por aqui – K.C. chamou para a direita. – Jared estacionou fora da pista. Podemos assistir de lá.

Ela estava aqui com Jared. Tinha quase me esquecido. É claro que ela ia querer assistir a ação com ele.

E por que não? Já tinha superado toda aquela nossa besteira, e se ele conseguiu me ignorar nos dois últimos dias, então acho que eu conseguia fazer o mesmo.

Passamos apertados no meio da multidão na medida em que todos pegavam um bom lugar para ver. Jared já estava apoiado no capô de seu imponente carro preto. Com uma perna escorada no para-choque, ele brincava com algo na mão. Sua camisa de botões estava aberta, revelando uma camiseta branca, e tanto ele como o carro pareciam furiosos.

– E aí. – K.C. foi cambaleando e encostou nele.

– Oi. – Ele deu um sorriso com a boca fechada para ela, antes de me olhar. Seu sorriso desapareceu antes de olhar para Ben.

– E aí, cara – Ben cumprimentou Jared.

– E aí, beleza? – Jared perguntou agradavelmente, mas desviou o olhar rapidamente.

Ben deve ter percebido a pergunta retórica, já que não respondeu nada.

Fiquei parada lá, tentando parecer desinteressada, olhando para todos os lados menos para Jared. Quando imagens da outra noite começaram a passar pela minha mente, comecei a suar e me abanei com a lapela da minha jaqueta. A estranha vibração no ar me fez pensar em quem devia ser excluído desta equação, para que tudo ficasse mais confortável: Jared, K.C., Ben ou eu.

K.C. interrompeu o silêncio.

– E, Jared, esta é Tatum Brandt. Diga “oi” – brincou ela, enquanto Jared colocava um braço ao redor da cintura dela. Comecei a soluçar.

Ele relanceou para mim com olhos apertados e notou minha roupa, apenas movendo seu queixo na minha direção, antes de focar novamente no ponto de largada.

Revirei os olhos e girei em direção à ação.

– E estamos prontos! – um jovem que assumi ser o Mestre da Corrida gritou para as pessoas liberarem a pista. Meus olhos ficaram impressionados com o tanto de dinheiro que passava de mão em mão com as apostas.

Os barulhos dos motores vibravam sob meu pé e me arrepiavam as pernas. Fiquei empolgada. *Droga, queria estar lá correndo.* Odiava ser uma espectadora, mas estava inquieta pela ansiedade.

Uma garota de saia xadrez curta e blusinha vermelha se posicionou em frente aos carros e levantou as mãos.

– Prontos? – gritou ela.

Os motores aceleraram, e a multidão gritou entusiasmada.

– Preparados? – Ela levantou os braços ainda mais alto.

– Valendo!

Fiquei na ponta do pé novamente para ver os pneus cantando e levantando poeira ao se esforçarem para partir. Eu vibrava empolgada, e não consegui deixar de abrir um sorriso enorme. Os carros passaram com tudo, produzindo uma rajada de vento em meu rosto e uma batida estrondosa no peito.

– Merda! – Escutei atrás de mim e, quando virei, vi K.C. secando a camisa.

– Deixei cair cerveja – murmurou ela.

Notei Jared um pouco atrás dela, ainda encostado no carro, nem mesmo acompanhando a corrida. Ele estava prestando atenção somente em mim, e tinha algo familiar em seu rosto. Naquele momento, a corrida, o Ben e a K.C. nem mesmo existiam.

Um gemidinho fraco conseguiu sair da minha garganta. Meu coração acelerou e meu estômago ficou embrulhado.

Ele me olhava da mesma forma que o fez antes de me beijar naquela noite de quarta-feira, não era minha imaginação. Raiva e desejo misturados faziam com que os meus joelhos se aquecessem o bastante para ficarem moles. Do jeito que ele estava me ignorando ontem e hoje, quase nem mesmo mantendo contato visual, tinha começado a pensar se tudo aquilo não tinha sido um sonho molhado que eu tivera.

Só que não foi.

Dando um suspiro profundo e desviando o olhar, tirei a jaqueta e joguei para K.C.

– Vista isso.

– Obrigada. – Ela segurou o copo com uma mão e colocou a jaqueta com a outra.

Dando outro olhar para Jared, percebi que seu peito cresceu e parecia duro conforme seus olhos jorravam fogo. O desejo havia desaparecido. Ele estava olhando Ben agora, que percebi estar me olhando também, e por sua vez desviou rapidamente o olhar, como se tivesse sido pego fazendo algo que não devia.

Novamente, quis me cobrir rapidamente.

Eu estava aqui pela corrida. Lembrei-me disso e voltei para a pista.

Madoc e Liam nunca empatavam. Ou Madoc ficava bem atrás de Liam ou Liam ficava a uma distância ridícula atrás de Madoc. Após um minuto, a multidão começou a rir ao perceber que Madoc estava apenas brincando com o seu oponente. Era por isso que Jared não estava assistindo. Ele sabia que seria uma vitória fácil. Não que o

Camaro de Liam não valesse a pena, mas Madoc era mais experiente e tinha feito um puta de um trabalho no seu carro.

Na última volta, Madoc explodiu na frente uma última vez e passou pela linha de chegada ao som de torcidas e assovios. As pessoas correram até o carro dele e Madoc saiu com um sorriso idiota naquele rosto convencido. Uma garota qualquer pegou-o pela sua camiseta cinza e enfiou a língua em sua boca. *Eca.*

Liam saiu lentamente do carro e olhou de relance para K.C., que percebi estar obviamente nos braços de Jared de novo. Fiquei com uma enorme vontade de chutar algo ao vê-lo colocar a mão no pescoço dela. Ela ria com prazer, é claro, apenas para se mostrar.

– Jared é o próximo. – Ben esfregou a mandíbula. – Roman é demais. Espero não ter apostado no cara errado.

Eu honestamente não sei em quem apostaria se fosse gastar minha grana com algum dos dois idiotas.

– Saíam todos da pista!

Pulei.

O Mestre da Corrida estava iniciando o próximo evento.

– Trent e Roman, venham já para a linha de partida.

De repente, fiquei apreensiva com essa dupla.

CAPÍTULO 20



Ben e eu nos separamos na multidão para que Jared tirasse o carro. K.C. veio ficar ao nosso lado, mas, por alguma razão, não conseguia olhar para ela.

Quando Jared entrou e ligou o motor, as meninas ao nosso redor começaram a dar pulinhos e gritinhos. Papa Roach retumbava em um nível ensurdecedor nas caixas de som. Ele acelerou o motor algumas vezes para agitar a multidão, com um sorriso brincalhão nos lábios.

O Boss 302 estacionou na pista, e eu quase senti vontade de ir embora. Jared e eu tínhamos sonhado tanto em correr juntos, e agora eu estava do lado de fora, apenas observando. Ele estava vivendo esse momento sem mim, e odiava o fato de não estar participando.

Roman tinha acabado de chegar com seu Pontiac Trans Am. Apesar de seu carro de 2002 ser considerado antigo em comparação ao de Jared, ele tinha uma grande chance de ganhar. A quantidade de trabalho e acessórios que Roman investira em seu veículo o tornava uma máquina formidável. Infelizmente, Derek Roman não confiava apenas em suas habilidades de mecânico para ganhar. Houve muitos acidentes aqui quando ele costumava competir no ensino médio.

– Beleza! – O Mestre da Corrida anunciou. – Liberem a pista para o grande evento da noite.

De acordo com K.C., o Loop realizava poucas corridas por evento durante o ano letivo, já que a garotada da faculdade voltava para a escola, então esta era uma noite tranquila com apenas duas corridas.

A música de Jared preencheu o ar e eu o vi tirar algo de sua mão para pendurar no espelho retrovisor. Não consegui descobrir o que era, apenas percebi que era volumoso e parecia um colar.

A mesma garota que posicionou Madoc e Liam veio para a frente dos carros, rebolando, enquanto andava na frente dos faróis deles.

O cheiro de gasolina e pneus permeava o ar, enquanto o barulho dos motores passava pelas minhas pernas. Jared estava olhando para frente, fazendo uma expressão estática, esperando pelo sinal.

– Prontos? – gritou a Senhorita Olhe-para-mim.

– Preparados? – Os motores roncaram.

– Valendo! – Ela baixou os braços com tudo e os carros passaram zunindo ao seu lado, erguendo poeira e pedras ao despertarem. Saí correndo em direção à pista com a enxurrada de pessoas para observar por trás, mais assustada do que empolgada desta vez.

Por mais que odiasse admitir, estava preocupada. Roman faria algo maldoso e machucaria Jared. Mesmo depois de tudo, não queria vê-lo machucado.

Quanto mais perto os carros chegavam da primeira curva, menores as suas lanternas traseiras ficavam. Eram quatro curvas e depois a corrida chegaria ao fim. As curvas eram fechadas, e era aí que um piloto profissional seria mais adequado ao Loop. A pista era pequena, esses carros eram grandes, e as curvas eram um inferno. Por essa razão, não era permitido estacionar carros no perímetro das curvas.

Jared escolheu a rota do cavalheiro, diminuindo para fazer a curva, enquanto Roman seguia na frente. Ou ele ganharia, ou mataria ambos. Os dois carros derraparam na curva, levantando poeira no ar, para a alegria dos espectadores que gritavam incansavelmente. Tomando a dianteira, Jared alcançou Roman e eles continuaram lado a lado.

Vai, vai. Apertei as mãos em cima do peito, com os dedos entrelaçados tão forte que minha pele estava esticada. Virei o corpo para acompanhar o progresso deles, e vi Jared recuar pacientemente toda vez para que Roman pudesse fazer a curva antes.

Meu coração batia acelerado e estava sentindo o estômago apertado por conta do nervosismo.

Chegando à última curva, Jared encostou atrás de Roman, mas ele não estava desacelerando. Roman derrapou para o canto ao dar a última volta, fazendo Jared tomar a dianteira. Ambos os carros se recuperaram e ficaram lado a lado ao se aproximarem da linha de chegada.

A multidão esvaziou a pista com uma rapidez enlouquecedora e ficou observando enquanto ambos os motores passavam estrondosamente. Os carros estavam tão próximos que não consegui descobrir quem havia ganhado.

Quando os dois carros chegaram na linha de chegada, todo mundo correu até eles numa bagunça agrupada de empurrões e gritos. Ninguém parecia saber quem ganhou.

Virei o pescoço procurando pelo Mestre da Corrida. Ele parecia estar conversando com outras pessoas, provavelmente tentando chegar a uma decisão.

– E aí, você viu quem ganhou? – perguntou K.C. com ar de confusa, enquanto andávamos até os carros.

– Não, e você?

Ela negou com a cabeça.

– Aí está você! – Ben veio ao meu lado e pegou minha mão. – Acho que eles não têm certeza de quem ganhou. Ótima corrida, né?

Soltei uma risada.

– Roí as unhas até não dar mais.

– Fala sério. Vamos ver o Jared. – K.C. me pegou pelo pulso e nós três fomos até a pista.

Ao me aproximar dos carros, percebi que os motoristas estavam se estranhando entre os veículos. Estavam com os lábios apertados e muito próximos um do outro. Parecia que transformariam o evento numa briga.

Chegando mais perto, escutei o que eles estavam falando.

– Você estava se jogando dentro da minha pista! – gritou Roman entredentes. – Ou talvez você apenas não saiba como lidar com o seu carro. – Seu cabelo preto estava arrumado para trás, e ele vestia um jeans e uma camiseta branca que o deixavam igual aos rebeldes dos anos cinquenta.

– Não há pistas no trajeto – riu Jared. – E nem vamos falar sobre quem não consegue lidar com a própria força.

Roman apontou o dedo perto do rosto de Jared ao falar:

– Vou te falar algo, Princesa. Volte depois que tiver um pouco de coragem e tirar suas rodinhas de criança. Aí você será homem o bastante para competir comigo.

– Homem o bastante? – Jared arqueou uma sobrancelha como se aquilo tivesse sido a coisa mais ridícula que já ouviu na vida. Ao se virar para a multidão, colocou as mãos ao lado de seu corpo, com as palmas para cima. – Homem o bastante? – perguntou sarcasticamente.

A morena vagabunda da festa de Jared, Piper, subiu e se esfregou nele como uma cobra. Ela segurou sua bochecha com uma mão e apertou seu bumbum com a outra. Enfiando a língua na boca dele, ela o beijou devagar e profundamente, entregando todo seu corpo ao processo.

A porcaria da multidão gritava muito alto.

Um calor escapou de meu nariz, orelhas e olhos, antes que eu pudesse desviar o olhar.

Ele havia me beijado daquele jeito há dois dias.

Foda-se ele.

Olhei para K.C., que estava com uma expressão de surpresa.

– Você está bem? – perguntei. Se eu realmente me importava? Provavelmente não, mas pelo menos isso fez com que a minha mente parasse de se focar na dor do *meu* peito.

– Bem pra caralho – rosou ela. – Liam acabou de ver isso. Legal.

Quase ri ao perceber que a única coisa que a estava deixando puta era a reação de Liam. Se Liam não achasse que Jared tivesse algo sério com K.C., ele não se sentiria ameaçado.

Ela não se importou nem um pouco com o Jared. Disso eu tinha certeza. E acabou fazendo eu me sentir um pouco melhor sobre o fato de tê-lo beijado escondido dela.

– Ok! – O Mestre da Corrida veio cortando pela multidão. – Saiam do caminho, saiam do caminho.

Ele olhou as pessoas, esperando que todos ficassem quietos. Piper saiu de cima de Jared e voltou para seus amigos, secando os lábios enquanto andava tropeçando.

– Escutem. Temos boas e más notícias. As más notícias são que estamos considerando isso um empate. – A multidão começou a reclamar e a xingar, já que apostas tinham sido feitas, e todos ficaram irritados. – Mas a boa notícia é – continuou ele – que temos um jeito de resolver o impasse.

Seu sorriso malicioso me assustou. Soltei a mão de Ben para me aproximar mais, agora parada no meio da multidão. Jared e Roman faziam cara de desaprovação.

– Uma nova competição? – perguntou Jared.

– Algo assim. – O Mestre da Corrida parecia um pouco alegre demais. – Se vocês querem resolver isso, então seus carros correrão novamente, porém... vocês não serão os pilotos.

Murmúrios podiam ser ouvidos no meio da multidão, e meus olhos dispararam para Jared para ver sua expressão de choque.

– Como assim? – Roman chegou mais perto e questionou.

– Sabemos que são pilotos excepcionais. A corrida esteve perto de provar isso. Vamos ver quem tem a melhor máquina.

– Mas então quem vai dirigir os carros? – Jared quase gritou, e seu rosto ficou pálido.

O Mestre da Corrida ficou com o rosto inchado ao sorrir:

– Suas namoradas.

CAPÍTULO 21



Tinha certeza que as risadas no Loop podiam ser ouvidas até mesmo da casa dos Benson. Algumas pessoas adoraram a solução inovadora do Mestre da Corrida, enquanto outras reclamavam de suas apostas. Mas todos pareciam concordar que uma corrida com duas adolescentes lerdas em máquinas de alto desempenho seria hilária.

– Cara! Não vou deixar isso acontecer! – Roman olhou para a namorada, uma mexicana baixinha com mais peso no peito do que no resto do corpo. Conhecendo Roman, eles podiam estar saindo há dois meses ou há dois minutos. Quem saberia?

– Zack, não tenho uma namorada. Eu *nunca* tenho uma namorada – declarou Jared diretamente para o Mestre da Corrida, enfatizando a palavra “nunca”.

– E aquela coisa linda que chegou contigo? – perguntou Zack.

Jared olhou para K.C., e os olhos dela arregalaram-se.

Tomando coragem, K.C. gritou:

– Ele é apenas um caso. – Todos soltaram um “ohhhh”, e K.C. sorriu com sua própria obstinação. Jared arqueou as sobrancelhas para Zack como quem queria dizer “não disse?”.

– Ninguém dirige meu carro – Jared deixou bem claro para Zack.

– Concordo com a Princesa nessa – Roman mexeu a cabeça em direção a Jared. – Isso é ridículo.

Zack deu de ombros.

– Todo mundo já viu vocês dois competindo. As pessoas querem entretenimento. Se vocês têm algum interesse em resolver essa pontuação para acertarmos as apostas, então terão que jogar do meu jeito. Estejam na largada daqui a cinco minutos ou vão embora.
– Ele começou a se afastar, mas parou e virou. – Ah, vocês podem ir no banco de passageiro se quiserem... sabe, pra dar apoio moral. – Ele não conseguiu dizer as últimas palavras sem se matar de rir. Provavelmente estava esperando que as garotas fossem se acabar de chorar antes de terminar a corrida.

Zack se afastou e os sussurros começaram a ser ouvidos na multidão. Roman seguiu para longe, enquanto Jared andou até nós.

– Isso é ridículo. – Ele passou os dedos no cabelo.

– Ei, cara. Posso dirigir pra você. – Madoc entrou na conversa. – A gente teria apenas que contar a eles sobre nosso relacionamento secreto. – Ele colocou os braços sobre os meus ombros e os de Ben, brincando, mas tirei-os rapidamente.

Jared o ignorou. As engrenagens de seu cérebro operavam enquanto ele andava de um lado para o outro na nossa frente. Ele estava pensando provavelmente em como sair dessa, mas quando parou e deu um suspiro de derrota, soube que não tinha escapatória.

Olhei para Roman, que estava levando sua namorada até o carro, aparentemente dando-lhe instruções sobre o câmbio manual.

Ah, cara. Contraí minhas bochechas tentando não rir.

– Jared, não posso correr por você – gargalhou K.C. – Você terá que encontrar outra pessoa.

Ele olhou para o céu e balançou a cabeça. Apesar de não querer ver seu carro ser detonado, eu estava achando a situação superdivertida. *Bem feito.*

– Só tem mais uma pessoa em quem confio um pouco para dirigir meu carro. – Ele arqueou a sobrancelha e se virou, olhando para mim.

Soltei todo o ar que estava em meu corpo.

– Eu?

– Ela? – Madoc explodiu, Ben e K.C. repetiram.

Jared cruzou os braços no peito e se aproximou de mim como se fosse um policial em uma sala de interrogatório.

– Isso, você.

– Eu? – Olhei para ele como se estivesse louco. Se ele achava que eu faria algum favor para ele, estava louco.

– Estou olhando para você, não estou? – O tom de voz arrogante e o olhar de condescendência me fizeram querer dizer “sim” e depois acabar com o carro dele, com a esperança de que fosse ele quem terminasse chorando.

Esquivei-me dele e olhei para o meu companheiro.

– Ben, será que aquela reunião em volta da fogueira poderia começar mais cedo? Estou entediada aqui. – Ao me virar novamente, ignorando o olhar pasmo de Ben, fui até a frente da multidão.

Uma mão segurou meu cotovelo e gentilmente me puxou para parar. Olhei para cima e vi Jared se esforçando para me olhar.

– Podemos conversar? – ele falou baixo e com uma atitude gentil. Fazia tanto tempo que não o via assim que já nem me lembrava que ele podia agir como um ser humano. Apesar de isso não ser o bastante para me fazer esquecer quão terrível ele foi comigo.

– Não – disse a mesma resposta que ele me deu há duas semanas quando pedi para diminuir o volume da música.

Ele deu um forte suspiro.

– Você sabe o quanto está sendo difícil, para mim, fazer isso. – Ele olhou para o outro lado e depois novamente para mim. – Preciso de você – suspirou, parecendo derrotado.

Inspirei aquelas palavras. *Ele precisava de mim?* Pelo modo como ele respirava pelo nariz e por não estar fazendo contato visual, podia perceber seu desconforto ao dizer aquilo. Uma parte minha queria ajudá-lo, mas uma outra parte somente queria ir embora. Onde ele estava quando precisei dele no passado?

Eu me odiava, mesmo que por um momento, por ter pensado em perdoá-lo por tudo o que fez depois de ele ter dito aquelas três simples palavras. Tarde demais.

– E amanhã quando você não precisar mais de mim? Vou ser a merda pisada por você de novo? – Minha resposta saiu mais furiosa

do que eu havia planejado. Eu me ressentia pela facilidade com que ele me abalava.

– Ela vai competir – K.C. gritou atrás de Jared. Não tinha notado que ela estava parada perto de nós, mas, ao olhar para cima, percebi Ben e Madoc entrando na nossa conversa também. Meu coração acelerou novamente.

– K.C.! – repreendi-a. – Você não responde por mim. E não vou correr! – falei a última parte para Jared.

– Você quer – contestou ela.

E ela estava certa.

Queria muito dirigir o carro dele. Queria mostrar para todas essas pessoas o que eu era capaz de fazer. Queria mostrar para Jared que tinha algum valor.

E foi esse pensamento que me fez querer ir embora. Não precisava provar nada para ele. Sabia do meu valor e não precisava da aprovação dele.

– Pode ser que sim – admiti. – Mas tenho orgulho. Ele não vai conseguir porra nenhuma de mim.

– Obrigado – Jared cortou K.C. antes de ela ter a oportunidade de responder.

– Pelo quê? – mandei.

– Por me lembrar da piranha ruim e egoísta que você é – gritou Jared, acabando comigo. Um calor subiu pela minha cabeça quando comecei a sentir que palavras eram inúteis agora.

Meus braços ficaram tesos e fechei as mãos. Estava fantasiando Jared preso em algemas enquanto acabava com ele no soco.

Antes de eu dar uma resposta aborrecida, Madoc resmungou:

– Já basta. Vocês dois. – Ele entrou no meio de nós, parando de olhar para o Jared e se virando para mim. – Neste exato momento não me importo com as merdas que tenham acontecido entre vocês dois, mas precisamos de uma bunda sentada naquele carro. Vai ter muita gente perdendo grana.

Ele dobrou as mangas, como se fosse nos jogar dentro do carro pessoalmente.

– Jared? Você vai perder muita grana. E, Tate? Você acha que todos te trataram mal antes? Dois terços das pessoas que estão aqui

esta noite apostaram no Jared. Quando ficarem sabendo que a primeira opção dele recusou participar, o resto do seu ano na escola será um inferno sem precisar que eu e o Jared levantemos um dedo. Agora, você dois, entrem na porra do carro!

Todos ficaram lá parados, chocados. Madoc nunca falou coisas com algum significado, mas ele conseguiu fazer com que eu me sentisse imatura e infantil. Muita gente estava contando com a vitória de Jared e, por mais que eu odiasse admitir que Madoc estava certo, seu ponto de vista era válido.

– Ele tem que me pedir com carinho. – Cruzei os braços, mantendo uma expressão tranquila.

– O quê? – Jared deixou escapar.

– Ele precisa dizer “por favor” – repeti para K.C., Madoc e Ben, sem querer falar diretamente com Jared depois de ele ter acabado de me insultar.

Os outros ficaram apenas olhando para mim e para Jared, como se estivessem esperando para ver qual bomba explodiria primeiro. Jared balançou a cabeça dando um sorriso amargo e, por fim, deu um longo suspiro antes de responder.

– Tatum – ele falou, calmo, mas tinha aquela amargura subjacente –, você dirigiria comigo, por favor?

Olhei para ele por um instante, apreciando aquela rara demonstração de humildade, mesmo que forçada, antes de levantar a mão.

– Chaves?

Jared jogou-as na minha mão.

Enquanto mordida o canto da boca para reprimir um sorriso, corri até a pista e Jared me seguiu. Vi Roman pulando para fora do carro, depois de ter estacionado para sua namorada atrás da linha de partida. Corri até o carro de Jared, e os grupos de pessoas em volta da pista começaram a sussurrar e a assoviar ao me verem indo para o banco do motorista.

Jared entrou no lado do passageiro e bati a porta com força depois de mergulhar no couro fresco. O impressionante carro estava quase totalmente preto por dentro e imediatamente senti meus

braços ficarem arrepiados. O carro de Jared cantava com força, passando uma sensação de caverna: frio, escuro e animalesco.

Cacete.

Ao girar a chave, estacionei na posição certa enquanto o povo se dispersava para as laterais. A vibração que passava pelas minhas coxas fez meu corpo coçar e rapidamente olhei para Jared, que estava me observando.

Ele estava com o cotovelo ancorado perto da janela, com a cabeça apoiada na mão e me olhava com uma mistura de curiosidade e diversão. Fiquei imaginando o que ele estaria pensando de mim atrás do volante dele.

– Você está sorrindo – apontou ele, quase como se estivesse me acusando.

Movimentei o volante, sem olhá-lo.

– Fique quieto pra não arruinar meu momento, por favor.

Jared limpou a garganta e continuou mesmo assim:

– Seu pai nos ensinou a dirigir sem direção hidráulica e o Bronco é manual, então acho que você não tem nenhuma dúvida quanto a isso, certo?

– Nenhuma. – Minha pulsação estava martelando nas pontas dos meus dedos.

– Que bom. As curvas são fechadas. Mais fechadas do que parecem. É bom você chegar nelas antes ou deixar ela te passar para você ir em seguida. Não tente ficar do lado esquerdo do carro de Roman, entendeu?

Assenti. Fiquei com os olhos focados para frente, prontos para o início, e batucando o pé, ansiosa.

– Toda vez que for para a esquerda, solte o acelerador antes de virar e só acelere depois de ter pegado a reta. Se você achar que precisa pisar no freio na curva, faça isso, mas o mínimo possível. Não acelere até que tenha feito a curva. Você acabará derrapando e rodando na pista.

Assenti novamente.

– Pise no acelerador entre as curvas. Na última volta, pise fundo – ele falava com um tom de voz mandão.

– Jared, entendi. – Olhei para ele. – Eu consigo.

Ele não parecia acreditar em mim, mas parou assim mesmo.

– Aperte o cinto.

Seguindo seu comando, olhei para a minha esquerda e vi Roman dando ordens para sua namorada enquanto ela concordava, nervosa. Zack andou entre os dois carros para se posicionar na frente. Ainda bem que parecia ser ele quem ia dar a largada, ao invés daquela vagabunda menor de idade de antes.

Enquanto olhava pelo para-brisa, mantendo meu olhar em Zack, vi o que Jared tinha prendido no espelho retrovisor. Estiquei a mão e peguei o pedaço de argila em formato oval, que estava preso numa faixa verde-clara. Um calor subiu pelo meu pescoço e minha garganta se fechou.

Era o colar de Dia das Mães que eu tinha feito para minha mãe depois que ela morreu.

Jared e eu tínhamos feito fósseis de nossas impressões digitais um ano antes para darmos a nossas mães. Usando massinha de argila, fizemos a impressão digital e prendemos o pedacinho oval na faixa, fazendo um colar. Jared deu o seu para sua mãe e eu coloquei o meu no túmulo da minha mãe. Na segunda vez que fui visitá-la, o colar tinha desaparecido. Pensei que o tivesse perdido ou que o vento o levara.

Mas, na verdade, ele tinha sido roubado. Olhei para Jared, meio confusa e meio brava.

– Amuleto de boa sorte – falou ele, sem me olhar. – Peguei uns dias depois que você deixou lá. Pensei que ele seria roubado ou que alguém o estragara. Esteve comigo desde então.

Sem pensar nisso, olhei para fora da janela e tentei respirar calmamente. Acho que estava feliz por ele ainda existir. Mas era da minha mãe e ele não tinha direito algum de roubá-lo.

Mas ele ainda tinha o colar? Mesmo depois de tudo. Por quê?

Anotei mentalmente para me lembrar de pegá-lo de volta após a corrida.

– Estamos. Todos. Prontos? – A voz de Zack me assustou quando ele gritou para a multidão. Todos berravam com aquela empolgação regada a cerveja.

Jared colocou no iPod "Waking the Demon" do Bullet for My Valentine. Agarrei o volante, usando a música para clarear minha mente e prestar atenção.

– Prontas? – Zack gritou e liguei o motor, observando a namorada de Roman pular para ligar o motor dela logo em seguida.

– Preparadas? – Jared colocou uma mão no painel, enquanto aumentava a música com a outra.

– Valendo! – Zack soltou os braços.

Pisando no acelerador, parti erguendo poeira. Enquanto a música preenchia o momento, minhas mãos empurravam o volante, de um modo que as minhas costas se enfiaram no banco. Com os braços cheios de tensão, me concentrei na estrada à frente.

Merda! O carro era muito poderoso.

– A primeira curva vai chegar logo – advertiu Jared. Não sabia se o outro carro estava ao meu lado ou atrás de mim. Tudo que sabia era que não estava na minha frente e não me importava com mais nada. Iria correr com este carro sem nenhum oponente.

Minhas coxas, umedecidas de suor, raspavam no assento enquanto eu levantava minha perna para empurrar a embreagem. Pisei levemente no freio, preparando para dobrar a curva. Quando soltei o freio e fiz a primeira curva, a parte traseira começou a deslizar. Rapidamente guiei para a direita, já que o carro deslizava para a esquerda, para evitar que derrapasse para fora. Uma poeira obscureceu a pista e meu coração começou a martelar. Pisei fundo na embreagem e mudei de volta para a terceira marcha. Quando alcancei uma boa velocidade e mudei imediatamente para a quarta, consegui ver o outro carro no espelho retrovisor.

– Pise no acelerador! – gritou Jared. – E não vire tão forte. Você está perdendo tempo se corrigindo.

Tanto faz.

– Quem está em primeiro lugar? – lembrei-o.

– Não seja convencida. – Jared alternava entre vasculhar a pista e olhar atrás para o Trans Am.

Meu rosto estava pingando de suor e meus dedos estavam cansados de tanto apertar o volante. Relaxei e aumentei o som da música, mudando direto para a sexta marcha, pulando a quinta.

Que demais! A facilidade com que o carro acelerava fazia-o parecer um foguete. Ou pelo menos foi o que achei.

– Está chegando a próxima curva. Você precisa ir mais devagar.

Claro, claro, claro.

– Tatum, você precisa ir mais devagar. – A voz de Jared ecoou em algum lugar lá no fundo da minha mente.

A curva estava a três segundos e as vibrações que estavam reverberando nas minhas pernas me preveniram de soltar o acelerador. Agarrando ainda mais forte o volante, fui decidida.

Tirando o pé do acelerador, mas não pisando no freio, entrei à esquerda fazendo uma curva bem fechada, e então derrapei para a direita, forçando depois a direção para a esquerda novamente até que o volante estivesse endireitado. Mais terra voou à nossa volta, mas me recuperei rapidamente e pisei no acelerador de novo. Ao olhar para trás de nós, vi que o Trans Am tinha rodado naquela curva e estava tentando se recuperar. Eles estavam a mais de trinta metros atrás de nós.

Aê!

– Não faça isso novamente – resmungou Jared, que agora estava segurando o painel com ambas as mãos enquanto eu olhava para a estrada, pronta para outra. A próxima curva chegou e foi feita certinho, por mais que Jared ficasse enchendo o saco para diminuir a velocidade.

Apesar de ser um idiota e um rebelde, ele até que se preocupava com a segurança. E para alguém que sempre primou pela segurança, até que acabei me saindo uma bela rebelde.

Enquanto avançávamos na última curva com uma vantagem significativa, diminuí a velocidade para quase cinquenta quilômetros por hora e mudei para a terceira marcha. Dirigindo pela curva em uma velocidade confortável sem derrapar ou sem levantar poeira, olhei para Jared, que estava de olhos bem abertos e com uma cara de inocente.

– Está tudo bem, Miss Daisy? – Mordendo o canto da minha boca para evitar o riso, percebi que os olhos dele estavam encarando meus lábios. Ele estava com um olhar caloroso e senti arrepios

passando pelo estômago até uma área sensível entre minhas pernas.

– Tatum? – Seus olhos se estreitaram ainda mais. – Pare de brincar com seu oponente e ganhe a merda da corrida.

– Sim senhora, Miss Daisy – respondi, brincando com meu melhor sotaque do Sul.

Cruzei a linha de chegada a uma baixa e hilária velocidade de 55 quilômetros por hora ao ver o Trans Am pelo meu espelho retrovisor tentando fazer a última curva. Grupos de pessoas vieram em volta do carro, mas eu e Jared ficamos lá dentro por alguns minutos.

Colocando o carro em ponto morto e puxando o freio de mão, apoiei minha cabeça no encosto do banco e massageei o volante. Minha pulsação ainda estava a mil por minuto, e me sentia viva. Essa tinha sido a coisa mais legal que já fizera na vida. Parecia que cada nervo do meu corpo estava drogado de açúcar.

– Obrigada, Jared – sussurrei, sem olhar para ele. – Obrigada por ter me pedido pra fazer isso.

Estiquei a mão e arranquei o colar da minha mãe do espelho, colocando-o no pescoço.

Quando olhei para ele novamente, ele estava apoiado no punho com um dedo nos lábios. O que ele estava tentando esconder? Um sorriso?

Enfiando uma mão no cabelo, ele abriu a porta, e o som da torcida e das pessoas gritando entrou com tudo, como água dentro de um barco que está afundando. Olhando para suas botas, ele balançou a cabeça.

– *Waking the demon**... – murmurou para si mesmo, e não entendi muito bem o que ele quis dizer com aquilo.

Antes de sair do carro, ele olhou para mim de novo com lábios caídos.

– Obrigado, Tate – sussurrou.

Fiquei com os pelos do pescoço arrepiados e minhas mãos tremeram.

Ele não me chamava de Tate desde que tínhamos catorze anos. Nem mesmo quando éramos amigos.

“Despertando o demônio”, título da música que tocava durante a corrida. (N.E.)

CAPÍTULO 22



Maci Feldman veio correndo para cima de mim, assim que Ben e eu chegamos na reunião em volta da fogueira.

– Aquilo foi demais! Meu irmão está, tipo assim, indescritivelmente feliz por ter ganhado aquela aposta.

As fogueiras eram feitas na casa de Marcus Hitchen, às margens do Lago Swansea, praticamente toda semana, principalmente depois das corridas e jogos de futebol americano. Durante o frio penetrante do inverno era a única época em que quase nada acontecia, tanto no lago quanto na pista da fazenda dos Benson.

– Que bom que ajudei – respondi. E era verdade. Correr esta noite foi a melhor coisa que já fiz na vida. – Mas eu só venci porque a outra menina não sabia dirigir um carro com câmbio manual.

Por que eu disse isso? Eu fui superbem naquela corrida, a idiota sabendo ou não o que fazer.

Ela segurou meu braço, enquanto Ben estava com a mão na minha cintura. Outras pessoas vieram nos cumprimentar, tanto para dizer “oi” a Ben quanto para me parabenizar.

– Bom, adoraria vê-la correr de novo. O que acha, Ben? – Maci se dirigiu ao meu ficante, quando ele parou de prestar atenção nos amigos do futebol americano.

– Acho que sou sortudo.

Ele olhou para mim de cima e não tive como não notar o modo como evitou a pergunta. Fiquei pensando se ele se sentia envergonhado por sua garota estar fazendo algo do qual apenas homens costumavam participar.

Como já eram dez e meia, me comprometi a ficar por uma hora antes de Ben me levar para casa. Por causa da competição de manhã, teria que chegar em casa e descansar, querendo ou não.

– Ótima corrida esta noite, Tate. – Jess Cullen deu um tapinha no meu ombro ao passar por mim.

– Obrigada – exalei, sentindo-me inquieta com toda aquela atenção.

– Tá tudo bem? – Ben me puxou para mais perto.

– É claro que sim – falei, antes de ir em direção às bebidas. – Vamos pegar algo para beber?

Ele levantou a mão, pedindo-me para ficar parada.

– Fique aqui, volto já.

E então ele foi até o barril.

Grupos de pessoas estavam em volta da fogueira ou sentados em pedras, enquanto outros circulavam. K.C. ainda não tinha chegado, pelo menos não a tinha visto ainda, então deduzi que ela pegara uma carona com Jared. Fiquei lá parada, desconfortável na minha posição. Acho que devia culpar Jared por eu ficar mais confortável perto de um grupo pequeno, ao invés de muita gente. Por causa dele, nunca tinha sido convidada para esse tipo de coisa.

Chacoalhei a cabeça para clarear os pensamentos. Precisava parar de culpá-lo. Foi culpa dele eu ter sido posta numa lista negra no passado, mas não era sua culpa eu ter vivido com isso. Eu tinha que assumir essa responsabilidade agora.

Ao olhar para o grupo de garotas rindo perto da água, reconheci uma da minha equipe de *cross-country*.

– Foda-se. – Dei de ombros e decidi ir com tudo. Dei um passo à frente em direção ao grupo quando uma voz me parou.

– Foda-se o quê?

Arrepios se espalharam pelo meu corpo todo quando me virei e vi Jared. Ele estava com um copo em uma mão e o telefone na outra. Parecia estar enviando uma mensagem enquanto esperava pela

minha resposta. Ele colocou o telefone no bolso de trás e olhou para mim.

Os pelos em meus braços davam a sensação de que tinham sido eletrizados com estática, como se tivessem sido contraídos para Jared. Esfregando as mãos para cima e para baixo de meus braços, virei a cabeça para a fogueira, tentando ignorá-lo. Ainda não tinha certeza de como estávamos. Não éramos amigos, mas também não éramos mais inimigos. E ter uma conversa normal ainda estava fora de discussão.

– Você está com frio. – Jared aproximou-se do meu lado. – A K.C. ainda está com a sua jaqueta?

Suspirei, sem saber o que estava causando minha irritação desta vez. Talvez fosse porque toda vez que Jared ficava perto de mim, os nervos em meu corpo se tornavam fontes pulsantes de calor, enquanto que Ben me deixava com uma vontade de me enrolar no sofá e assistir *American Idol*.

Jared provavelmente nunca assistiu TV. É uma atividade muito comum.

Além disso, eu achava ridículo Jared fingir estar preocupado se eu estava com frio, quando no começo desta semana disse que não se importava se eu estava viva ou morta. Ele não tinha se desculpado e não podia me esquecer disso.

– Bom, ela usava a minha jaqueta quando você a trouxe até aqui, certo? – Minha curta observação foi recebida com um sorriso malicioso.

– Ela não veio comigo. Nem sei se ela já está aqui. – Ele virou a cabeça e olhou para mim.

– Como assim? Você foi embora da corrida com ela, né?

– Não, ela pegou uma carona com o Liam. Vim sozinho. – Seu tom de voz baixo e rouco mexeu comigo, e tentei segurar um sorriso ao escutar o que ele disse.

Acho que K.C. e Liam estavam no caminho da reconciliação.

Limpei a garganta.

– E você não se importou com isso? – perguntei.

– Por que me importaria? – perguntou ele diretamente para mim, com uma expressão confusa no rosto.

É claro. O que estava pensando? Jared não namorava, não tinha como ele estar apaixonado por K.C. Enfiei a mão na bolsinha que estava no meu quadril e comecei a procurar pelo meu telefone.

– Caso eu a veja, falo pra ela te procurar. – Jared começou a ir embora, mas parou depois de alguns passos e se virou para mim. – Preciso do fóssil de volta. – Ele gesticulou em direção ao colar que descansava no meu pescoço.

Percebi que ele estava falando sobre seu amuleto da sorte.

– De jeito nenhum. – E voltei a prestar atenção no meu celular.

– Ah, Tate. Eu sempre consigo o que quero. – Seu tom baixo de flerte me fez congelar. Pausei os dedos em cima da tela do celular como se, de repente, tivesse me esquecido de como enviar uma mensagem. Olhei para cima bem na hora em que ele sorriu e foi embora.

Observando-o se dirigir até Madoc e sua turma, fiquei mais confusa agora do que estava no começo da semana. Queria que Jared se tornasse mais humano e queria que ele me tratasse bem. Agora que ele estava demonstrando ambas as coisas, eu estava cheia de questões não respondidas. Sentimentos antigos começaram a vazar pelas rachaduras do muro que tinha construído para mantê-los longe.

– Ei, aqui está. – Ben chegou com duas cervejas, oferecendo-me uma.

– Obrigada. – Lambi os lábios e dei um gole, deixando o gosto amargo molhar minha língua e garganta.

Ben passou os dedos pelo meu cabelo e o colocou atrás da minha orelha. Meus músculos ficaram tensos. Minha invisível bolha pessoal de alguns centímetros tinha sido rompida e eu queria ir para longe.

Por quê? Por que eu não conseguia gostar deste garoto? Estava frustrada comigo mesma. Ele parecia decente e focado. Por que ele não me dava arrepios ou me fazia sonhar acordada?

Peguei-me desprevenida pela certeza e não tinha forças para pará-la. Não desejava o Ben. Simples assim. Não ia ser uma daquelas garotas de história de amor que vivem em um triângulo amoroso porque não conseguem escolher. Não que eu estivesse em um triângulo amoroso, mas nunca entendi como uma garota não

conseguia *saber* se ela queria ou não queria um cara. Podemos ficar confusas sobre o que é bom para nós, mas não sobre o que realmente desejamos.

E eu não desejava o Ben. Disso, eu sabia.

– Era o Jared conversando contigo? – Ele apontou com a cerveja para o outro lado da fogueira onde Jared estava rindo com alguns meninos da escola.

– Sim. – Dei outro gole.

Ben soltou uma risada e tomou um gole da cerveja.

– Ainda não é fã de dar informações, né?

– Ah, não foi nada. Estava procurando pela K.C. e achei que eles tivessem vindo juntos para cá.

– Ela roda bastante, né? – Ben mais comentou do que perguntou.

– O que você quis dizer com isso? – disse, na defensiva. Eu e K.C. andávamos meio brigadas ultimamente, mas ela ainda era a minha melhor amiga.

– Ficou com o Liam e depois com o Jared e agora voltou para o Liam. Vi os dois depois da corrida. Eles pareciam bem próximos.

– Dois caras significa que ela roda bastante? – Estava, na verdade, aliviada que ela tinha esquecido Jared, mas não gostava que Ben ou qualquer outra pessoa tirasse conclusões sobre ela.

Ben me deu um olhar de arrependimento e mudou de assunto. Estava na cara que ele era esperto o bastante para saber que não devia se meter nisso.

– Você foi muito bem esta noite. Todo mundo na escola vai falar disso por um bom tempo. Acho que ganhei na loteria. – Ben colocou um braço em volta de mim e me levou para mais perto da fogueira.

Na loteria? O que ele quis dizer com isso?

Ben e eu rodeamos diferentes grupos de amigos dele, com ele indo e voltando do barril. Bebi dois goles da minha cerveja e depois parei. Apesar das minhas melhores insinuações para Ben de que precisava ir embora logo, ele já estava na quarta cerveja e eu soube que ele não conseguiria dirigir. Comecei a pensar em como iria para casa.

Tinha visto K.C. e Liam há meia hora, sentados numa pedra, conversando. Ou melhor, Liam falava, enquanto K.C. escutava e

chorava um pouco. Percebi que a conversa parecia intensa, vendo como as cabeças deles estavam juntas, então achei melhor deixá-los sozinhos.

Enquanto eu tentava ignorar a energia da presença de Jared, percebi que não conseguia parar de procurá-lo. Eu o tinha visto conversando com os amigos e, na última vez que olhei, Piper estava com a cabeça enfiada em seu pescoço. Ela parecia vulgar com aquele vestido preto, curto e apertado, e de salto alto. Quem ia de salto alto para a praia? Não era nem uma praia de verdade, mas a margem de um lago, lamacenta e cheia de pedras.

Para a minha felicidade, ele parecia tão interessado nela quanto em um prato de cenoura. Captei o bastante para vê-lo tentar jogá-la para longe algumas vezes. Ela finalmente se tocou e saiu de lá fazendo beicinho.

Jared me olhou mais de uma vez, mas toda vez eu cortava o contato imediatamente. As imagens da outra noite se misturavam com seu olhar penetrante e entorpecido, criando uma necessidade latejante bem lá no fundo de mim.

Soltei um suspiro áspero. *Com certeza, é hora de ir embora daqui.*

Ao olhar para o relógio, notei Ben voltando do barril.

– Oi, eu realmente preciso ir embora agora. Tenho aquela corrida amanhã – lembrei-o.

Ben franziu o cenho, surpreso.

– Ah, fala sério. Ainda são onze e meia.

O protesto foi um choque, e eu fiquei muito desanimada.

– Podemos ficar um pouquinho mais – disse ele.

– Desculpa, Ben. Foi por isso que me ofereci para vir até aqui com o meu carro. Eu preciso mesmo ir embora.

Com meu sorriso de desculpas, me mantive firme. Não tinha medo do que ele pensava, porque sabia que provavelmente este seria nosso último encontro. O desejo por ele não existia e, com exceção da corrida, acho que estaria muito mais feliz se tivesse ficado em casa lendo um livro.

– Vamos ficar só mais meia hora.

Ele tentou me empurrar mais uma cerveja, como se me deixar bêbada resolvesse, mas acabou cambaleando e teve que se agarrar

em mim como apoio.

– Você não está bem para dirigir – salientei. – Posso te deixar em casa e você pode pegar seu carro amanhã na minha casa.

– Não, não – Ben levantou as mãos. – Vou parar de beber agora e ficar sóbrio. Vamos embora daqui a pouco.

– Bom, você não deveria dirigir. De jeito nenhum. – Desviei o olhar, ficando mais irritada.

– Posso cuidar de mim, Tate – declarou Ben. – Se você quiser ir embora agora, então terá que encontrar alguém para te levar. Se quiser ir embora comigo, estarei pronto daqui a uns instantes.

O quê?! Quanto é "uns instantes"?

Isso estava se tornando ridículo e eu já tinha perdido a paciência. Ele tinha me dito que podíamos ir embora às onze e meia e eu acreditei nele.

Ben me puxou pelo braço para me levar de volta à fogueira, mas me soltei e fui para longe. Ele não falou mais nada, então deduzi que ele tinha continuado sem mim.

Precisava ir para casa e Ben não era mais minha carona. Essa era a cena da qual eu quis tanto participar? Ben e seus amigos eram tão interessantes quanto barras de cereal, as garotas só se importavam com compras e maquiagem, e os caras aqui me davam uma vontade de limpar os olhos depois de vê-los me olhando daquele jeito.

Após uma rápida inspeção na área, certifiquei-me que K.C. já tinha ido embora. Tirei meu telefone da bolsa e liguei para ela. Ninguém atendeu.

Comecei a procurar pela minha colega do time de *cross-country* que tinha visto antes, mas percebi que ela também já havia desaparecido. A segunda opção seria ligar para minha avó, que eu temia acordar a esta hora, mas ao menos ela ficaria feliz em saber que liguei para ela me buscar com segurança.

Fiz um bico de decepção quando minha avó também não atendeu o telefone. Isso não era algo fora do comum, já que ela costumava se esquecer de levar o celular para a cama. E graças à conveniência dos celulares, tínhamos desconectado nossa linha fixa há alguns anos.

Ótimo.

Minha única opção neste momento era esperar por Ben e convencê-lo a me deixar dirigir, ou caminhar até o estacionamento e pedir carona para um conhecido.

O Ben que se dane.

Andei pelas pedras até o meio do mato para chegar ao atalho até a clareira perto da estrada usada como estacionamento.

Sem uma lanterna em mãos, usei a tela do meu celular para ajudar a iluminar o meu caminho. Era um tiro no escuro, pois o trajeto estava cheio de gravetos e tocos de árvores. As árvores já tinham começado a perder suas folhas, mas a chuva que havia caído neste outono manteve tudo úmido e flexível. Gotinhas espirravam em meus tornozelos quando eu pisoteava a folhagem molhada e alguns galhos secos cutucavam minha pele, me pinicando.

– Caramba, olha quem encontrei.

Pulei, assustada com o silêncio que tinha acabado de me cercar. Ao olhar para cima, me encolhi ao ver Nate Dietrich... que estava me olhando maliciosamente, como sempre.

Parecia que ele estava vindo de onde eu tentava ir, e agora bloqueava o meu caminho.

– É o destino, Tate – cantou sua voz irritante.

– Sai da frente, Nate. – Aproximei-me devagar, mas ele não se mexeu. Tentei passar, mas ele disparou as mãos para pegar na minha cintura e me puxar para mais perto de si. Meus músculos se contraíram e fechei as mãos.

– *Shhh* – pediu Nate, quando tentei me afastar dele. Sua respiração ecoou em meu ouvido e ele fedia a álcool. – Tate, faz tanto tempo que te quero. Você sabe disso. Que tal acabar com a minha tristeza e me deixar te levar para casa? – O nariz dele encostava em meu cabelo e suas mãos desceram até a minha bunda. Enrijeci.

– Para com isso – ordenei e tentei golpeá-lo entre as pernas com o joelho. Mas ele parecia ter previsto aquele movimento, porque estava com as pernas bem fechadas.

Nate começou a gargalhar. Apertando meu bumbum, ele sussurrou:

– Ah, conheço seus truques, Tate. Pare de lutar contra isso. Se eu quisesse, podia te jogar no chão agora mesmo.

Os lábios dele vieram para cima dos meus, e um gosto ácido de vômito começou a subir na minha garganta.

Mordi o lábio inferior dele, forte o bastante para sentir meus dentes perfurando a pele. Ele resmungou e me soltou, passando a mão na boca para ver se estava sangrando.

Peguei na minha bolsa o spray de pimenta, que meu pai insistia que eu guardasse lá, e espirrei nos olhos dele. Ele gritou e caiu para trás, com as mãos cobrindo o rosto. Por fim, consegui dar uma joelhada entre as pernas dele e o observei se contorcer até o chão, agarrando a alça da minha regata enquanto caía.

Corra! Apenas corra!, gritei por dentro.

Mas não. Debrucei-me sobre ele enquanto gemia de dor.

– Por que os garotos da nossa escola são tão idiotas?!

Ele cobria os olhos com uma mão e agarrava o saco com a outra.

– Merda! Sua filha da puta! – resmungou Nate, tentando abrir os olhos.

– Tatum! – A voz de Jared explodiu repentinamente atrás de mim, e meus ombros se contraíram antes de eu virar. Com os olhos furiosamente alternando entre mim e Nate, Jared parecia tão solene quanto um leão antes do ataque. Ele respirava ofegantemente e seus punhos estavam fechados. Percebi que ele olhava para o meu ombro, onde pendia a alça da minha regata no lugar onde foi rasgada.

– Ele te machucou? – Jared perguntou tranquilamente, mas estava com os lábios contraídos e com olhos de assassino.

– Ele tentou. – Cobri meu ombro onde a pele estava exposta. – Estou bem – falei com um tom de voz brusco. A última coisa que queria esta noite era dar uma de “donzela em perigo” para Jared.

Desabotoando sua camisa, Jared jogou-a para mim enquanto vinha na minha direção.

– Coloque isto. Agora.

Ao pegar a camisa dele que bateu no meu rosto, uma parte minha queria jogá-la de volta nele. Apesar de Jared e eu termos nos

entendido durante a corrida, isso não significava que queria ou precisava de sua ajuda.

No entanto, estava exposta, com frio e sem vontade alguma de chamar atenção. Coloquei a camisa e o calor do corpo de Jared aqueceu meus braços e peito. As mangas caíam além das minhas mãos e quando levantei-as para aquecer minhas bochechas frias, consegui sentir seu cheiro masculino. O odor híbrido entre almíscar e pneu quase fez meus pulmões explodirem enquanto tentava sentir melhor o aroma.

– Você tem uma memória fraca pra caralho, Dietrich. O que eu te falei? – Jared se abaixou para resmungar na cara de Nate. Ele agarrou a camisa de Nate no peito e o puxou antes de dar um forte soco em seu estômago.

Arregalei meus olhos ao ver o ataque de Jared. O soco gutural me lembrava argila sendo moldada. Nate se curvou com o ataque, e ele não seria mais o mesmo por um bom tempo. Seu arquejo, ao tentar recuperar o fôlego, parecia uma mistura entre o murmúrio de um fumante e o de um zumbi.

Jared usou a mão esquerda para agarrar Nate pelo pescoço com força, enquanto ele recuava para encostar numa árvore. Com o punho direito, ele deu diversos socos no rosto de Nate. Meus joelhos começaram a se contrair ao ver Jared apertar o pescoço de Nate até suas articulações ficarem brancas.

Pare, Jared.

Ele continuou socando até que o olho e o nariz de Nate começaram a sangrar.

Depois de ele não mostrar mais sinal algum de que ia parar, dei um passo à frente.

– Pare. Jared, pare! – gritei com minha voz firme por cima dos grunhidos e arquejos.

Jared parou o ataque, mas rapidamente pegou Nate pelo cotovelo e o jogou no chão.

O que ele estava fazendo?

Ao virar para me olhar, vi que o peito de Jared subia e descia fortemente. Seu corpo pareceu estar sobrecarregado pelo esforço

quando seus ombros caíram, mas seus olhos continuavam ferozes. Ele me olhava com uma mistura de cansaço e fúria.

– Vou te levar para casa. – Ele se virou para ir até o estacionamento, sem nem menos ver se eu o estava seguindo.

Me levar para casa?! É claro, para que ele se sinta o grande herói.

Deixar Jared sentir que tinha me ajudado a sair daquela situação que eu tinha sob controle me fez perder o orgulho. *Que se dane.*

– Não, obrigada. Tenho uma carona – menti, antes de deixá-lo me fazer um favor.

– A sua carona – Jared se virou para me olhar, com nojo – está bêbada. Bom, a menos que você queira acordar a coitada da sua avó para ela vir te buscar aqui no meio do nada, depois que seu companheiro ficou bêbado e você quase foi estuprada, tenho certeza de que seu pai vai adorar saber que confiou em te deixar sozinha, então acho melhor você entrar na porra do carro, Tate.

E ele se virou para seguir em frente, sabendo que eu o seguiria.

CAPÍTULO 23



Escutei o barulhinho sinalizando que as portas do carro tinham sido destrancadas e entrei no carro quente de Jared, dessa vez como passageira. Minhas mãos tremiam por causa do encontro com Nate, então tive que lutar para conseguir tirar a camisa de Jared.

– Fique com ela. – Ele nem me deu uma olhadinha antes de ligar o motor.

Eu hesitei. Estava na cara que ele estava bravo, já que os músculos em sua mandíbula estavam firmes.

– Mas eu não estou mais com frio.

– E eu não posso olhar para sua camisa rasgada neste momento.

Passei a camisa de volta pelos ombros, coloquei o cinto e me encostei no banco, enquanto ele tirava o carro do estacionamento.

Qual era o problema dele?

Ele estava bravo comigo ou com Nate? É claro que Jared não queria me ver machucada – pelo menos não fisicamente. Mas por que ele estava sendo tão rude comigo?

O carro derrapou um pouco ao sair do estacionamento cheio de cascalho, e seguiu até a estrada pavimentada da rodovia. Jared pisou forte no acelerador e trocou de marcha com força enquanto pegávamos velocidade. Não havia música tocando e também não conversávamos.

A rodovia estava deserta, com exceção das árvores assustadoras que se aproximavam de nós pelas laterais. Julgando por quão rápido tudo passava pela minha janela, acho que Jared tinha ultrapassado bastante o limite de velocidade.

Olhando-o de relance, vi que ele estava fervendo de raiva. Ele estava lambendo os lábios e respirava fortemente, enquanto agarrava o volante com mais e mais força.

– Qual o seu problema? – perguntei, na lata.

– O *meu* problema? – Ele arqueou as sobrancelhas como se eu tivesse acabado de fazer a pergunta mais besta do mundo. – Você vem para a reunião em volta da fogueira com aquele idiota do Ben Jamison, que não consegue ficar sóbrio o bastante para te levar pra casa, e depois sai andando no meio do mato, no escuro, e é abusada pelo Dietrich. Acho que quem tem algum problema, na verdade, é você – ele falava baixo, mas estava sendo severo e rancoroso.

Ele estava bravo comigo? Ah, fala sério.

Virei-me no banco e olhei diretamente para ele.

– Não sei se você se lembra, mas tinha tudo sob controle. – Tentei ficar calma. – Qualquer favor que você ache que está me fazendo apenas satisfaz sua própria raiva. Me deixa fora disso.

Ele contraiu as bochechas e continuou olhando a rodovia.

Olhando para o velocímetro, fiquei abismada ao perceber que Jared estava dirigindo a 130 quilômetros por hora.

– Vá mais devagar – ordenei.

Ele ignorou meu pedido e apertou a direção com mais força.

– Haverá algumas situações em que você não conseguirá ficar no controle, Tate. Nate Dietrich não ia levar muito na boa o que você fez com ele esta noite. Você achou que aquilo ia acabar daquele jeito? Ele iria atrás de você novamente. Você sabe o quanto o Madoc quis te dar o troco depois que você quebrou o nariz dele? Ele não queria te machucar, mas queria revidar.

Então por que ele não revidou?

Não havia dúvidas de que Madoc tinha sido humilhado naquela festa, há mais de um ano, quando quebrei o nariz dele. Mas ele

deixou aquilo passar, ou pelo menos era o que eu achava, e não se vingou de nenhuma forma. Graças a Jared.

Acho que o Nate Dietrich também não ia pensar em nenhuma represália. Não com Jared envolvido.

Senti a gravidade puxar meu corpo para o outro lado do carro e meu coração batia selvagememente, ao ver que Jared não diminuía a velocidade quando dobrávamos uma curva fechada.

– Você precisa ir mais devagar.

Jared bufou.

– Não, não preciso, Tate. Você queria experimentar toda aquela coisa de ensino médio, certo? Um namorado jogador de futebol americano, sexo casual, comportamento irresponsável? – ele me provocou com seu sarcasmo.

O que ele queria dizer com isso? Eu nunca quis essas coisas. Só queria ser normal.

E então ele desligou os faróis.

Ah, caramba.

A estrada estava escura e eu não conseguia ver mais do que um centímetro à nossa frente. Felizmente, havia alguns refletores que separavam nossa faixa daquela do tráfego na direção contrária, mas as estradas do interior eram cheias de veados e outros animais, não apenas carros.

Que porra ele estava fazendo?

– Jared, pare! Acenda os faróis! – Coloquei uma mão no painel ao me virar para confrontá-lo. Estávamos correndo pela estrada a uma velocidade assustadora, e eu engoli em seco de pânico.

A tatuagem em seu braço surgiu detrás de sua camiseta, esticada pela tensão em seus músculos, enquanto ele agarrava o câmbio. Eu estava com as pernas enfraquecidas e, pela primeira vez em um bom tempo, estava assustada demais para conseguir pensar em algo.

– Jared, pare o carro agora! – gritei. – Por favor.

– Por quê? Isso não é legal? – Jared estava com uma voz calma, perturbadora. Nada disso o assustava ou até mesmo o empolgava. – Você sabe quantas lesadas azucrinantes já se sentaram neste banco? *Elas* amaram isso. – Ele estava com as sobrancelhas

arqueadas ao me olhar com uma falsa alegria. Ele estava me provocando.

– Pare. O. Carro! – gritei, meu coração saindo pela boca. Ele ia nos matar.

Jared virou a cabeça para me olhar.

– Sabe por que você não gosta disso? Porque você não é igual a elas, Tate. Você nunca foi. Por que você acha que afastei todo mundo de você? – Ele estava com um tom de voz bravo, mas claro. Ele não estava bêbado – pelo menos eu não achava que estivesse – e estava mostrando mais emoção do que eu já experimentara em anos, exceção àquela noite em que nos beijamos.

Ele afastou todos de mim? O que significava aquilo? Por quê?

Os pneus chiaram quando ele fez outra curva e acabamos indo parar na outra pista. Tinha certeza de que estava respirando tão rápido quanto o carro acelerava agora. Íamos bater em algo ou capotar!

– Pare a porra do carro! – falei bem alto com toda a força de meus pulmões, batendo os punhos nas coxas antes de bater no braço dele.

A última coisa que queria era distraí-lo a toda essa velocidade, mas isso funcionou. Jared pisou fundo no freio, falando algumas palavras para mim e diminuindo a velocidade enquanto dava uma guinada para o acostamento da estrada e parava.

Saí do carro rapidamente e Jared correu ao mesmo tempo. Nós dois nos inclinamos sobre o teto do carro, cara a cara.

– Volte para o carro – ele mostrou os dentes ao resmungar.

– Você podia ter nos matado! – Minha garganta estava apertada e percebi seus olhos furiosos encararem minha camisa rasgada que tinha aberto por baixo daquela de botões que ainda estava vestindo.

– Volte para a porra do carro! – Ele bateu no teto, com os olhos em chamas.

– Por quê? – perguntei, ameaçando chorar.

– Porque você precisa ir pra casa – falou como se estivesse dizendo uma coisa óbvia.

– Não. – Recusei com a cabeça. – Por que você afastou todos de mim? – Ele tinha começado essa conversa, então eu queria terminá-

la.

– Porque você não combinava com o resto de nós. Você ainda não combina. – Os olhos de Jared ficaram cheios de nojo e meu coração se apertou. Ele estava sendo mau, para não perder o costume.

Eu odeio ele.

Sem pensar outra vez, entrei no carro e tirei as chaves da ignição. Contornei a porta do carro, corri um pouco à frente e soltei o chaveiro oval torcido. Tirando uma das chaves, levantei-a e coloquei perto do rosto.

– O que está fazendo? – Ele se aproximou devagar, mostrando claramente estar irritado.

– Se você der mais um passo, vai perder uma chave. Não sei se esta é a chave do carro, mas uma hora ou outra vou chegar nela. – Coloquei o braço atrás da cabeça, pronta para jogá-la a qualquer instante. Ele parou. – Não vou entrar no seu carro. E não vou deixar você ir embora. Não vamos sair daqui até você me dizer a verdade.

Comecei a suar, mesmo com a temperatura beirando os quinze graus. Com os lábios fechados, esperei que ele começasse.

Mas ele não começou. Ele parecia estar tramando algo, mas eu não estava disposta a dar um pouco de tempo a ele para pensar em alguma mentira que me distraísse.

Quando levantei o braço para jogar a primeira chave, ele olhou, impotente, para mim e para meu punho, enquanto levantava a mão para gesticular pedindo para eu parar.

Após mais um momento de hesitação, ele, por fim, soltou um suspiro de derrota e me olhou.

– Tate, não faça isso.

– Não é essa a resposta que eu espero. – Lancei uma das chaves no meio do mato no canto da estrada.

– Que saco, Tate! – resmungou ele, olhando nervoso para mim e para a floresta escura onde a chave tinha desaparecido.

Eu rapidamente tirei outra chave e coloquei a mão atrás da cabeça, pronta para arremessá-la a qualquer instante.

– Agora, fala. Por que você me odeia?

– Te odeio? – Jared respirou forte e balançou a cabeça. – Eu nunca te odiei.

O quê?

Fiquei chocada.

– Então por quê? Por que você fez todas aquelas coisas?

Ele soltou uma risada amarga ao perceber que estava sem saída.

– No primeiro ano, escutei o Danny Stewart falando que ia te chamar para ir ao baile de Halloween. Garanti que ele nunca te levasse, porque ele tinha falado para os amigos que não via a hora de descobrir se seus peitos caberiam na palma da mão.

Contorci-me de nojo.

– Não pensei duas vezes antes de agir. Espalhei aquele boato sobre o Stevie Stoddard porque você não combinava com o Danny. Ele era um idiota. Todos eles eram.

– Então você pensou que estava me protegendo? Mas por que faria isso? Naquela época você já me odiava. Aquilo aconteceu depois que você voltou da casa do seu pai no verão. – De repente, fiquei confusa com cada palavra dita. Nossa amizade tinha terminado naquela época e ele não se importava comigo, então por que me protegeu?

– Não estava te protegendo – disse Jared, literalmente me cutucando com um olhar flamejante. – Estava com ciúmes.

Palpitações atacaram minha barriga. Parecia que algo no meu estômago estava sendo sugado para o ralo, os formigamentos descendo e descendo cada vez mais.

Quase nem o vi se aproximar, andando para mais perto de mim, enquanto eu tentava recuperar o fôlego.

– Chegamos ao ensino médio e, de repente, tinha uns mil caras correndo atrás de você. Lidei do único jeito que sabia.

– Me atacando? Isso não faz sentido. Por que não conversou comigo?

– Não podia. – Ele secou a sobrancelha antes de enfiar a mão dentro do bolso. – Não posso.

– Você está indo bem até agora. Quero saber a razão de tudo isso ter começado, em primeiro lugar. Por que você quis me machucar? As brincadeiras, a lista negra em todas as festas? Isso não tinha nenhuma relação com outros garotos. Qual era o seu problema *comigo*? – acusei-o.

Ele bufou ao suspirar.

– Porque você estava lá. Porque eu não podia machucar quem eu queria, então machuquei você.

Não pode ser só isso. Deve ter algo mais.

– Eu era sua melhor amiga. – A frustração afastou minha paciência para bem longe. – Todos esses anos... – Meu tom de voz foi diminuindo, quase não conseguindo conter as lágrimas que começavam a aparecer em meus olhos.

– Tate, aquele verão com meu pai foi uma bosta. – Sua voz parecia mais próxima. – Quando voltei, não era mais a mesma criança. Nem um pouco. Queria odiar todo mundo. Mas, com você, eu ainda precisava de você, de um certo modo. Precisava que você não me esquecesse – Jared falava sem interrupções, mas podia perceber que ainda havia remorso em seu tom de voz.

O que tinha acontecido com ele?

– Jared, refleti milhões de vezes sobre o que eu pude ter feito para você agir daquele jeito comigo. E agora você está me dizendo que fez tudo sem nenhuma razão? – Olhei para cima para encontrar seus olhos.

Ele estava com o corpo cada vez mais próximo, mas não ligava pra isso. Queria escutar mais.

– Você nunca foi pegajosa ou incômoda, Tate. Quando você se mudou para a casa ao lado eu achei você a coisa mais bonita que já tinha visto. Eu te amei pra caramba. – A última parte saiu quase como um sussurro, com seus olhos caindo para o chão. – Seu pai estava tirando as coisas do caminhão de mudança, então olhei da janela da sala de estar para ver o que era aquele barulho. Lá estava você, andando de bicicleta na rua. Você estava de macacão com um boné de beisebol vermelho. Seu cabelo estava solto nas costas. – Ao confessar, Jared não olhou para mim em momento algum.

Tínhamos mudado para uma casa nova na cidade depois que minha mãe faleceu. Lembro quando vi Jared pela primeira vez naquele dia. Ele se lembrou de como eu estava vestida?

Eu te amava. Uma lágrima caiu quando fechei os olhos.

– Quando você recitou seu monólogo esta semana, eu... – Ele parou de falar, dando um suspiro. – Eu soube então que realmente

tinha te magoado e, ao invés de me sentir satisfeito, fiquei muito bravo comigo mesmo. Durante todos esses anos, queria te odiar, queria odiar alguém. Mas não queria te machucar, e não percebi isso até o monólogo.

De repente, ele estava na minha frente. Jogando a cabeça para o lado, seus olhos cintilantes buscavam os meus. Não sei o que ele estava procurando, e não sabia o que queria revelar. Eu o odiava por todos aqueles anos de sofrimento. Ele jogou fora tudo o que tínhamos porque estava bravo com outra pessoa. Senti minha garganta sendo perfurada por agulhas enquanto eu tentava segurar mais lágrimas.

– Você ainda está escondendo alguma coisa. – Minha voz estalou, quando ele segurou meu rosto e secou com o dedo a lágrima que estava caindo. Seus dedos longos e largos estavam quentes na minha pele.

– Não, não estou. – Seu sussurro rouco fez meu corpo se arrepiar, ou talvez tenha sido seu dedo fazendo círculos na minha bochecha. Estava ficando desorientada com tudo o que tinha acontecido esta noite.

– As cicatrizes nas suas costas – disse, com os olhos palpitando, ao sentir seu toque. – Você me disse que teve um péssimo verão e que, quando voltou, queria odiar todo mundo, mas você não tratou mais ninguém tão mal quanto...

– Tate? – Seus lábios estavam muito próximos dos meus, e seu corpo irradiava calor. – Não quero mais conversar esta noite.

Pisquei e percebi como seu corpo tinha me envolvido. Ou talvez eu o tivesse envolvido. Éramos como os lados opostos de ímãs, novamente. Ele estava tão próximo agora e tinha acabado com a distância entre nós, sem eu mesmo notar.

Você não vai sair dessa tão fácil.

– Você não quer mais conversar? – mandei, sem acreditar no que tinha ouvido. – Bom, mas eu quero. – E me virei para lançar outra chave no ar, mas os braços de Jared apareceram e se envolveram em meu corpo, me deixando presa por trás.

Respirei com dificuldade, enquanto tentava me soltar. Muitos pensamentos começaram a passar pela minha mente e estava difícil

se prender a apenas um. Ele nunca me odiou. Eu não tinha feito absolutamente nada! Apesar de saber disso, uma parte minha sempre achou que tinha que ter alguma razão. E agora ele não queria terminar a história? Eu precisava saber!

Seus braços fortes me apertaram, e ele estava respirando quente no meu cabelo enquanto eu tentava me desvencilhar de seus braços.

– Shhh, Tate. Não vou te machucar. Nunca mais te machucarei novamente. Me desculpe.

Como se isso fosse corrigir tudo!

– Não me importo que você esteja arrependido! Eu te odeio. – Minhas mãos agarraram seus antebraços, que estavam por cima do meu peito enquanto eu tentava me soltar dele. A raiva em mim se tornou ira com seus joguinhos e babaquices, e eu estava cansada de olhar pra cara dele.

Ele parou de me apertar ao usar as mãos para roubar as chaves do meu punho. Ele me soltou e dei um passo à frente antes de me virar para encará-lo.

– Você não me odeia – declarou ele. – Se você me odiasse, não estaria tão chateada. – A transformação petulante de seu tom fez meu corpo se enrijecer, mas retomei o controle cravando as unhas na minha pele.

– Vá se foder – disse e comecei a andar.

Até parece que eu deixaria ele controlar a situação! Ele queria que eu o perdoasse em uma noite depois de anos de constrangimento e infelicidade, e ainda achava que eu me importava com ele. Ele achava que sairia dessa ileso.

Que tremendo idiota!

Quando me dei conta, meus pés estavam fora do chão e meu corpo de cabeça para baixo. Jared tinha me colocado nos ombros, e todo o ar fugiu do meu corpo quando o osso de seu ombro enterrou-se sob minha barriga.

– Me coloca no chão!

O calor da raiva era como uma labareda de fogo cobrindo minha pele. Fiquei chutando e socando suas costas, mas ele simplesmente me carregou, segurando a parte de trás dos meus joelhos bem forte,

voltando pelo caminho que tínhamos vindo. Sabia que minha saia não estava cobrindo nada nesta posição, mas estávamos sozinhos aqui fora e eu também nem me importava, com o humor que estava.

– Jared! Agora! – rosnei.

Como se estivesse seguindo ordens, Jared me colocou na posição certa novamente, sentada em cima do capô de seu carro. Por baixo das minhas coxas ainda estava quente porque tinha sido levada por ali, mas o calor não era bem-vindo, já que eu estava queimando de raiva.

Jared se inclinou devagar, provavelmente com medo de que eu batesse nele, e colocou as mãos ao meu lado. Suas pernas ficaram entre as minhas e imediatamente fiquei corada ao me lembrar da última vez que ficamos nessa posição.

– Não tente fugir – advertiu ele. – Como você se lembra, posso te deixar aqui.

Respirei fundo. Sim, eu me lembrava.

Contraí os dedos do pé ao pensar naquele beijo, mas sabia que não poderia acontecer de novo.

– E eu sei como usar spray de pimenta e quebrar narizes. – Minha voz parecia com a de um ratinho patético, estridente e quase inaudível. Coloquei as mãos na frente para me manter o mais longe possível, mas meu coração ainda estava martelando como música eletrônica.

– Não sou o Nate ou o Madoc – ameaçou ele. – Ou o Ben.

E nada disso me abalou. Não estava atraída por eles, e ele sabia disso.

Ele se aproximou ainda mais, com seus olhos castanho-escuros, incitando meu corpo a fazer coisas que meu cérebro sabia que eu não deveria. Seus lábios estavam a um centímetro dos meus e podia sentir seu cheiro de canela.

Eu odeio ele. Eu odeio ele.

– Não – sussurrei.

Seus olhos procuravam os meus.

– Eu juro. A não ser que você peça.

Ele inclinou sua boca para a lateral do meu rosto e levemente roçou minha bochecha. Um prazer inesperado escapou da minha garganta e soltei um gemidinho.

Droga!

Ele nunca me beijou. Ele nunca fechou os lábios ou me provou. Sua boca apenas deslizou pela minha pele, deixando um traço delicioso de desejo e necessidade. Descendo a minha bochecha, seus lábios macios acariciavam minha pele antes de se moverem para o osso da minha mandíbula e depois seguirem até meu pescoço. Fechei os olhos, saboreando as novas sensações.

Nunca tinha feito amor antes e, com certeza, nunca tinha dado uns amassos com alguém que fazia eu me sentir assim. Caramba, ele nem estava me beijando, e eu já lutava para não me render.

Quando seus lábios chegaram na minha orelha, ele perguntou:

– Posso te beijar agora?

Ah, caramba. Não. Não. Não.

Mas eu não estava falando isso. Eu não disse nada. Ceder parecia como deixá-lo ganhar. E pedir para ele parar estava fora de discussão também. Não queria que ele parasse. Estava muito bom. Era como andar de montanha-russa mil vezes.

Ele beijou de volta minhas bochechas, aproximando-se da minha boca.

– Quero te tocar. – Ele falava contra meus lábios. – Quero sentir o que é meu. O que sempre foi meu.

Ah, Deus do céu.

Essas palavras não deveriam me excitar. Mas, caramba, elas conseguiram. Minha boca tremia de vontade de beijá-lo. Saboreei o seu cheiro e queria capturá-lo e senti-lo por completo. Queria satisfazer minha necessidade.

Mas abri os olhos ao perceber que isso satisfaria a necessidade dele também.

Merda.

Mordi o canto da boca para conter a dor entre minhas pernas e usei meus músculos fracos para empurrá-lo para longe.

Quase não consegui olhá-lo. Ele sabia que tinha me deixado abalada. Ele tinha que saber.

– Fique longe de mim. – Pulei do carro e andei até o banco do passageiro.

Escutei sua risadinha atrás de mim.

– Você primeiro.

CAPÍTULO 24



Meus olhos se abrem agitados com o frio repentino. Estou na cama, mas uma corrente sopra em meu corpo. Minhas portas francesas estão abertas?

Ao me olhar, abro mais os olhos, espantada ao ver Jared, parado no pé da minha cama, segurando meu cobertor.

– Jared? – Seco os olhos e observo-o, questionadora. Levanto os braços para cobrir meu peito, que mal está escondido debaixo da blusinha branca.

– Não – sua voz áspera manda. – Não se cubra.

Não sei por que eu obedeco. Solto os braços para o lado na cama. O olhar intenso de Jared investiga cada parte do meu corpo, enquanto ele joga o cobertor no chão. Minha pele está ardendo por causa de seu olhar faminto e parece que não estou tendo ar o suficiente para respirar.

Seu peito nu bruxeleia sob a luz do luar que está entrando pelas portas. Ele está usando calça preta, que está apertada abaixo de seu quadril forte.

Abaixando-se, ele põe os dedos ao redor dos meus tornozelos e, gentilmente, os separa.

Minhas pernas, que estavam levemente dobradas no joelho, estão agora abertas e não escondem nada, exceto o que está coberto pelo meu shortinho rosa.

Apoiando um joelho na cama, ele se abaixa até que cada uma de suas mãos caia na lateral do meu quadril. Enquanto meus joelhos tremem por causa de nervos excitados, observo sua cabeça mergulhar e beijar o topo da minha coxa. Arquejo ao sentir seus lábios, macios e quentes, na minha pele. O embrulho no meu estômago não é nada comparado à vibração no meu centro.

Por que não estou interrompendo ele?

Estou com medo de deixá-lo continuar, mas completamente impressionada com as sensações que estão passando pelo meu corpo. Observo-o quieta enquanto ele me beija mais, direcionando-se para dentro. O cabelo no topo da sua cabeça roça meu sexo, e agarro o lençol para evitar colocar minhas pernas ao redor de seu corpo e pressioná-lo contra mim. Sua língua toca a minha coxa com o próximo beijo, e o calor que queima de sua boca quase me faz voar para fora da cama. Enfio as mãos em seu cabelo, sem conseguir me controlar.

– Jared – imploro.

Ele paira sobre mim, olhando dentro dos meus olhos com fogo e desejo. Enquanto sua cabeça continua bem levantada, sem nunca perder o contato visual, seu quadril encontra o meu, e começamos a nos movimentar um contra o outro. Sinto-o endurecer nas calças, e gosto de saber que sou eu quem faz isso com ele. Meus olhos se fecham com o prazer que está fervendo em meu sangue, e meu desejo por ele aumenta com a fricção de sua ereção contra as minhas pernas.

– Não pare – arquejo, com a energia crescendo bem lá no fundo de mim, e sei exatamente onde preciso que ele esteja. Preciso de mais dele.

– Você é minha, Tate. – Sua mão direita segura a lateral do meu peito e ele alisa meu seio com o dedo.

– Por favor. – Entre seu dedo no meu mamilo e a pulsação entre as minhas coxas aumentando rapidamente com nosso ritmo crescente, fecho os olhos com força e sinto uma mistura de delírio e necessidade. Nossos corpos se movimentam com agitação, e respiro ofegantemente para acompanhar. Não sei por quanto tempo isso irá continuar, mas sei que estamos construindo algo sublime.

– Diga que você é minha – manda Jared, enquanto ele roça em mim, mais forte. Droga, ele é gostoso. Ele abaixa os lábios nos meus enquanto respiramos juntos. Ele tem cheiro de vento e chuva, e fogo.

– Eu... – Perco a voz, só preciso de mais alguns segundos.

Ah, caramba.

– Diga – implora Jared nos meus lábios, nossos corpos estão queimando juntos agora. Pego-o pelo quadril e puxo-o para mim o mais forte possível e tanto quanto nossas roupas permitem. Meu corpo começa a dar espasmos, e seguro a respiração, esperando ele gozar.

– Diga – sussurra Jared em meu ouvido.

Pressiono meu quadril contra ele e arquejo:

– Sou sua. – Arrepios disparam do meu centro, percorrendo minha barriga e todo o meu corpo. Uma onda de prazer derrama-se sobre mim como vibrações sob a pele. Nunca senti algo assim antes.

E quero mais.

Quando a doce pulsação entre as minhas pernas vibrou, meus olhos se abriram por inteiro. Olhei para a esquerda e para a direita antes de levantar da cama. A luz do sol brilhava na janela do meu quarto, e foi quando percebi que estava completamente sozinha.

Que porra foi isso?!

Virei-me, certa de que Jared estaria ali. Mas não. Nada. Nada de Jared. Nada de luz do luar. Fui dormir com o short do pijama e uma camiseta preta. Meus cobertores estavam estendidos sobre o meu corpo. Jared nunca esteve ali.

Mas o orgasmo tinha sido real. Ainda sentia meu corpo tremer por dentro por causa da excitação que ele, ou melhor o sonho, havia causado. Meus músculos, fracos por causa da tensão, quase não conseguiam me manter sentada na cama. Joguei-me de novo no travesseiro e soltei um suspiro de frustração. Foi incrível, mas não conseguia acreditar que tinha realmente acontecido! Já tinha ouvido homens falando sobre terem sonhos molhados, mas não garotas.

Tate, você está louca. Fantasias com aquele idiota era algo doentio. Respirei profunda e longamente para me acalmar. *Isso aconteceu somente porque ele ficou durante muito tempo na minha mente. Só isso.*

Fazia meses que não era beijada adequadamente, desde alguns encontros que tive na França. Jared tinha me enchido o saco na noite anterior, mas não importava o quanto ele me excitava, tinha que me lembrar que ele estava fora de cogitação. Não bastava se desculpar por ter me tratado como merda. Não confiava nele, e nunca confiaria.

Não sem saber a história inteira.

Ele também tinha muito controle sobre o meu corpo, e isso tinha que mudar.

Na noite de ontem, depois do beijo não dado, Jared me trouxe para casa sem dizer nada. Ele partiu em seguida, e agora eu estava exausta porque fiquei acordada até as duas da manhã pensando sobre as últimas coisas que ele me disse.

Você primeiro. Será que ele quis dizer que eu não conseguia ficar longe dele?

Filho da puta do caramba.

– Está acordada, Tate? – Minha avó colocou a cabeça na porta do quarto. Abriguei-me nas cobertas enquanto ela entrava no quarto, e ri por dentro ao pensar se tinha feito algum barulho alto suspeito durante o meu sonho.

– Ah, sim. Acabei de acordar. – Ao me sentar, fingi um sorriso inocente.

– Que bom. É melhor se vestir. Já fiz o café da manhã lá embaixo. Você precisa se apressar se quiser chegar a tempo para sua competição. – Ela assentiu com a cabeça e mexeu a mão gesticulando para sair da cama enquanto eu tentava me lembrar do que ela estava falando.

Competição?

– Vamos lá. Levanta. – Ela bateu palmas antes de se virar e sair.

Ao olhar para o relógio, lembrei que tinha esquecido de programar o alarme ontem à noite. Minha competição! A razão de eu ter deixado Jared me dar uma carona, para começo de conversa. Eu tinha que ter acordado meia hora atrás!

Ainda bem que minha avó me daria carona e ficaria para assistir, antes de voltar para a casa dela hoje. Amanhã, ficaria sozinha de novo.

Jogando as cobertas, corri até o armário e vesti rapidamente meu short, meu top e a regata. Quando chegasse lá colocaria minha camiseta da equipe, então enfiei-a na minha mochila junto com as meias. Após pegar os sapatos e um prendedor de cabelo, desci as escadas correndo e enchi um prato descartável com torradas e frutas fatiadas.

– Sente-se e coma. – Minha avó apontou para a cadeira.

– Como no carro. Odeio chegar atrasada. – Abarrotei algumas barras de cereais e garrafas d'água na minha sacola antes de ir até a porta. – Vamos – disse, ignorando seu olhar.

A última coisa que queria esta manhã era me sentar na frente da minha avó e tentar tomar o café da manhã, sabendo que ela tinha

entrado no meu quarto alguns minutos após eu ter tido um orgasmo.



Mesmo tendo dormido tão pouco, a oportunidade de liberar energia e frustração com a competição se mostrou útil. Minha equipe ficou em segundo lugar no passado, e também participei da corrida individual de alguns quilômetros em uma área recreacional ali perto. As paredes altas da pedreira ao nosso redor e a aglomeração densa de árvores fizeram com que o caminho parecesse apertado. E era assim que estava me agradando. Não conseguia me imaginar sozinha, então estava difícil deixar minha mente fora da corrida.

Ao chegar em segundo lugar novamente, sorri para minha avó enquanto ela tirava uma foto atrás da outra. Sentia-me feliz por ela me ver correr, provavelmente a última vez durante o ensino médio. Apesar de meu pai ter perdido e eu agora estar com ainda mais saudades dele. Era difícil não ter minha mãe nos eventos importantes, mas eu realmente queria meu pai aqui hoje.

Após comermos um cachorro-quente apimentado no Mulgrew's, ela nos levou para casa.

– Vou sentir sua falta. Mas já avisei seu pai que vou voltar para o Natal. – Minha avó empacotou seus últimos pertences e colocou tudo no banco da frente.

– Não vejo a hora. E vou sentir saudades também.

– Mas e aí, quer me contar sobre ontem à noite? – Ela deu umas olhadas na bolsa para garantir que pegou tudo.

Meu coração se acelerou um pouco.

– Ontem à noite? – Poderia abrir o jogo para ela, mas, em vez disso, resolvi dar uma de desentendida. Não sabia como começar a falar sobre ontem à noite.

– Isso. Um carro preto que parecia perigoso, igual ao do nosso vizinho, te deixou em casa depois do horário permitido? – questionou ela, com olhos sorridentes. Estava na cara que ela não estava muito preocupada.

– Issssso – falei, fazendo um drama. – Jared me deu uma carona até em casa. Estávamos na mesma festa. Nada importante. – Desviei o olhar para os sapatos, já que minhas omissões estavam fazendo eu me sentir culpada. Havia mais coisas para contar a ela, muito mais, mas como sempre, achei melhor manter meus problemas com Jared em segredo.

E agora havia uma nova caixa de Pandora a ser aberta: seu beijo e meus sonhos obscenos.

Ela ficou parada por alguns instantes me estudando enquanto eu continuava agindo como se estivesse distraída.

– Tudo bem, se você diz isso. – Ela colocou a bolsa no ombro. – Lembra das regras de trancar?

Assenti.

– Está bem. Bom, vem aqui me dar um abraço.

Ela levantou os braços e me envolvi nela, inalando seu cheiro de perfume mais uma vez. Peguei uma das malas e fui com ela até o carro.

– Te vejo em breve – garanti a ela, ao vê-la esfregando um lenço no olho.

– Em breve – fungou ela. – Coloque algumas decorações de Halloween. Vai te deixar mais animada caso se sinta sozinha.

– Mas já?

– Estamos em outubro – riu ela. – É a época de Halloween, Tate.

Outubro? Nem tinha percebido. Meu aniversário estava chegando.

Assim que minha avó partiu, mandei uma mensagem para K.C. Depois de tudo o que acontecera na noite anterior, não tivera uma chance de conversar com ela.

Como tá?

Ela mandou um minuto depois:

Bem. Me desculpe por não ter ido à competição. Ocupada.

Então... você e o Liam?

Questionei. Uma parte de mim queria que ela e Liam tivessem voltado. Sentia-me culpada. Só uma pessoa abominável beijaria o cara com quem sua melhor amiga estava saindo, e fiquei preocupada, pensando em como contaria para ela. Se ela e Liam tivessem voltado, será que eu não precisaria abrir o jogo? Ela mandou:

Não me julgue.

Fui inundada por uma sensação de alívio. Eles *tinham* voltado.

Nunca. Se você estiver feliz...

Estou. Só espero conseguir confiar nele.

Ela ainda tinha dúvidas e não era para menos. Não acho que conseguiria aceitar de volta um cara que me traiu, mas, também, nunca me apaixonei. Acho que não saberia, até passar por isso. Escrevi:

Talvez você nunca saiba plenamente, mas se ele valer a pena.

Acho que sim... então, o Jared é todo seu.

O quê?! As batidas no meu peito doeram de verdade.

Aparentemente, demorei muito me afogando no meu próprio suor, porque ela enviou outra mensagem.

Não se preocupe, Tate. Ele nunca foi meu mesmo.

Não conseguia responder. O que diria? *Obrigada?*

Jared não era dela, mas ele, com certeza, também não era meu. Ele deixou bem claro que não pertencia a ninguém. Será que Jared estava com ela por minha causa? Será que é por isso que ela me mandou aquela mensagem?

Passei o resto do fim de semana fazendo coisas para manter minha mente afastada de Jared. No sábado e no domingo limpei a casa, lavei o Bronco, terminei a lição de casa, digitei procedimentos para a minha experiência e evitei as mensagens do Ben e da K.C.

Precisava ficar sozinha e não sabia se conseguiria guardar segredo sobre o que houve comigo e com Jared. K.C. merecia saber que nos beijamos, mas não queria que ninguém soubesse, então decidi evitar todos. Até mesmo meu pai, quando ele me ligou.

Ben mereceu meu silêncio, mesmo que tenha ligado e mandado mensagem diversas vezes se desculpando. Se ele tivesse me levado para casa, como havia prometido, aí eu não teria me metido naquela confusão com Nate.

Na real, Ben provavelmente era um cara decente, mesmo com aquele comportamento na reunião em volta da fogueira. Mas o problema continuava: não sentia fogos de artifício estourando dentro de mim quando ele me beijava. Não sentia nada.

Já Jared, era como o Dia da Independência... por todo o meu corpo.



Ao sair da aula de Francês na segunda-feira de manhã, parei imediatamente. Madoc estava parado do outro lado do corredor,

encostado nos armários, me medindo com um sorriso de pateta.

– E aí, pequena Speed Racer. – Ele se aproximou, enquanto a garotada atrás de mim bateu nas minhas costas tentando sair da sala.

Revirei os olhos, sem estar pronta para me irritar novamente. Já no começo da manhã, tinha me atrasado para a escola depois que saí de casa e descobri que o Bronco estava com o pneu furado. O Dr. Porter tinha me mandando um e-mail avisando que o laboratório não estaria disponível amanhã à tarde. E todo mundo estava conversando comigo sobre a corrida da noite de sexta-feira.

Por mais positiva que toda essa atenção fosse, parecia que alguém estava usando isso para me apunhalar pelas costas. Não queria me lembrar de como a noite de sexta-feira tinha passado de boa para ruim, e depois para boa novamente, e depois para pior. A semana já estava começando mal e eu não estava a fim de aturar o chato do Madoc.

– O que você quer? – resmunguei, passando por ele no corredor.

– Bem, é bom te ver também. – Ele parecia estar refreando seu ego sinistro de sempre. Não estava dando indiretas ou tentando me tocar. Estava apenas me encarando, quase tímido, com um sorriso ridículo de brincalhão no rosto.

Ignorando-o e indo direto para o meu armário, senti uma vontade de bater em algo quando Madoc apenas acelerou o passo para me acompanhar.

– Olha, quero que saiba que fiquei muito impressionado com seu desempenho na noite de sexta. E fiquei sabendo que você ficou em segundo lugar nos quatro quilômetros. Parece que seu fim de semana foi muito bom.

Não, na verdade, estou completamente enjoada. Não via Jared desde a sexta-feira. A casa dele parecia abandonada até a noite de ontem, quando escutei o barulho do motor de seu carro se arrastando pela garagem. Também ainda não o tinha visto hoje.

E estava procurando por ele. Estava mais irritada com isso do que com qualquer outra coisa.

– Fala logo, Madoc. Que brincadeira nojenta e humilhante você está armando para mim hoje? – Nem olhei para ele ao chegar ao

meu armário, enquanto entulhava lá dentro minha bolsa e meus livros.

– Não tenho nenhuma carta na manga, Tate. Na verdade, vim até aqui implorar pelo seu perdão. – Madoc pegou minha mão e me virei para olhá-lo.

Ele colocou sua mão sobre o coração e se abaixou, fazendo reverência.

Ah, o que ele quer agora?

Olhei ao redor e vi uma enxurrada de alunos no corredor, todos olhando pasmos para Madoc Caruthers fazendo seu grande gesto, então lhe dei um tapa nas costas.

– Levanta! – sussurrei, áspera, enquanto todos à nossa volta riam e murmuravam.

O que ele estava aprontando?! Um terror fez com que meu estômago se contraísse.

– Estou completamente arrependido por tudo que fiz contigo. – Madoc se levantou para ficar cara a cara comigo. – Não tenho desculpas. Não costumo ser inimigo de garotas bonitas.

Se é isso o que diz.

– Tanto faz. – Cruzei os braços, pronta para almoçar. – Terminou?

– Na verdade, não. – Ele sacudiu as sobrancelhas. – Será que você gostaria de ir ao baile de Boas-vindas comigo?

CAPÍTULO 25



Senti os músculos tensos. Imediatamente comecei a examinar o corredor para ver se tinha alguém rindo, algum sinal de que tudo isso era uma piada.

Mas nenhum dos amigos de Madoc estava por perto para testemunhar a brincadeira, e eu também não conseguia ver Jared.

Virei-me para Madoc e o encarei com um olhar.

– Você realmente achou que eu fosse cair nessa?

– Cair no quê? Meu charme e meu corpo gostoso? Lógico que sim.

Seu sarcasmo não conseguiu diminuir minha desconfiança. Virei os olhos, já me questionando por que diabos estaria ali, parada, escutando ele.

– Basta. Vou almoçar. Diga ao Jared que não sou burra.

Virei-me e segui até o refeitório.

– Espera. – Madoc veio correndo ao meu lado. – Você acha que isso é uma armação?

Ignorei ele e continuei andando. *É claro que isso era uma armação.* Por que Madoc iria querer minha companhia no baile de Boas-vindas? E por que ele pensaria que eu fosse aceitar? Durante anos a gente brigou igual gato e cachorro.

– Tate, Jared provavelmente acabaria comigo se soubesse que estou conversando com você, imagina se ele soubesse que estou te

chamando pra sair. Estou falando sério aqui. Não é brincadeira. Não tem piada alguma. Eu realmente quero te levar ao baile.

Continuei meu caminho até o refeitório esperando que ele entendesse a indireta. Comecei a me sentir sufocada. Ele precisava sair de perto de mim. Agora.

– Tate, por favor, pare. – Madoc tocou meu braço.

Rodopiei para olhá-lo, quente de tanta raiva.

– Mesmo que você esteja falando sério, você realmente acha que eu confiaria em você algum dia? Você me assediou e já quebrei seu nariz. Você está me chamando para sair? Está falando sério?

Nunca pensei que haveria uma mudança no rumo dos acontecimentos tão ridícula como essa, e o que viria em seguida? Era uma perda de tempo.

– Sei que temos uma história interessante – começou Madoc, levantando as mãos – e quero deixar bem claro que não estou te convidando para um encontro romântico. Jared arrancaria meu saco se eu fizesse isso. Fui um idiota e quero fazer as pazes. Se você ainda não tem um parceiro, adoraria te levar e te mostrar que posso ser um bom garoto.

Óooo, que discurso bonitinho.

– Não – respondi.

O charme dele não funcionava em mim como nas outras, mas o olhar de surpresa no rosto dele me fez parar por um instante. Metade de mim queria rir, porque ele realmente parecia decepcionado. E a outra metade estava preocupada, porque ele *realmente* parecia decepcionado.

Não devo nada a Madoc, disse a mim mesma.

Depois de tudo o que ele fez, eu nem deveria estar falando com ele. Contudo, após ter escutado sua conversa com Jared no corredor semana passada, parecia que ele nunca foi totalmente a favor de tentar me magoar. Talvez ele quisesse mesmo fazer as pazes.

Não importa. Isso não vai acontecer.

Dando a volta, segui para o refeitório novamente quando, na verdade, apenas queria sair correndo pela porta da frente. Ainda era segunda-feira de manhã e já estava subindo pelas paredes, querendo sair daqui.

Eu realmente queria ir ao baile e ainda não tinha um parceiro. E ir com Madoc deixaria Jared com ciúmes. Acho que queria vê-lo todo confuso por minha causa.

Afastei os pensamentos da minha mente. *Não aceite, Tate.*



– Você está pensando em tentar uma bolsa para atletas? – perguntou Jess enquanto descartávamos os restos do almoço.

– Não... Gosto de correr, mas não sei se quero ter esse tipo de compromisso enquanto estiver na faculdade – respondi.

K.C. e Liam tinham se juntado a nós na hora do almoço, mas haviam sumido um tempo atrás, provavelmente estavam embaixo das arquibancadas, perto do campo de futebol, *conversando*. Ela parecia feliz e Liam estava sendo mais gentil do que o normal. Demoraria um tempo até que eu pudesse olhá-lo sem lembrar da traição, mas estava feliz que eles tinham voltado.

Depois que eles foram embora, quase não consegui comer meu burrito de frango. Madoc não parava de sorrir para mim do outro lado do refeitório.

Ben também não parava de me enviar mensagens. Ele queria conversar antes do almoço acabar, mas graças aos meus amigos, tinha uma desculpa para não ficar sozinha com ele. Ele tinha sido um grosso e, apesar de estar irritada, sabia que uma hora ou outra teríamos que conversar. Mesmo se fosse apenas para dizer “vamos ser amigos”.

– Então, você foi demais no sábado. – Jess terminou de tomar o suco antes de jogar a garrafa. – Ah, e na sexta-feira também. Não assisti à corrida, mas a escola inteira está falando disso. Você fez muitas pessoas ganharem uma boa grana. Também fiquei sabendo que o Derek Roman estava bem puto.

– Tenho certeza de que ele estava. – Prendi o cabelo em um rabo de cavalo e senti uma onda de calor passar pela nuca.

Era meio louco como funcionava minha percepção de Jared, mas tinha quase certeza de que ele estava em algum lugar aqui perto.

Ele tinha sumido a manhã toda, não havia sinal dele ou de seu carro. Continuei prestando atenção em Jess, apesar de sentir uma atração vibrar por todo o meu corpo, que me fazia querer virar. Depois dos dois beijos e do sonho, sem falar do pedido de desculpas, pensei bastante nele durante todo o fim de semana.

Antes de desistir e procurá-lo, fui até a porta com Jess. Um instante depois, parei ao escutar alguém chamar meu nome.

– Tatum Brandt!

Pulei, imediatamente envergonhada porque a pessoa que gritou meu nome atraiu a atenção do refeitório inteiro para mim.

– Por favor, venha comigo ao baile de Boas-vindas? – o idiota perguntava atrás de mim.

Fechei os olhos. *Eu. Vou. Matá-lo.*

Virei lentamente e vi que Madoc estava de joelhos um pouco à minha frente. Ele olhava para mim com grandes olhos azuis de cachorro sem dono, e notei que o refeitório todo tinha ficado muito quieto, já que todos se calaram e olhavam para nós, abismados e ofegantes.

– Você só pode estar me zoando – murmurei e dei um sorriso de desculpas para Jess. Andando de joelhos com passos curtos e hilários, ele veio diretamente aos meus sapatos e inclinou a cabeça para me olhar de baixo. Pegou minha mão e colocou sobre a dele.

Várias garotas estavam rindo e todos nos olhavam. Só mesmo Madoc podia sair dessa com tamanha extravagância e ainda ser considerado machão.

– Por favor, por favor! Não recuse. Preciso de você. – Seu tom dramático causou um alvoroço de risadas e torcedores encorajando-o a continuar.

Meu coração estava acelerado. A qualquer momento eu ia surtar com ele e provavelmente não teria sorte o bastante para escapar da sala do diretor uma segunda vez.

– Levanta – mandei, estendendo a mão. Minha cabeça estava cheia de ideias de como machucar este garoto. Eles nunca encontrariam o corpo.

– Por favor, vamos fazer isso dar certo. Me desculpe por tudo. – Ele estava falando um pouco mais alto do que as risadas para que

todos soubessem da nossa vida.

– Eu disse não.

– Mas o bebê precisa de um pai! – implorou ele.

Meu coração apertou ao ouvir o que ele disse. *Ah, caramba. Não, não, não...*

Vaias e berros irromperam de cada canto da sala, e um calor subiu pelo meu pescoço e rosto. Senti que estava tendo uma experiência extracorpórea. Isso não podia estar acontecendo. Era assim que ele queria fazer as pazes? Deixando-me mais envergonhada?

Ele agarrou meu quadril e colocou o rosto na minha barriga.

– Prometo que vou amar nossa criança – sussurrou ele para apenas eu escutar. – Posso falar mais alto, se você quiser.

– Beleza, eu vou. Por enquanto – disse, rangendo os dentes. – Mas se você inventar outra idiotice, quebro seu braço.

Ele levantou rapidamente, colocou os braços ao meu redor e me tirou do chão, me abraçando. Ele me girou e todo mundo bateu palmas e assoviou, mas eu queria apenas vomitar. Depois que ele me pôs no chão novamente, dei um tapa em seu braço e saí do refeitório, sabendo que não queria ver as expressões nos rostos de Jess ou de Jared.

CAPÍTULO 26



Felizmente, ao fim das aulas, a escola inteira já sabia que a piada de Madoc era apenas aquilo... uma piada. Pelo menos o imbecil conseguiu honrar sua palavra e desfazer o boato. Ainda não me conformava que aceitei. O baile de Boas-vindas era só daqui a duas semanas, então ainda havia esperanças de encontrar um jeito de sair dessa. Como comprovado no mês passado, muita coisa podia acontecer em um tempo curto.

Jared não estava na aula de Cultura, então, ao invés de lutar para não olhá-lo, tive que lutar para evitar os olhares de Ben. A vida era uma merda às vezes. Eu ia ao baile com a única pessoa nesta escola que me dava nojo; um jogador de futebol bonito e famoso estava me dando atenção, mas eu não estava nem aí para isso; e estava tendo sonhos molhados com um possível sociopata, que agia como se me odiasse a maior parte do tempo.

Mais oito meses.

– Oi, Dr. Porter – sorri, cansada, ao entrar no laboratório depois da aula. Como a sala não estaria disponível amanhã conforme programado, achei melhor aceitar a proposta de trabalhar hoje. A treinadora tinha nos dado uma folga esta tarde, então deu tudo certo.

– Oi, Tate. – O Dr. Porter era um ex-hippie na meia-idade que costumava deixar solto o longo cabelo grisalho e tinha sempre gotas

de café penduradas em seu bigode e barba desalinhadados. As minhas primeiras aulas com ele no primeiro ano foram irritantes. Eu queria passar um guardanapo em seu rosto.

– Quanto tempo posso ficar hoje? – Joguei a bolsa no chão embaixo da minha mesa de sempre e olhei para o Dr. Porter.

– Vou ficar aqui por pelo menos uma hora, provavelmente até mais. – Ele juntou pastas e papéis e tentava dar um jeito de pegar seu copo de café também. – Precisa de algo?

– Vou pegar meu caixote no armário, sei onde está tudo que preciso.

– Que bom. Tenho uma reunião de planejamento com o departamento de Ciências, mas é em outra sala de aula. Pode ir lá me chamar se precisar de qualquer coisa. Estou falando sério. Sala 136B. – Ele seguiu até a porta.

– Tudo bem, obrigada. – Peguei um avental pesado de vinil na prateleira de casacos, coloquei-o pela cabeça e o amarrei na cintura. O laço raspava a minha coluna bem no espacinho onde meu jeans e minha regata não cobriam minha pele.

Ao tirar as coisas do armário quase deixei cair o conteúdo pesado andando de volta para a sala de aula. Jared estava sentado na mesa do professor, lá na frente.

Que saco.

Ele estava encostado na cadeira, com as mãos atrás da cabeça e um pé escorado no canto da mesa. Seus olhos não demonstravam nada, mas seu olhar estava focado inteiramente em mim. Aquilo por si só fez um calor subir pelo meu rosto e um suor frio escorrer pelos meus poros.

Droga. Por que ele precisava ter aquela aparência?

A suavidade de seus lábios e sua língua quente e celestial em meu pescoço passaram pela minha memória. Um tique de ansiedade surgiu entre as minhas pernas e tive muita vontade de montar nele naquela cadeira.

Merda. Eu era uma bomba de nervos ambulante.

Balancei a cabeça e desviei o olhar enquanto levava meu caixote para a mesa.

– Agora não, Jared. Estou ocupada.

Honestamente, essa era a verdade. Precisava me focar e, por mais que metade de mim quisesse me dar ao luxo de tolerar esse drama, precisava ficar sozinha.

– Eu sei. – Sua voz suave estava estranhamente calma. – Vim te ajudar.

Parei de tirar as coisas do caixote e encarei-o com olhos bem abertos.

– Me ajudar? – Meu tom de voz saiu sarcástico já que tinha certeza de que isso ou era uma piada ou um esforço para sabotar meu experimento. – Não preciso de ajuda.

Soltando os braços, ele colocou as mãos dentro do bolso da frente de seu casaco preto.

– Não perguntei se você precisava – respondeu ele, rápido e assertivo.

– Não, você estava apenas supondo. – Continuei tirando meus materiais e evitei seus olhos. Aquela porcaria de sonho ficava passando pela minha mente e eu estava com medo de deixar algo transparecer, caso olhasse para ele.

– Nem um pouco. Sei do que você é capaz de fazer. – Sua voz tinha um tom engraçado e o duplo sentido daquela observação não passou despercebido. – Achei que se nós vamos ser amigos, esse seria um bom lugar para começar.

Após sair da cadeira, ele andou na minha direção. Inspirei e expirei lentamente.

Apenas pegue o béquer e o balão de Erlenmeyer e os posicione devagar. Com cuidado.

– Tipo assim, não vamos mais subir em árvores e dormir um na casa do outro, né? – perguntou ele, sugestivo, enquanto passava os dedos na mesa do laboratório.

Dormir na casa um do outro? Meu corpo começou a pulsar mais forte e sabia que estava pronto para o que precisava. Senti isso.

Pensar em Jared dormindo em casa, mesmo que ele estivesse apenas brincando, me deixou entusiasmada. Saco, adoraria deixá-lo me manter acordada a noite toda praticando coisas que, com certeza, não fazíamos quando éramos mais novos. Queria suas mãos

em mim, me puxando para mais perto, e sua boca por todo meu corpo.

Mas queria que ele se importasse também. E não confiava nele.

Piscando, arqueei as sobrancelhas para ele.

– Como disse, não preciso de ajuda.

– Como disse, não estava perguntando. Você achou que o Porter ia te deixar fazer experiências com fogo sozinha? – Ele riu amargamente e veio ficar parado ao meu lado.

– Como você sabe da minha experiência? E quem disse que seremos amigos? – perguntei, antes de abaixar para pegar o fichário dentro da bolsa. – Sabe, acho que muito mal já foi feito. Sei que você pediu desculpas, mas não é fácil para mim.

– Você não vai ficar dando uma de menininha pra mim, né? – sorriu ele.

Separando as coisas do fichário, peguei anotações e procedimentos que tinha pesquisado. Tentei dar uma lida por alto no material, mas ter Jared tão próximo de mim tornava difícil conseguir me concentrar.

Ao virar para a esquerda, encarei-o com a minha melhor cara de tédio. Não queria que ele pensasse que eu estava um pouco intrigada com a presença dele.

– Jared, agradeço o esforço que você está fazendo aqui, mas não é necessário. Ao contrário do que seu ego está dizendo, durante os últimos três anos eu tenho sobrevivido muito bem sem você. Trabalho melhor sozinha e não gostaria da sua ajuda hoje ou em qualquer outro dia. Não somos amigos.

Sua fachada de legal vacilou e ele piscou. Seus olhos escuros procuravam os meus. Ou talvez ele estivesse procurando por algo a ser dito.

Sentindo-me um pouco culpada, virei-me novamente para o fichário, mas acabei deixando-o cair no chão no meio do processo. Seu conteúdo, que não estava preso pelos aros, foi lançado ao chão. Uma onda de vergonha se espalhou pelo meu corpo, fazendo com que meu discurso de garota forte terminasse em uma bagunça desajeitada.

Jared correu para o meu outro lado e se abaixou comigo para pegar o fichário e o que havia dentro dele.

– Você está vendo carros? – Ele olhou para as folhas que imprimi da internet para estar preparada quando meu pai voltasse para casa.

– Sim – dei uma resposta curta. – Vou me dar de aniversário.

Ele segurou as folhas nas mãos, sem olhar para nada em particular, mas parecia estar pensando em algo.

– Jared? – Levantei a mão para pegar as folhas dele.

– Esqueci que seu aniversário está chegando – ele disse quase que para si mesmo, enquanto eu pegava os papéis e enfiava tudo dentro do fichário.

Fiquei pensando se aquilo era verdade. Nossos aniversários eram muito importantes quando éramos amigos, mas, atualmente, não me importava se ele esquecesse. Eu não me esqueci do aniversário dele. É no dia 2 de outubro.

Ontem!

Putz, será que eu devia falar algo? Não havia feito nada para o aniversário de Jared nos últimos anos, mas agora que ele tinha tocado no assunto, não tinha ideia de como reagir.

Foda-se. Ele também teria esquecido o meu.

– Seu pai sabe que você está pensando em comprar um carro em breve? – Jared interrompeu meus pensamentos.

– Sua mãe sabe que você dá bebida alcoólica para menores de idade e dorme em qualquer lugar nos finais de semana? – Minha observação saiu bem mais maldosa do que eu queria.

– Seria melhor perguntar se ela se importa. – Seu sarcasmo era um disfarce para o olhar de irritação que vi fervendo por dentro.

Franzi as sobrelhas ao pensar na vida de Jared. Ele cresceu sem um pai e com uma mãe ausente. Ele não tinha bons exemplos para se espelhar ou amor em sua vida – disso eu sabia, enfim. Sem saber como revidar isso, continuei em silêncio enquanto ele lentamente começava a me ajudar a descarregar meu caixote.

Béqueres, balões de Erlenmeyer, tubos de ensaio e uma seleção de líquidos e materiais secos cobriram o tampo da mesa. Não ia precisar de todas essas coisas, mas tinha juntado tudo quando ainda estava tentando decidir meu projeto. Três inibidores de chamadas

comprados em uma loja e alguns ingredientes para fazê-lo em casa deixaram o balcão bagunçado, junto a diferentes tecidos de algodão. Minha experiência consistiria em testar como o algodão reage a diferentes sprays resistentes. Já tinha pensando em meu objetivo, a hipótese, as constantes e variáveis e meus materiais. Hoje, montaria meus procedimentos e começaria uma rodada de testes.

Além de tudo isso, meus nervos estavam agora pegando fogo em todas as terminações.

Houve uma época em que a presença de Jared me acalmava e me fazia sentir segura. Agora, sua proximidade me deixava alerta cada vez que seu braço chegava perto de se esfregar no meu, ou sempre que achava que seus olhos estavam me encarando. Minha cabeça estava confusa e minhas mãos, tensas.

Irritada, virei-me para tirar as anotações do fichário e esbarrei em um balão de Erlenmeyer no balcão. Um calor cobriu meu rosto quando me virei para tentar pegá-lo, mas, ao invés disso, ele acabou se estilhaçando por todo o chão. De costas para o balcão, olhei para a bagunça e inspirei profundamente. Nesse ponto, não me importava se ele achava que eu estava louca ou que estivesse exagerando. Precisava que ele fosse embora.

Jared veio na minha frente e olhou para o vidro quebrado.

– Te deixo nervosa – disse ele, sem me olhar. Ele tinha acertado em cheio. Eu sabia disso e ele também.

– Apenas vá embora. – Meu sussurro desesperado implorava para ele, enquanto eu me recusava a encontrar seu olhar, que com certeza estava em mim agora.

– Olhe para mim. – Jared segurou minha bochecha, com os dedos alcançando meu cabelo. – Me desculpe. – Meus olhos dispararam até os dele ao ouvir seu repetitivo pedido de desculpas. – Nunca devia ter te tratado daquele jeito. – Com os olhos queimando, procurei em sua expressão qualquer tipo de sarcasmo ou falsidade, mas não encontrei nada. Ele ainda estava com o rosto todo sério e respirava profundamente ao esperar por uma resposta.

Jared levantou a outra mão para segurar minha bochecha e se aproximou ainda mais. Suas mãos deslizaram pela minha nuca, seus dedos tocaram minha orelha. Minha respiração ficou curta conforme

seu corpo se pressionava gentilmente contra o meu. Seus olhos agora se concentravam em meus lábios, enquanto seu rosto chegava mais perto. Jared estava muito próximo dos meus lábios, mas mesmo assim já conseguia sentir seu gosto.

Ele tinha começado tão devagar, mas gemi de surpresa quando mergulhou em mim e juntou meus lábios aos dele. Fogos de artifício explodiram na minha boca e fluíram até o topo da minha cabeça e para baixo do meu pescoço. Estava perdida enquanto seu braço circundava minha cintura e sua outra mão se escondia no meu cabelo. Ele me agarrou mais forte, me levantando do chão. Eu o inalei, sentindo o cheiro de vento e chuva de sua pele e, por um breve momento, me senti em casa.

Isso é tudo que precisava. Tudo que queria: em mim, em volta de mim, dentro de mim. Meus hormônios estavam descontrolados. Queria arrancar suas roupas e sentir seu peito nu contra o meu. Queria beijá-lo até que estivesse fervendo e delirando de tesão. A quem estava querendo enganar? Já estava cheia de desejo. Ele se acumulava no meu abdômen e disparava até o meu sexo como um maldito tornado.

Sua língua lambia por baixo meus lábios, fazendo com que meus braços se arrepiassem. Contorci meus braços fortemente em volta de seu pescoço e apertei ele. Suas mãos esfregaram minhas laterais e pegaram no meu bumbum. Meu corpo amava cada toque. Eu me moldava dentro dele como um pedaço de argila. Onde quer que ele me acariciasse, eu derretia. Onde quer que ele puxasse, eu acompanhava.

A boca dele era tão quente e eu não conseguia deixar de imaginar quão bom devia ser o resto dele também.

– Te quis por tanto tempo – sussurrou ele, sua respiração em meus lábios era como uma droga me consumindo. – Todas as vezes que te via na casa ao lado... ficava enlouquecido.

Eu me empolgava em ouvir o que ele dizia. Ele sempre me quis. Adorava saber disso. Adorava o fato de ele me desejar.

Ele pegou meus lábios de novo e deu outro beijo profundo, com minhas costas encostadas na mesa do laboratório. Quando ele mordeu meu lábio inferior, minha mente titubeou ao pensar naquela

situação. Adorei descobrir que ele nunca me odiou, que ele sempre me quis. Mas o que estava rolando entre nós? Estávamos ficando juntos? Ou Jared só queria “tirar o atraso”?

– Não... – arquejei e me afastei. Não queria me mexer e não queria estar em nenhum outro lugar, senão com ele. Mas sabia porque tinha parado.

Ele não podia ganhar. Não podia me tratar como merda e depois me ter.

Jared estava respirando forte e olhava para meus lábios inchados como se estivesse longe de ter terminado. Seus olhos vagaram até os meus e vi o desejo intenso, como se ele estivesse muito puto por eu tê-lo interrompido ou muito excitado a ponto de me algemar.

Soltando-me dele e colocando-me em pé novamente, seu rosto ficou com uma expressão de indiferença ao se afastar.

– Então não faço nada – disse ele, frio. Acho que não esperava que ele fosse discutir ou insistir mais. Jared não era um cara que implorava. Mas fui pega de surpresa ao ver quão rápido ele podia transformar desejo ardente em frieza amarga.

Estudei-o por alguns instantes, pensando se algum dia superaria essa indiferença orgulhosa dele.

– O que está tramando? – questionei, estreitando os olhos para ele.

Ele soltou uma risada seca.

– Quero que sejamos amigos – admitiu ele, de algum modo sincero.

– Por que isso agora?

– Por que tantas perguntas? – contra-atacou ele.

Ele estava falando sério? Ele tinha que se explicar.

– Você não achou que fosse ser tão fácil assim, né?

– Achei, tinha esperança de que pudéssemos seguir em frente sem olhar para trás. – Seu tom de voz irritado se ajustava perfeitamente à expressão carrancuda que estava se formando ao redor de seus olhos.

– Não podemos – disse, categórica. – Um dia você está me ameaçando, aí no outro me beija. Não mudo de marcha tão rápido.

– Te beijo? Você também me beijou... nas duas vezes. E agora você vai para o baile com o Madoc. Pode-se dizer que sou eu quem está pensando aqui. – Ele enfiou as mãos no bolso do casaco e se encostou no peitoril da janela. Seus olhos estavam me desafiando e eu mal tinha uma resposta para sua réplica. Ele estava certo. Saí com Ben, ia para o baile com Madoc e estava beijando Jared.

– Não devo explicações a você. – Minha resposta foi patética.

– Você não devia ir.

– Eu quero – menti. – E ele me pediu. – Dispensando-o, voltei ao trabalho.

Jared veio atrás de mim, enquanto eu tentava parecer ocupada mexendo nos papéis.

– É *ele* que tem estado na sua mente, Tate? – Sua respiração fez meu cabelo voar. Colocando ambas as mãos ao meu lado, me prendendo, ele provocou. – Você quer ele? Ou você tem sonhado comigo?

Fechei os olhos, lembrando do meu sonho naquela manhã. O que pensar nele fez comigo, e agora ele estava bem atrás de mim.

– Eu disse que quando colocasse minhas mãos em você, você ia querer. Lembra?

Virei-me para olhá-lo. Ele levantou a cabeça para me olhar nos olhos.

– Não acho que seja um segredo que eu gosto quando você me toca. Quando você estiver pronto para me contar tudo que está escondendo, aí, talvez, quem sabe, confiarei em você de novo. Até lá...

Ele fechou os olhos e uma raiva apareceu em seu rosto como uma nuvem escura, enquanto saía de perto.

Ele ficou com as costas eretas e cerrou os punhos. Sabendo que disse exatamente o que precisava dizer, me virei novamente para o trabalho. Meu coração estava cedendo a ele, e não conseguia mais olhá-lo sem ter medo de cair na sua. Se ele me queria como amiga ou como algo mais, teria que se abrir mais. Por mais atraente que sua proposta de seguir em frente sem olhar para trás parecesse, sabia que a história de Jared fez com que ele se tornasse o homem que é hoje. Precisava conhecê-lo.

– Jared? – Uma voz feminina veio da porta. – Aí está você.

Olhei para trás e vi Piper, com sua saia de líder de torcida tão baixa que mostrava os ossos de seu quadril e sua barriga plana. Acho que regurgitei um pouco dentro da boca.

– Você não ia me dar uma carona para casa hoje? – Ela jogou o cabelo longo e escuro no ombro e mordeu o lábio inferior. *Ah, fala sério.*

– Vim de bicicleta hoje, Piper – Jared falou meio rude, atrás de mim. Ele estava zangado. Com quem? Não tinha certeza, mas podia adivinhar.

– Por mim tudo bem – insistiu ela. – Vamos. Não parece que você está ocupado mesmo. – Ela olhou para mim, e a raiva esquentou minhas bochechas.

Jared ficou quieto por alguns instantes e senti seu olhar cair nas minhas costas enquanto continuei arrumando os materiais. Cada movimento que dava era devagar e metódico, pois estava tentando não derrubar mais nada. Mas fingir que não prestava atenção era tão impossível quanto não prestar atenção.

– É, não estou ocupado – Jared, por fim, respondeu friamente ao passar por mim até a porta.

– Então, Terrance... – A idiota fingiu não saber meu nome. – Você não deixou seu parceiro do baile de Boas-vindas com o olho roxo, né? Ele quase não consegue enxergar. Você devia parar de bater em garotos ou as pessoas vão começar a achar que você é sapatão.

Ela estava tentando me irritar, mas fiquei confusa. Não tinha ideia do que ela estava falando. Alguém tinha deixado Madoc com o olho roxo depois que o vi no almoço?

– Ela não deixou o Madoc com o olho roxo. Eu deixei. – Jared passou por ela e abriu a porta, agora não mantendo contato visual com nenhuma de nós.

– Por quê? – O nariz de Piper se enrugou quando ela se virou para sair pela porta que ele segurava. Jared arqueou uma sobrancelha para mim e fechou a porta com força suficiente para que a vibração atingisse minhas pernas.

Depois de ficar olhando para a porta fechada por alguns minutos, finalmente percebi que Jared tinha dado um soco em Madoc por

minha causa.

Como assim?

Bom, acho que isso, com certeza, não era algum tipo de brincadeira que eles tinham entre eles. Madoc estava interessado em passar um tempinho comigo e aquilo deixou Jared enlouquecido.

Soltei uma risada maldosa. Não estava interessada em Madoc. Mas, se isso incomodava Jared, acharia interessante me divertir um pouco, apesar de tudo.

Coloquei os fones de ouvido e passei o restante da tarde de bom humor.

CAPÍTULO 27



– Oi, pai – eu disse, depois de ter clicado no botão de *Aceitar a ligação* no meu notebook. – O que está fazendo acordado tão tarde... ou cedo? – O fuso horário da Alemanha estava três horas à nossa frente. Tinha acabado de chegar de uma corrida onde tentei tirar Jared, Madoc e todo mundo da minha cabeça. Já passava das seis e tinha esquentado um sanduíche de presunto e queijo no micro-ondas para jantar.

– Ei, batatinha, acabei de chegar de um voo de Munique e estou indo dormir agora. Pensei em ver se estava tudo bem contigo sem a vovó.

Ele parecia cansado e desarrumado. Seu cabelo grisalho estava jogado em meia dúzia de diferentes direções, como se tivesse passado as mãos nele nas últimas vinte e quatro horas, e ele estava cheio de olheiras debaixo de seus olhos azuis. Sua camisa estava desabotoada na parte de cima com sua gravata azul e canela listrada solta.

– Munique? Não sabia que ia para lá – disse, com a boca cheia.

– Apenas uma viagem não planejada de um dia para uma reunião. Peguei um voo rápido de volta para Berlim. Tenho o dia livre hoje, então vou dormir tarde.

A ideia do meu pai de “dormir até mais tarde” era acordar às sete da manhã. Se ele não saísse do quarto dele até esse horário, então

havia algo errado.

– Tudo bem, então me garanta que vai mesmo dormir. Você trabalha muito e está dando pra ver. Como você vai conseguir sair com alguém com essa aparência?

Ele riu alto, mas havia tristeza no sorriso. Senti-me imediatamente culpada em trazer o assunto de encontros à tona. Desde que a minha mãe faleceu, meu pai se mantinha o mais ocupado possível. Ele trabalhava muito e quando não estava trabalhando, nós dois estávamos na correria. Nunca ficávamos em casa nas férias, e ele raramente passava seu tempo livre dentro de casa. Sempre saíamos para algum evento ou algo do gênero: jogos de basquete, jantares, viagens de acampamento e shows. Meu pai nunca queria ter muito tempo para pensar. Ele com certeza teve algumas “namoradas” casuais durante os anos em que estive viajando, mas nunca levou ninguém muito a sério.

– Oi, Sr. Brandt – K.C. gritou, ao sair do meu banheiro e pular na cadeira perto das portas duplas.

Ela tinha vindo para cá logo que cheguei em casa, implorando para saber mais detalhes sobre o pedido de Madoc para ir ao baile com ele hoje, mas fui salva pela ligação do meu pai.

– É a K.C.? – papai me perguntou, já que ele não conseguia vê-la.

– Isso mesmo – disse, mordendo outro pedaço do meu jantar. Ainda estava usando meu short preto de *lycra*, com uma regata branca e jaqueta azul. O cheiro que estava saindo de mim sem dúvida alguma afastaria qualquer garoto. Eu deveria visitar Madoc agora e me jogar em cima dele, mas não era tão má assim. Porém, a fadiga de meus músculos me deixava cheia de alívio. Não conseguia pensar ou me preocupar com nada neste momento, mesmo se quisesse.

– Tatum Brandt, isso não é a sua janta. – O choque nos olhos do meu pai me fez virar os meus.

– É comida. Agora fique quieto – mandei, de maneira cômica. K.C. sorriu e mexeu a cabeça.

– Volto pra casa daqui a dois meses e meio. Você acha que consegue se manter viva até lá? – disse papai, sarcasticamente.

– As pessoas conseguem sobreviver apenas de água durante semanas. – Tentei me manter séria, mas comecei a rir quando os olhos dele se abriram ainda mais.

Conversamos por mais alguns minutos. Contei sobre meu experimento, mas não falei o quanto estava preocupada ultimamente. Ele escutava enquanto eu lhe dava um resumo das minhas próximas reuniões e me lembrou de estar com todas as minhas inscrições para a faculdade prontas até o dia de Ação de Graças. Apesar de eu não gostar da ideia de *não* entrar na Columbia, nós dois concordamos que era melhor que eu me inscrevesse em outras faculdades também. Sugeri alguns lugares e ele propôs Tulane, a faculdade onde minha mãe estudou. Concordei em adicioná-la à lista.

– Então – provocou K.C., assim que desliguei a ligação com meu pai –, Madoc, é? – Sabia que ela estava morrendo de vontade de perguntar isso desde o minuto em que tocou a campainha. Ela me encheu o saco me encarando, enquanto prendia o cabelo longo e castanho-escuro em um rabo de cavalo.

Saí da cama e tirei a jaqueta.

– Ah, não é o que você está pensando, e você sabe disso. Você tinha que ter visto como ele me encurralou no refeitório.

Andei até meu banheiro que recentemente tinha ganhado uma nova decoração. Vovó tinha feito para mim na semana anterior. As paredes que antes eram amarelas agora se gabavam com um cinza-escuro tranquilizante. Uma cortina preta para o chuveiro ganhava destaque com acessórios combinando por todo o ambiente. Imagens em preto e branco de árvores secas decoravam a parede oposta ao espelho e um rádio com dock para iPod estava posicionado no balcão da pia. Meu aquecedor aromático exalava “My Dear Watson”, meu aroma favorito.

Este era meu oásis. Por mais besta que parecesse, o banheiro deveria ser mais reverenciado. É o único lugar onde a privacidade absoluta é respeitada.

Na maioria das vezes.

– Você disse *sim*? – K.C. gritou do quarto.

– Acho que disse *beleza*, na verdade. Acredite em mim, não quero ir a lugar algum com o Madoc. Vou sair dessa.

Mas talvez não. Agora que sabia que seu pedido não tinha sido orquestrado por Jared e que Jared estava chateado com isso, pensei em dar uma cartada diabólica indo com ele.

– Você podia apenas ter dado um chute no saco dele. – K.C. olhou pelo canto do banheiro.

– Talvez sim, talvez não. – Arqueei as sobrancelhas, e K.C. desencanou e veio ficar ao meu lado na pia.

Pegando um dos meus batons no balcão, ela começou a passá-lo e a falar enquanto me olhava pelo espelho.

– Podemos sair para comprar vestidos – sugeriu ela.

– Então você vai com o Liam? – perguntei, soltando meu cabelo do rabo de cavalo.

– Ele pediu, mas ainda não aceitei. – Ela gesticulou com a mão ao ver meu olhar de questionamento. – Ah, uma hora eu vou aceitar, mas quero que ele sofra um pouco.

– Tem certeza de que, na verdade, você não está querendo um pouco de espaço longe dele? Tipo assim, ele te traiu.

K.C. era esperta e mesmo que eu gostasse de Liam, não queria que ela se machucasse novamente. Se ele traiu uma vez, podia muito bem fazer isso de novo.

– Não se preocupe, Tate. Você não está me falando algo que já não tenha me dito mil vezes – suspirou ela e me encarou com uma expressão pensativa. – Eu o amo. E acho que ele está arrependido. Mas confiar nele? Não confio não. E ele sabe disso. – Ela voltou para o quarto e me encostei no batente da porta do banheiro.

Ela e Jared tinham realmente terminado. Quão longe será que eles tinham ido?

– E o Jared? – Não consegui me aguentar. – Vocês dois... – Não terminei a frase, não sabia como perguntar o que queria.

Ela me deu um olhar que me deixou com vergonha, mas respondeu:

– Não fizemos nada. Ele apenas conseguiu me distrair do Liam, só isso.

– Então vocês dois não... – Olhei para o piso de madeira escuro, sentindo-me incrivelmente estranha.

– Não! O que você acha que eu sou? – Ela ficou chocada. Isso era um bom sinal.

Expirei e meu corpo, de repente, ficou mais relaxado até que o próximo pensamento veio à mente.

– Mas você teve a oportunidade? – Talvez ela e Jared não tivessem chegado às vias de fato, mas talvez só porque ela resistiu. Se *ele* quisesse, seria como se eles tivessem feito de qualquer jeito, no meu entendimento.

– Você quer saber se ele estava interessado em transar comigo? – Ela sorriu, tentando lidar com isso e brincar comigo. – Taaalvez... Por que você quer saber?

– Não quero. É claro. – Olhei em volta do quarto, para qualquer lugar, menos pra ela. Por que queria saber?

– Então você tinha uma queda pelo Ben, agora tem pelo Madoc e, secretamente, pelo Jared? – Podia notar pelos lábios fechados que ela estava tentando esconder uma risada.

– Você está me provocando. Para com isso – adverti, na brincadeira e mudei de assunto. – Beleza, vamos comprar vestidos neste fim de semana. De preferência no sábado depois da competição.

Sorrindo e me olhando de relance, ela andou até a porta e pegou sua jaqueta na cama.

– Te vejo mais tarde, gostosona.

Peguei meu sapato de corrida do chão e arremessei na porta enquanto ela saía. Ela chiou enquanto descia as escadas, correndo e dando risada.



– Acho que você devia saber – uma voz feminina se aproximou de mim quando eu estava em frente ao meu armário, no dia seguinte. Virei e vi Piper, cujo sobrenome ainda precisava descobrir, me dando um olhar de nojenta logo antes de bater a porta do meu armário, deixando meu nariz escapar por apenas alguns centímetros – que o

Jared não está interessado em você. Fique longe. – O aviso dela foi respondido com uma sobranceira levantada e risíveis lábios de pato.

Sério? Ela estava tornando tudo muito fácil.

– Você nasceu insegura ou é assim apenas com o Jared? – perguntei, inocente, saboreando uma oponente muito fraca.

– Não sou insegura. Apenas protejo o que é meu. – Eu conseguia ver pelas narinas dela o quanto ela mantinha o nariz empinado. Ela enfiou as mãos nos bolsos de trás da calça jeans, empurrando os peitos bem no meu rosto.

Ao ver seu olhar, me senti insegura. Ela estava sensual com sua calça jeans bem colada no corpo e seu top vermelho. Minha aparência gritava que eu era certinha, já que usava um jeans colado, mas não tão colado, e uma blusinha preta. Ela estava toda enfeitada, estilosa, com pulseiras de prata e sandálias de salto alto. *Sério? Sandálias em outubro?* Meus pulsos estavam cobertos por pulseiras de borracha.

Não mudaria por qualquer garoto, mas conseguia entender a razão de muitos meninos acharem garotas como ela atraentes. Minha pele ardia ao pensar que ela tinha dormido com Jared. Ele tinha estado no corpo dela, dentro dela.

Minha cabeça começou a doer. Lutei contra o desejo de ceder à minha fúria de ciúmes quando senti uma enorme vontade de arrancar o cabelo dela.

Peguei a bolsa do chão e coloquei meus livros de Física e Francês dentro dela. Optei por passar o almoço na biblioteca hoje, já que queria evitar Madoc e queria deixar K.C. passar um tempo com Liam.

Quando não disse nada, ela continuou:

– Toda vez que me viro, você está lá fazendo um espetáculo, chamando a atenção dele.

– Ele é seu? – perguntei, calma, lembrando de Jared e dos nossos dois, quase três beijos. – Ele sabe disso?

Ela mudou de expressão, mas rapidamente se recuperou.

– Jared é um bad boy. Ele é daquele jeito, e eu posso lidar com isso. Mas se você vier atrás dele, terá que lidar comigo.

– Ele é daquele jeito, é? – Pela primeira vez, não senti nenhum nervosismo. Meu ataque combinava com o dela e queria esclarecer tudo. – Qual é a cor favorita dele? Qual é o nome da mãe dele? A comida favorita dele? Quando ele faz aniversário? Por que ele odeia o cheiro de água sanitária? Qual banda ele conseguiria ouvir pelo resto da vida?

Piper estreitou os olhos para mim. Ficou na cara que ela estava perdendo. Além disso, ela ficou irritada porque eu insinuei que tinha as respostas para essas questões, enquanto ela não tinha. E eu tinha.

Levantei a mão antes de ela replicar.

– Fique calma, gatinha. Não estou indo atrás dele. Mas não me ameace novamente ou vou fazer um espetáculo enorme contigo. Entendeu? – Sem esperar pela resposta dela, me virei com a sapatilha vermelha e segui até a biblioteca.

– Eu sei aonde ele vai todos os finais de semana – ela falou nas minhas costas. – Você sabe?

Virei-me, os pelos da minha nuca formigando, cheios de interesse. Piper parecia satisfeita com a minha expressão confusa e me deu um sorriso metido antes de se virar e ir embora.

É verdade. Ele sumia todos os finais de semana. Mas para onde ele ia?

Pelo que sabia, ele passava a maioria das noites de sexta-feira na fazenda dos Benson, mas o resto do fim de semana era um mistério. Ele costumava dar festas na casa dele na noite de sexta-feira ou de sábado, então não desaparecia o final de semana inteiro. Mas ela estava certa. Não tinha ideia de onde ele estava durante as tardes. Presumi que estivesse no trabalho.

Droga, Piper!

Pelo resto do dia na escola fui uma sombra nas minhas aulas, já que minha mente estava consistentemente preocupada com as ideias que surgiam sobre as saídas de Jared aos finais de semana, suas cicatrizes, e aquele verão há três anos.

Seu olhar constante em mim durante a aula de Cultura era a minha única distração, enquanto tentava formar uma lista mental do

que sabia e do que não sabia. E o que eu realmente sabia sobre Jared já não contava muito.

Uma ideia surgiu na minha mente, enviando um calor excitante até meu peito. Era terça-feira e tinha o laboratório depois da aula. Mas em alguma tarde desta semana precisava fazer um trabalhinho de reconhecimento. Com sorte, ele ainda mantinha sua janela destrancada.

CAPÍTULO 28



– Nós vamos a Chicago para comprar os vestidos neste fim de semana? Já estamos atrasadas. Só deve ter peças feias agora na coleção – apontou K.C., enquanto eu a levava até sua casa depois da aula na sexta-feira à tarde. Ela ia para o Loop hoje à noite e, apesar de Madoc ter me convidado para ser sua “copiloto”, eu já tinha outros planos.

– Tenho aquela competição amanhã de manhã, mas é aqui no centro. Você pode ir? Podemos depois tomar um café da manhã atrasado e ir para a cidade. – Trocando para a segunda marcha enquanto diminuía e virava a esquina da casa dela, notei o carro de Liam estacionado em frente ao sobrado colonial de tijolos vermelhos onde ela morava.

– Sim, boa ideia. Me manda o horário depois e estarei lá. E você vai comprar um vestido vermelho, Tate. – Ela apontou um dedo com a unha pintada de azul cobalto para mim e sorriu. Essa era uma antiga discussão. Ela achava que loiras ficavam lindas de vermelho, enquanto eu achava que ficava melhor de preto.

– Ah, é? – desafiei.

– Você vai ver – ela falou, cantando, como se já tivesse ganhado nossa iminente discussão.

Trocando para ponto morto e puxando o freio de mão, desliguei o Five Finger Death Punch que tocava no rádio e perguntei:

– Você sabia que o Liam estaria aqui?

Ela olhou para a frente, do lado de fora da janela, para o Camaro dele.

– Sim. Ele me convidou para jantar esta noite antes de irmos à corrida. Meus pais não sabem nada sobre o que aconteceu entre nós. Só que tivemos uma briga e terminamos por um tempo. Se eles soubessem...

– É – interrompi. Podia imaginar como a Sargento Carter reagiria.

– Beleza. – Ela abriu a porta do carro e saiu. – Me manda mensagem depois, ok?

– Com certeza. Até mais – falei, quando ela bateu a porta do Bronco do meu pai.

O retorno para casa durou menos de dois minutos. Algumas voltas e curvas depois e já estava na minha rua, depois estacionando dentro da garagem. Notei que o carro de Jared estava parado dentro da garagem dele, antes de vê-lo com outros dois garotos de capuz.

Ignorando o formigamento que começou na minha barriga e se direcionava para baixo, segui para dentro de casa, dando suspiros fortes.

O restante da noite fiquei presa a qualquer tipo de atividade doméstica que me lembrava de fazer, passando o tempo com a expectativa de escutar o barulho do motor de Jared saindo para a fazenda dos Benson. Já tinha varrido e passado aspirador, terminado de lavar as roupas e jantado. Estava indo desfragmentar meu disco rígido quando o ronco do motor do Boss de Jared me fizeram pular.

Até que enfim!

Meus pés descalços se esfolaram à medida que pulei os degraus. Olhei pelas portas francesas para ver seu carro saindo da garagem. A máquina preta correu pela rua, e meu coração começou a martelar com o que eu estava prestes a fazer.

A casa estava escura, então deduzi que a mãe dele já estava na casa do namorado para passar o final de semana.

Saí pelas portas e subi na árvore, me agarrando aos galhos com meus pés descalços. Balancei com a sensação de *déjà vu* que estava me ocorrendo. Fazia um bom tempo desde a última vez que fiz essa peripécia.

Meu corpo tinha ficado mais pesado depois desses três anos. Galhos chiavam e me apressei para chegar até a janela dele, já que a folhagem não estava mais tão densa. A maioria das folhas já tinha caído por causa do inverno que estava chegando, e tinha certeza de que alguém me veria da rua se eu demorasse muito.

Agarrando o peitoril de sua janela com os dedos, minhas unhas lascaram a pintura branca quando meus músculos se empenharam em tentar abrir a janela.

Eba! Está destrancada.

Impulsionando-me pela beirada, passei uma perna e atravessei a janela. Ao ficar em pé, deixei meus olhos se ajustarem à escuridão quase total do quarto. Minha pulsação estava batendo tão forte nos ouvidos que pensei que eles estavam sangrando, e eu tremia de nervoso. Deixei a janela aberta para o caso de precisar de uma fuga rápida.

Dando uma observada no quarto, percebi que ele tinha mudado a disposição dos móveis desde a última vez em que estivera aqui. O quarto parecia limpo, mas estava uma bagunça. Havia roupas espalhadas pelo chão e pela cama. O topo de sua cômoda estava cheio de tranqueiras, dinheiro e recibos. No entanto, as paredes ainda estavam pintadas de azul-escuro.

Quando ele era mais novo, sua mãe tinha decorado o quarto com tema náutico. Pela cara do lugar, ele tinha jogado toda a decoração de navios e faróis fora. Agora, as paredes estavam cheias de pôsteres de bandas e anúncios de eventos que aconteceriam aqui perto.

Comecei a andar na ponta do pé, mas parei rapidamente. *Por que estou parando? Não tem ninguém em casa.* Talvez eu esteja me sentindo culpada. O anjinho na minha cabeça sussurrava sua reprovação à minha invasão desonesta. Mas o diabinho gritava sua urgência.

Continue!

Fui até o armário dele e abri as portas de madeira. Acho que nada de interessante estaria escondido aqui. Ainda não sabia muito bem o que estava procurando, mas, a essa altura, estava interessada em qualquer coisa que me desse uma dica sobre a atual vida dele.

Fechei os olhos com o repentino cheiro de Jared. Vento, chuva e homem. Passei os dedos brevemente pelas mangas de sua camisa e pelos seus moletoms, antes de me abaixar para procurar por qualquer coisa importante no chão.

Sapatos bagunçavam o fundo do armário e algumas caixas de sapato estavam cheias de fotos. Enquanto fuçava nas caixas, encontrei fotos de Jared quando criança e percebi que não havia nem uma foto minha no meio delas. *Isso não está certo.* Jared e eu fomos inseparáveis durante quatro anos antes da nossa briga, e tínhamos tirado fotos. Muitas fotos. Eu ainda tinha algumas. Será que ele jogou tudo fora?

Arrumando tudo de volta do jeito que encontrei, fechei o armário com mais força do que era necessário e me virei. A cômoda de Jared estava do outro lado do quarto, então fui até lá e comecei a fuçar nos recibos do posto de gasolina que estavam amassados lá em cima. Percebi que vários eram de Crest Hill, que fica a uma hora do subúrbio de Chicago. *Crest Hill?* O que será que ele estava fazendo lá?

Uma busca nas gavetas não revelou nada, então fui até a cama dele e me agachei para olhar embaixo dela.

Oba! Puxei uma caixa fina sem tampa que estava cheia de pastas de arquivo e papéis. Com ela nos braços, coloquei-a no meu colo ao sentar na cama dele.

Na cama dele.

Até algum tempo atrás, estar no quarto de Jared não era nada estranho, mas agora era como estar dentro de um parque temático depois de muitas horas: errado, mas fascinante.

Dentro da caixa, remexi em diversas coisas, e cada vez me sentia mais intrigada. Havia um documento jurídico do avô de Jared. Ele tinha deixado uma casa no lago em Wisconsin, uma bela porcaria pelas fotos, aliás. Mas o lugar era lindo. Muitos outros recibos revelaram meses de viagens para Crest Hill durante o último ano. Uma ordem judicial para Jared comparecer em um tribunal municipal por causa de agressão datava logo depois de eu ter ido para a França. Mais recibos de refeições e quartos de hotéis estavam

jogados casualmente na caixa e, conforme vasculhei mais fundo, minha mão pegou uma pasta grossa e lisa no fundo da caixa.

Mas soltei ela e segurei a respiração ao ouvir no corredor uma porta se abrir.

Ah, merda!

Coloquei a caixa de papéis de volta onde estava e corri para me esconder em um espacinho entre o armário e a cama de Jared. Não conseguia escutar nada agora já que meu coração estava batendo muito forte em meus ouvidos, mas consegui me esconder no momento certo. Jared entrou no quarto apenas com uma toalha na cintura e secando o cabelo com outra.

Por que ele está em casa?! Vi seu carro sair e não escutei ele voltando. O que estava acontecendo?

Ele acendeu um abajur, que criou um brilho leve no quarto, e continuou secando o cabelo. Ele foi até a janela com seu corpo longo, onde colocou uma mão no batente e olhou para fora. Observei-o, pensando no que ia fazer. A qualquer minuto ele ia se virar e eu seria descoberta.

Sua toalha estava enrolada na cintura e cobria até os joelhos. Meu estômago parecia estar em uma montanha-russa e minha boca estava tão seca quanto o deserto do Saara. A luz gentil projetando em sua pele parecia fazer com que as gotas esporádicas de água em seu peito brilhassem. Tinha que mandar o desejo pra longe e ficar apenas sentada aqui, esperando ele deixar a toalha cair.

Não tinha como sair daqui sem ele perceber. Tinha que deixá-lo me pegar e ficar sem saída ou inventar algum tipo de história. Antes de ele se virar, fiquei em pé no canto e inspirei forte e dolorosamente.

– Jared. – Minha voz estava baixa.

Ele moveu a cabeça rapidamente e me encarou.

– Tate? – Ele parou por um instante. – O que está fazendo no meu quarto?

Estava com as mãos tremendo, então coloquei-as nas costas ao me aproximar dele.

– Bom, pensei no que você disse sobre tentarmos ser amigos e queria começar te dando os parabéns.

Vai devagar, Tate. Bem devagar.

Ele olhou para a direita, tentando entender o que eu disse, mas sabia que ele não acreditava em mim. Eu também não acreditaria em mim. Era uma desculpa esfarrapada.

– Então você invadiu meu quarto para me dar os parabéns uma semana depois do meu aniversário? – Não tinha como não notar seu tom sarcástico. Estava me afundando e lutando para conseguir respirar.

Merda.

– Subi pela árvore, igual fazíamos antigamente – disse, mas meu rosto estava pegando fogo. Podia até imaginar quão vermelha eu estava.

– E seu aniversário é amanhã. Posso subir no seu quarto? – perguntou ele, condescendente. – O que você realmente veio fazer aqui? – Fiquei parada enquanto ele se aproximava, os olhos inflexíveis fazendo um furo em mim.

Droga, droga, droga.

– Eu... hmm... – Lutava para encontrar palavras, mas fixava meu olhar nele. *O que faria ele calar a boca?*

Seu cabelo recém-lavado, pingando pelo quarto todo, e o desafio em seus olhos faziam Jared parecer incrivelmente sexy. Eu estava no quarto dele. Ele estava meio pelado. E fazendo perguntas que eu não podia responder. Tinha que usar as duas coisas que o despistariam: o elemento surpresa e meu corpo.

– Na verdade, tenho algo para você. Considere isso como seu presente para mim também.

Ele me observou com prudência quando me inclinei e o beijei. Comecei a sentir um formigamento ao tocar em seus suaves lábios, que depois se espalhou pelas minhas bochechas. Encostei nele e, quando senti sua boca mexendo com a minha, coloquei os braços em volta do seu pescoço. Meus lábios se dividiram e provoquei-o com a língua, lambendo seu lábio superior. Quando peguei seu lábio inferior com os dentes, ele me abraçou também.

Pela primeira vez, estávamos indo devagar. Nas outras vezes que nos beijamos, parecia mais um ataque. Mas agora, cada toque era como acender uma chama.

Ele me segurou perto dele, com os braços fortes envolvidos nas minhas costas e nossos lábios consumidos por beijos famintos. A necessidade de sair do quarto dele sem ele descobrir a razão de eu estar aqui foi esquecida. Tudo o que sentia e via agora era Jared. Ele tinha um cheiro incrivelmente bom e estava morrendo de vontade de ver se ele cheirava tão bom assim em todos os lugares. Agarrei-o mais forte contra mim enquanto colocava a cabeça no pescoço dele, beijando e mordendo.

– Caramba, Tate – declarou Jared.

A fogueira na minha barriga transformou-se em uma labareda no meu centro. Escorreguei as mãos pelas costas dele, acariciando os declives em sua pele por causa das cicatrizes e deslizei minha mão para dentro da toalha. Meus dedos formigaram com a sensação de sua pele macia e meu estômago doeu, faminto. Tracei beijos desde a orelha até a clavícula, com minha língua saindo em disparada de vez em quando para sentir seu gosto.

Ele inspirou entredentes e me abraçou mais forte, enquanto eu gentilmente esfregava meu quadril contra o dele.

Mais.

Seus braços ainda estavam ao meu redor, mas minhas mãos passavam pelas suas costas e por cima de sua barriga. Não me saciava dele e não me importava mais com a razão de eu ter vindo aqui. Precisava dele além da conta.

– Não vou parar – sussurrei na orelha dele e depois procurei sua boca de novo.

Ele aceitou isso como sua deixa e me levantou do chão. Coloquei as pernas em volta da sua cintura enquanto ele me levava para a cama. Abaixando-nos, puxei ele comigo.

Eu devia parar. Daqui a um minuto, eu pararia.

Ele levantou minha regata até meu sutiã e esfregou os dedos na minha pele enquanto me olhava.

– Você é tão linda. – Um canto de sua boca levantou, dando um sorrisinho amável. Meu coração bateu mais rápido quando seus lábios caíram até minha barriga.

Soltei um gemido e arqueei o corpo.

– Jared – falei, engasgando.

A boca dele chamuscava minha pele desde a minha caixa torácica até o osso do meu quadril, e senti uma vibração no meu centro. Ele continuou me beijando enquanto desabotoava meu jeans. Podia sentir através de sua toalha que ele estava pronto.

Eu estava pronta? Queria muito Jared. Queria ceder e deixar acontecer.

Arquejei quando sua boca tocou bem acima da minha calcinha. Sua língua analisou minha pele, enquanto sentia minha roupa íntima saindo do corpo. Quase nem percebi isso, porque a boca dele estava passando por toda a minha barriga e coxas. A pulsação entre minhas pernas começou a doer e precisava aliviar isso.

– Jared – expirei, tentando me controlar.

– Não me interrompa, Tate. Por favor, linda, não me interrompa.

Fechei os olhos. Tentei criar uma briga, certo? Não tinha problema algum me render agora. Tirei a camisa pela cabeça, e Jared puxou as tiras do meu sutiã para soltar meus seios.

Seus lábios passaram pelo meu corpo e o rastro úmido de sua boca era como o pavio de uma bomba de dinamite. E a dinamite estava entre as minhas coxas.

– Ah! – Abri os olhos e meu corpo se movimentou quando senti sua língua passar pelo meu sexo. – O que está fazendo? – Ah, meu Deus. Aquilo era demais. Se eu não estivesse tão envergonhada, ia puxá-lo pelo cabelo para mantê-lo lá.

Ele virou a cabeça, ao se dar conta de algo.

– Você é virgem – declarou ele, tranquilo.

É, acho que ficou bem na cara agora.

Mas antes que pudesse me conscientizar sobre a minha falta de experiência, ele beijou minhas coxas internas, fazendo eu me curvar de novo.

– Você não tem ideia do quanto isso me deixa feliz. – E colocou a cabeça de novo no meu clitóris.

Ai. Caramba. Tudo era tão gostoso. Quase não conseguia aguentar. Sua língua lambia meu corpo todo e ele chupava dentro do meu clitóris. Cada quantidade de energia e desejo no meu corpo se acumulava entre as minhas pernas, e eu sabia que algo estava se formando dentro de mim. Meus mamilos estavam duros e Jared

apertava um seio de cada vez, enquanto trabalhava entre as minhas pernas.

– Nossa, se você pudesse ver do meu ponto de vista. Linda pra caralho – ofegou ele no meu centro.

Ele girou a língua e senti uma repentina vontade de segurar a respiração. Parecia que parar de respirar fazia crescer a vontade lá embaixo. E estava certa. Isso permitiu que eu me concentrasse em tudo o que ele estava fazendo. A energia martelava dentro de mim, e eu estava incrivelmente molhada.

Jared lançou sua língua dentro de mim e joguei minha cabeça para trás, arqueando em sua boca para mais daquilo. Gozei, segurando minha respiração enquanto ondas de êxtase aqueceram meu corpo e me fizeram gritar por ele. Jared continuou trabalhando em mim até que os abalos finais deixassem o meu corpo.

– Cacete, Tate. – Jared se afastou para me olhar, sua ereção me provocando. – Sua beleza não é nada comparada com sua expressão quando está gozando.

– Isso foi... – Não conseguia pensar. Meu corpo nunca tinha sentido algo tão maravilhoso, e queria que ele sentisse o mesmo.

Ele se levantou para ficar cara a cara comigo e apertou seu quadril contra o meu. Meus músculos ficaram tensos e eu estava agoniada com a sua encoxada. Jared estava no ponto.

Ele segurou minha bochecha.

– Faz tanto tempo que te quero.

Levantei e capturei sua boca com a minha. Minha mão passeou entre suas pernas e agarrei ele, segurando-o bem forte. O tamanho de sua língua e o que ela tinha acabado de fazer em mim não era nada comparado com sua ereção. Ela ao mesmo tempo me assustava e me empolgava.

Ao desafivelar a tira do sutiã, ele tirou minha última peça de roupa e levou seus lábios até um dos meus mamilos. Minha pele ficou toda arrepiada, um prazer disparando pelos meus poros, e encostei sua cabeça em mim, saboreando sua boca quente. Ele mudou de um seio para o outro e coloquei minhas pernas em volta da sua cintura, precisando dele o mais próximo possível. Queria mais.

Jared e eu pulamos ao ouvir o som de alguém batendo na porta do quarto.

– Jared, já está pronto? – perguntou uma voz masculina.

Como? Quem era?

– Eu vou matar ele – Jared resmungou, baixo. – Desça! – gritou para a porta, mas continuou em mim.

– Já estamos atrasados, cara. O carro está abastecido. Vamos!

E depois me toquei: não tinha visto Jared saindo antes. Um dos amigos que estava com ele tinha ido levar o carro no posto de gasolina, e Jared ficou para trás para tomar um banho.

– Eu disse para você esperar lá embaixo, Sam! – Jared falou alto, apertando a toalha na cintura enquanto se levantava da cama.

– Beleza! – Sam deve ter entendido a insinuação, porque escutei seus passos desaparecendo.

Peguei minha regata e me cobri, o murmúrio de desejo estava lentamente se desintegrando.

– Não, não se vista – mandou Jared. – Vou me livrar dele e vamos terminar isso. – Ele se abaixou para me beijar e um calor subiu no meu rosto de novo.

– Você vai correr esta noite?

– Não mais. – Ele colocou um jeans por baixo da toalha.

Coloquei a regata e me levantei para colocar a roupa íntima e meu jeans.

– Jared, vá. Não tem problema. – Meu trabalho de detetive de hoje à noite tomou um rumo inesperado e seu “beijo de aniversário” se tornou muito mais do que eu esperava. Precisava me recuperar da culpa por deixá-lo esperando.

No entanto, Jared não aceitava “não” como resposta. Ele me pegou no colo de novo e me colocou na beira da sua cama, posicionando minha boca na dele. Ele estava com o corpo entre minhas pernas e me puxou para ele, com um beijo lento e profundo.

– As corridas não são importantes, Tate – disse ele nos meus lábios. – Não há outro lugar que eu queria estar mais do que contigo.

Acho que meu coração saiu do compasso e fiquei com um nó na garganta. Sentia-me assim mesmo.

Mas precisava relaxar. As coisas estavam acontecendo muito rapidamente e eu ainda não confiava nele.

– Me leve com você, então – sugeri. Adorava a emoção das corridas e podíamos ficar juntos em algum ambiente público, garantindo que não iríamos nos dar patadas. O único problema é que eu não ia poder vasculhar seu quarto se estivesse com ele, mas já não queria mais fazer isso.

– Te levar comigo? – Ele olhou para mim, cético, mas depois se tornou amável. – Beleza, vá colocar algo mais quente e vou te buscar quando estivermos prontos. – Ele foi até a porta, mas parou. – E depois da corrida, voltaremos aqui pra terminar isso. – Sua promessa me fez sorrir, apesar de tudo.

Desci da cômoda depois que ele saiu do quarto e decidi que seria mais fácil descer pela árvore do que trilhar o caminho da vergonha na frente de seu amigo, mas parei rapidamente quando percebi algo no chão. Abaixei-me para pegar uma fotografia que estava perto da cama e meu coração acelerou ao perceber que devia ter deixado cair quando mexi naquela caixa.

Droga!

Ao dar uma olhada nela, meu sangue ferveu. A foto era do torso de um menino ou de um rapaz jovem, mas a pele estava ensanguentada e cheia de hematomas. Marcas azuis e roxas cobriam o peito e as costelas, e havia cortes espalhados por toda a área da barriga até o pescoço.

Oh, meu Deus.

Alguém não apenas machucou este garoto. Alguém tentou matá-lo.

CAPÍTULO 29



A fazenda estava lotada. Pelos olhares empolgados das pessoas, que abriam caminho para deixar o carro de Jared passar, parecia que tínhamos chegado bem na hora da corrida dele. As pessoas saíam da pista devagar, olhando para mim e para Jared com curiosidade. A maioria provavelmente achava que ele me odiava, então deviam estar bem confusos. Eu não me importava.

O carro vibrava debaixo de mim e eu batucava o pé no chão com uma energia incontrolável e um pouco de nervosismo.

Tinha colocado a foto que achei no quarto de Jared no bolso da frente do casaco. Não quis arriscar ele me pegando colocando a foto de volta na caixa que estava embaixo da cama dele. Não tinha certeza de que era Jared na foto, mas achava que sim. Por qual outra razão ele teria aquela foto? A não ser que... a não ser que ele tenha feito aquilo com um garoto.

Rangi os dentes. Não gostava de pensar nisso nem um pouco.

– Oi! – As pessoas, a maioria mulheres, gritavam para o carro. Respirei fundo e nem tentei esconder minha irritação. Por sorte, ele não as cumprimentou e meus ombros relaxaram. Ele estava sério, enquanto tocava “Sick”, da Adelita’s Way, no rádio.

Quando Jared estacionou o carro numa posição próxima a um Camaro da década de oitenta que eu não reconhecia, tirei o cinto de segurança para sair do carro, mas ele segurou minha mão.

– Ei – falou ele, gentilmente, e me virei para olhá-lo. – Gosto de manter minha mente aqui na competição. Se eu não for amigável, não tem nada a ver contigo, ok?

Tradução: *Não fico de namorico, principalmente na frente de todos.* Jared e eu não estávamos juntos, mas sabia o que ele estava tentando dizer.

Dei de ombros.

– Você não precisa me dar a mão. – E saí do carro.

Incomodava-me o fato de Jared querer manter uma pose, ou talvez ele apenas não se sentisse confortável no meio das pessoas, mas ficaria muito nervosa se fosse deixada de lado, sentindo como se não pertencesse a esse lugar a noite inteira.

Ao andar até a frente da multidão, escutei alguns sussurros e olhares de relance direcionados para mim. “O que o Jared está fazendo com ela?” e “Talvez ela corra hoje” eram algumas das coisas que ouvi. Observei Jared sair do carro, seus olhos em mim enquanto ele ia até a frente se encontrar com Zack e com o outro motorista.

– E aí, Tate, como está? – Ben veio ao meu lado. Soltei um suspiro. Apesar de não ver nenhum conhecido por aqui, ainda não queria bater um papo com ele. Não sabia muito bem o que eu e Jared éramos, mas estava interessada em descobrir.

– Oi, Ben.

– Você veio com o Jared? – questionou ele.

– Sim – falei, sem olhá-lo.

– E você vai para o baile de Boas-vindas com o Madoc? – Apesar de não estar olhando para ele, pude escutar o sorriso.

Que idiota.

– Talvez eu vá para o baile de formatura com o Channing Tatum. Eu sou assim. Não ficou sabendo? – Olhei para ele, desafiando-o ousadamente.

Ele levantou os ombros e soltou uma risada nervosa.

– Beleza, se é isso o que você diz. Mas eu recusaria ir com o Channing Tatum para o baile. Por causa dos nomes. “Channing Tatum acompanhando Tatum Brandt?” Não dá certo.

Demorei um tempo para entender, mas seu tom de voz brincalhão explicava tudo. Ele estava fazendo uma piada. Ele não estava

tentando pedir desculpas e eu não tentava evitá-lo. Estávamos apenas curtindo umas piadas amigáveis, por isso me senti um pouco mais confortável por conseguir lidar com isso. Ele não estava me pressionando para eu contar sobre os meus relacionamentos, o que era questionável, e senti que ele não mais me seguia.

Após sorrir por conta da piada e olhar para ele como se ele tivesse acabado de enfiar um monte de lápis em seu nariz, soube que a tensão tinha finalmente sumido. Talvez nunca fôssemos amigos, mas tínhamos voltado para o começo do ano e a simplicidade.

Até eu ver Jared cuspiendo fogo para nós. Zack estava conversando com os dois motoristas, mas os olhos frios de Jared estavam fixos em Ben e em mim. Seu olhar se estreitou, e pude perceber, pelo modo como ele respirava pelo nariz, que estava bravo.

Tanto faz. Revirei os olhos.

– Saiam da pista! – gritou Zack, e todos fomos para a lateral da estrada, chutando uma terra gelada enquanto andávamos.

Jared entrou no carro sem deixar de me dar outra olhada e ligou o motor, a vibração grave chegando sob meus pés. Levei um susto quando um monte de garotas começou a gritar, cheias de empolgação. Parecia que alguém tinha enfiado um palito de dente na minha orelha.

Mas aquilo não era nada comparado com a sensação desagradável que tive quando Piper entrou na pista para dar a largada. Ela caminhou rebolando na frente do carro de Jared, usando uma saia colegial azul e uma blusa frente única preta.

Gemi baixinho.

Seus olhos brilhantes miravam Jared. Não conseguia ver seu rosto de onde estava, mas tinha certeza de que ela o estava olhando. Ela se balançava de um lado para o outro, empinando o peito, ou pelo menos era o que parecia. A julgar pelos faróis dos carros, tinha certeza de que ela era uma baita de uma visão. Os caras na plateia assobiavam e zoavam, e passei os dedos no meu cabelo para tirá-lo do meu pescoço quente.

Meus dedos se fecharam em punho ao vê-la se aproximar da janela do lado do motorista do carro dele. Ele estava com a janela aberta e ela se abaixou lá dentro, dando-lhe uma visão perfeita de

seu peito, e para o outro motorista, uma vista de sua bunda. Eu estava com os olhos fervendo, quase saindo pela cabeça.

– Com licença – murmurei para Ben antes de ir até a pista.

Dando a volta pelo carro de Jared, fui até Piper e a agarrei pelo cabelo. Puxei-a para tirá-la da janela dele e empurrei-a na minha frente.

Você foi longe demais, disse a mim mesma. Mas não estava pensando.

E gostei da sensação de não pensar em nada.

– O que tá fazendo?! – ela gritou e se virou para me olhar.

– Tate – falou Jared, mas eu o ignorei.

Todos estavam muito agitados no fundo, gritando para brigarmos, o que fez meu coração disparar. Quase não conseguia escutar mais nada com os barulhos incompreensíveis preenchendo o ar.

– Sua vaca! – rosnou ela. – Qual é o seu problema, porra? – Mas ela não esperou pela minha resposta. Ao invés disso, veio para cima de mim de salto alto e eu quase ri. Enquanto ela tentava pisar em mim, dei uma rasteira nela e ela caiu no chão.

Enquanto ela estava caída de bunda, bati palmas duas vezes na cara dela e gritei:

– Oi! Agora que você está me escutando, só quero te dizer algo: ele não está interessado em você – devolvi o que ela havia me dito, como se tivesse jogando uma torta na cara dela.

Dando um suspiro profundo, olhei para Jared, que tinha saído do carro e estava me olhando com uma mistura de surpresa e diversão.

– Não sou papel de parede – expliquei, indo até ele.

Tirando o fósfil que tinha feito para minha mãe do bolso do casaco, joguei na mão dele.

– Não esconda de mim e não me peça para esconder – falei apenas para ele me escutar.

Ele concordou e levantou meu queixo, passando o dedo na minha mandíbula. Atirei-me nele e ele acariciou meus lábios com um beijo leve. Rapidamente me senti aliviada. Mais provocações e assovios vieram da multidão, mas eu apenas me importava com o calor de seu corpo próximo ao meu.

– A-hã! – o cara do carro ao lado sinalizou bem alto para a gente.
– Jared, se não for problema para você, gostaria de acabar com isso até o fim da noite.

Balancei a cabeça e suspirei, feliz.

– Boa sorte – desejei a Jared. Saí de perto e fui até o meio da multidão.



– Está cansada? – perguntou Jared, enquanto íamos para casa, e balancei a cabeça.

É claro que ele tinha ganhado a corrida, sem deixar nenhum arranhão nos dois carros. Ainda iam fazer outra reunião em volta da fogueira em seguida, mas Jared nem tinha pensando em ir nem me perguntado se eu queria ir. Eu nem me importava também, e um formigamento frívolo se espalhou pelo meu corpo quando pensei que ele provavelmente só queria ir para casa terminar o que tínhamos começado antes.

Estava um pouco assustada. Quase tínhamos transado e, se Sam não tivesse nos interrompido, provavelmente teríamos. Eu queria estar com Jared? Tive que pensar durante somente um segundo para saber que a resposta era positiva. Mas ele estava pronto para ficar comigo?

Não tinha muita certeza disso.

Ainda odiava as recordações que ele havia deixado para mim durante os últimos anos, e não sabia se conseguiria perdoá-lo. Eu tinha certeza de que ele não me machucaria mais? Ele me merecia?

Não. Ainda não. Sem dúvida alguma, ele ainda não tinha conquistado minha confiança.

– Jared? – quebrei o silêncio. – Aonde você vai aos finais de semana? Ele apertou os dedos no volante e não me olhou.

– Para fora da cidade – murmurou ele.

– Mas para onde? – pressionei-o. Se ele se importava comigo, então era hora de abrir o jogo sobre tudo.

Ele enrugou as sobrancelhas de nervoso.

– Por que isso interessa? – Ele virou na nossa rua e pisou no acelerador mais forte do que o necessário. Quase bati a cabeça no teto de tão forte que ele dirigiu no declive que levava até a entrada da sua garagem.

Mantendo-me firme, segurei a alça de segurança acima da janela.

– Por que a Piper pode saber e eu não?

– Caralho, Tate. – Ele tirou o cinto de segurança e saiu do carro. – Não quero falar sobre isso. – Seu tom era alto e bravo.

Saí do carro depois dele.

– Você não quer falar nada! O que você acha que vai acontecer?

Ele ficou do lado dele do carro, tão distante, e me olhou como se eu fosse uma inimiga. Vi o muro se erguer atrás de seus olhos. O muro que dizia que a conversa havia terminado.

– O que eu faço no meu tempo livre é da minha conta. Confie ou não confie em mim.

Droga!

– Confiar? – discuti. – Você perdeu a minha confiança há muito tempo. Mas se você tentar confiar em mim novamente, aí talvez possamos voltar a ser amigos. – *Ou até mais*, eu tinha esperança.

Ele me encarou com desdém.

– Acho que já somos mais do que amigos, Tate, mas se você quer jogar este jogo, então tudo bem. Podemos dormir na casa um do outro, mas haverá transa no meio. – Suas palavras rudes me cortaram e eu respirei profundamente.

Eu não significava nada para ele? Minha visão ficou embaçada quando lágrimas começaram a surgir em meus olhos.

Ele deve ter visto a dor em meu rosto, porque sua cara de durão sumiu e ele abaixou os olhos.

– Tate... – Ele começou a andar na minha direção, com uma voz mais gentil, mas puxei a foto que estava no meu bolso e joguei em seu peito. Passei por ele correndo e fui para casa. Quase não deu tempo de entrar antes de desmoronar.

Chega.

Escorreguei pela porta depois que a tranquei e chorei, por causa da crueldade dele e da minha estupidez. Eu realmente estava pronta para perder a minha virgindade com ele há algumas horas? Bati

minha cabeça levemente na porta, mas isso não ajudou a apagar o golpe no meu orgulho.

Jared não me merecia, mas, fazendo um pequeno esforço, ele quase conseguiu me pegar.

Chega.

CAPÍTULO 30



– Adoro aniversários. É a única ocasião em que posso comer bolo
– murmurou K.C., com a boca cheia de bolo de sorvete de chocolate com menta, que ela tinha comprado para mim.

– Não consigo viver desse jeito – enfiei o garfo no doce gelado. – Eu ficaria louca se tivesse que contar calorias.

– *Você* não precisa contar calorias, Tate. Talvez se eu começasse a correr... – Ela abaixou o tom como se não conseguisse terminar o pensamento. K.C. curti os exercícios físicos em aula, mas odiava a ideia de ter que fazê-los sozinha.

Ela me levou para jantar no Mario's no meu aniversário e tinha acabado de pedir para o garçom trazer o bolo surpresa. O som distante de "Mambo Italiano" de Rosemary Clooney tocava nas caixas de som, e minha tensão finalmente diminuiu.

Fiquei o dia todo com os nervos à flor da pele por causa da briga que tive com Jared na noite anterior. Ele saiu da garagem com os pneus cantando depois que corri para dentro de casa e, pelo que sei, ele não ficou em casa o dia inteiro. Era fim de semana. Acho que ele estava fora, fazendo o que sempre fazia, seja lá o que fosse.

Diversos pensamentos pipocaram na minha mente o dia todo. Será que ele vendia drogas em Chicago? Será que trabalhava para alguma família de mafiosos? Ou talvez estivesse fazendo trabalho

voluntário em um asilo? Mas cada pensamento idiota me enlouquecia mais do que o anterior.

– Tate? – K.C. parou de mastigar e me olhou. – Você vai me contar sobre ontem à noite?

Parecia que o baque no meu peito tinha movimentado meu corpo. Ela estava se referindo ao fato de eu ter invadido o quarto dele? O quase sexo? Mas como ela sabia disso tudo?

– Ontem à noite?

– A corrida. Fiquei sabendo que você foi lá com o Jared e... reivindicou seu direito, se posso dizer assim. – Seu riso forçado me fez sorrir.

– Ah, sim – respondi, hesitante. Depois da briga que tive com o Jared, estava mais confusa do que nunca sobre nossa relação. Eu não podia explicar isso para ela se nem eu mesmo entendia direito.

– E aí? – Ela fez um círculo com o dedo para que eu continuasse.

– Não tenho muita coisa para te contar, K.C. Acho que eu e Jared nos demos trégua. Fora isso, não sei muito bem o que está acontecendo. – Coloquei mais bolo na boca.

– Você gosta dele? Mais do que apenas amigo? – Ela parou com o garfo no ar e me olhou, ansiosa.

Eu gostava do Jared. Bastante. Mas que bem ele fazia para mim?

– Sim – suspirei. – Mas ele não tá nem aí pra mim, K.C. Esquece isso.

Ela me deu um sorriso triste e fez o que boas amigas fazem: me deu um segundo pedaço de bolo.

Depois do Mario's, ela me levou em casa, ao invés de irmos para o cinema como tínhamos planejado. Estava com mais vontade de me atualizar nos episódios que perdi de *Sons of Anarchy* do que assistir à comédia romântica que ela queria.

– O que é isso?! – exclamou ela, olhando para algo que estava em frente ao para-brisa.

Segui seu olhar e respirei profundamente ao ver meu quintal cheio de vizinhos. Eles estavam assistindo a um imenso e brilhante espetáculo na minha casa.

Como assim?

Minha pulsação começou a acelerar. A minha casa estava pegando fogo?

Saí bem rápido do carro e corri até o meu quintal da frente. Respirei com dificuldade com o que vi.

A árvore que ficava entre a minha casa e a de Jared estava iluminada por luzes. Centenas delas.

Ah, caramba. Quem fez isso?!

Não consegui segurar o sorriso que se abriu no meu rosto. A árvore estava decorada com uma enorme quantidade de luzinhas radiantes. Luzes brancas, lâmpadas grandes e pequenas, bem como lanternas de estilos e tamanhos variados, decoravam a árvore. A impressionante magia que transparecia do mundo dentro dos galhos era muito intensa para ser descrita em palavras. Tinha certeza de que não ia mais gostar de olhar para esta árvore sem luzes novamente.

Jared.

Meus lábios começaram a tremer. Ao chegar mais perto da árvore, entendi porque havia tantas pessoas paradas lá fora agora. A vista era linda.

Já tinha passado muito tempo subindo nesta árvore, lendo nela e conversando com Jared até que as estrelas desaparecessem com a luz matinal.

Foi ele quem fez isso para mim. Não tenho ideia de qual outra pessoa poderia ter feito isso. Esse era nosso refúgio, um de vários, e ele o tinha iluminado com primor e magia.

O terremoto no meu peito cresceu ainda mais forte e algumas lágrimas desceram pelas minhas bochechas, enquanto eu silenciosamente assistia ao espetáculo.

– Você sabe por que fizeram isso? – perguntou K.C. ao meu lado.

– Tenho uma ideia. – Minha voz estava rouca por causa da emoção.

Ao notar algo preso no tronco da árvore, saí de perto dos vizinhos dispersados e arranquei a folha de papel de seu ramo.

O passado dura para sempre.

O futuro não chega nunca.

Até você.

Sem ar, olhei para a casa de Jared, mas ela estava completamente escura. Onde ele estava?

– Por que a luz do seu quarto está acesa? – Ela apontou para cima e meus olhos miraram o segundo andar da minha casa onde, de fato, minha luz estava acesa. Nunca deixo as luzes acesas quando saio de casa, exceto a da varanda.

– Acho que esqueci de desligá-la – murmurei, desatenta, ao sair correndo até a casa. – Te vejo mais tarde. Obrigada pelo jantar – falei de costas, subindo os degraus correndo.

– Ah... beleza. Feliz aniversário! – ela gaguejou, antes de eu fechar a porta. Estava sendo muito rude, mas minha cabeça estava em outro lugar.

Joguei a jaqueta e a bolsa no chão. Conseguia ver a luz do meu quarto brilhando por causa da porta aberta, então subi as escadas devagar. Não estava com medo, mas meu coração estava batendo forte e minhas mãos tremiam.

Ao entrar no quarto, Jared estava sentado no gradil fora das minhas portas francesas. Ele estava muito lindo, desarrumado, com o jeans quase caindo no quadril e o cabelo bagunçado de forma sensual. Meus braços morriam de vontade de abraçá-lo.

Queria perdoá-lo e esquecer de tudo neste momento, mas meu orgulho não me deixava.

Por sorte, ele não me deu a oportunidade de tomar uma decisão.

– É isso o que estava procurando no meu quarto na noite passada? – Ele apontou para uma pasta grossa de arquivos que estava na minha cama.

Acho que devia estar mais vermelha do que um pimentão naquele momento. O dia todo fiquei pensando sobre o comportamento dele e o que ele tinha tanto medo de me contar, e acabei me esquecendo do fato de que deixei ele saber que bisbilhotei seu quarto quando esfreguei aquela foto em sua cara ontem à noite. Acho que eu só queria mostrar que eu sabia que algo estava acontecendo.

– Vá em frente – ele me encorajou gentilmente. – Dê uma olhada.

Tentei entender por apenas um instante se ele estava falando sério ou não, e fui até a cama e me abaixei para abrir a pasta. Quase engasguei com a minha própria saliva.

Havia fotos, iguais àquela que encontrei, de um garoto (espera, apaga isso), de Jared machucado e sangrando. Ao dar uma olhada na pasta com trinta ou mais fotos, consegui ver o rosto de Jared quando ele tinha catorze anos em algumas delas. As outras mostravam partes do corpo dele.

Espalhei as fotos, analisando cada uma com cuidado.

As fotos detalhavam machucados em diferentes partes de seu corpo: pernas, braços, mas principalmente no torso e nas costas. Em uma delas, vi as recentes mutilações daquelas cicatrizes desbotadas que ele tinha nas costas.

Coloquei a mão na boca ao conter um gemido de repulsa.

– Jared, o que é isso? O que aconteceu com você?

Ele olhou para os pés e pude perceber que estava procurando as palavras certas. Jared não gostava de demonstrações de solidariedade, principalmente para com ele.

Então, esperei.

– Meu pai... foi ele quem fez isso comigo – ele falou baixo como se nem mesmo quisesse admitir aquilo – e com meu irmão.

Abri os olhos repentinamente com o que ele disse. *O quê?! Um irmão?*

Jared, como eu, era filho único.

Ele continuou:

– Naquele verão antes do primeiro ano, estava todo empolgado para passar meu verão inteiro passeando contigo, mas como você se lembra, meu pai ligou do nada e queria me ver. Então fui pra lá. Fazia mais de dez anos que não o via, então queria conhecê-lo melhor.

Assenti e me sentei na cama. Minha mente estava confusa de tanto pensar em como um pai poderia fazer isso com um filho, ou filhos, mas queria saber de tudo, inclusive sobre seu irmão.

– Quando cheguei lá, descobri que meu pai tinha outro filho. Uma criança de outro relacionamento. O nome dele é Jaxon e ele é apenas um ano mais novo que eu, mais ou menos.

Jared pausou, parecendo pensativo. Os olhos dele brilharam quando ele disse o nome de Jaxon.

Não conseguia acreditar que ele tinha um irmão. Eu conhecia ele tão bem quando estávamos crescendo, e apesar de ele ter descoberto o irmão secreto apenas aos catorze anos, ainda não gostava do fato de não saber sobre ele.

– Continue – incitei, gentilmente.

– Jaxon e eu nos demos muito bem. Apesar da surpresa em descobrir que tinha um irmão há tanto tempo sem nem saber, estava contente por ter uma família. Tínhamos quase a mesma idade, gostávamos de carros, e ele queria estar comigo quase o tempo todo. E eu queria muito estar com ele também.

Peguei-me pensando se Jared ainda via Jaxon, mas decidi ficar quieta e fazer perguntas depois.

Ele prosseguiu:

– A casa do meu pai era um verdadeiro lixo. Era suja e nunca tinha muita comida, mas estava curtindo meu irmão. Éramos só nós três. As duas primeiras semanas não foram tão ruins assim.

Não foram tão ruins?

– Aí comecei a perceber que havia algo errado. Nosso pai bebia muito. Meu pai acordava de ressaca, o que não era nada novo para mim por causa da minha mãe, mas depois comecei a ver drogas também. *Aquilo* era novidade para mim. As festas na casa dele eram cheias de pessoas horríveis pra caralho, que não falavam conosco como se deve falar com crianças. – Os olhos de Jared estavam se enchendo de lágrimas e sua voz estava quase saindo como um sussurro. Comecei a ficar assustada.

O que diabos teria acontecido?

Depois de alguns segundos de interrupção, ele soltou um longo suspiro:

– Comecei a achar que essas pessoas tinham batido no Jaxon. Tipo “espancado”, não apenas batido.

Espancado? Fechei os olhos para assimilar o que ele dizia.

Não. Pelo amor de Deus, isso não.

Ele sentou na cama ao meu lado, ainda sem fazer contato visual.

– Uma noite, depois de umas três semanas que estava visitando ele, escutei o Jax chorando no quarto. Entrei lá e ele estava debruçado sobre a cama, com a mão na barriga. Quando consegui

fazer com que ele se virasse, vi os machucados em todo o abdômen dele. Meu pai tinha chutado ele, mais de uma vez, e ele estava morrendo de dor.

Tentei não imaginar o garotinho, mas era impossível.

Jared continuou:

– Não sabia o que fazer. Estava morrendo de medo. Minha mãe nunca tinha me batido. Eu não imaginava que alguém pudesse fazer algo assim com uma criança. Estava arrependido de ter ido pra lá, mas também feliz por ter conhecido o Jax. Se meu pai fazia isso com ele enquanto eu estava aqui, não podia nem imaginar o que ele fazia quando eu não estava por perto. Jax insistiu que estava bem e que não precisava ir ao médico.

Os ombros de Jared desmoronaram, e conseguia sentir a tensão percorrendo seu corpo enquanto ele falava devagar e silenciosamente.

– Meu pai marcou o Jax. Ele era o filho bastardo e que merecia menos respeito na visão do meu pai, aparentemente. Ele só me bateu depois.

– Me conta. – Precisava saber sobre isso. Queria saber tudo.

– Teve um dia, não muito depois de eu ter descoberto como ele tratava o Jax, que meu pai pediu para a gente ir até uma casa e fingir que estávamos vendendo algo. Ele queria invadi-la e roubá-la.

– O quê? – deixei escapar, de repente.

– Pelas coisas que eles me contavam, sabia que estavam com a grana apertada, principalmente gastando dinheiro com aqueles hábitos. Jax me falava que isso era normal, que ele fazia isso para o meu pai com frequência. Ele nunca recusava. Meu pai o agredia sem nenhuma razão ou por qualquer coisa: quando ele queimava a janta, quando fazia bagunça... Jax sabia que se ele dissesse não, poderia piorar tudo. Teríamos que fazer o trabalho de qualquer jeito, só que com machucados. Mas recusei, mesmo assim. Aí meu pai começou a me bater.

Uma náusea queimou meu estômago. Enquanto passei meu verão magoada por ele não ter me ligado ou escrito, ele estava sendo espancado.

– Você tentou falar com a sua mãe? – perguntei.

– Uma vez – assentiu ele. – Antes do meu pai começar a bater em mim. Mas é claro, ela estava bêbada. Ela não achava isso ruim, então não veio me buscar. Tentei falar para ela sobre o Jax, mas ela não o considerava problema dela. Pensei em apenas sair dali, fugir. Mas o Jax não queria ir embora, e eu não podia largá-lo.

Ainda bem que ela tinha se livrado da bebida, senão eu teria que machucá-la.

– Então acabei me submetendo ao meu pai – admitiu Jared, murcho, com os olhos esperando pela minha reação. – Ajudei ele e o Jax a fazerem os serviços. Invadi casas, entreguei drogas pra ele. – Ele andou até a janela e espiou a árvore. – Teve um dia, depois de semanas infernais, que me recusei a escutá-lo e exigi voltar para casa. E que ia levar o Jax comigo. – Ele levantou a camisa e me mostrou as costas. – Ele me deu várias cintadas, com a fivela na ponta.

Passei os dedos nas cicatrizes. As extremidades eram rígidas, mas as declinações eram suaves. Não havia muitas, e o resto da pele estava sem estragos.

Ele parou por um instante e se virou para me olhar, com o fantasma da sua dor ainda profundo nos olhos.

– Então, finalmente fugi. Roubei cinquenta dólares e pulei num ônibus pra casa. Sem o Jax.

CAPÍTULO 31



Conseguia ver a agonia em seus olhos. O que aconteceu com o irmão dele? Jared pensava que a vida com a Katherine era ruim, mas o pai dele acabou sendo um tremendo horror. E ele teve que tomar a decisão de abandonar o barco sem seu irmão.

– Você foi até a polícia? – perguntei.

Ele balançou a cabeça.

– No começo, não. Não queria lidar com aquilo de forma nenhuma. Eu só queria me esquecer de tudo. Mas quando a minha mãe viu o que aconteceu comigo, ela me levou à força. Nunca disse o que aconteceu comigo, mas relatei o que se passou com o meu irmão. No entanto, ela insistiu em tirar fotos minhas. A justiça acabou separando meu irmão do meu pai e colocou ele em um abrigo para menores. Eu o queria comigo, mas a bebedeira da minha mãe não inspirava nenhum tipo de segurança para o Estado.

– Você já viu seu pai de novo? – A palavra “pai” ficou atravessada na minha garganta para definir um homem como aquele.

– Eu o vi hoje. – Jared me deixou chocada. – Eu encontro ele todo fim de semana.

– O quê? Por quê? – Então é para lá que ele vai, mas como consegue ficar no mesmo lugar que um monstro daquele?

– Porque a vida é uma bosta, por isso. – Ele me deu um sorriso amargo e desviou o olhar. – No ano passado, depois que você foi

embora para a França, fiquei um pouco maluco. Bebi e me meti em várias encrencas. Eu e o Madoc nos divertimos bastante durante um tempo. Eu odiava o fato de você ter ido embora, e também descobri que o Jax tinha sido transferido para outro lar adotivo depois que a última família bateu nele. Foi uma época difícil.

Ele se levantou para ficar perto da janela, e percebi que estava fechando os punhos. Mas ele não estava mais choroso. Ele estava furioso.

– Então descobri onde seu último pai adotivo morava e acabei com ele. Tipo assim, acabei mesmo. – Ele levantou as sobrancelhas, mas não demonstrou nenhum tipo de arrependimento. – Ele ficou no hospital por uma semana. O juiz decidiu que, apesar de meus sentimentos serem compreensíveis, minha reação não era. Ele achou que seria poético me sentenciar a visitas forçadas ao meu pai na prisão, já que ele ainda continuava na prisão por ter agredido meu irmão e pelas drogas que os policiais encontraram na casa dele. Parecia que eu estava indo para o mesmo caminho, então o juiz me mandou visitá-lo uma vez por semana, durante um ano.

– Então é para lá que você vai. Para a Penitenciária de Stateville, em Crest Hill. – Não era uma pergunta, apenas um esclarecimento. Lembrei dos recibos no quarto dele.

– Isso mesmo, todo domingo. No entanto, hoje foi a minha última visita.

Assenti, agradecida.

– Onde está seu irmão agora?

A primeira indicação de um sorriso brincava nos lábios de Jared.

– Ele está em Weston. São e salvo, com uma boa família. Tenho saído com ele aos domingos. Mas minha mãe e eu estamos tentando convencer o Estado a deixá-lo morar conosco. Ela já está sóbria há algum tempo. Ele tem quase dezessete anos, então não é mais uma criança.

Era muita coisa para absorver. Estava animada por ele ter finalmente confiado em mim. Ele foi ferido, o que provavelmente fez com que se sentisse abandonado pelas pessoas que deveriam tê-lo protegido. Mas ainda estava confusa a respeito de uma coisa.

Levantei da cama e fui até ele.

– Por que você não me contou isso anos atrás? Eu poderia ter te dado uma força.

Ele passou uma mão no cabelo e se afastou de mim para se encostar no gradil.

– Quando finalmente voltei pra casa naquele verão, você foi meu primeiro pensamento. Bem, além de fazer o possível para ajudar o Jax. Eu tinha que te ver. Minha mãe podia ir pro inferno. Tudo o que eu queria era você. Eu te amava. – Ele segurou o gradil com as laterais e seu corpo ficou rígido. – Fui até a sua casa, mas sua avó disse que você tinha saído. Ela tentou me fazer ficar. Acho que viu que eu não estava bem. Mas acabei saindo correndo para te encontrar. Depois de um tempo, cheguei ao lago de peixes no parque. – Ele ergueu seus olhos para encontrar os meus. – E lá estava você... com seu pai e minha mãe, brincando de casinha.

De casinha?

– Jared... – comecei.

– Tate, você não fez nada errado. Eu sei disso agora. Você precisa entender como estava minha cabeça. Passei por muita coisa ruim. Estava fraco e ferido por causa da agressão. Estava com fome. Tinha sido traído pelas pessoas que deveriam me apoiar sempre: minha mãe, que não me ajudou quando eu precisava dela; meu pai, que me machucou; e meu irmão indefeso. E aí vi você com *nossos* pais, parecendo uma família doce e feliz. Enquanto eu e o Jaxon estávamos sofrendo e lutando para conseguir viver um dia após o outro, você estava com a mãe que nunca tive. Seu pai fazia piqueniques e te levava pra tomar sorvete, enquanto o meu me chicoteava. Eu me sentia como se ninguém me quisesse, e que a vida continuava sem mim. Ninguém se importava.

A mãe de Jared tinha saído algumas vezes conosco naquele verão. Meu pai estava sempre tentando ajudá-la a ficar bem. Ele amava o Jared e sabia que Katherine tinha um bom coração. Ele estava apenas tentando tirá-la de casa e mostrar, de um jeito humilde, o que ela estava perdendo com seu próprio filho.

– Você se tornou um alvo, Tate. Eu odiava meus pais, estava preocupado com meu irmão e não conseguia confiar em mais ninguém, a não ser em mim mesmo. Quando te odiava, me sentia

melhor. Muito melhor. Mesmo depois de perceber que não era sua culpa, não conseguia parar de te odiar. Eu me sentia bem, porque não conseguia machucar quem eu queria.

Lágrimas silenciosas escorriam pelo meu rosto e Jared veio até mim e segurou meu rosto com as mãos.

– Me desculpe – sussurrou ele. – Eu sei que posso compensar tudo isso. Não me odeie.

Balancei a cabeça.

– Eu não te odeio. Estou meio brava, sim, mas em grande parte por causa do tempo perdido.

Ele colocou os braços ao redor da minha cintura e me puxou para mais perto.

– Você disse que me amava. Odeio que a gente tenha perdido isso – eu disse, triste.

Abaixando-se, ele segurou a parte de trás das minhas coxas e me levantou do chão. Parei de respirar e me segurei no pescoço dele. Seu corpo quente apenas me dava vontade de me enroscar nele. Prendi-o entre minhas pernas, enquanto ele nos levava para a cama e sentava.

Ele colocou uma mão no meu rosto e guiou meus olhos para ele.

– Nunca perdemos isso. Por mais que eu tenha tentado, nunca consegui te apagar do meu coração. É por isso que agi como um idiota e mantive um monte de garotos afastados de você. Você sempre foi minha.

– *Você é meu?* – perguntei, secando as lágrimas.

Ele beijou os cantos da minha boca levemente e senti um calor subir pelo meu pescoço.

– Sempre fui – sussurrou na minha boca.

Coloquei os braços ao seu redor e ele me abraçou forte enquanto escondia meu rosto em seu pescoço. Meu corpo relaxou no dele, sabendo, sem dúvida alguma, que tínhamos quebrado aquela barreira. Ele não ia me machucar novamente e sabia que precisava dele tanto quanto precisava de água.

– *Você está bem?* – perguntei. Parecia meio tarde para essa pergunta besta, mas queria saber.

– *Você tá?* – respondeu ele.

E eu amava isso nele. Ele tinha sido agredido, abandonado e incapaz de proteger seu irmão. Meu constrangimento nas mãos dele parecia fichinha comparado àquilo. Mas também sabia que seu trauma não era desculpa para ele ter me tratado tão mal durante todos aqueles anos.

– Ficarei – prometi. Se ele conseguiu dar um passo e confiar em mim com tudo isso, então acho que poderia seguir em frente também.

– Eu te amo, Tate.

Ele se deitou na cama e eu caí com ele, agarrando-o bem forte. Ficamos lá, apenas nos abraçando, até eu sentir o constante ritmo de seu peito descendo e subindo que me dizia que ele tinha adormecido.



Já passava da meia-noite quando acordei. Dormi metade em cima do peito de Jared e metade fora. Minhas pernas estavam enroscadas nas dele, minha cabeça estava enfiada em seu pescoço e meu braço estava envolvido no peito dele. Seu perfume de almíscar e vento preenchia meu mundo, e fechei os olhos enquanto enrolava os dedos lentamente no cabelo dele. Meus lábios deslizavam pela lateral de seu pescoço suave, provando sua pele salgada, com um desejo incontável de tocá-lo com mais do que apenas as minhas mãos.

Droga. Ele está dormindo. E ele também parecia estar em paz. Nenhuma preocupação estava deixando sua sobrancelha enrugada e ele não estava franzindo o rosto.

Após balançar a cabeça e decidir deixá-lo sozinho, gentilmente saí me arrastando da cama. Estava me dirigindo às portas duplas para fechar as cortinas, quando percebi uma chuva leve respingando nas vidraças.

Perfeito. Eu tinha Jared e uma tempestade. Não consegui deixar de sorrir.

Coloquei as meias correndo e saí do quarto na ponta dos pés, para não acordá-lo.

Ao sair pela porta dos fundos da cozinha, entrei na varanda descalça. Meus dedos formigavam, e eu cerrei os punhos, sentindo uma energia renovada passando pelo corpo. O ar cheirava a outono. Tinha cheiro de maçãs e folhas queimadas.

O toldo me manteve seca, então desci os degraus e fui até o terraço de tijolos. Gotas caíram nos meus pés, escorrendo entre meus dedos, e o zumbido familiar de eletricidade dominou minha pele. Cruzando os braços no peito para me esquentar, senti uma onda de arrepio fluir sobre meus braços e pernas enquanto escutava o tamborilar tranquilo de chuva pingando nas árvores e no chão.

Jogando a cabeça para trás para deixar o chuvisco cair em meu rosto, já estava me sentindo muito mais jovem do que ultimamente, e as rajadas de vento tinindo no quintal dos fundos da casa da Sra. Trent me ninaram em uma meditação calma.

A chuva estava ficando um pouco mais forte, então fechei os olhos enquanto o vento leve acariciava meu rosto. Pensamentos passavam pela minha mente como nuvens. Nada existia além do barulho distante de trovões e do meu cabelo voando ao redor do meu rosto com o vento.

Quando o chuvisco começou a se tornar chuva forte, abri os olhos e me virei para voltar para dentro de casa. Uma sensação de calma se abateu sobre mim, mas quase gritei ao ver Jared encostado na porta dos fundos da casa.

– Jared! Você me assustou. Pensei que estivesse dormindo.

Coloquei a mão no peito, já que meu coração parecia estar tentando empurrar as costelas.

Mas Jared não disse nada e me endireitei quando ele começou a se aproximar de mim. Ele estava com os olhos muito assustadores. Ele não parecia bravo, mas parecia pronto para explodir.

Se eu pudesse me mexer, encontraria-o na metade do caminho. Mas estava presa. Seus olhos penetrantes me queimavam e ele parecia... faminto.

Quando me alcançou, ele encostou as mãos no meu quadril e ficou apenas me olhando por um instante. Normalmente, qualquer um que mantivesse contato visual comigo por muito tempo me

deixaria desconfortável, mas Jared me olhava como se eu fosse sua última refeição.

E, caramba, como eu gostava disso.

Seus dentes estavam levemente expostos enquanto respirava e seus olhos me encaravam. Eu sabia o que ele queria. E quando me lembrei de como sua pele era gostosa, não consegui deixar de tocá-lo.

Ao colocar os braços em volta de seu pescoço, levantei os pés e tomei sua boca.

E foi quando meu controle da situação acabou.

Ele parecia um animal enfiando os dentes em uma presa suculenta. Ele me abraçava com um dos braços e o outro segurava meu rosto. Guiava cada movimento nosso. Quando me apertava, eu não resistia.

Sua língua fez meu mundo inteiro se desintegrar. Tudo estava tão ardente que, quando ele usou seus dentes para morder meus lábios, também soube o que eu queria.

Minha pulsação estava acelerada e sentia uma dor imensa entre as pernas. Precisava dele. Precisava dele dentro de mim.

– Você está gelada – disse ele, enquanto a chuva ensopava nossas roupas.

– Me aqueça – implorei.

Dei beijos suaves em seu pescoço e mandíbula e escutei-o segurar a respiração quando minha língua apareceu para sentir o gosto de sua pele mais uma vez.

– Eu te amo, Jared – murmurei em seu ouvido.

Ele pegou minha cabeça com as mãos e capturou minha boca, dando um beijo profundo. Sua respiração estava quente e ele tinha gosto de chuva. Era uma lembrança na qual queria ficar envolvida para sempre.

– Podemos esperar – sugeriu ele, mas parecia mais como uma pergunta.

Balancei a cabeça devagar, com um desejo se espalhando pela minha barriga como fogo. Não íamos mais perder tempo.

Passei a gola de sua camisa pela cabeça e esfreguei minhas mãos por toda sua pele. As pontas dos meus dedos vagavam pelas suas

costas e ele ficou tenso quando eu, cuidadosamente, passei a mão em uma de suas cicatrizes. Desejava ele. Todo ele. Queria que ele soubesse que eu não estava com medo, que amava cada parte dele.

Fitando-o, tirei a blusa preta de seda pela cabeça e abri o sutiã, deixando tudo cair no chão. A respiração de Jared ficou mais intensa e gemi quando ele deslizou os dedos pelos meus seios. Seu toque gerou uma onda de calor pelas minhas veias e fechei as mãos de tanto desejo.

Ele jogou meu cabelo molhado para trás dos meus ombros e me dominou com os olhos. Em situações normais, costumava estar consciente de tudo. Nunca andava pelada no vestiário. Mas amava vê-lo me observando.

Jared me puxou para eu me encostar nele e a pulsação dentro de mim ficou martelando ainda mais forte quando senti sua pele sobre meus seios despídos. Nossos lábios rapidamente se derreteram juntos, e quando o senti sob seu jeans, gemi, pensando que surtaria.

Eu preciso de você.

Tirei a calça jeans e soltei um gritinho quando ele me levantou do chão inesperadamente. Coloquei as pernas ao redor da sua cintura e ele me carregou pelo terraço até a espreguiçadeira, que tinha uma cobertura.

Ao me deitar, ele pairou sobre mim, olhando para cada parte do meu corpo que seus olhos pudessem cobrir. Ele abaixou a cabeça e beijou meu peito acima do coração. Meu corpo se excitou quando ele levou um mamilo até a boca, e eu o agarrei, sentindo intensamente os arrepios.

– Jared... – Meu peito tremeu por conta do prazer arrebatador.

Enquanto ele chupava, passou a mão pelo meu corpo, acariciando meu quadril e minha perna. A pressão dentro de mim era agonizante e eu sabia do que precisava.

– Jared, por favor.

Ele soltou meu seio e continuou beijando minha barriga, sua língua me causando espasmos toda vez que tocava minha pele.

– Tenha paciência – pediu ele. – Se você continuar implorando assim, vou acabar gozando neste exato momento.

Enquanto desferia beijos, ele puxou minha calcinha para baixo das minhas pernas e jogou-a no chão. Ao se levantar, tirou uma camisinha da carteira e desabotoou seu jeans, tirando tudo em um movimento suave.

Caramba. Ele definitivamente estava tão pronto quanto eu.

Descendo por cima de mim, ele se posicionou entre as minhas coxas e vibrei com sua ereção se esfregando em mim. Fechei os olhos, a contração do meu clitóris onde sua pele encostava mandou agitadas ondas de excitação pelo meu corpo todo. Chega. Precisava dele dentro de mim. Já.

Ele olhou para mim por cima quando enrosquei as pernas ao seu redor. Arqueando meu corpo contra o dele, senti-o deslizando dentro de mim.

Ele gemeu de desejo – ou talvez agonia – e não pude deixar de apreciar aquele som. Tudo estava perfeito. Tê-lo. Na chuva. E ele me amava.

Ele arrancou a camisinha da embalagem. Deslizando nele, ele se abaixou para me beijar.

– Eu te amo – disse ele, antes de escorregar dentro de mim.

– Ahhh... – arquejei alto, e meu corpo ficou tenso e parado.

Jared parou e voltou ao normal para me olhar. Ele estava sem ar e corado ao me olhar com carinho e amor.

Eu sabia que doeria, mas isso machucou! Respirei forte várias vezes, tentando deixar meu corpo se ajustar.

– Você tá bem? – perguntou ele.

Assenti, sentindo a dor sumir lentamente.

– Estou bem. Não pare, mas vá devagar.

Quando Jared viu que eu estava relaxada, ele foi lentamente bem fundo, até que ficou totalmente dentro de mim.

– Caramba – falou ele, respirando. – Você é muito gostosa. Perfeita.

Ele tirou o peso de cima de mim e segurei seu quadril, sentindo suas investidas lentas em mim. Comecei a me movimentar com ele, sentindo o tremor que seu corpo causava em mim. A cada estocada, puxava ele para mais fundo em mim. Não doía mais.

Meu corpo tinha que se esticar para levá-lo, mas agora estava sentindo uma queimação familiar na barriga e uma pulsação entre as coxas.

Não estávamos fazendo amor devagar e longamente. Hoje não. Segurei seu rosto para trazer seus lábios até mim. Precisava de cada parte de seu corpo sobre ou dentro de mim. Sussurrei na boca dele:

– Te sinto em todo lugar.

Ele soltou um gemido rouco.

– Não fale desse jeito, amor. Vou acabar gozando rápido demais.

Nossos corpos se mexiam em sincronia, com o meu quadril se levantando para encontrar o dele. Ele estava perdendo o controle. Estava ficando com a visão embaçada e respirando forte.

Passei os dedos nas suas costas, que estava molhada de suor e chuva, sentindo o poder de seus impulsos dentro de mim. Nossas testas se encostaram e ele rangeu os dentes ao olhar meu corpo se movimentar com o dele.

Tive um orgasmo assim que seu quadril se fundiu com o meu, e gritei de prazer quando Jared foi ainda mais fundo. Alguns segundos mais tarde, seu corpo ficou tenso e ele fechou os olhos ao gozar também. Ficamos deitados lá, sem nos mexermos, tentando recuperar nossos fôlegos, por alguns minutos.

Não havia nada melhor no mundo do que o que tínhamos acabado de fazer. Queria ele para sempre. Ainda conseguia sentir que estávamos conectados, e não havia felicidade maior do que saber que ele estava suando e tremendo por minha causa.

Ele se abaixou e beijou meus lábios depois que nossos corpos se acalmaram.

– Você realmente era virgem. – Ele não estava perguntando.

– Sim – respondi, fraca. – Sabe, nunca tive uma vida amorosa muito badalada.

Levantando para ficar por cima de mim, Jared beijou minhas bochechas e testa.

– Então você é mesmo minha – ele falou com uma voz rouca.

Sempre. Disse a mim mesma, mas optei por usar meu conhecido sarcasmo ao responder:

– Apenas enquanto você conseguir me fazer feliz.

Ele me alfinetou com um sorriso de cumplicidade, porque também sabia que tinha acabado de me fazer *muito* feliz. Virando-nos, para que eu ficasse por cima dele, ele correu a mão para cima e para baixo nas minhas costas.

– Não durma – mandou ele. – Posso te fazer feliz novamente daqui a uns cinco minutos.

CAPÍTULO 32



– Sim, pai, prometo que vou tomar cuidado – eu ri, tentando não me mexer muito para não bagunçar meu cabelo ou maquiagem. – Enfim, a K.C. e o Liam também estarão lá, então terei uma carona se acabar ficando muito bêbada.

As caixas de som do meu notebook vibraram quando meu pai soltou um suspiro alto.

– Tate.

– Ah, relaxa. Você sabe que pode confiar em mim.

Acho que ainda podia falar isso, mas senti que, de algum modo, fosse menos verdadeiro do que antes.

Meus dedos estavam inquietos. Precisava encerrar a ligação para que pudesse colocar o vestido. Jared e Madoc tinham se acertado sobre o baile de Boas-vindas. Eu iria com ambos. Por mais que eu quisesse passar cada segundo com Jared, tinha decidido que daria uma chance para Madoc fazer as pazes comigo. Se ele fosse mesmo o melhor amigo de Jared, então não me importava em lhe dar uma segunda chance.

Apenas mais uma chance.

– Não estou preocupado com você – resmungou meu pai.

Estreitei os olhos.

– Mas você gosta do Jared, pai.

– Ele é um adolescente, querida. Confio nele, mas não com a minha filha.

Um calor subiu às minhas bochechas e torci para que meu pai não notasse que fiquei corada. As suspeitas dele eram certas.

Se ele soubesse. Um sentimento de culpa acabou desdourando a noite empolgante que estava prestes a acontecer.

Jared e eu tínhamos feito amor duas vezes no meu aniversário, na semana passada, e hoje de manhã de novo. Mantê-lo longe de mim para que eu pudesse tratar dos assuntos da escola tinha se tornado um trabalho de período integral. Um divertido e prazeroso trabalho de período integral. Eu curti o efeito que eu causava nele e como conseguia facilmente deixá-lo excitado, e depois recusá-lo. Ele havia me chamado de *bully* na noite anterior e dei risada, porque gostava um pouco de ter aquele poder.

Se meu pai descobrisse que agora Jared estava passando todas as noites aqui, ele pegaria o próximo voo para casa. Eu faria o mesmo se fosse minha filha, mas não queria Jared longe de mim, e ele parecia sentir o mesmo. Não conseguíamos nos controlar. Ou talvez nós não quiséssemos nem tentar.

– Mas então, como estou? – perguntei, falando sobre a minha aparência do pescoço para cima.

Ele me deu um sorriso triste e soube que ele estava assim por não poder estar aqui, comigo.

– Linda. Bem parecida com a sua mãe.

Abri bem os olhos.

– Obrigada. – Quase não consegui sussurrar. Minha mãe e eu não éramos muito parecidas. Ela era ruiva e menorzinha, mas fiquei orgulhosa ao saber que meu pai me achava tão linda quanto ela. Queria que ela estivesse aqui mexendo no meu cabelo ou me ajudando a fechar o zíper do vestido.

Meu cabelo cor de mel estava dividido ao meio, e cachos grandes caíam pelas minhas costas. A maquiagem que comprei com o vestido acabou se mostrando menos bonita do que tinha imaginado. Ao invés de aplicar a cor mínima que sempre uso nos olhos e no rosto, tinha decidido mandar ver esta noite e o resultado tinha sido

chocante. Meus olhos pulavam para fora e meus lábios pareciam doce.

– Certo, vá se arrumar, e me mande um SMS quando chegar em casa hoje à noite. – Ele esfregou o cavanhaque.

– Eu te amo. Até mais tarde – respondi.

– Eu também te amo. Divirta-se. – E fechamos a tela.

Após abrir os botões da camisa, tirei o vestido do cabide. Enquanto colocava o tecido cor de nude de lantejoulas prateadas, senti arrepios nos braços e nas pernas ao ser dominada por uma vertigem. O vestido justo, curto, tomara que caia, tinha decote princesa. Minhas pernas, braços e o meio dos meus seios eram as principais atrações, já que o vestido não cobria nenhum deles. Inspirei enquanto tentava fechar o zíper e ajeitava meu corpo dentro do vestido, já que ele ficava justo em todos os lugares certos. O revestimento transparente destacava um padrão de lantejoulas que dava a impressão que eu estava brilhando. Apertei os dedos dos pés no chão ao me ver no espelho.

Uau. Nunca tinha ficado com esse visual.

Depois de alguns retoques na maquiagem e de colocar pulseiras e brincos, desci para pegar meu sapato dentro do Bronco. Esperar até esta tarde para comprar o toque final do meu traje tinha sido arriscado, mas os sapatos foram a última coisa que me vieram à mente esta semana.

Ao pegar a caixa do lado do banco de passageiro na caminhonete, me virei e vi Jared, congelado na entrada, me encarando. Engasguei com o choque repentino de vê-lo arrumado. Ele estava usando terno preto, é claro, com camisa e sapatos pretos. O blazer não estava largo nele, mas tinha sido feito sob medida até a cintura antes de cair pelo quadril. Seu cabelo estava aparado, quase perfeito e afastado de seus olhos, fazendo com que eles brilhassem ainda mais. Só queria levá-lo para dentro de casa e esquecer o baile.

Seu olhar intenso analisava meu corpo, e sua respiração ficava mais pesada a cada instante.

Isso mesmo. Esta era exatamente a reação que esperava dele.

Retirando a tampa da caixa, calcei os dois sapatos nos pés descalços, um de cada vez. Jared continuou me olhando, seguindo

cada movimento.

– E aí, este vestido é para ele? Ou para mim? – provocou ele, vindo para o meu quintal.

– Para você? – Arqueei uma sobrancelha. – Por que este vestido seria para você? – Assumi essa atitude irritável para provocá-lo. Tinha me tornado expert nisso.

Jared me abraçou pela base da coluna e me levantou, trazendo os lábios para os meus em um beijo forte de “toma essa”.

– Você está com gosto de doce – resmungou ele nos meus lábios.
– E você parece o sol.

Um júbilo se espalhou por mim ao ouvi-lo dizer isso.

– Você também está ótimo.

O barulho distante do GTO de Madoc ecoou pela vizinhança e saiu rapidamente dos braços de Jared. Tinha certeza de que meu vestido tinha subido um pouco quando ele me agarrou, e isso era algo que seu amigo não podia ver.

Madoc estacionou ao lado da minha casa e saiu do carro vestindo praticamente o mesmo terno e camisa preta que Jared, só que ele estava usando uma gravata roxa. Com o cabelo loiro e o rosto lindo, ele estava magnífico, parecendo um cavalheiro. Os hematomas de sua luta algumas semanas atrás praticamente tinham desaparecido.

Enquanto Jared estava mais para uma estrela do cinema, Madoc parecia um modelo. Bonito demais para o meu gosto, mas não deixava de ser belo. Depois de aparecer com os dois hoje à noite, amanhã com certeza seria o assunto do dia.

Que ótimo.

Madoc diminuiu o ritmo ao olhar para cima e perceber que Jared estava na minha frente. Não sei o que Madoc viu nos olhos do Jared, só sei que ele parou. Qualquer sinal de um sorriso que houvesse no rosto dele, tinha agora desaparecido.

– Não vou apanhar de novo, né? – perguntou Madoc, meio acanhado e meio brincalhão.

– Vá se foder. Você tem sorte de poder levá-la hoje – Jared suspirou e voltou até sua casa. – Vou pegar as chaves. Vamos no meu carro.

Madoc sorriu para Jared ao ver seu amigo sumir dentro de casa e bater a porta da frente.

Ouvi um assovio baixo e olhei para o Madoc.

– Você está... pegável. – Ele balançou a cabeça como se não estivesse conseguindo acreditar que eu pudesse ficar gostosa. Revirei os olhos e encarei-o com um olhar impaciente. – Relaxa. – Ele sorriu e levantou as mãos. – Vou me comportar... hoje à noite. – Ele adicionou a última observação com um sorriso ameaçador.

Balançando a cabeça, virei em direção à casa.

– Vou pegar a bolsa.

Após pegar a bolsa de mão na mesa da entrada, me olhar no espelho e trancar a casa, virei e vi Madoc segurando um *corsage*.

Sentindo-me um pouco constrangida, já que pensei que fosse o Jared quem me daria uma flor, olhei para ele de modo suspeito.

Ele se aproximou de mim, com uma expressão pensativa no rosto.

– Se você não se importar, perguntei pro Jared se podia comprar isso pra você. – Ele abriu a pulseira e coloquei minha mão dentro. – Desculpe por ter sido um idiota durante todos esses anos. Porém, tinha um plano.

Confusa, perguntei:

– Qual?

Ele sorriu para si mesmo.

– Jared é meu melhor amigo. Já sabia há um tempo que ele gostava de você. A primeira vez que vim pra casa dele no primeiro ano, encontrei um estoque de fotos de vocês dois. Ele guarda elas no criado-mudo.

Meu coração bateu mais rápido, mas estava me sentindo aliviada. Detestava o fato de não ter visto nenhuma foto nossa na caixa de fotos dele naquela noite em que entrei escondida. Mas agora sabia que ele as guardara em outro lugar. Num lugar perto dele.

– Enfim – continuou Madoc –, nunca entendi a razão dele te tratar daquele jeito, e o Jared é tão aberto quanto uma ostra. Ele é igual àqueles cofrinhos de porco que você tem que quebrar para conseguir tirar qualquer coisa lá de dentro. Não basta você chacoalhá-lo para ele soltar o que carrega consigo. Você precisa

pegar o martelo. – Ele olhou diretamente para mim. – Você era o martelo.

– Não estou entendendo.

Ele fechou os lábios como se estivesse irritado por ter que explicar tudo de novo.

– Eu te enchi o saco mais do que ele me pediu porque queria que ele reagisse. Ele nunca foi um cara muito feliz, e eu estava de saco cheio da cisma dele. Ele ficou doido depois que você foi para a França, aí percebi que o comportamento destrutivo dele tinha alguma relação com você. Como se ele tivesse ficado perdido sem você ou algo assim. Então, decidi tentar deixá-lo com ciúmes quando você voltou para ver o que acontecia.

– E você acha que isso te faz um bom amigo? – Por que Madoc iria querer aborrecer Jared? Por que ele apenas não conversou com ele?

– Não sei – disse ele, sarcástico. – Vocês dois parecem felizes pra caramba.

Estávamos muito felizes. Mas duvido que tenha sido Madoc me convidando para o baile de Boas-vindas que fez Jared reagir. No entanto, acho que isso não importava. Jared e eu fizemos as pazes, acho que estávamos muito mais fortes, e Madoc conseguiu se divertir.

– Então você queria vê-lo feliz. Por que se importa tanto com o Jared? – perguntei.

Madoc enfiou as mãos no bolso e tentou esconder um sorriso.

– Você ficou sabendo sobre aquela vez no primeiro ano que uns alunos mais velhos me prenderam no armário?

Madoc sofreu bullying?

– Ah, não – eu ri, sem acreditar no que ele dizia.

– Ninguém sabe. E é por isso que o Jared é meu melhor amigo – ele falava baixinho, e pude notar que estava sério. Jared tinha ajudado ele.

Não sabia o que dizer, mas nós dois voltamos nossa atenção para Jared quando ele saiu de sua casa. Ele pegou minha mão e me beijou por baixo da orelha.

– Me desculpe por ter demorado tanto. Minha mãe estava me dando um sermão.

Madoc veio para o meu outro lado e estendeu o braço para eu segurá-lo, o que aceitei.

– Sobre o quê? – pressionei, um pouco nervosa em saber que tipo de educação Katherine estava tentando dar nos dias de hoje.

– Sobre não te engravidar – sussurrou ele, sem me olhar.

Limpei a garganta. *Engravidar?*

Nós dois demos sorrisos cautelosos, sem saber o que falar sobre isso. Jared e eu estávamos usando proteção, mas acho que devia começar a tomar anticoncepcional também.

– Estamos prontos? – Madoc falou ao meu lado.

Dei o braço para Madoc e segurei Jared mais perto de mim pelo bíceps. Se há um mês nunca havia pensado que estaria com estes dois, sentia-me à vontade agora.

– Com certeza. Este é o começo de uma grande amizade. – Empurrei o braço de Madoc, de brincadeira.

– Podia ser o começo de um bom filme pornô também. – Madoc foi cara de pau, depois deu uma gargalhada.

– Filho da puta! Vou acabar com você – ameaçou Jared e balancei a cabeça, rindo.

CAPÍTULO 33



O baile foi melhor do que havíamos imaginado, mesmo com a música fraca e com dois acompanhantes para conciliar. O tema do baile de Boas-vindas era “New York, New York”, e a quadra estava decorada de maneira genial, com recortes da silhueta da cidade de Nova York e luzes cintilantes.

Madoc e Jared eram como *yin* e *yang*. Madoc adorava tudo e todos. Jared – eu o amo – quase não suportava nada. Madoc tirou umas fotos bem legais nossas encostados em um táxi antigo de Nova York para colocarmos no álbum de formatura. Entrei no jogo dele, apesar de ele tentar posar como bom companheiro o tempo todo. Tínhamos que forçar Jared a entrar na frente de uma câmera, mas tenho certeza de que ele fez isso por mim.

Após o constrangimento inicial em tentar ficar junto num encontro real, Jared e eu tínhamos nos soltado e nos divertido um pouco. Conheci alguns amigos dele e conseguimos superar aquele incômodo de ficar perto de K.C. Acho que ela estava se sentindo mais confortável com Jared do que com Liam. Mas, depois de um tempo, tudo ficou bem.

– Beleza, vamos ficar chapados. – Madoc nos levou até a casa dos Beckman à procura de álcool. Chegamos no *after* da Tori quase na mesma hora que todas as outras pessoas estavam chegando, e

travei ao colocar o pé lá dentro. Ao me lembrar da última vez em que estivera aqui há um ano, meu coração acelerou.

Saco.

Jared parou na minha frente, provavelmente porque hesitei. Minha respiração ficou mais curta e apertei a mão dele. Mesmo na minha mente, não conseguia entender por que estava reagindo assim. Não estava com medo. Sabia que nada aconteceria esta noite.

– Tate, você está bem? – Os olhos de Jared pareciam preocupados.

– Sim, preciso beber alguma coisa. – Não ficaria bem se me prendesse ao passado. Meu corpo estava em estado de alerta neste momento, mas só queria curtir a festa.

Ao chegarmos à cozinha, que tinha um bar improvisado igual à última vez, Madoc botou a mão na massa e nos preparou bebidas. Jared recusou, já que estava dirigindo, e fiquei orgulhosa ao vê-lo agindo de forma responsável. Madoc estava bem feliz por ter um motorista garantido.

Arrancando o copo vermelho da mão do Madoc, engoli o líquido ardente misturado com Coca-Cola o mais rápido possível. Cada vez que tomava um gole, o álcool piorava e o gosto amargo me fazia desejar uma bolacha ou uma bala ou algo doce. Após consumir cada gota com sucesso, joguei o copo dentro da pia e tossi na minha mão enquanto Madoc ria de mim.

– Que fofo, ela está tão vermelha quanto um tomate – brincou ele para Jared.

– Não enche – murmurei.

Jared colocou uma mão na minha cintura e me puxou para mais perto dele, beijando meu cabelo. Fechei os olhos e deixei o álcool esquentar meu sangue, relaxando os músculos.

– E aí, gente. – K.C. chegou à cozinha, puxando Liam atrás dela. Ele acenou para Madoc e para Jared, claramente infeliz pelo breve relacionamento que o Jared teve com ela. Liam traiu, mas estava meio chateado porque K.C. teve encontros com outro cara.

Bola pra frente.

– O que estamos bebendo? – perguntou ela.

– Bom, acabei de tomar um líquido encorajador, então estou bem por enquanto. – Minha voz ainda estava rouca por causa da queimação do álcool.

Enquanto ela e os outros se ocuparam em fazer suas bebidas, Jared se abaixou na minha orelha.

– Venha comigo.

Arrepios se espalharam pelos meus braços quando sua respiração soprou na minha orelha. Ele pegou a minha mão e deixei-o me guiar para fora da cozinha e subir as escadas até o segundo andar da casa.

A casa dos Beckman era enorme, por isso as festas aqui eram tão populares. A minha casa e a de Jared eram pequenas, mas Tori e Bryan Beckman desfrutavam de um lar de dois andares, espaçoso e luxuoso, com um subsolo e um quintal totalmente preparados por um paisagista, grande o bastante para um campo de minigolfe. Esta casa provavelmente tinha uns sete ou oito quartos.

E pelo jeito Jared estava me levando para um deles.

Ai, caramba.

Ele bateu numa porta para garantir que o quarto estava vazio e nos levou para dentro dele.

Ele me encostou na porta assim que a fechou atrás de nós, fazendo com que eu pegasse em seus antebraços para me apoiar. Arquejei com a surpresa e acompanhei seu beijo, quando seus lábios se encostaram nos meus. Ele colocou a mão no meu bumbum e me levantou para encostar no meu quadril. Afastei minha boca da dele para conseguir respirar enquanto ele encostava a cabeça em meu pescoço.

– Caramba, Tate. Seu vestido devia ser queimado. – Sua boca estava quente na minha orelha quando ele começou a chupar meu lóbulo.

– Por quê? – perguntei, o desejo queimando lá embaixo, ficando cada vez mais difícil de conseguir me concentrar.

Ele riu no meu pescoço.

– Cada um daqueles garotos de merda ficou te olhando a noite toda. Vou ser preso.

Segurando sua cabeça, forcei o encontro dos nossos olhares enquanto nossos narizes se tocavam.

– Sou sua. Sempre fui sua. – Minha promessa ficou no ar enquanto ele olhava para mim, seus olhos de chocolate cheios de desejo.

– Vem aqui. – Ele me levou para o meio do cômodo grande, que parecia ser um quarto de hóspedes, em função da ausência de fotografias ou outros acessórios pessoais.

Jared sacou o telefone e apertou alguns botões antes de “Broken”, do Seether, começar a tocar. Ele colocou o celular na cômoda, escorado no apoio, voltou e me abraçou enquanto eu colocava meus braços em seu pescoço. Devagar, começamos a nos movimentar ao ritmo da música, na nossa primeira dança lenta.

– Desculpe não ter dançado com você esta noite. – Ele não me olhava e falava com um tom de arrependimento. – Não gosto de fazer essas coisas na frente de todos. Acho que é algo muito pessoal.

– Não quero que você mude – disse a ele. – Mas um dia vou querer dançar contigo ou segurar na sua mão.

Ele me puxou ainda mais perto para me abraçar e colocou os braços em volta das minhas costas como uma fita de aço.

– Vou tentar, Tate. O que passou, passou. Sei disso. Quero de volta aquele conforto que tínhamos.

Inclinei a cabeça ainda mais pra cima para olhá-lo enquanto continuávamos nos mexendo com a música.

– Sua tatuagem mostra: “O passado dura para sempre, o futuro não chega nunca”. O que significa? – Tinha finalmente conseguido ler o que estava escrito na lateral de seu torso numa manhã esta semana, enquanto ele dormia.

Ele passou a mão no meu cabelo.

– Apenas que eu estava vivendo no passado. O que aconteceu com meu pai, o que aconteceu contigo, não conseguia superar a raiva. O passado ficava me perseguindo. E o amanhã, o novo dia, parecia nunca chegar.

Até eu, ele tinha escrito no bilhete.

– E o lampião no seu braço?

– Ah, você pergunta demais – Jared reclamou, brincando, e percebi que ele estava envergonhado.

Mas esperei, não o deixando escapar.

Ele me alfinetou com um sorriso resignado.

– O lampião é você, Tate. A luz. Fiz ele depois que me meti em confusão no ano passado. Precisava melhorar meu comportamento e minha mãe decidiu fazer o mesmo com a bebedeira dela. Nós dois escolhemos um pensamento que nos ajudaria a ir tocando a vida. Um sonho ou um desejo... – Ele balançou a cabeça e parou de falar.

A confissão dele me deixou sem ar. Ele pensou em mim todos os dias?

– Eu? – perguntei.

Ele olhou para mim e passou o dedo na minha bochecha.

– Sempre fui seu. – Ele usou as minhas próprias palavras e não consegui engolir o nó na minha garganta. – Eu te amo, Tate. – Jared olhou para mim como se eu fosse a coisa mais importante no mundo dele.

Fechei os olhos e encostei seus lábios nos meus.

– Eu também te amo – sussurrei na sua boca, antes de fechá-la com um beijo.

Nossos corpos se derreteram juntos e seus dedos enrolaram meu cabelo enquanto nos devorávamos. Seus lábios estavam macios, porém firmes nos meus, e meus dedos encostavam nas suas costas enquanto suas mãos procuravam pelo meu corpo. Eu o queria em toda parte.

Estava insaciável, e a culpa mostrava sua cara para mim. Queria ele aqui e agora, mas transar no quarto de outra pessoa, enquanto uma festa acontecia no andar de baixo, não era algo que uma garota comportada faria.

Pressionei o quadril contra o dele e nós dois ficamos sem ar entre os beijos.

Tracei um caminho até sua mandíbula e meus dentes levemente arranharam seu queixo.

– Abra meu zíper – ofeguei.

Ele gemeu.

– Vamos embora daqui. Eu quero mais do que apenas uma rapidinha.

– Mas nunca dei uma rapidinha – declarei. – Abra meu zíper.

Ele obedeceu, e os cantos de sua boca se levantaram em um sorriso sexy.

– Onde foi parar a minha garotinha? – A pergunta era retórica. Sabia que ele amava o jeito como o queria.

Senti um tesão quando a mão de Jared me alcançou por trás para abrir meu vestido, e gemi quando suas mãos deslizaram e acariciaram minhas costas. Elas pareciam drogas, quase tão viciantes quanto sua boca. Arranquei o blazer dele, enquanto ele deixava meu vestido cair pela cintura.

Jared fazia meu pescoço arder com sua boca e beijos macios, enquanto eu desabotoava sua camisa. Prendi a respiração quando ele passou suas mãos em meus seios. Arrepios fluíam pela minha pele, que o desejava ainda mais.

– Jared – sussurrei e envolvi um braço em volta de seu pescoço, colocando meus lábios nos dele –, eu realmente sou uma garota comportada. Mas hoje quero ser muito, muito má.

Sua respiração agitou-se na minha boca e ele capturou meus lábios com um beijo feroz. Caramba, ele me queria muito. E eu estava empolgada, porque não queria esperar chegar em casa.

Jared rasgou o resto de sua camisa, fazendo diversos botões caírem no piso de madeira. Deixei meu vestido cair até meus pés e então arranquei minha calcinha, ficando apenas de salto alto.

– Caralho, Tate. – Jared ficou tenso com a visão à sua frente. E puxou meus lábios aos dele novamente, devorando quase todas as minhas partes com sua boca e mãos. – Me desculpe. Quero pegar leve contigo. Mas é tão difícil. Você acha que daqui a dez anos finalmente chegarei ao ponto de realmente precisar de preliminares para ficar duro com você?

Seus olhos me questionavam, mas eu só conseguia sorrir. Tinha alguma coisa no modo como ele me queria, no modo como seus olhos dissipavam quaisquer dúvidas, que fazia eu me sentir poderosa.

Jared, pelo que tinha notado, era aquele tipo de homem que só saía com a mesma garota uma vez. Ele não passava a noite na casa de ninguém e não trocava números de telefones. Fiquei com medo de que ele perdesse o interesse ou considerasse nossa primeira noite juntos uma missão cumprida, mas ao invés disso ele se tornou ainda mais faminto.

Cada toque nesta última semana, cada beijo, cada vez que tínhamos feito amor, ele agia como se fosse novidade. É ridículo, eu sei. Ele era mais experiente do que eu, então por que haveria algo em mim que fosse diferente do que ele já havia experimentado antes?

A não ser que ele me amasse. Isso era algo que eu tinha certeza de que ele ainda não tinha tido com nenhuma outra garota. Pelo menos é o que esperava, enfim.

Queria ser audaciosa, apesar da minha ousadia querer me abandonar ali mesmo. Queria experimentar tudo com Jared. Sem esconder nada, sem ter medo de nada. Pediria tudo que queria e seria corajosa. Para sempre ou nunca.

Sua camisa caiu no chão, seguida pela calça.

Seja audaciosa.

Coloquei a mão na prova dilatada de que ele me queria. Ele reagiu e prendeu a respiração enquanto eu colocava a mão ao seu redor e chacoalhava. Presumi que ele fosse fechar os olhos. Ele não tinha que fazer isso? Para se concentrar mais na sensação? Só que, ao invés disso, ele apenas ficou me olhando tocá-lo. Ficou mais duro na minha mão e estiquei as pernas, excitada por conta do comprimento suave que tinha estado dentro de mim – e estaria novamente.

Ele me observava, com olhos escuros e fervorosos. Ficou olhando eu tocá-lo, e pensei que eu fosse gozar apenas com o deleite da cena. O modo como ele fechava as mãos e sua ereção aumentava quando eu esfregava de um certo modo, e como sua respiração ficou mais forte, tudo me fez vibrar até o ponto em que não aguentava mais.

Ele rasgou a embalagem da camisinha que tinha deixado no criado-mudo ao tirar a calça e deslizou-a nele.

Até que enfim.

Derretendo meu corpo dentro do corpo dele, com meus seios esfregando na pele suave do peito dele, beijei-o profunda e longamente, passando as mãos pelas suas costas inteiras.

Seja audaciosa.

– Minha vez – sussurrei na orelha dele.

Jared esbugalhou os olhos ao perceber o que eu queria dizer.

Empurrei-o levemente de volta à cama e deslizei por cima dele. Uma dose de adrenalina passou por mim ao sentir suas mãos em meu quadril e seu sexo pressionado contra mim.

– Você é perfeita. Perfeita para mim. – Ele passou as mãos por cima e por baixo das minhas coxas.

Movimentei-me, deslizando seu pau pela minha abertura, provocando-o. Quando me abaixei nele, fazendo com que ficasse dentro de mim, curvei os dedos do pé por causa da sensação indescritível. Era muito mais profundo desse modo e me inclinei um pouco para trás para conseguir absorver cada parte. Estava completa e esticada e queria que ele se sentisse tão completo quanto eu.

Jared colocou uma mão no meu seio e usou a outra para guiar meu quadril, que trabalhava lentamente.

– Tate, fala que gosta disso.

– Eu... – Estiquei as pernas um pouco mais nas laterais e me movimentei em um ritmo de frente para trás nele, mais do que de cima para baixo, como estava fazendo.

Ai, caramba.

Ele atingiu o ponto certo dentro de mim e minha cabeça caiu para trás quando gemi. Caramba! Não havia nada melhor do que senti-lo dentro de mim.

Adorava saber que eu ainda podia senti-lo naquele lugar no dia seguinte. E queria senti-lo amanhã, também.

Ele levantou o quadril bem forte contra mim, arrepiando todo o meu corpo.

– Diga.

– Eu amo isso. – Meu corpo perdeu o controle. A agitação dentro de mim tinha se tornado uma onda, e eu roçava nele mais rápida e fortemente. – Amo fazer isso contigo.

Por fim, nos jogamos na cama, muito cansados para nos mexer, e eu só queria ficar embaixo das cobertas com ele. Não conseguia acreditar que tinha transado na casa de um estranho. Precisávamos sair daqui antes que todos descobrissem o que estávamos aprontando. Tinha que começar a ser mais cuidadosa. Meu pai confiava em mim, mas isso não continuaria assim se não parasse de tomar decisões irresponsáveis.

Sim, ele gostava de Jared. Eu tinha dezoito anos. Meu pai sabia que, uma hora ou outra, acabaríamos transando. No entanto, este ano escolar tinha sido cheio de contratempos comportamentais da minha parte, e transar na casa de um estranho durante uma festa não estava na minha lista de boas ideias. Foi legal uma vez, mas me lembrei de não tentar isso novamente.

Beijei Jared e sorrimos e demos risada enquanto um ajudava o outro a se vestir.

– Tenho uma pergunta – finalmente quebrei o delicioso silêncio enquanto alisava seu cabelo. Era a mesma pergunta que tinha tentado fazer antes. Havia somente mais uma peça do quebra-cabeça de Jared que precisava desvendar.

– Manda.

– Você não queria me contar sobre seu pai ou seu irmão. Mas a Piper sabia aonde você ia todos os finais de semana. Por que ela podia saber e eu não? – Pensar que Jared era tão íntimo daquela garota a ponto de confiar nela me deixava puta.

– Tate, eu não disse nada à Piper. O pai dela é policial. O mesmo policial que me prendeu no ano passado por atacar o pai adotivo do Jax. Ela descobriu por ele. – Ele colocou os braços em volta da minha cintura e me segurou mais perto.

– Então era mera coincidência você estar saindo com a filha do policial que te prendeu? – Sabia que era mais que uma coincidência, sem que ele precisasse dizer nada. Ele tinha ido atrás da Piper por algum tipo de vingança boba. Tirar uma com a filha do policial era um “vai se foder” para o pai dela.

Ele deu de ombros.

– Sim, não sinto orgulho nenhum em ter feito isso, mas você se sentiria melhor se eu realmente gostasse dela?

Desviei o olhar. *Não. Não me sentiria.*

CAPÍTULO 34



Conhece a expressão às mil maravilhas? Bom, estava assim quando eu passeava pelos corredores na segunda-feira. Tudo estava indo tão bem – a K.C. e o Liam, o Jared e eu, a escola – que eu parecia estar sob o efeito de uma droga da felicidade e nunca mais queria voltar ao normal.

Jared tinha me dado um beijo de despedida na manhã do domingo depois do baile, já que precisava fazer um bate-volta até Weston para visitar o irmão. Dei a entender que adoraria acompanhar ele em algum fim de semana para conhecer o Jax, mas não quis forçar a barra. Tive a impressão de que Jared realmente curtia passar um tempo sozinho com seu irmão, então ia esperar até que chegasse o momento certo.

Ele não ligou ou mandou mensagem ontem, então comecei a ficar preocupada por não ter notícias dele. Mas, perto das dez da noite passada, ele finalmente apareceu na minha janela e escorregou na minha cama ao meu lado. Ele me acariciou e caímos num delicioso sono profundo.

Em meio à tortura de cócegas com a qual ele me acordou e a correria para a aula, quase nem conversei sobre a visita ao seu irmão.

– Então, venha para o estacionamento logo depois da aula de hoje. – Madoc ficou me cercando enquanto ia para a aula de

Francês. Ele estava com um sorriso de orelha a orelha. – Vamos treinar corrida lá na Rota 5. Muitas estradas de terra e colinas.

Levantei as mangas do meu cardigã fino preto que estava por cima da camiseta do Avenged Sevenfold. Estava morrendo de calor enquanto lutava contra a galera no corredor.

– Por que eu iria querer treinar corrida? E ainda por cima com você?

– Porque o Jared disse que você está procurando um G8 para comprar. Podíamos passar o inverno preparando-o para correr na primavera. Jared disse que tem que trabalhar depois da aula, o que significa que você está livre, e podemos nos encontrar. – Ele gesticulou com sua cabeça suja de galanteador, como se eu devesse ficar empolgada com isso.

Não conseguia mentir e dizer que não estava interessada em comprar um carro. Jared tinha visto as coisas que imprimi da internet. Um cara em Chicago estava vendendo um Pontiac G8 que me deixou babando, mas ainda não tinha decidido se compraria.

Madoc arqueou as sobrancelhas. Sua camisa oxford azul-clara estava aberta por cima de uma camiseta cinza-escura e, com sua atitude de criança, era difícil ficar inquieta com ele. No fim das contas, ele estava tentando ser amigável.

Mas forcei uma voz inflexível.

– Tenho que ir ao laboratório duas vezes por semana, inclusive hoje. Tenho *cross-country*. Sem falar dos trabalhos que tenho que entregar para as aulas de Cultura e de Francês no começo da semana que vem, e provas de Matemática e Química logo antes do Halloween, na próxima sexta-feira. Quem sabe outro dia... – expirei a última parte, enquanto abria a porta para a aula de Francês.

– Não seja estraga-prazeres! – Madoc me seguiu e gritou alto o bastante para que a sala inteira ouvisse. – Aquelas nossas fotos nadando pelados eram apenas para mim.

Parei e fechei os olhos ao sentir que cada aluno na sala se virou para me encarar. *Ele estava mesmo fazendo isso comigo de novo?!*

Risos e gargalhadas soaram pela sala, enquanto aproveitei para endireitar os ombros e seguir até a minha carteira. Vi Ben de relance, ele estava sentado de pernas cruzadas e com uma mão

batendo uma caneta no caderno. Estava cabisbaixo, mas claramente tentando conter uma risada.

– Sr. Caruthers. – Madame Lyon levantou da mesa e falou com Madoc em inglês, cruzando os braços sobre o peito. – Presumo que você tenha que ir a algum lugar agora.

Madoc colocou uma mão sobre o peito, enquanto a outra gesticulava para mim.

– Não tenho que ir a lugar algum que não seja ao lado dela até o fim dos tempos – respondeu ele.

Limpei a garganta ao me sentar.

– Suma daqui – falei, articulando com a boca para ele.

Fingindo estar nervoso mexendo os lábios, Madoc deu um passo para trás da porta e desapareceu.

Assim que a porta fechou, escutei alguns celulares tocarem perto de mim, e alguns vibraram, inclusive o meu. Que estranho. Por que todo mundo estaria recebendo mensagens ao mesmo tempo?

– *Mettez vos telephones off, s'il vous plaît!* – a Madame nos mandou desligar nossos celulares. Era uma regra da escola mantê-los no modo silencioso durante o horário de aula, mas todo mundo os deixava com toque mesmo assim.

Rapidamente fui até a minha bolsa para silenciar o meu, enquanto algumas pessoas tinham a cara de pau de verificar as mensagens escondido.

Quando fui abaixar o volume, vi que era uma mensagem de Jared. Uma dose de calor subiu para o meu peito, e escondi meu celular embaixo da carteira para que pudesse verificar a mensagem.

Quando abri o vídeo que ele me mandou, quase engasguei com minha própria respiração.

Não conseguia me mexer. Não conseguia respirar. Minhas mãos tremiam enquanto assistia ao vídeo no meu celular, com Jared e eu transando na noite de sábado. Sabia que era na noite de sábado por causa do meu penteado para o baile de Boas-vindas.

Que merda...?

Meu estômago embrulhou e um gosto podre de bile cresceu no canto da boca. Acho que teria vomitado se minha garganta não tivesse impedido o oxigênio que estava tentando entrar.

Nós. Transando. Fomos filmados.

E lá estava eu, perfeitamente visível e extremamente nua, sentada em cima de Jared.

Caramba. Queria gritar. Isso não podia ser real!

O que estava acontecendo?

Sorrisinhos, risos de desdém e sussurros surgiram perto de mim e virei a cabeça quando a garota sentada ao meu lado deu uma gargalhada. Ela deu um sorriso malicioso, segurando o celular, e apenas consegui encará-la horrorizada enquanto ela me mostrava a tela. *Não, não, não.* O mesmo vídeo sórdido estava passando no telefone dela.

Ao dar uma olhada na sala toda, com os olhos arregalados, percebi que todos os outros alunos estavam vendo o mesmo vídeo.

Isso não pode estar acontecendo! Lutei para respirar enquanto meu cérebro tentava registrar o que estava acontecendo. Meus olhos ardiavam pelas lágrimas que não caíam, e me sentia como se estivesse em outro planeta.

Não, isso não é verdade. Não é... Balancei a cabeça, tentando acordar deste pesadelo.

Não conseguia controlar o tremor nos meus dedos. Olhei de volta para o celular e fechei o vídeo. O texto que acompanhava a mensagem dizia: "Ela foi uma ótima foda. Quem quer ser o próximo?".

Meu peito estremeceu com soluços secos.

Jared.

A mensagem estava vindo de seu celular. Foi enviada para todos.

A Madame gritou, tentando fazer com que a classe prestasse atenção.

– Écoutez, s'il vous plaît.

Levantei, trêmula, coloquei a bolsa pela cabeça e corri para fora da sala. As risadas e provocações atrás de mim formavam um ruído de fundo indiscernível. Estavam lá. Sempre estiveram lá, porra. Me fodi por ter ficado confortável.

Por que não escutei meus instintos? Sabia que não podia confiar nele. Por que fui tão fraca?

Segurei a barriga, tentando conter as lágrimas, os lamentos e os gritos que queria soltar. Parecia que meus pulmões estavam sendo esticados por causa das respirações profundas e rápidas.

Aquele vídeo estava em todos os lugares! Até a noite, não haveria uma pessoa em Shelburne Falls que não teria assistido ou ouvido falar nele.

Jared. Estava quebrando a cabeça tentando entender a traição que ele tinha cometido. Ele tinha sido paciente e esperto e esperado pela sua vingança. Ele tinha me arruinado. Não apenas no ensino médio, mas para sempre. A partir de agora ficaria sempre de olho em todos, pensando em quem iria descobrir aquele vídeo em algum site nojento e quando isso aconteceria.

E eu amava ele. Como ele pôde fazer algo assim? Parecia que meu coração estava sendo partido em dois.

Ah, caramba. Havia um buraco em meu estômago e eu não conseguia mais controlar os soluços.

– Tate – uma voz ofegou.

Parei e olhei para cima, com os olhos cheios de lágrimas, encontrando os de Madoc. Ele tinha acabado de subir as escadas e vi que estava segurando o celular.

– Tate, Deus do céu. – Ele estendeu o braço para mim.

– Fique longe de mim! – insultei-o, nervosa. Devia ter pensado nisso. Madoc era igual a Jared. Ele também tinha me feito de boba. E não conseguia mais confiar em nenhum dos dois. Sabia disso agora.

– Tate. – Ele se aproximou de mim novamente, devagar, como se estivesse chegando perto de um animal.

Queria que ele se afastasse de mim. Não conseguia escutar mais nenhum insulto doloroso ou insinuações degradantes. Não, apague isso, *não iria* mais escutar nada disso.

– Deixa eu te levar para longe daqui, ok? – Madoc chegou mais perto de mim.

– Não! – gritei, com lágrimas tornando a minha visão embaçada. Tirei as mãos dele de perto de mim e dei um tapa em seu rosto.

Ele rapidamente veio à minha frente e colocou os braços em volta do meu corpo, segurando-me forte enquanto eu lutava e chorava.

– Para com isso. – Ele me puxou algumas vezes. – Apenas relaxe.
– Sua voz era profunda e sincera. – Não vou te machucar.

E eu queria acreditar nele.

– Eles viram tudo – soluzei, com o peito pesando por causa das respirações fortes. – Por que ele fez isso comigo?

– Não sei. Pela primeira vez, não estou entendendo porra nenhuma. Precisamos conversar com ele.

Conversar. Cansei de conversar. Nada que tentei fazer com Jared me ajudou neste ano. Nada fez minha vida melhorar. No final das contas, seu bullying tinha acabado com quaisquer esperanças que eu tinha de ser feliz.

De algum modo cometi um erro ao pensar que ele realmente se importava. Quando pensei que ele realmente me amava. Acreditei em cada mentira idiota que ele inventou. Talvez ele nunca tivesse sido agredido. Ele provavelmente nem mesmo devia ter um irmão.

Ele tinha me jogado bem no fundo do poço, me fazendo querer fugir somente agora. Fugir para algo diferente da esperança, do amor e de todas aquelas porcarias.

Minha raiva e dor estavam se transformando em outra coisa, algo pior.

Torpor.

Indiferença.

Frieza.

O que quer que fosse, parecia melhor do que o que estava sentindo há um minuto.

Dei uma profunda respiração e funguei.

– Deixe-me ir. Vou pra casa. – Estava com a voz rouca, mas estável, ao me afastar de Madoc.

Ele me soltou e fui embora devagar.

– Acho que você não devia dirigir – Madoc gritou atrás de mim.

Apenas sequei os olhos e continuei andando. Desci as escadas, passei pelos corredores vazios e para fora das portas da frente.

Tinha estacionado perto de Jared naquela manhã e, ao ver seu carro, soltei uma risada forte. Não de alegria, mas da expressão em seu rosto quando ele saísse para ver o que tinha feito.

Tirei o pé de cabra do porta-malas do meu carro e passei a extremidade pontuda por toda a lateral de seu carro enquanto andava até a frente de seu veículo. O chiado estridente de metal contra metal liberou um barato quente nas minhas veias, e eu sorri.

E tasquei o pé de cabra bem no meio de seu para-brisa.

O impacto lascou o vidro em centenas de rachaduras. Parecia que um grande rolo de papel-bolha tinha sido estourado de uma vez.

Depois disso, fiquei louca. Bati e amassei seu capô, suas portas e porta-malas. Minhas mãos estavam quentes por causa das vibrações dos golpes, mas não parei. Não podia. Piorava a cada pancada. Bater nele onde doía me deixava segura. Ninguém poderia me machucar se eu os machucasse, certo?

É disso que são feitos os valentões, uma voz na minha cabeça sussurrou. Afastei-a.

Não estava me tornando uma valentona, disse a mim mesma. Uma valentona tem poder. Eu não detinha nenhum poder aqui.

Golpeei com o pé de cabra a janela do lado do motorista, estilhaçando-a. Cacos de vidro voaram por todo o assento.

Antes de conseguir levantar o pé de cabra para arrebentar uma das janelas traseiras, fui pega por trás e empurrada para longe do carro.

– Tate, para com isso!

Jared.

Saí do domínio dele e virei para encará-lo. Ele levantou as mãos como se fosse me acalmar, mas eu já estava calma. Será que ele não percebia isso? Eu estava no controle e não me importava com o que essas pessoas pensavam.

Madoc ficou parado atrás de Jared com as mãos na cabeça, examinando o dano que tinha sido feito ao carro de Jared. Ele estava com os olhos tão abertos que parecia que fossem saltar da cabeça. As janelas da escola estavam quase transbordando de tantos corpos ansiosos tentando conseguir dar uma olhada na cena.

Fodam-se eles.

– Tate... – Jared disse, tímido, olhando para a arma na minha mão.

– Fique longe de mim, ou da próxima vez não será apenas o seu carro que será danificado – alertei-o.

Não sei se foi o que eu disse ou meu tom de voz sério que o surpreendeu, mas ele hesitou.

Ele olhou para mim como se eu fosse alguém que ele não conhecia.

CAPÍTULO 35



Saí de lá antes que alguém tivesse a oportunidade de me atormentar ainda mais. Assim que pulei dentro do carro e dirigi correndo, meu celular começou a se iluminar com ligações e mensagens. K.C. ligava a cada trinta segundos, e não recebi nada de Jared.

Que bom. Ele sabia que tudo tinha acabado. Ele conseguiu o que queria. Eu estava envergonhada e humilhada, seu trabalho tinha sido concluído.

Por outro lado, as mensagens eram de várias pessoas, a maioria eu nem conhecia.

Vc parece uma boa foda. Tá ocupada hoje à noite?

Dizia uma das mensagens e apertei o telefone tão forte que escutei-o rachar.

Vc faz a três?

Esta mensagem veio de Nate Dietrich, e senti meu estômago se revirar.

Todo mundo estava rindo da minha cara e espalhando aquele vídeo nojento, sem dúvida alguma já tacando na internet para o mundo todo assistir. Pensar em homens mais velhos nojentos que iriam se masturbar assistindo-o, ou em todas as pessoas na escola que olhariam para mim e saberiam exatamente como eu sou sem roupa fez meu cérebro doer e meus olhos arderem.

Após mais duas mensagens nojentas, conduzi a caminhonete até o acostamento da estrada e abri a porta para vomitar. Meu corpo estava se retorcendo, mandei tudo o que tinha comido hoje para fora. Ao tossir, vomitei e cuspi o último conteúdo do meu estômago e fechei a porta.

Tirando lenços do porta-luvas, sequei as lágrimas do rosto e olhei além do para-brisa, sem vontade alguma de ir para casa.

Qualquer um que quisesse me encontrar começaria por lá. E não conseguia me encontrar com ninguém agora. Só queria entrar na porra de um avião e ir ao encontro do meu pai.

Meu pai.

Expirei e encostei a cabeça dolorida no volante, forçando respirações profundas.

Filho da puta.

Não tinha como meu pai não ficar sabendo disso. O vídeo provavelmente já devia ter chegado em todos os lugares. A escola e outros pais descobririam e alguém ia ligar para ele.

Como pude ter sido tão burra?! Esqueci por um instante de como era ridículo da minha parte acreditar em Jared e confiar nele, só que transei com ele numa festa, na casa de outra pessoa!

Aquela porcaria de celular dele. Ele tinha colocado na cômoda para tocar música, mas o que na verdade ele fez foi ajustá-lo para nos gravar fazendo sexo. Ele provavelmente pensou que teria que me seduzir para eu dar pra ele na casa dos Beckman, quando na verdade fui *eu* quem o persuadei. Ou foi assim que pensei.

Foi tudo uma mentira. O modo como ele me manteve tão próxima dele nesta última semana, me tocando e me abraçando. Toda vez que seus lábios esfregavam meu pescoço ao me abraçar e todas as vezes em que ele beijou meu cabelo quando pensou que eu estava dormindo.

Tudo. A. Porra. De. Uma. Mentira.

Assoei o nariz e saí do acostamento da estrada. Só tinha uma pessoa de quem eu podia ficar próxima agora. A única pessoa que me amava e não conseguia olhar para mim com pena ou vergonha.

Minha mãe.



As estradas estreitas, quase atalhos, para o Cemitério Concord Hill eram largas o bastante para apenas uma pista. Felizmente, eu estava aqui na tarde da segunda-feira, então o local estava vazio e quieto. Dei um suspiro cansado de alívio ao ver o túmulo dela da estrada. Não tinha ninguém por perto. Ficaria sozinha, pelo menos por um tempo, para fugir do mundo e do que aconteceu esta manhã.

Saí do carro e coloquei a jaqueta de lã pela cabeça, protegendo-me do frio de outubro. No entanto, a brisa fria estava agradável em meu rosto, que ainda ardia por causa das lágrimas secas. Não precisava me ver para saber que eu provavelmente estava manchada e com olhos inchados.

Pisando no gramado bem conservado, tive que passar por apenas alguns outros túmulos antes de chegar ao de minha mãe. A lápide brilhante de mármore preto tinha três rosas tridimensionais feitas à mão que pairavam ao lado do entalhe. Eu e meu pai as tínhamos escolhido juntos, imaginando que as três rosas representavam a nossa família. Mesmo há oito anos, eu amava preto e as flores também nos lembravam dela. Ela adorava trazer a natureza para dentro de casa.

Li a lápide.

LILLIAN JANE BRANDT

I DE FEVEREIRO DE 1972 – 14 DE ABRIL DE 2005

“ONTEM É PASSADO. O AMANHÃ AINDA NÃO CHEGOU.

TEMOS APENAS O PRESENTE. VAMOS COMEÇAR.”

— MADRE TERESA

Ontem é passado. A citação favorita da minha mãe. Ela me diria que erros acontecem na vida. São inevitáveis. Mas que precisaria respirar fundo, erguer os ombros e seguir em frente.

O passado dura para sempre. A tatuagem de Jared veio à minha mente e rapidamente empurrei-a para longe igual a um prato quente demais.

Não queria pensar nele agora. Ou talvez nunca mais.

Ajoelhei-me no chão úmido e tentei me lembrar de tudo que conseguia da minha mãe. Pedacinhos dos nossos momentos juntas surgiram na minha mente, mas com o tempo minhas lembranças tinham definhado. Cada vez menos memórias dela permaneceram e quis chorar novamente.

Seu cabelo. Concentrei-me na imagem do seu cabelo. Era ruivo-claro e ondulado. Seus olhos eram azuis e ela tinha uma pequena cicatriz na sobrancelha de quando caiu patinando no gelo na infância. Ela amava sorvete de manteiga de amendoim com chocolate e jogar tênis. Seu filme favorito era *Depois do vendaval* e ela fazia os melhores biscoitos de amendoim.

Engasguei com um soluço ao me lembrar daqueles biscoitos. O cheiro da nossa cozinha durante os preparativos para o Natal me acertou em cheio e, de repente, estava com dores. Apertei a barriga e me inclinei para frente, encostando a testa no chão.

– Mãe – sussurrei, com a garganta apertada cheia de tristeza. – Que saudade de você.

Desmoronando no chão, deitei de lado e deixei as lágrimas tristes caírem na terra. Fiquei lá por um bom tempo, quieta, e tentei não pensar em nada do que aconteceu comigo hoje.

Mas era impossível. O impacto foi muito grande.

Não significava nada para Jared. Mais uma vez, ele tinha me descartado como lixo e tudo que disse e fez para me atrair, para me fazer amá-lo, tinha sido uma mentira.

Como sobreviveria às provocações maldosas todo santo dia? Como conseguiria andar pelos corredores da escola ou olhar para o meu pai nos olhos depois de todo mundo ter assistido àquele vídeo?

– Você está vendo, Tate?

– O quê?

– A bexiga. – Jared pegou na minha mão e me puxou pelo cemitério. Tentei não pensar no que estava por baixo dos meus pés enquanto passeávamos pelo cemitério, mas tudo que conseguia imaginar eram zumbis medonhos saindo pela terra.

– Jared, não quero ficar aqui – choraminguei.

– Vai ficar tudo bem. Você está segura comigo. – Ele sorriu e olhou para o prado de lápides.

– Mas... – Olhei ao redor, morrendo de medo.

– Estou segurando sua mão. O que quer que eu faça? Troque sua fralda também? – disse ele, sarcástico, mas não interpretei isso como uma ofensa.

– Não estou assustada. – Minha voz soava defensiva. – É que... sei lá.

– Olhe para este lugar, Tate. É verde e tranquilo. – Jared olhou pelos campos com um olhar melancólico no rosto, e fiquei com inveja por ele conseguir ver algo aqui que eu não via.

– Tem flores e estátuas de anjos. Olhe aquele epitáfio – apontou ele. – "Alfred McIntyre nasceu em 1922 e morreu em 1942." Ele tinha apenas vinte anos. Lembra que a Sra. Sullivan disse que a Segunda Guerra Mundial aconteceu entre 1939 e 1945? Talvez ele tenha morrido na guerra. Todas essas pessoas tinham vidas, Tate. Tinham famílias e sonhos. Elas não querem que você tenha medo delas. Apenas querem ser lembradas.

Tremia enquanto ele me levava cada vez mais para dentro do cemitério. Subimos em um epitáfio brilhante e preto, decorado com uma bexiga rosa. Sabia que meu pai sempre vinha aqui para visitar, mas ele sempre colocava flores no túmulo.

Quem deixou uma bexiga?

– Ontem trouxe a bexiga pra sua mãe – admitiu Jared, como se estivesse lendo minha mente.

– Por quê? – Minha voz tremeu. Era legal da parte dele fazer algo assim.

– Porque as mulheres gostam de coisas cor-de-rosa. – Ele deu de ombros e agiu como se seu gesto não tivesse sido nada importante. Ele não queria atenção. Ele nunca quis.

– Jared – repreendi-o, esperando por uma resposta verdadeira.

Ele sorriu.

– Porque ela te fez. – E colocou seu braço magrelo em volta do meu pescoço e me puxou para seu lado. – Você é a melhor amiga que já tive e queria dizer obrigado pra ela.

Senti um calor percorrer meu corpo todo, apesar da geada de abril que estava no solo. Jared preenchia o vazio e diminuía a dor de um modo que meu pai não conseguia. Eu precisava dele, e pensei por um instante que gostaria que ele me beijasse. Mas a ideia desapareceu rapidamente. Nunca quis que um garoto me beijasse antes, e isso provavelmente não devia ser feito pelo meu melhor amigo.

*– Pegue isso. – Jared tirou o moletom cinza pela cabeça e jogou para mim.
– Você está gelada.*

Vesti o moletom, deixando o calor que tinha sobrado de seu corpo me cobrir com uma proteção quente.

– Obrigada – disse, olhando para ele.

Ele puxou o cabelo que estava por baixo do colarinho e ficou com os dedos parados lá ao me olhar. Minha pele estava completamente arrepiada, mas não era por causa do frio. O que estava acontecendo com meu estômago neste momento?

Nós dois desviamos o olhar rapidamente, com um pouco de vergonha.

Sentei-me e sequei o nariz com a manga da jaqueta.

Apesar de tudo, podia ver um ponto positivo nisso tudo. Pelo menos perdi minha virgindade com alguém que eu amava. Apesar de terminarmos tudo, eu o amava quando me entreguei para ele. O que ele tirou de mim foi honesto e puro, mesmo ele tendo achado tudo uma piada.

– Tate? – uma voz abalada sussurrou por trás de mim e parei de respirar. Sem nem mesmo me virar, sabia quem era, então fiquei partindo a grama congelada do solo ao fechar as mãos.

Não ia me virar. E Deus me livre se continuasse escutando mais besteiras dele.

– Você já ganhou, né, Jared? Por que você apenas não me deixa em paz? – falei, calma, mas meu corpo gritava por violência. Queria extravasar. Bater nele. Fazer qualquer coisa que pudesse machucá-lo.

– Tate, isso é tudo tão fodido. Eu... – ele começou a cuspir coisas sem sentido, mas eu o interrompi.

– Não! Não quero saber de mais nada! – Movimentei-me depressa para olhá-lo, sem conseguir pensar direito. Disse que não ia entrar nessa com ele, mas não consegui me controlar. – Você está me

ouvindo? Minha vida aqui está arruinada. Ninguém vai me deixar viver em paz. Você venceu. Não percebeu isso? Você. Ganhou! Agora me deixa em paz!

Ele esbugalhou os olhos, provavelmente porque eu estava gritando, mais brava do que nunca. Quando ele pararia? Será que ele já não estava satisfeito?

Ele enterrou as mãos no cabelo, parecendo que no meio do caminho decidiu penteá-lo com as mãos. Seu peito subiu e desceu como se ele estivesse nervoso.

– Será que você pode parar por um instante?

– Já escutei suas histórias. Suas desculpas. – E fui em direção ao meu carro, sentindo meu coração se partir. Ele estava perto e meus braços ainda morriam de vontade de abraçá-lo.

– Eu sei – gritou ele atrás de mim. – Minhas palavras não são o bastante. Não tenho como explicar isso. Não sei de onde saiu aquele vídeo!

Sabia que ele estava me seguindo, então não me virei.

– Ele veio do seu celular, seu idiota! Não, esquece. Parei de falar contigo. – Continuei andando, sentindo minhas pernas como se elas pesassem duas toneladas.

– Liguei pro seu pai! – ele deixou escapar, e eu parei.

Fechei os olhos, apertando-os.

– É claro que você ligou – murmurei, mais para mim mesma do que para ele ouvir.

Logo quando achei que as coisas não podiam piorar. Pensei que teria alguns dias a mais para colocar minha cabeça de volta no lugar antes de ter que lidar com meu pai. Mas o bicho ia pegar muito antes do que imaginava.

– Tate, não enviei aquele vídeo para ninguém. Eu nem mesmo gravei um vídeo nosso. – Ele parecia desesperado, mas ainda não conseguia me virar para encará-lo.

Ele continuou:

– Faz dois dias que não vejo meu celular. Deixei lá em cima na festa da Tori enquanto escutávamos música. Quando me lembrei, mais tarde, voltei para pegá-lo, mas ele tinha desaparecido. Não se lembra?

Lembro de ele comentar algo sobre ter perdido o celular naquela noite, mas estávamos dançando, e tudo estava tão alto. Acho que me esqueci.

Apertei o maxilar e balancei a cabeça. *Não*. Ele não ia escapar dessa. Seu celular estava apontado para a cama naquela noite, na posição exata que precisava ficar para gravar o vídeo.

– Você é um mentiroso – contestei.

Enquanto não conseguia ver seu rosto, senti-o se aproximando e não consegui me mexer. Por que eu não podia apenas sair daqui?

– Liguei para o seu pai porque ele ia descobrir de qualquer jeito. Aquela porcaria de vídeo do caralho está por aí, e queria que ele soubesse por mim antes. Ele está voltando pra casa.

Meus ombros desabaram. Meu pai ia chegar em casa amanhã a qualquer hora. Pensar nisso me deixou tanto entusiasmada quanto apavorada. As consequências dessa pegadinha – odiava chamá-la disso, porque era algo muito mais sério – seriam vergonha para o meu pai.

Mas precisava dele neste momento. Não importava o que fosse, sei que ele me amava.

– Eu te amo mais do que amo a mim mesmo, mais do que amo minha própria família, pelo amor de Deus. Não quero dar outro passo neste mundo sem você ao meu lado – disse ele, gentilmente.

Suas doces palavras me pegaram com tudo, mas elas eram como uma mão que estava fora de alcance. Conseguia vê-la. Queria pegá-la. Mas não podia.

– Tate. – O peso de sua mão caiu em meu ombro e me movi depressa, tirando-o de perto de mim. Meus olhos queimavam de lágrimas, raiva e cansaço constantes, enquanto escaldava-o com meu olhar.

Ele passou a mão novamente no cabelo e pude notar as marcas de preocupação em sua testa.

– Tate, você tem todo o direito de não confiar em mim. Eu sei disso. A droga do meu coração está se abrindo e se rasgando com força agora. Não consigo aguentar o modo como você me olha. Nunca vou te machucar de novo. Por favor... vamos tentar consertar

isso juntos – ele falava com a voz estalando e seus olhos estavam vermelhos.

Disse a mim mesma umas mil vezes hoje que não podiar confiar nele. Ele era um mentiroso. Um *bully*. Mas o que ele estava dizendo estava me afetando. Ele parecia chateado. Ou ele era um ótimo ator ou... estava dizendo a verdade.

– Beleza. Vou entrar no seu jogo. – Peguei o meu celular e liguei-o novamente.

Ele piscou, provavelmente confuso pela minha repentina mudança de atitude.

– O que está fazendo?

– Estou ligando para a sua mãe. – Não expliquei mais nada e telefonei para Katherine.

– Por quê? – falou arrastado, ainda confuso.

– Porque ela instalou um aplicativo de rastreamento por GPS no seu celular quando o comprou. Você disse que perdeu ele, né? Vamos descobrir.

CAPÍTULO 36



Soltei um suspiro e balancei a cabeça assim que desliguei a ligação com a Sra. Trent.

Escola. Não era um lugar que gostaria de ir. Nunca mais.

– E aí? – Jared se aproximou.

– Escola. Está na escola – resmunguei, analisando o chão.

– Filha da puta. Ela é mais esperta do que eu achava. – Jared parecia impressionado com a mãe.

O que isso significava? Talvez ele tivesse deixado o celular na escola e estava tentando livrar sua barra. Talvez o Madoc e seus amigos estivessem com o celular, acobertando-o. Ou talvez ele realmente tivesse sido roubado.

Preferia raspar a cabeça do que encarar essas pessoas hoje. Ou talvez em qualquer dia nos próximos cem anos. Comer lula ou prender meu dedo na porta do carro, tudo isso parecia muito mais atraente para mim do que enfrentar aqueles corredores. Algumas horas ainda não eram o bastante para eles partirem para a próxima fofoca. Eu seria o assunto da cidade durante um bom tempo. Como eu podia sequer pensar em pisar naquela escola hoje?

– Entendo este olhar. – Jared olhou para mim e falou gentilmente.

– É o olhar que você faz quando quer ir atrás. O olhar que você faz antes de decidir ficar e lutar.

– Pelo que estou lutando? – desafiei-o, com a voz rouca.

Ele franziu a sobrancelha.

– Não fizemos nada de errado, Tate.

Ele estava certo. Não tinha motivo para ter vergonha. Posso assumir que odiei que todos tivessem visto o que viram, mas pelo menos dei meu coração e corpo para alguém que amava. Não havia nada de indecente nisso.

– Vamos. – Andei até a minha caminhonete e abri a porta.

Jared tinha parado na minha frente e recuei ao ver o estrago que tinha feito no carro dele.

Merda.

Se ele for, na verdade, culpado, então foda-se ele e seu carro ridículo. Mas se ele for inocente, então não quero nem imaginar quão bravo meu pai vai ficar quando vir as contas do conserto.

– O... seu... o seu carro está bom para dirigir? – perguntei, tímida.

Um sorriso cansado puxou seus lábios.

– Não esquentar. É uma desculpa para fazer mais melhorias.

Enchi os pulmões com uma respiração profunda, sentindo-me como se estivera sufocada o dia todo. O vento frio dançava pelo meu rosto e me dava um pouco mais de energia.

– Pare no trabalho da sua mãe e pegue o celular dela. Te vejo na escola. – Entrei no carro e acelerei.



Todos ainda estavam na última aula, então Jared e eu andamos silenciosamente pelos corredores sem nenhuma interrupção.

– Ele ainda está piscando? – Olhei para o celular da mãe dele que estava em sua mão.

– Sim. Não consigo acreditar que meu celular ainda esteja ligado depois de dois dias. GPS costuma gastar muita bateria. – Ele estava olhando ao redor, mas não sei para quê.

– Bom, o vídeo foi enviado esta manhã. Se o que você diz for verdade, então quem quer que esteja com o celular, provavelmente o carregou na noite de sábado.

– Se o que eu digo é verdade... – ele repetiu em um sussurro, como se sentisse ofendido por eu não confiar nele.

Parte de mim queria acreditar nele. Desesperadamente. Mas outra parte se perguntava por que eu estava aqui. Eu estava mesmo levando a sério a possibilidade de ele não ter nada a ver com isso? Será que não era muito fantasioso da minha parte pensar que isso tudo tenha sido feito sem a ajuda de Jared?

– Olha – disse, tentando mudar de assunto –, este rastreador só tem precisão de cinquenta metros. Então...

– Então comece a ligar para o meu celular. Talvez o escutemos.

Tirei o telefone do bolso traseiro e liguei para o seu número, deixando-o tocar e mantendo nossos ouvidos atentos a qualquer barulho. Mas nossa escola era enorme e quase não tínhamos tempo até a última aula terminar e os corredores se encherem de gente.

Toda vez que caía na caixa-postal, eu desligava a ligação e ligava novamente.

– Vamos nos separar – sugeri. – Vou continuar ligando. Apenas procure por um som. Acho que está dentro de um armário.

– Por quê? Alguém pode estar com ele também.

– Comigo ligando a cada dez segundos? Não, a pessoa teria desligado o telefone, e aí ele cairia direto na caixa-postal. Está ligado e dentro de um armário – acenei.

– Beleza – ele falava hesitante e com um pouco de provocação. – Mas se você encontrá-lo, ligue para o telefone da minha mãe imediatamente. Não quero que você fique sozinha nos corredores, hoje não.

Comecei a ficar esperançosa com a preocupação dele por mim. Esse era o Jared da semana passada. Aquele que me abraçou e me tocou gentilmente. Aquele que se importava.

Naquele momento, quis agarrá-lo e abraçá-lo bem forte.

Mas aí chegaram risadas novamente em meus ouvidos. E me lembrei de que não confio nele.

Após pressionar *rediscar*, virei-me e subi as escadas correndo, dois degraus de uma vez.

Minhas botas pisavam no chão ladrilhado, fazendo mais barulho do que eu gostaria. Tentando ir com mais suavidade, arrastei-me por cada lado do corredor principal, com meus ouvidos nos armários.

Mas sempre que ligava para o celular de Jared, não escutava nenhum toque ou vibração.

Passei por dois alunos no corredor, que ficaram me olhando depois de perceberem quem eu era.

É, eles sabiam quem eu era, e agora rapidamente todo mundo saberia que estou na escola. Meu coração acelerou. Ficava cada vez mais óbvio que voltar pra cá hoje tinha sido um erro.

O celular estava em um armário, provavelmente no de Jared, e no modo silencioso. Isso era apenas outra pegadinha. Minha garganta se fechou.

Respirei forte ao andar por cada corredor, sem parar de rediscar. Cada vez que caía na caixa-postal, queria chorar mais uma vez.

Por favor, por favor...

Queria que ele fosse inocente. Eu conseguiria conviver com as fofquinhas e olhares de todos, sabendo que eles tinham visto o vídeo. Suportaria isso, porque não teria outra opção.

Mas não queria ficar sem o Jared. Precisava da inocência dele.

Porque ela te fez.

Suas palavras surgiram na minha mente.

Não quero dar mais nenhum passo neste mundo sem você ao meu lado.

Nem eu.

Queria que seguíssemos em frente sem olhar para trás.

Limpei uma lágrima com o dedo antes de ela cair, dobrei uma esquina e liguei para o celular novamente.

E congelei.

“Behind Blue Eyes”, do Limp Bizkit, começou a tocar no corredor, perto da sala de aula do Dr. Kuhl. Estreitei os olhos e virei a cabeça em direção à música. Quando ela parou, apertei novamente o botão de discar.

Por favor, por favor, por favor.

Quando a linha começou a tocar, a música lenta e triste soou novamente no fim do corredor. Quase deixei o celular cair quando saí correndo em direção ao som.

Coloquei a mão no armário 1622.

Sorri pela primeira vez desde esta manhã e, com as mãos tremendo, mandei uma mensagem para o celular da mãe de Jared.

2o andar, perto da sala do Kuhl!!

Levantei a cabeça com o som do sinal escolar tocando. Meu estômago apertou. Várias portas se abriram e bandos de alunos surgiram, parecendo mais uma revoada de gralhas do que humanos.

Homicídio.

Pois é, era isso que estava prestes a acontecer agora. Mas não sabia se seria a predadora ou a presa.

Fiquei parada olhando para os armários de costas para todos, esperando que pudesse passar o mais despercebida possível. Como instinto, abaixei a cabeça, tentando ficar invisível. Meu coração martelava pelas orelhas, e parecia que mil olhos estavam perfurando a parte de trás do meu crânio.

Mas, em seguida, a chama da covardia me atingiu. Mais do que a vergonha que senti esta manhã. Odiava o modo como essas pessoas me faziam querer me enfiar em um buraco.

Eu costumava amar as pessoas. Adorava fazer parte das coisas e socializar. Agora, só queria ficar sozinha. Porque ficar sozinha era o único modo que me sentia segura.

Não tinha feito nada de errado. Aqueles na minha escola que encaminharam o vídeo ou fofocaram sobre isso é que deveriam se envergonhar. Não eu.

Mas era eu quem se escondia.

Será que não chegou a hora de você se vingar?

Respirando fundo e virando, encostei no armário 1622 e olhei para cima, desafiando-os para virem a mim.

Não precisei esperar muito.

– Oi, Tate. – Um garoto loiro com um cabelo grosso passou por mim, despindo-me com os olhos.

– Ô, ela voltou! – outro garoto provocou.

Outros passavam por mim mais devagar e riam para os amigos. As meninas não provocavam como os meninos. Elas faziam bullying mais discretamente, sussurrando atrás das mãos. Com olhares.

Mas todos tinham sempre algo a oferecer.

Até Jared vir correndo.

E aí todo mundo parou.

Ele encarou todos e segurou meu rosto.

– Você está bem? – perguntou ele, com os olhos cheios de amor.

– Sim. – Minha voz estava mais suave agora, com sua presença. – O telefone está aqui, no 1622. Só que não sei de quem é este armário.

Ele fechou os lábios finos e uma expressão carrancuda apareceu em seu rosto. Ele sabia de quem era aquele armário.

– Já voltou? Sua carreira pornográfica chegou ao fim tão cedo? – Uma voz traiçoeira se destacou entre os murmurinhos e eu fechei os olhos.

Piper.

Senti os lábios de Jared na minha testa antes de ele se afastar. Abri os olhos para vê-lo virar, me protegendo, mas tirei seu braço do caminho e dei um passo à frente.

Eu devia ter imaginado que Piper estava por trás disso. Não sei como ela fez, mas ela era a responsável, por isso queria resolver com ela. Adoraria fazer isso!

Eu rapidamente notei vários alunos se espremendo no corredor, esperando pacientemente por algo.

– Na verdade, estávamos esperando você. – Sorri e mantive meu tom no mesmo nível. – Sabe aquele vídeo que veio do celular do Jared de manhã? Aquele que todos assistiram? Não foi ele quem enviou. O celular dele foi roubado sábado à noite. Você saberia dizer onde está? – Levantei as sobrancelhas com meu melhor olhar de tolerância.

Ela piscou, mas endireitou os ombros e inclinou o queixo para cima.

– Por que eu saberia onde está o celular dele?

– Ah, porque... – Não terminei a frase e apertei *redisca*. “Behind Blue Eyes” começou a tocar dentro do armário dela, e levantei a tela

do celular para que ela visse que eu estava ligando para Jared. É claro que o restante das pessoas também viu.

– Este é o seu armário, Piper – mencionou Jared depois que desliguei.

– Sabe, eu amo essa música. Vamos escutá-la novamente. – Ao ligar para seu celular, todos escutaram o eco da música vindo do armário de Piper mais uma vez. Agora não haveria mais dúvidas.

Jared deu um passo à frente e se inclinou no rosto dela.

– Abra seu armário e me devolva a porra do meu celular, ou vamos chamar o diretor, e será ele quem abrirá o armário.

A primeira opção seria uma prova para a escola inteira que ela era uma ladra e mentirosa. Já a segunda, provaria a mesma coisa, mas ela também se meteria numa encrenca. Ela ficou lá, parada, como se tivesse alguma escolha.

– Foi ideia do Nate – disse ela, num impulso, com a voz estalando.

– Sua vaca! – resmungou Nate no meio dos alunos, e o vi se aproximar. – A ideia foi sua.

Jared desferiu um soco bem no nariz de Nate, fazendo com que o garoto caísse no chão como um trapo molhado. Os espectadores arquejaram e saíram de perto, e tentei resistir à vontade de fazer o mesmo com Piper.

Naquele momento, Madoc chegou empurrando as pessoas, com os olhos bem abertos, chocado, ao ver Nate sangrando no chão.

– Você está bem? – perguntou ele, parecendo furioso quando veio ficar ao meu lado.

Assenti e voltei minha atenção para Piper.

– Como você fez isso?

Ela fechou os lábios e não quis me olhar. *Então hoje seremos teimosas, entendi.*

– O seu pai é policial, certo? Qual é o telefone dele? – Levantei o celular, com os dedos prontos para ligar. – Ah, claro, 190.

– Afe, beleza! – rangeu ela. – Nate foi comigo ao baile e depois para a festa da Tori. Quando vimos você e o Jared subindo as escadas, Nate pegou a câmera do celular e subiu para a sacada. Quando ele me mostrou o vídeo mais tarde, vi que o Jared tinha esquecido o celular na cômoda, então corri para pegá-lo no quarto.

– Então o vídeo foi feito com o celular do Nate. Foi transferido para o do Jared antes de ser enviado – falei para Piper, mas estava com os olhos fixos em Jared. Ele me olhou, não estava bravo como deveria, mas sim aliviado. Agora sabia que ele não faria algo assim comigo. Acho que nunca devia ter duvidado disso.

Saco. Detonei o carro dele.

– Piper, pegue o telefone do Jared. Agora – ordenou Madoc, com uma cara carrancuda fora do normal.

Ela bufou, foi até o armário e colocou a combinação até a trava fazer um clique. Abrindo a porta com força, ela mexeu dentro da bolsa enquanto nós esperávamos.

A multidão ainda não tinha se dispersado. Se duvidar, tinha até aumentado. Estava surpresa pelos professores ainda não terem saído de suas salas. Jared rondava Nate, que ainda estava deitado no chão segurando o nariz. Ele devia se lembrar daquela noite não muito distante em que estive na mesma situação com Jared e provavelmente decidiu que era melhor apenas ficar deitado.

Piper finalmente pegou o celular na bolsa e o jogou no meu peito. Minhas mãos dispararam para cima como reflexo para pegá-lo, mas senti uma dorzinha chata onde ele bateu. Ela estava me olhando com raiva e eu quase quis rir. Quase.

– Terminamos – ela falou e acenou com a mão para me mandar embora. – Pode ir embora.

Hmm... é claro que não.

– Piper? Faça um favor para si mesma e vá procurar ajuda. Jared não é e nunca será seu. Na verdade, sempre que ele olhar na sua cara, ele não encontrará nada de bom, se é que algum dia ele já viu algo bom, em primeiro lugar.

Os olhos de Piper se estreitaram como fendas e pude notar pelos sussurros abafados que todos estavam mais do meu lado do que do dela agora. Acho que não tinha problema que todos soubessem que não foi Jared quem enviou aquele vídeo. Caramba, acho que todos estavam, na verdade, do lado *dele*.

Ah, bem, eles não precisavam gostar de mim, mas também o fato de não ficarem contra mim ajudava.

Virei para entregar o telefone a Jared, mas fui puxada pelo cabelo. Uma dor irradiou pela minha cabeça quando bati nos armários.

Perdi o equilíbrio e tropecei para conseguir ficar ereta novamente. Droga. Aquilo doeu. O que ela pensava que estava fazendo?

Vi o punho de Piper se fechando para dar um soco. Meus olhos estavam quase saindo pela cabeça, mas reagi.

Curvei-me e seu punho pegou no meu cabelo ao invés do rosto. Empurrando-a para longe, dei um grande tapa bem no seu rosto. Antes de ela ter uma oportunidade de tropeçar, coloquei minha outra mão em sua bochecha, o que a fez desmoronar no chão.

Escutei as pessoas respirando forte e rindo, surpresas, mas não me importava. Olhei para Piper no chão, tentando segurar o rosto e se levantar ao mesmo tempo.

Preparando a mão para dar outro soco – caramba, agora ela merecia isso –, senti que me levantaram do chão.

Tentei me soltar da pessoa que me segurava, mas depois escutei Jared pedindo para eu me calar, aí fiquei mais calma.

– O que está acontecendo aqui? – uma voz masculina nos interrompeu. Olhei e vi o Dr. Porter, com a barba cheia de café e tudo mais, olhando para o chão. Sorri. Não tinha como escapar de todos os erros que cometi hoje. *E obrigada, Jared, por ter me parado antes do Dr. Porter ver!*

Madoc limpou a garganta.

– Dr. Porter. O Nate e a Piper deram de cara um com o outro.

Ah, caramba. Tinha certeza: o Madoc era um idiota.

– Sr. Caruthers, não sou burro. – O Dr. Porter deu uma olhada ao redor, tentando fazer contato visual com qualquer um que falasse algo. – O que aconteceu aqui?

Ninguém disse nada. Acho que ninguém estava nem mesmo respirando. O corredor silenciou e eu estava somente esperando pelo momento em que Nate ou Piper quebrariam o silêncio.

Eu ia me ferrar muito feio.

– Não vi nada, professor – um aluno lançou, dando um olhar sem expressão para o Dr. Porter.

– Eu também não, Dr. Porter – outro aluno seguiu o exemplo. – Acho que foi só um acidente.

Fiquei impressionada como todos estavam mentindo ou se calando, nos acobertando. Tudo bem, eles estavam acobertando Jared, mas eu me agarraria a qualquer ajuda.

O Dr. Porter olhou em volta, ainda esperando que alguém dissesse a verdade.

Ele estava certo. Ele não era burro e sabia que havia algo suspeito. Só não queria que ele me chamasse. Eu gostava do cara e provavelmente não conseguiria mentir.

Ele suspirou e esfregou seu queixo imundo.

– Tudo bem, vocês dois. – Ele gesticulou para Nate e Piper. – Levantem-se e venham até a enfermaria. O resto, vá para casa!

Piper pegou a bolsa, fechou o armário com força e saiu pelo corredor, enquanto Nate segurou seu nariz ensanguentado e seguiu Dr. Porter.

Enquanto todos se dispersavam, ninguém disse nada para mim. Ninguém me lançou nenhum olhar malicioso ou risos cruéis. Jared colocou os braços no meu pescoço e me puxou para si, envolvendo-me no calor seguro de seu peito. Fechei os olhos e senti seu cheiro enquanto uma onda de alívio me inundava. Tinha-o de volta.

– Desculpe por não confiar em você. E pelo que fiz no seu carro também – disse, abafada pelo seu casaco.

Ele encostou a bochecha em cima da minha cabeça.

– Tate, você é minha, e eu sou seu. Você vai perceber mais e mais a cada dia. Quando você acreditar nisso sem ter mais nenhuma dúvida, aí terei ganhado sua confiança.

– Eu sou sua. Eu só... não tinha certeza de que você era meu mesmo.

– Então vou te dar certeza disso. – Ele beijou meu cabelo e seu corpo tremulou com uma de risada.

– Agora você está rindo? – Olhei para ele, confusa.

– Então, estava meio preocupado com meus problemas de raiva, mas acho que agora estou um pouco preocupado com os seus. Você gosta de bater nas pessoas. – Sua boca perfeita sorriu com orgulho.

Virei os olhos e fiz beijo.

– Não sou brava. Ela teve o que merecia, e fui atacada antes. – Na verdade, ela teve sorte. Depois das merdas que ela aprontou,

Piper teve sorte de eu não tacar fogo em toda a sua coleção de blusas frente única.

Ele me levantou segurando pela parte de trás das coxas, e me agarrei nele com as pernas e os braços enquanto era levada embora.

– É sua culpa, sabia?

– Como? – perguntou Jared. Sua respiração estava quente na minha orelha.

– Você me tornou uma má pessoa. E agora espanco pobres garotas indefesas... e garotos. – Tentei fazer minha voz soar acusadora e inocente.

Jared me apertou ainda mais.

– Acho que pode-se dizer que transformei metal em aço.

Enfiei meu nariz em seu cabelo, beijando a ponta de sua orelha, e brinquei:

– É você que está dizendo, seu valentão.

CAPÍTULO 37



Um ar gelado batia nas minhas costas, fazendo os pelos do meu braço se arrepiarem. Meus olhos foram compelidos a se abrir pela sensação, e um sorriso incontrolável rastejou dos meus lábios.

– Espero que não esteja dormindo – Jared falou baixo atrás de mim enquanto eu estava deitada na cama, provavelmente tirando suas botas.

Uma risada silenciosa escapou dos meus lábios ao me virar de costas e vê-lo. Rondando-me, a luz da lua caía por cima de seu lindo rosto e seu cabelo cintilava as gotas de chuva que estavam ali por causa da garoa lá fora. Não conseguia me cansar de sua visão.

– Você veio pela árvore... em uma tempestade – declarei, enquanto ele rastejava até a cama e imediatamente posicionava seu corpo em cima de mim. Ele ainda estava vestindo suas roupas.

Meu pai chegou em casa na semana passada, e tudo correu bem, tirando o fato de ele ter dito a Jared que não era bem-vindo para quaisquer visitas noturnas. É claro que eu e Jared já tínhamos presumido que isso aconteceria. Sabia que meu pai amava Jared, mas não iria tolerar encontrá-lo no meu quarto. Isso era compreensível.

Relaxando os braços em cada lado da minha cabeça, Jared olhou dentro dos meus olhos.

– É, a gente costumava ficar sentado naquela árvore toda vez que chovia. É como andar de bicicleta. Nunca me esqueci de como era gostoso.

Lágrimas se formaram em meus olhos. Os anos separados nos machucaram, mas eles passaram tão rápido. Estávamos juntos de novo. Nunca nos esquecemos de como era ficar juntos.

– Você gostou do carro? – ele sorriu e começou a morder meus lábios com beijos suaves e provocantes. Ao me dar uma pausinha, consegui apenas assentir.

No último fim de semana, depois que meu pai chegou em casa, todos nós viajamos para Chicago e compramos meu G8. Estava com o reluzente carro prata metálico escuro há apenas alguns dias.

Meu pai decidiu passar o resto do projeto da Alemanha para seu parceiro, para poder ficar em casa comigo. Foi difícil encará-lo depois que o vídeo tinha vazado, mas depois de alguns dias e muitas conversas, conseguimos controlar a situação. Ele me deu um sermão sobre eu ter feito uma escolha tão idiota na festa e estava um pouco desconfortável com o novo papel de Jared na minha vida. Mas assumiu que provavelmente não ficaria confortável com qualquer pessoa que estivesse saindo com sua única filha.

Jared e eu estávamos sempre on-line, apagando o vídeo em qualquer site que encontrávamos. Nossos colegas de classe também pareciam estar esquecendo a fofoca. Mas tinha quase certeza de que eles estavam fazendo isso mais pelo respeito que tinham por Jared do que por decência.

Uma semana antes, achei que não sobreviveria àquele ataque, mas agora já estava me concentrando em outras coisas. Havia uma lista de mudanças a serem feitas no meu novo carro e torcia para que Jared, meu pai e eu pudéssemos trabalhar juntos nisso durante o inverno. Madoc parecia achar que também estava incluso nessa, e acabei nem fazendo nada para tirar isso da cabeça dele.

Meu pai concordou em me deixar tirar o dinheiro do meu fundo para consertar os danos do carro de Jared, mas teria que arranjar um emprego para consegui-lo de volta. Ele era bem rigoroso nesse sentido, pois falava que a poupança para a faculdade não era um saco de salgadinho no qual podia colocar minha mão quando

quisesse. E não tinha problema. Arranjar emprego era uma boa ideia. Precisava de algo que me ocupasse, agora que meu pai estava limitando meu tempo com Jared. Não acho que ele estivesse mais preocupado com a nossa intimidade do que estava com em relação à perda de foco na escola.

Jared começou uma ereção devagar entre minhas pernas quando suas leves mordidas se transformaram em devoção e carinho. O frio que entrou com ele no quarto foi substituído por suor e calor.

Ah. Respirei forte, a pulsação entre minhas pernas se contraía com a fricção que ele estava fazendo.

– Sabe – arquejei –, quero você aqui mais do que tudo, mas meu pai vai acordar. É como se ele ainda estivesse no Exército ou algo assim. Ele dorme com um olho aberto.

Ele parou bruscamente e olhou para mim como se eu estivesse louca.

– Não vou conseguir ficar longe. Não sabendo que seu corpinho lindo estará enrolado nesta cama gostosa e quentinha sem mim.

– Você nunca faltaria com respeito ao meu pai. Até eu sei disso.

– Não, você está certa – admitiu ele, e depois seus olhos se arregalaram. – Quer ir até a minha casa?

Dobrei os lábios entre os dentes para conter uma risada.

Enquanto guiava as minhas pernas para cima e ao redor dele, ele me beijou mais forte antes de sussurrar em meus lábios:

– Eu te amo, Tate. E sempre estarei aqui para você. Dormindo juntos ou não. Apenas preciso te ver.

Segurei sua nuca enquanto ele se levantava para me olhar.

– Eu também te amo.

A parte de cima de seu corpo escorregou para fora de mim até a lateral da cama, enquanto ele procurava por algo no criado-mudo. Passei os dedos pelas suas costas, quase sem perceber as cicatrizes por baixo da camiseta. Ele pulou de volta com uma caixa na mão.

– O que é isso? – perguntei.

– Abra – ele me encorajou, gentilmente.

Sentei-me e ele também, me observando. Deslizando a tampa, tirei uma pulseira com pingentes. Não era daquele tipo desajeitado que tilinta e faz muito barulho, mas sim uma corrente delicada de

prata com quatro pingentes. Meus olhos se moveram rapidamente para Jared, mas ele ficou apenas sentado em silêncio, esperando alguma coisa.

Ao olhar a pulseira mais de perto, vi que a forma dos pingentes era de um celular, uma chave, uma moeda e um coração.

Um celular, uma chave, uma moeda e...

– Minhas relíquias! – falei, finalmente entendendo.

Jared soltou uma risada.

– Isso mesmo, quando você me disse no caminho para Chicago sobre como sempre precisava de suas relíquias como planos de fuga quando lidava comigo no passado, não queria que você me visse mais daquele jeito.

– Eu não... – comecei.

– Eu sei. – Ele correu para me assegurar. – Mas quero garantir que nunca mais vou perder sua confiança de novo. Quero ser uma das suas relíquias, Tate. Quero que você precise de mim. Então... – Ele gesticulou para a pulseira. – O coração sou eu. Uma de suas relíquias. Levei o Jax comigo hoje para escolher.

– Como está seu irmão? – Passei a pulseira pelos dedos, sem nunca querer perdê-la ou perdê-lo.

Jared deu de ombros.

– Ele está aguentando lá. Minha mãe está tentando conseguir a custódia junto a um advogado. Ele quer te conhecer.

Sorri.

– Eu adoraria.

Não sabia o que dizer. O presente era lindo e adorava o seu significado. Mas o que amava mais era estar conhecendo o Jared. Tínhamos perdido tempo com o passar dos anos, mas ele encontrou uma família no seu irmão, e podia ver o amor que sentia por ele.

Uma lágrima escorregou pela minha bochecha, mas esfreguei ela.

– Coloca pra mim? – Dei a ele a pulseira e pisquei para sumir com mais algumas lágrimas.

Jared abriu o fecho e o prendeu ao redor do meu pulso. Sem soltar minha mão, sentou-se novamente e me colocou por cima de suas pernas.

Ele tirou o cabelo que estava no meu rosto e eu me abaixei para encontrar seus lábios. Tinha gosto de calor e homem, e eu coloquei meus braços em volta dele, saboreando a realidade de apenas estar ali com ele.

– Jared. – Meu pai bateu na porta e nós dois levantamos as cabeças. – É hora de ir embora agora. Nos vemos amanhã no jantar. Meu coração estava batendo tão forte que doía.

Droga!

Jared resfolegou uma risada e falou para a porta:

– Sim, senhor.

Um calor de vergonha cobriu meu rosto, meus braços, meus dedos dos pés – caramba, todos os lugares – ao ver a sombra do meu pai debaixo da porta desaparecer.

– Acho que preciso ir.

Apertei a camiseta preta dele e encostei meu nariz no seu.

– Eu sei. Obrigada pela pulseira.

– Vou te mimar. – Suas mãos acariciaram meu cabelo.

Sorri.

– Não ouse. Apenas me faça um favor. Deixe a sua janela destrancada. Posso te surpreender uma noite dessas.

Ele segurou a respiração e beijei sua boca com força. Sua língua tocou a minha e ele colocou os dedos no meu quadril, me apertando forte contra si. Já conseguia sentir que estava pronta para ele.

Droga. Preciso ganhar logo a confiança do meu pai de volta. Repeti meu mantra.

– Vá embora. Saia daqui. Por favor – implorei e saí da cama. Ele se levantou, mas me agarrou para dar mais um beijo antes de sair pelas portas francesas.

Observei-o voltar para sua janela seguro, de onde ele me deu mais um último olhar, antes de sorrir e apagar a luz.

Fiquei parada por um instante, observando a chuva cair na árvore. Os trovões retumbavam na noite, lembrando-me de meu monólogo e de como eu e Jared estávamos em sintonia. Éramos amigos de novo, e mais do que isso.

Eu era dele. E ele era meu.

Nunca havíamos nos distanciado um do outro. Nós dois estávamos cuidando um do outro, mesmo sem perceber.

E agora estávamos completos.

✧ LEIA TAMBÉM



APAIXONADA POR VOCÊ

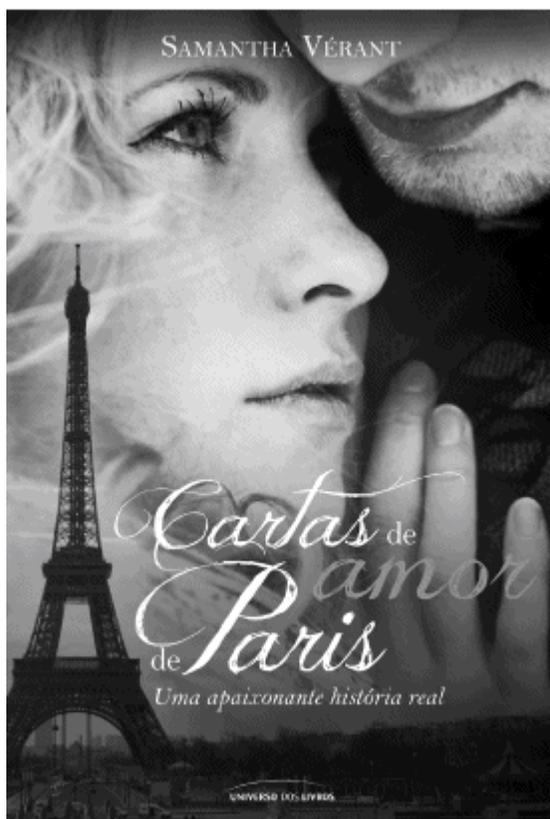


Volume 2 da série *After Dark*

Depois do emocionante romance entre Julie e Daniel em *Louca por você*, chegou a vez de conhecermos a história de Johanna e Zach. Ela é uma advogada que trabalha para artistas. Ele, um empresário de muito estilo – sócio e melhor amigo do irmão dela.

Quando a paixão dos dois esquenta, surge um impasse: ele quer assumir a relação para todo mundo, mas ela tem medo da possível reação de seu irmão Danny, que confia muito em Zach. Será que Johanna, essa mulher tão decidida e independente, conseguirá não magoar seu cobiçado "senhor Delícia"? E será que Zach, para assumir o relacionamento, vai amolecer o coração do amigo Danny, que agora será papai?

A.C. Meyer mora no Rio de Janeiro e é viciada em livros. Com sua mente inquieta, decidiu escrever seus próprios finais felizes. Ela tem a fórmula certa do sucesso para o gênero *new adult*. Mesclando diversão e romance, atinge o tom das comédias românticas que encantam do começo ao fim. *Louca por você*, seu romance de estreia, foi um sucesso entre as leitoras. Apaixonada por você promete mais romance e intensidade.



CARTAS DE AMOR DE PARIS



Vinte anos depois do primeiro encontro, Samantha finalmente descobre o amor de sua vida...

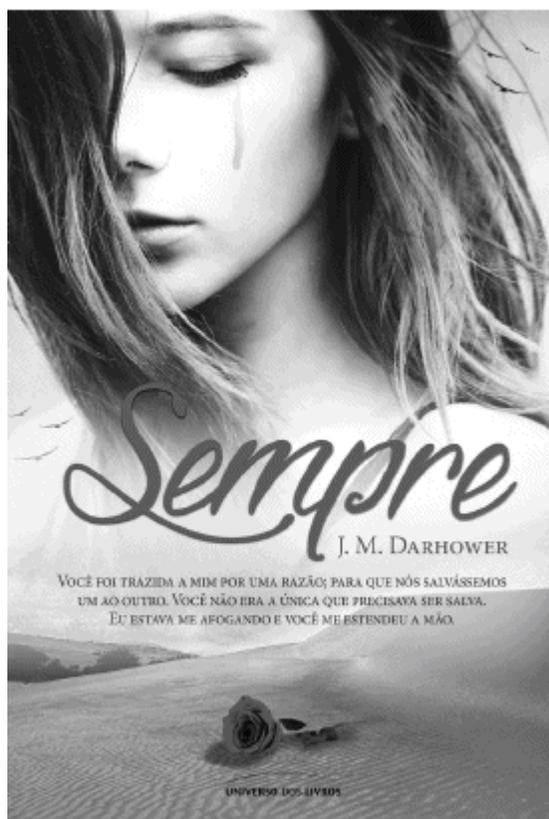
Aos 19 anos, Samantha Vérant conheceu o encantador Jean-Luc em uma curta viagem à França. Eles aproveitaram o clima romântico de Paris e, quando ela voltou para casa, ele escreveu sete lindas cartas de amor – que ela nunca respondeu.

Vinte anos mais tarde, à beira de um divórcio e se perguntando em que ponto sua vida começou a dar errado, Samantha encontra as cartas de Jean-Luc. Ela então o procura na internet para enfim responder às cartas com um longo pedido de desculpas atrasado. Então rapidamente descobre que a conexão entre ambos continua tão forte quanto no dia em que ela o deixou sozinho em uma plataforma de trem em Paris.

Samantha sabe que ir à França para reencontrar o homem com o qual dividiu apenas um dia ensolarado e cheio de paixão é loucura! Mas é por este tipo de loucura que ela tem esperado a vida inteira...

“*Cartas de amor de Paris* é uma história sexy e apaixonante sobre um romance-relâmpago do passado pelo qual vale a pena esperar. Sam nos mostra a importância de seguir o coração e dar uma segunda chance ao amor.”

– Teresa Rhyne, autora dos best-sellers *Os cães nunca deixam de amar* e *Eles sempre estarão ao seu lado*



SEMPRE



Volume 1 da série *Forever*

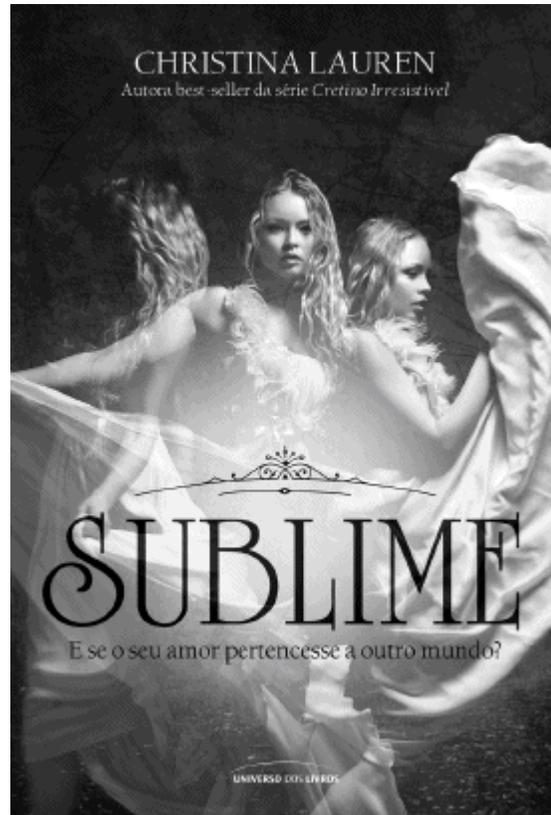
Esta é uma história sobre sacrifícios, liberdade e amor...

Haven Antonelli e Carmine DeMarco cresceram em mundos completamente diferentes. Haven é uma adolescente de 17 anos que nunca conheceu a liberdade. Desde a infância, ela e sua mãe são escravas, vítimas de uma rede de tráfico humano. Carmine, nascido em uma família rica da máfia, viveu uma vida de privilégios e excessos.

Agora, uma reviravolta do destino faz que seus caminhos se cruzem. Apesar das diferenças aparentes, algo mais sutil os une. E

da tênue amizade entre os dois floresce uma paixão inesperada e arrebatadora.

Enredados numa teia de segredos e mentiras, em que o poder e o dinheiro ditam o jogo, o jovem casal logo percebe que é preciso se sacrificar para conquistar a liberdade e o direito ao amor...



SUBLIME



Lucy é uma garota que aparece misteriosamente no refeitório da escola, confusa e perdida em suas memórias – ou na falta delas. Apesar das dúvidas que carrega consigo, ela tem uma certeza: sua presença no mundo dos vivos é atraída por Colin, um garoto atraente que gosta de adrenalina e de testar seus limites, mesmo que isso o leve a arriscar sua vida.

A afinidade entre os dois nasce à primeira vista e cresce conforme eles passam a conviver nas paisagens da escola Saint Osanna. Mas o que você faria no lugar de Lucy? E se o seu amor pertencesse a outro mundo?

Christina Hobbs e Lauren Billings, conhecidas pelo pseudônimo Christina Lauren, causaram grande impacto com seu *Cretino irresistível*. A série entrou nas listas de mais vendidos no Brasil e é best-seller do *USA Today* e do *The New York Times*. Agora, elas apresentam *Sublime*, uma história que prova que no amor nada é impossível.